

A romantic couple is shown in a close embrace. The man, on the right, is wearing a dark suit and has his arms around the woman. The woman, on the left, is wearing a dark, off-the-shoulder dress and has her eyes closed, leaning her head against the man. The background is dark with soft purple and gold lighting, creating a romantic and dramatic atmosphere.

*“Ele foi o responsável  
pela sua maior dor.”*

# *Minha* para *Cuidar*

MÁFIA IRLANDESA  
LIVRO 2

SARA ESTER

*“Ele foi o responsável  
pela sua maior dor.”*

*Minha*  
para  
Cuidar

MÁFIA IRLANDESA  
LIVRO 2

S A R A   E S T E R

**1ª Edição**

**2024**

Copyright © 2024 Sara Ester

Revisão: Sara Ester

Diagramação: Paula Domingues

Capa: TTenório

Ilustração: Hiago Berry

Esta é uma obra ficcional.

Qualquer semelhança entre nomes, locais ou fatos da vida real é mera coincidência.

Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Com trinta e oito anos e liderando a máfia irlandesa, Owen Sullivan se vê consumido pela sede de vingança. Um desejo que permeia cada fibra de seu ser. Ele está determinado a alcançar seu objetivo, e não hesitará em manipular qualquer pessoa que ousar atravessar seu caminho.

Porém, existe um obstáculo: a filha de seu maior inimigo.

Jasmine, uma garota de dezenove anos, irradia inocência e doçura, atributos que podem facilmente enganar os desavisados.

Só que Owen não se deixa levar por essas características aparentemente inofensivas. Para ele, Jasmine é tão astuta e traiçoeira quanto seu pai.

Depois de manter a garota como refém por meses, sendo ela sua moeda de troca, Owen se depara com um dilema difícil, além de sentimentos inesperados. Como líder, é crucial que ele esteja sempre um passo à frente, especialmente em sua busca pela verdade e pelo indivíduo responsável pelos danos causados à sua família.

Chegará um momento em que Owen terá que decidir se está disposto a suportar o alto preço do perdão. Infelizmente, a vingança nem sempre é satisfatória... e ele está prestes a descobrir isso de uma forma bem dolorosa.





Dedico a todos àqueles leitores que gostam de passar pano para personagem malvado. Espero que você esteja preparada e com um estoque pronto, porque saiba que vai precisar...



**MINHA PARA CUIDAR** faz parte de uma série de máfia, sendo este, o segundo volume. No entanto, todos podem ser lidos separadamente.

A criação da história de Owen e Jasmine foi um desafio estimulante para mim, ainda mais ao desenvolver a personalidade complexa de Owen. Nunca havia escrito sobre um personagem tão possessivo e, bem... complexo.

Por outro lado, Jasmine é o completo oposto, apesar da aura misteriosa que a envolve, especialmente quando se trata de seu passado. Será que ela esconde segredos? Será que é uma mentirosa?

Posso dizer que essa jornada foi uma verdadeira aventura e aprendi muito com esses dois, principalmente sobre o poder do perdão. Sem ele, perdemos inúmeras oportunidades de sermos verdadeiramente felizes.

De coração, espero que vocês apreciem a leitura tanto quanto eu gostei de escrevê-la.

Um beijo carinhoso a todos.

## AVISO II

Esta história contém alguns gatilhos, como: hiperexcitação (medo de máscara), tortura psicológica, perseguição, abuso psicológico gráfico, cenas de violência gráfica. Também inclui cenas de sexo e linguagem inadequada para menores de 18 anos.



[SINOPSE](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[AVISO](#)

[SUMÁRIO](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)



**CAPÍTULO 30**

**CAPÍTULO 31**

**CAPÍTULO 32**

**CAPÍTULO 33**

**CAPÍTULO 34**

**CAPÍTULO 35**

**EPÍLOGO**

**BÔNUS CARTER**

**OBRAS RELACIONADAS**

**AGRADECIMENTOS**

**REDES SOCIAIS**



## Owen

— Estou cansado de desculpas — resmunguei, deslizando a mão pelo rosto para conter a frustração que crescia. — Já acumulei uma pilha delas, porra! — Rangi os dentes, abominando o fato de que nada parecia dar certo naquele caralho. — Quero, ou melhor, exijo que encontrem e tragam meu tio a mim, de joelhos. Fui claro o suficiente ou devo esculpir algumas expressões nos rostos de bostas de vocês, seus incompetentes?

Encerrei a chamada, contendo o ímpeto de arremessar o aparelho contra a parede; mal havia se passado um dia desde que o comprei.

Levei as mãos ao rosto, lutando para controlar meus impulsos mais sombrios, ciente de que, apesar de todas as merdas, não podia me permitir desmoronar. Tinha uma vasta organização para liderar e uma família para proteger. Não havia espaço para lamentos ou descanso.

E tudo o que meu ser mais ansiava era por vingança, nada mais que isso.

Pulei da cadeira no momento que alguém bateu à porta do meu escritório. Era meu irmão Kael.

Além dele, tinha seus gêmeos: Sean e Carter, ambos na casa dos trinta. Em seguida, vinham Liam, com vinte e sete anos, e Madison, com vinte e um.

— Por que essa cara de bunda? — indagou, examinando meu semblante.

Dirigi-me ao armário onde estavam as garrafas de bebidas. Precisava de um gole de

conhaque para acalmar meus nervos exaltados.

— Não é nada — murmurei, incapaz de articular muitas palavras naquele instante. — Alguma novidade para mim?

Desde que a traição de nosso tio Aidan veio à tona, semanas atrás, e o bastardo desapareceu sem deixar rastros, comecei uma extensa investigação em toda nossa organização. Não restavam dúvidas de que encontraríamos mais ratos entre nós, até mesmo seguidores daquele traidor. Era difícil acreditar — e aceitar — que nosso próprio sangue nos enganou por anos, sem nenhum remorso.

— Temos alguns prisioneiros vivos, mas nenhum deles está colaborando — respondeu, dando de ombros.

— Eram nossos? — perguntei, sentindo a raiva aumentar. Tomei um bom gole de conhaque quando Kael confirmou com a cabeça. — Continuem a limpeza. Não quero nenhum vestígio daquele traidor de merda em nossa propriedade, nos armazéns, laboratórios, docas. Nada!

Nervoso, Kael se aproximou e pegou a garrafa da minha mão, servindo-se e preenchendo meu copo vazio. Nenhum de nós parecia ter superado o impacto da traição do nosso tio. Aidan fazia parte de nós, porra!

— Onde estão os outros? — perguntei a ele. — Sei que Liam está com a mulher, mas e Carter e Sean?

Kael arqueou as sobrancelhas.

— O que acha que meus gêmeos estão fazendo? — retrucou, balançando a cabeça. — Interrogando os infelizes, é claro. Não passa um dia sem que eles saiam à caça, Owen. Os capangas são revistados diariamente, pelo menos três vezes ao dia, procurando por aquelas malditas tatuagens de cruz. Tem sido um verdadeiro inferno na Terra.

Com a revelação da traição de Aidan, surgiu a descoberta de que, além de ser um traidor, nosso tio era o líder da maior e mais perigosa seita do mundo, conhecida como IGREJA. Até então, a identidade desse líder, chamado de GRÃO-MESTRE, era um mistério.

Essa mesma organização foi responsável pelo sequestro passado de Madison, nossa irmã. Felizmente, ela já estava conosco, em segurança, mas isso não apagava o medo, os dias angustiantes e as noites sem dormir durante o tempo em que esteve desaparecida. Descobrir que o responsável por isso esteve entre nós o tempo todo, fingindo compartilhar nossa dor, apenas intensificava minha raiva e anseio por vingança.

— Eles apenas estão seguindo ordens — comentei em resposta. — Se quiserem desencadear o inferno, que o façam, não me importo mais com nada disso. Só quero que aquele traidor do Aidan pague por todo o mal que causou à nossa família, Kael.

— Eu sei, irmão, não estou reclamando — respondeu ele. — Apenas me sinto frustrado, porque parece que nada do que estamos fazendo está tendo efeito. Ainda não temos ideia de onde

o tio Aidan está. Essa montanha de corpos parece não o afetar.

Fiz uma careta.

— Por que deveria afetar se estamos lidando com um sociopata? — indaguei, ainda mais irritado. — Você sabe a única coisa que importa para ele... pelo menos é nisso que estou tentando acreditar.

Terminei de beber e, em seguida, retornei à poltrona atrás da minha mesa.

Antes de descobrirmos a traição de nosso tio, estávamos investigando o líder da Igreja, sem saber que se tratava dele. Nesse processo, encontramos Jasmine, a filha do Grão-mestre. Parecia que ela tinha a reputação de ser uma garota santa, considerando que seu pai era o líder da organização que muitos seguidores fanáticos consideravam religiosa.

Bastardos filhos da puta!

— E você acha que ele voltará por causa dela? — perguntou, com uma expressão indecifrável. Estávamos em posse da garota. — Não sei se Jasmine tem tanto controle sobre nosso tio, Owen.

Respondi com um sorriso gélido.

— Se ela não fosse tão significativa, ele não a teria mantido oculta nas sombras por tanto tempo. Quem poderia imaginar que Aidan era pai?

— Na verdade, eu pensava que ele fosse gay.

Deixei-me recostar no encosto da poltrona de couro, refletindo sobre suas palavras.

— Nisso, concordo. De qualquer forma, estou incerto sobre a origem da garota.

— Como assim? — quis saber, incrédulo. — Não me diga que terei que te explicar o básico da reprodução entre um homem e uma mulher, irmão — ironizou.

Revirei os olhos, quase o mandando ir para o inferno.

— Não, seu idiota! — rosnei, impaciente. — Estou sugerindo que talvez nosso tio não seja o pai biológico dela.

Kael piscou, incrédulo, como se aquela possibilidade só tivesse surgido naquele momento.

— Faz sentido — concordou. — Se isso for verdade, muda muita coisa. — Ele me encarou, e eu soube o que estava passando pela sua mente.

— Não muda absolutamente nada, porque ela continuaria tendo sido criada por ele, Kael. E vindo do Aidan, nada de bom pode resultar.

Kael suspirou, cansado. No final, optou por não dizer mais nada.



## *Um tempo depois*

— Ah, finalmente te encontrei! — disse Jasmine ao entrar abruptamente em meu escritório. O cãozinho da minha cunhada, que passava mais tempo na mansão do que em seu apartamento, brincava animado com uma bolinha de pelo enquanto a garota se abaixava para pegá-lo, totalmente alheia a minha presença.

Fiquei surpreso com sua chegada repentina, apesar de que a porta estava aberta. Aproveitei aqueles poucos minutos em que Jasmine estava distraída com o animal para observá-la. Não podia negar sua beleza, como uma joia delicada e valiosa. Sua pele era tão branca, quase pálida, destacando o azul intenso de seus olhos, que pareciam penetrar minha alma. Seus cabelos escuros eram levemente ondulados, chegando até o traseiro empinado. Desde que ela chegara à mansão há pouco mais de uma semana, eu a observava de longe, sempre desconfiado... estudando seus movimentos e ações.

A vigiava enquanto ela caminhava pela minha casa, como se fosse a dona, parecendo se esquecer de que, no fundo, era minha prisioneira.

Sim, minha prisioneira.

— O que está fazendo aqui? — gritei, fazendo com que ela desse um pulinho de susto e seus olhos azuis encontrassem os meus. — Você não tem permissão para entrar no meu escritório!

Ela piscou rapidamente, segurando o cãozinho em seus braços, que notei que tremia devido ao nervosismo dela. Jasmine usava um vestido branco de alças que terminava na metade de suas coxas, mas já era o suficiente para realçar suas curvas pecaminosas.

Seria mais fácil se ela não fosse tão bonita. A garota parecia uma serpente, tentando me enfeitiçar.

— Desculpe-me, eu... — pigarreou, visivelmente aflita — o cãozinho escapou e...

— Já chega! — a interrompi, me levantando e saindo de trás da minha mesa. — Poupe-me das suas desculpas falsas e mentirosas!

Notei seus cílios piscando novamente, como se estivesse processando minhas palavras.

— Mas... — ela se calou, lambendo os lábios carnudos e vermelhos. — Eu não menti. —



Fez uma careta adorável. — Aliás, eu nunca minto. É errado mentir.

Sacudi a cabeça, rindo.

— Acha mesmo que pode me enganar com essas jogadas, garota? — indaguei, chegando mais perto dela. Não entendia por que sentia essa necessidade, mas minhas pernas pareciam agir por conta própria.

— Jogadas? — perguntou confusa.

Não soube dizer se foi pelo meu olhar sombrio ou se pela minha postura ameaçadora, mas Jasmine deu alguns passos para trás, até encostar-se na minha mesa. Seus olhos arregalados denunciavam medo.

— É isso que te ensinaram, não é? — questionei, levando a mão até uma mecha de seu cabelo. Percebi-me apreciando a textura e o perfume dele. Ela cheirava a jasmim, como seu próprio nome. — Seu pai te ensinou a usar sua beleza e seduzir homens, né? — Estiquei os lábios num sorriso de escárnio. A mera lembrança daquele verme intensificou minha raiva, porque ele continuava sumido.

E eu não descansaria enquanto não o fizesse pagar.

— Eu não... — ela começou a dizer.

— Pare de mentir, garota! — interrompi sua tentativa de me convencer do contrário. — Não vai me enganar, pois eu te conheço. E o pior, conheço o verme que te criou. — Aproximei meu rosto do dela, deixando-a ver meu rancor. — Entenda uma coisa: Fique longe de mim, não olhe para mim, não ouse respirar o mesmo ar que eu, porque não tenho vontade de ser seu amigo nem de te conhecer.

Seus lábios formaram um biquinho de choro, assim como seus olhos ficaram marejados, mas as lágrimas não caíam.

— Por quê? — sua voz saiu num sussurro. — O que eu fiz?

Estendi os lábios num sorriso frio e sussurrei em seu ouvido, observando seus pelos se arrepiarem. Inconscientemente, fechei os olhos, inspirando seu maldito cheiro viciante.

— Não é pelo que você fez, mas por quem você é.

— E... e quem eu sou?

— Você é a filha do meu inimigo.

Dizendo isso, me afastei num rompante e parei junto à porta, apontando para que ela saísse do meu espaço. Meu olhar irritado deixava claro que eu queria ficar sozinho e o mais longe possível dela.

Ela saiu correndo em instantes, e pude ouvir seus gemidos de choro. Falsos. Obviamente, eram lágrimas falsas.

Bati a porta com força.

— AAAAH! — berrei, liberando um pouco da minha frustração. — Droga!



Nenhum sinal do meu subconsciente parecia capaz de despertar meu lado racional naquele momento. Nada estava conseguindo conter meus instintos, nem mesmo a certeza de que aquela ideia era terrível, talvez até um pouco infantil.

Eu era o chefe da família, o líder de uma organização poderosa, mas naquele momento, me sentia como um perseguidor. Apesar de me esforçar para encontrar culpa ou vergonha em mim, não sentia nada além de raiva e prazer.

Prazer na ideia de provocar medo na única pessoa que se tornou meu alvo desde que invadiu minha casa e meus pensamentos. Por mais que negasse, Jasmine estava ocupando um espaço em mim que não deveria. E eu não permitiria isso.

Estava ciente do que ela e seu pai eram capazes de fazer. Os dois eram manipuladores. E eu também podia ser.

Sem saber que horas eram, adentrei sorrateiramente o quarto dela na madrugada. Estava escuro, exceto pela luz do lado de fora da alta janela. O cômodo era espaçoso, e o aroma dela impregnado no ambiente me afetou por um momento. A fúria inundou meus sentidos.

Essa garota era uma feiticeira, maldição!

Cautelosamente, me aproximei da cama, cativado pela sua beleza. Era inegável quão encantadora Jasmine era. Contudo, isso não justificava o alvoroço da família em relação a ela. Por que só eu percebia que havia algo além da aparência nessa garota?

Vestido com luvas de couro, jeans, um casaco com capuz e uma máscara de Halloween, me movi mais perto da cama, sem desviar o olhar do “diabo com aparência de anjo”, que dormia serenamente. Seus cabelos escuros estavam espalhados sobre o travesseiro, criando a imagem de um verdadeiro anjo. Me concentrei nos lábios rosados, sedutores e tentadores. Seu nariz delicado franziu levemente, talvez por perceber meu cheiro.

Fiquei imóvel quando ela se mexeu, desarrumando os lençóis ao redor de si, me permitindo vislumbrar os seios medianos, movendo-se suavemente com sua respiração tranquila. Notei que usava uma camisola antiga, com um laço no decote. Por um momento, imaginei que aquela garota foi feita para vestir seda. Por dentro, podia ser um demônio, mas sua beleza exterior era inegável.

De repente, incapaz de resistir à tentação, me inclinei para analisar seus traços mais de perto, ansiando por sentir seu cheiro. Foi então que seus olhos se abriram. Só que antes que ela pudesse emitir qualquer som, minha mão cobriu sua boca.

Claro que não estava nos meus planos permitir que ela me flagrasse de cara limpa espionando-a em seu quarto na calada da noite. Compreendia o medo dela, afinal, a máscara que eu usava era genuinamente assustadora.

Pensei em dizer: *"Já que você fala tanto sobre monstros de contos de fadas, querida, prazer... serei o seu novo monstro a partir de agora!"*, mas optei pelo silêncio.

Minha presença já era o bastante para atormentá-la. E isso se tornou uma fonte de satisfação para mim, alimentando minha sede de vingança.

Enquanto seus olhos se enevoavam com lágrimas, continuei a pressionar sua boca. Lentamente, deslizei a outra mão por seu corpo, alcançando seu coração. Deixei a mão repousar ali, desfrutando dos batimentos acelerados.

Bom... muito bom.

Instantes depois, fiz um gesto indicando que ela permanecesse em silêncio, depois apontei para o pescoço como se ameaçasse machucá-la se não obedecesse. Em seguida, soltei sua boca e fiquei de pé ao lado da cama. Jasmine ofegou, mas não gritou. Afastou-se de mim e se encolheu do outro lado no colchão. Seu corpo tremia enquanto seus soluços ficavam cada vez mais audíveis.

Ela estava apavorada. Totalmente apavorada.

Sem proferir uma palavra sequer, afastei-me sem dar as costas. Quando finalmente saí do quarto — usando a sacada —, percebi que estava rindo.

Pela primeira vez desde a chegada dessa maldita garota à minha casa, encontrei uma razão para me divertir.





## *Jasmine*

Sentada, recostada na cabeceira da cama, com os joelhos dobrados, sentia uma dor latejante na cabeça, pois não consegui dormir desde que meu quarto foi invadido na madrugada por aquele... *monstro*.

Não havia outra forma de descrevê-lo ou de me referir a ele. Constantemente, minha mente voltava para aquela figura imponente e sombria. Era a primeira vez que me deparava com algo tão aterrorizante e... sombrio.

Pois não restavam dúvidas de que ele teria me machucado se eu tivesse gritado. Contudo, no fundo, não foi apenas por isso que permaneci em silêncio. Talvez a razão fosse a estranha conexão que senti entre nós dois, o que parecia absurdo sempre que eu refletia sobre isso.

Dei um suspiro suave, levando as mãos ao rosto para secar algumas lágrimas que ainda teimavam em cair. Sentia-me extremamente exausta.

De repente, uma batida na porta do quarto chamou minha atenção. Pisquei, tentando dissimular ao máximo meu desconforto. Logo, a cabeça da Madison apareceu, mantendo a porta meio fechada.

— Bom dia! — Ela sorriu. — Posso entrar?

Forcei um sorriso, não querendo que ela percebesse nada.

— Claro! — respondi, fazendo um gesto com a mão. — É ótimo vê-la de manhã, Madison.

Todos ali me tratavam com afeto desde que cheguei, exceto ele... Owen.



Ele me detestava e não fazia questão de esconder isso.

— Está tudo bem? — perguntou Madison, aproximando-se da cama. Seu rosto adquiriu alguns vincos de preocupação. — Você parece cansada. — Sentou-se no colchão. Sua mão procurou pela minha. — Meu irmão voltou a ser rude com você?

Eu sabia que ela se referia a Owen.

Baixei o olhar, tentando encontrar as palavras certas a dizer:

— Tive uma noite agitada — respondi afinal. De certa forma, não era uma mentira. — Mas percebi que o dia começou bonito — apontei para a janela, onde o sol se erguia brilhante lá fora. — É impossível ficar triste em um dia como esse. — Sorri com sinceridade.

Madison retribuiu o sorriso. Ela era encantadora, com cabelos escuros como os meus. Seus olhos verdes eram expressivos, embora eu sentisse que ela escondia uma dor profunda.

— Eu te encontro lá embaixo — disse ela, se levantando. — Talvez eu consiga convencer os "gigantes" a nos levar para um passeio hoje, que tal? Quer sair um pouco desta casa?

Pisquei, sentindo uma estranha animação me envolver. Os "gigantes" eram seus irmãos: os trigêmeos — Sean, Carter e Kael.

— Eu adoraria.

Então, igualmente animada, ela saiu do quarto.

Respirei fundo, exalando o ar lentamente. Com cuidado, retirei as cobertas e coloquei as pernas para fora da cama. Por um momento, percorri os olhos pelo quarto espaçoso, com móveis elegantes. Não estava acostumada com esse tipo de ambiente luxuoso. Não que estivesse reclamando, mas também não podia negar que sentia falta da simplicidade.

Toquei a corrente no meu pescoço. Havia um pingente em forma de cruz. Foi um presente do meu pai.

*"É algo para você sempre se lembrar de mim, querida. Uma forma de estarmos sempre juntos. Eu e você. Para sempre."*

Uma lágrima solitária escapou, mas limpei rapidamente o rosto.

Inquieta, me levantei e atravessei o quarto até chegar ao banheiro, tão espaçoso quanto o quarto. Vi uma banheira grande, além de um chuveiro, algo que nunca estive na minha rotina. Na Escócia, meus banhos eram em banheiras ou no rio. Toda essa tecnologia era um pouco demais para mim, e até assustadora.

Parei diante da bancada da pia, encarando meu próprio reflexo no espelho. Meus olhos estavam vermelhos e inchados, resultado das horas que passei chorando. Respirei fundo novamente, contemplando tudo. Devagar, lavi o rosto com água fria, sentindo um alívio imediato.

Afinal, era um novo dia.



Quando fui levada para sair de minha casa na Escócia, não imaginava que acabaria na Irlanda. A residência da família Sullivan era tão imensa que, mesmo após quase duas semanas ali, suspeitava que ainda não tinha explorado todos os cômodos. Admirava os quadros nas paredes, mas sentia falta de retratos familiares.

— É realmente necessário ter alguém sempre me seguindo? — questionei, sentindo a frustração tomar conta de mim quando parei no corredor e encarei o segurança. Ele era grande, ruivo e constantemente exibía um semblante zangado. — Não sou uma ladra. — Cruzei os braços, chateada. — Por que um segurança a cada passo meu?

— Porque foi ordenado! — ressoou uma voz grave que sempre causava arrepios por todo o meu corpo. Era estranho, já que eu não compreendia o motivo disso. — Farrell está apenas seguindo minhas ordens. — Owen parou na minha frente, me encarando com aquela frieza que me deixava desconcertada e, ao mesmo tempo, apavorada. — Você não é confiável, portanto, não deveria se sentir à vontade na minha casa.

Uma torrente de emoções tomou conta de mim diante das palavras rudes, e meu peito começou a subir e a descer. Apesar disso, não conseguia desviar o olhar do dele. Era hipnotizante.

Owen era um homem alto e musculoso. Seus olhos verdes pareciam vasculhar minha alma, desnudando-me por completo, mesmo eu estando vestida.

— Então, por que fui trazida para cá? — perguntei, me esforçando para manter minha voz firme. Recuei um passo quando ele se aproximou mais, invadindo meu espaço pessoal. — Não quero permanecer em um lugar onde não sou bem-vinda. — Odiava sentir meus olhos ficarem úmidos. — Se for para ser tratada assim por você, prefiro ir embora.

Nesse instante, ele riu, mas era um riso malicioso e gélido, agravando meu estado interno. Suas mãos se espalmaram na parede ao meu lado, prendendo-me entre ele e a parede. Seu perfume invadiu minhas narinas, nublando meu raciocínio por um instante.

— Parece que ainda não captou, hum? — questionou, num tom de voz cavernoso e maldoso. — Quanto antes entender que não é uma convidada aqui, mais fácil será para você. Você é minha prisioneira, garota. Apenas uma isca para atrair o seu pai.

Tentei conter as lágrimas, os lábios formando um pequeno bico, chamando a atenção dele.

Eu estava tremendo dos pés à cabeça.

— *Me-meu pai?*

Pisquei, tentando assimilar o que fora dito.

Owen abriu a boca para responder, mas se interrompeu quando latidos ecoaram no ambiente. O filhote de cachorro de Aurora, a esposa de Liam, irmão mais novo de Owen, apareceu aos nossos pés, forçando o homenzarrão a se afastar, aparentemente intimidado pelo "insolentzinho". Eu não tinha ideia do significado daquele nome para o cachorro, mas não me importava.

Trêmula, inclinei-me para pegá-lo no colo, rindo com suas lambidas no meu rosto. O cãozinho estava radiante ao me ver. Nervosa, permaneci encostada na parede, observando Owen. Percebi que Farrell já não estava mais presente; fiquei tão absorta que nem percebi quando ele se afastou.

Logo em seguida, Aurora apareceu, visivelmente cansada, devido à barriga de quase seis meses de gravidez.

— Ah, ele está aí... — murmurou, ofegante, apontando para o cãozinho nos meus braços. — Esse traidor não perde tempo mesmo, não é? — Aproximou-se, brincando com o filhote. — Não ouse pensar em me trocar, seu insolente! — repreendeu, rindo. De repente, voltou-se para mim e para Owen. — Há algo acontecendo aqui? — Gesticulou entre nós dois.

Owen apenas negou com a cabeça. E sem dizer uma palavra, se afastou de nós duas, pisando firme, exalando sua raiva interminável. Sempre com raiva.

— Jasmine? — Aurora me chamou, obrigando-me a desviar o olhar da direção que Owen tinha tomado. — Você está bem? Owen disse alguma coisa a você?

Pisquei rapidamente, processando suas perguntas.

— Ele me disse que sou uma prisioneira nesta casa.

Aurora estalou os lábios, revelando sua irritação. Desde que a conheci, me senti imensamente atraída pela aura poderosa que ela irradiava. Sua força era evidente.

— Não se deixe abalar pelo que ele diz — afirmou, acariciando a cabeça de seu cãozinho. — Owen está imerso em amargura, Jasmine.

Franzi a testa.

— Mas por que ele está descarregando isso em mim?

Ela fez uma expressão de desagrado.

— Porque ele é um idiota — resmungou, revirando os olhos. De repente, parou e se afastou um pouco, me olhando de cima a baixo. — Sabe o que me ocorreu agora?

— O quê?

— Eu posso te ensinar.

— Como assim, ensinar? O que quer dizer?

O cãozinho começou a se agitar no meu colo, então o coloquei no chão.

— Ensinar você a se defender, Jasmine — disse, parecendo animada com a ideia. Somente depois ela percebeu sua própria barriga proeminente, e sua expressão desanimou um pouco. — Droga! Estou com essa barriga enorme. Não poderei lutar.

Sorri diante da sua expressão.

— Mas eu não tenho interesse em lutar, Aurora — murmurei, sorrindo.

Notei um brilho diferente em seus olhos.

— As mulheres precisam aprender a se defender, querida — argumentou, pegando minha mão e fechando-a em punho. — Se você aprender a usar essas mãos delicadas para desferir um soco no rosto de algum filho da puta, ou usar suas pernas tonificadas para atingir as bolas de alguém, poderá salvar sua vida.

— Bolas? — indaguei, confusa.

Aurora continuou me encarando, numa mistura de impaciência e incredulidade.

— É sério que vou ter que desenhar?

Mesmo confusa com suas palavras, não consegui conter o riso diante da expressão engraçada que ela fez.



Era quase duas da manhã quando saí furtivamente do quarto. Estava inquieta, incapaz de dormir. Em meu íntimo, sabia que isso estava relacionado ao intruso da noite passada. O medo de fechar os olhos e a possibilidade de ele retornar me mantinham acordada, agitada apenas pelo pensamento.

A residência inteira estava imersa em silêncio e escuridão. Caminhei lentamente pelos corredores, avançando até o topo da vasta escadaria. Farrell apareceu quando cheguei ao último degrau.

— Está indo a algum lugar, senhorita? — questionou. Sua voz era profunda, carregada do marcante sotaque irlandês. — Precisa de alguma coisa?

Interrompi meus passos, com as mãos à frente do corpo.

— Sinto a necessidade de respirar um pouco de ar fresco — respondi, lutando para não parecer ríspida, embora estivesse bastante irritada. — Ou será que estou confinada apenas aos ambientes internos?

Ele balançou a cabeça.

— Não, senhorita — indicou a porta com um gesto. — A acompanharei de perto.

Comecei a me mover, mas parei imediatamente, o que o fez frear os passos também.

— Não pedi por companhia — comentei, nervosa. — Seria demais pedir para que mantenha distância, Farrell? Por favor, olhe para mim e veja se represento alguma ameaça...

Ele cerrou os dentes, sem me olhar, pelo contrário.

— Está bem — murmurou, pigarreando. — Vou supervisionar a senhorita de longe.

Suspirei suavemente, balançando a cabeça. Era algo, ao menos.

Me afastei e me encaminhei para a porta de saída. O cenário do lado de fora era ainda mais surpreendente. Além da mansão, havia outras propriedades. Não conseguia contar quantos carros estavam estacionados, além de algumas motos. Contudo, desde a minha chegada, o que mais me impressionou foi o jardim. Era esplêndido.

Deixei as sandálias pelo caminho enquanto caminhava pelos corredores verdejantes, sentindo a textura da terra e do gramado sob meus pés. Optei por retirar o robe, já que ele arrastava no chão e atrapalhava meus passos. Aproximei-me das rosas, encantada com a beleza delas. Havia flores brancas, vermelhas e rosas, algumas até misturando tonalidades.

Por um instante, parei e admirei o céu repleto de estrelas. Na Escócia, eu adorava passar as madrugadas contemplando a beleza do firmamento estrelado. Continuei a caminhar, até ser surpreendida pelo respingo da água sobre mim. Entendi que estava destinada a regar as plantas, mas a água acabou me atingindo também, enquanto eu estava ali.

Sorri ao sentir a água gelada em minha pele, mas permaneci no lugar. Acabei girando ao redor, recebendo mais jatos de água.

— *Uhuu...* — murmurei, completamente envolvida em meu próprio momento.

Não demorou muito para que minha camisola ficasse encharcada, aderindo ao meu corpo.

Fui abruptamente interrompida:

— O que está acontecendo aqui?

A interrupção me fez estremecer. A voz parecia ecoar até o âmago de meu ser.



Ao me virar para encarar quem falava, me deparei com Owen, parado diante de mim, exalando aquela raiva característica. Durante todo meu tempo ali, naquela casa, não havia presenciado um mero sorriso dele. Era sempre a raiva.

— *E-eu...* pensei que poderia caminhar pelo jardim — respondi, lutando para controlar o nervosismo.

De repente, meu corpo começou a sentir o frio, e os tremores me envolveram enquanto me abraçava, ainda mais nervosa com seu olhar. Foi desconcertante como ele deslizou os olhos por mim, demorando mais tempo em meus seios, marcados no tecido fino.

Owen observou ao redor e berrou:

— O QUE ESTÃO OLHANDO, CARALHO?! TODOS FORA DAQUI, PORRA! PARECE QUE NUNCA VIRAM UMA MULHER.

Eu estava tão absorta em minha própria bolha que não tinha percebido a presença de todos os seguranças.

— Não se preocupe — disse Owen, colocando seu robe sobre meus ombros —, e não pense que estou tentando ser gentil aqui. Eu apenas não admito desrespeito dentro do que é meu.

Apesar de sua proximidade, seus olhos não encontravam os meus, enquanto ajustava seu robe em meus ombros. Meu corpo tremia intensamente.

— *Fa-falta* de respeito? — repeti, confusa. — Ninguém me disse nada. Aliás, é você quem me desrespeita, Owen.

— Para você, eu sou o capo.

Durante uma conversa com Madison, descobri que capo significava líder, posição de Owen na família.

— Não — respondi, mantendo meu olhar fixo nele, que parecia ter o poder de me imobilizar. De perto, seus olhos estavam tão escuros quanto a noite ao nosso redor.

— Não?

Balancei a cabeça, quase desfalecendo diante da intensidade desafiadora de seus olhos.

— Você não é o meu líder.

Uma sombra envolveu seu rosto, me atingindo como um impacto repentino. Fiquei sem ar por um momento.

Então, inesperadamente, Owen deu um passo para o lado, me concedendo espaço. Em seguida, fez um sinal para Farrell, mais adiante de nós.

— Acompanhe a senhorita até o quarto dela — ordenou.

Compreendi que não tinha opção ali. Segurando as laterais do robe, me afastei de Owen,

tentando não tropeçar nos meus próprios pés. E essa sensação nem era pela ansiedade ou pela frustração diante de toda a situação, mas sim... pela intensidade do olhar de Owen sobre minhas costas.

Me senti marcada e roubada de mim mesma.



Owen

## *Alguns anos antes*

— Não estou recrutando ninguém — declarei, ao ser interrompido por um homem durante meu momento de tranquilidade. — A propósito, quem deu permissão para esse sujeito entrar? — indaguei a meus irmãos.

*Liam deu de ombros.*

— Provavelmente se infiltrou com o pessoal do buffet — sugeriu Sean, gesticulando para o uniforme do homem.

— Como entrou aqui, sujeito? — questionou Kael ao intruso. — Aliás, qual é o seu nome?

O homem, robusto e ruivo, permaneceu inabalado pelo olhar frio que eu e meus irmãos direcionávamos a ele.

— Me chamo Farrell — respondeu. — E sim, entrei com a equipe de buffet. Conheço a família Sullivan desde sempre; meu pai trabalhou para o de vocês.

*Franzi a testa.*

— Quem era seu pai? — perguntei.

— Brennan O'Keefe.

Assenti, absorvendo a informação enquanto memórias tomavam conta de meus

*pensamentos. Recordava-me do pai dele. Foi um leal funcionário até seu falecimento.*

*Meus irmãos permaneceram em silêncio, me esperando lidar com a situação. Eu era o capo, afinal.*

*— E o que você está procurando aqui, Farrell? — perguntei, no fim. Acendi um cigarro, deixando a fumaça envolver meu rosto. Estávamos à beira da piscina, prestes a ter uma reunião com alguns traficantes. — Como já disse, não estou contratando ninguém.*

*— Quero ser seu segurança pessoal — respondeu, firme.*

*Sua afirmação arrancou risos de todos nós.*

*— Além de ingênuo, você é corajoso, cara — insinuou Sean, entre risadas.*

*— Só quero uma chance, senhor — insistiu, olhando diretamente nos meus olhos. — Deixe-me demonstrar que posso ser tão habilidoso e fiel quanto meu pai foi com o seu.*

*Fiquei refletindo.*

*De repente, dirigi meu olhar a Carter, o único de nós que permanecia em pé.*

*— Vá pegar um colete — pedi. Carter mal disfarçou o sorriso, compreendendo o que eu pretendia fazer. Retomei minha atenção para Farrell. — Já que insiste tanto, quero ver até onde está disposto a ir por mim.*

*— Até o limite, senhor — garantiu, sem hesitar.*

*Carter voltou com o colete, que atirei na direção do ruivo. Farrell o segurou, visivelmente confuso.*

*Levantei-me. Com o cigarro pendendo nos lábios, tirei minha pistola do coldre. Os olhos de Farrell se arregalaram instantaneamente e ele compreendeu a necessidade de colocar o colete.*

*— Quero que caminhe ao longo da rampa da piscina — ordenei, apontando. — Quanto mais longe você ficar, mais complicado será atingir o colete; há uma grande possibilidade de eu acertar sua cabeça. — Ofereci um sorriso, ao qual ele, obviamente, não correspondeu. — Está preparado para enfrentar a morte, Farrell?*

*— Não, senhor — respondeu, mas fez o que ordenei, caminhando pela rampa.*

*Meus irmãos riam a valer.*

*— Estava com saudade de um espetáculo assim — comentou Kael, rindo. Ele e seus irmãos gêmeos eram os mais sanguinários de todos nós. — O único problema será a bagunça que isso vai causar na piscina — reclamou, balançando a cabeça em desaprovação.*

*— A sorte é que eu aproveitei para dar um mergulho mais cedo — disse Liam, levando um tapa na cabeça de Kael.*

*Ignorei esses imbecis e me aproximei da piscina, mas não muito. Havia alguns funcionários ao redor, ocupados com a preparação do evento que ocorreria mais tarde. Nenhum deles ousou interromper ou parar para observar o que eu estava fazendo. Afinal, o que eu fazia na minha própria casa era assunto meu.*

*— Ao invadir minha casa, Farrell, você basicamente assinou sua própria sentença de morte — afirmei, engatilhando minha pistola e apontando-a na direção dele. — Ainda quer permanecer aí, na berlinda? Saiba que se decidir se aproximar, vai sentir uma dor do inferno!*

*Apesar das circunstâncias, ele avançou, mantendo uma distância considerável de mim.*

*— Tem alguma palavra final a dizer? — perguntei.*

*— Por favor, senhor, não erre o tiro! — respondeu com tanta firmeza que me surpreendeu, dada a coragem e confiança que depositou em mim.*

*Mantendo a arma em riste, apertei o gatilho. No entanto, o tiro passou ao lado dele, não o atingindo. Pude ver o alívio se espalhar por seu rosto.*

*Guardei minha pistola no coldre e me aproximei para cumprimentá-lo.*

*— Poucas pessoas me impressionam da forma como você fez, Farrell — fui sincero. — Vou te dar uma chance, mas espero não me arrepender.*

*— Não vai, senhor. — Ele apertou minha mão com firmeza.*

*Indiquei Sean, Carter e Kael.*

*— Vá com eles — apontei — Eles vão prepará-lo para a iniciação e o batismo em nossa organização.*



## *Tempos atuais*

*Porra! Porra! Porra! Ela parecia estar invadindo minha mente.*

*Alguns minutos atrás, quando Farrell me avisou que Jasmine estava andando pelo jardim na madrugada, não imaginei que a encontraria protagonizando a porra de uma cena erótica do caralho! A imagem dos contornos de seus seios na camisola molhada persistia na minha cabeça, apesar de todos os esforços para me livrar dela.*



Irritado, olhei ao redor, odiando que alguns dos imbecis tivessem tido a mesma visão que eu tive do corpo dela. E essa merda era foda *pra* caralho!

Peguei o maço de cigarros do bolso, retirei um e acendi. Precisava da liberação que a nicotina proporcionava. Não gostava de me sentir escravo desse maldito vício, mas às vezes, era melhor do que me permitir ser arrastado por minhas próprias emoções. Não confiava nelas.

De repente, meu telefone começou a vibrar no bolso da minha calça de moletom. Eu não estava dormindo quando Farrell me ligou, embora estivesse deitado. O sono e eu nunca nos entendemos bem. Pelo menos não desde que alcancei idade suficiente para treinar e ser moldado pelas mãos do meu falecido pai.

— O que houve? — Atendi a ligação de Carter.

— *Temos algo aqui* — respondeu de modo sucinto.

Senti um sobressalto em meu corpo.

— Estou a caminho.



Claramente, não era novidade para mim, encontrar os trigêmeos nesse horário da madrugada, revezando-se na tortura dos prisioneiros. Alguns deles haviam sido descobertos, infiltrados em nossa organização, revelados após a traição do nosso tio, chefe da Igreja.

Ao entrar no galpão que utilizávamos para essas práticas sangrentas, me deparei inicialmente com uma pequena pilha de corpos amontoados no canto direito, próximo a um armário repleto de equipamentos de tortura. Virei a cabeça ao observar ratos roendo as feridas de um homem que, surpreendentemente, ainda estava vivo, gemendo, sem forças.

— Este lugar está horrendo! — Torci o nariz em desaprovação. — Quando a equipe de limpeza chegará? — questionei, ajeitando meu paletó, sem desejar sujar meus sapatos caros com o sangue impregnado no chão.

— Até o amanhecer — respondeu Sean. — A verdade é que eles estão lutando para acompanhar a demanda. — Um riso escapou de seus lábios.

Fixei meu olhar nele. Os três não se pareciam fisicamente, mas suas personalidades eram semelhantes. Todos eram gélidos, cruéis e sanguinários.

— Não pagamos fortunas a eles à toa — resmunguei com um estalo de língua, sem

esconder um sorriso também. — Afinal, o que temos aqui? Espero que minha vinda não tenha sido apenas para testemunhar essa carnificina... — aponteí ao redor.

Carter manuseava um lança-chamas, atacando prisioneiros, quase mortos. Meu irmão parecia estar em um frenesi, gritando e urrando como um animal. Entre os três, ele era o mais problemático.

— Conseguimos criptografar um dos celulares que encontramos com um deles — explicou Sean, me fazendo encará-lo na mesma hora. — Ao que parece, há uma pequena lista de contatos, e um dos sobrenomes chamou minha atenção, pois me lembrei de tê-lo visto antes.

— Qual? — perguntei, interessado.

Sean deu de ombros.

— Burke — respondeu.

Franzi a testa.

— Não consigo associá-lo a ninguém que eu conheça — comentei, pensativo.

— É aquele das redes de transporte — explicou Kael. — Uma rede grande, com várias lojas em alguns Estados.

— Portanto, se o número dele está no telefone de um desses sujeitos — aponteí —, significa que ele está ligado à Igreja. — Rangi os dentes.

— Ao que parece, sim — respondeu Sean.

Abanei a cabeça, tentando assimilar a situação. Tio Aidan e eu sempre tivemos uma boa relação; por muitas vezes, me senti mais próximo dele do que do meu próprio pai. Sabia que não seria fácil derrotá-lo, pois conhecia seus métodos e seu jeito de trabalhar, embora eu não tivesse percebido que estava lidando com uma serpente.

Aidan era astuto e paciente. Ele não tinha pressa para executar seus planos.

— O que está pensando em fazer? — perguntou Carter, aproximando-se. Seu rosto estava suado e alguns respingos de sangue brilhavam em sua pele. — Se quiser, podemos capturar esse sujeito agora — referiu-se a Burke.

Balancei a cabeça.

— Por que não? — Kael perguntou, tão confuso quanto seus gêmeos. — Ele está associado à Igreja, Owen, portanto, temos uma chance de descobrir onde nosso tio está escondido.

— Olhem para aquela pilha de corpos ali — aponteí, com o maxilar contraído — Perdi a conta de quantas dessas já nos livramos. O que descobrimos além desse sobrenome até agora? — Nenhum deles respondeu. — Esses fanáticos são cegos e preferem morrer a fornecer qualquer informação que nos leve ao líder deles. Precisamos mudar a tática, caso contrário, continuaremos

a andar em círculos. A tortura não é o único caminho.

— O que sugere, então? — Sean cruzou os braços, visivelmente chateado.

— Investigar as instalações do Burke — respondi o óbvio. — Será mais fácil quando conseguirmos colocar um infiltrado lá dentro. — Enchi meus pulmões de ar, soltando-o devagar. — Nosso tio sabe que estamos em posse da sua filha, mas também sabe que jamais faríamos mal à garota. — Torci os lábios, detestando que as lembranças recentes de Jasmine invadissem meus pensamentos. A imagem de seus seios, brincando contra o tecido daquela maldita camisola molhada, estava me torturando aos poucos.

— Felizmente, não somos como ele — resmungou Kael, tão indignado quanto.

— De qualquer forma, ela continua sendo nossa última carta na manga — decretei, observando suas reações.

Nenhum deles ousou dizer nada, mas pude sentir o desconforto com essa ideia. Os idiotas gostavam da garota mentirosa.

Verifiquei o horário no meu relógio de pulso.

— Vou voltar para casa — informei. — Combinei de encontrar Samuel amanhã para uma partida de golfe.

Kael riu.

— Você nem gosta de golfe — brincou, entre risos.

Fiz uma careta, porque ele estava certo. Achava esse esporte uma perda de tempo.

— Meus gostos não importam diante de uma oportunidade de negócio. — Dei de ombros antes de me virar para sair. — A propósito, acho que está na hora de vocês três relaxarem um pouco. Toda essa coisa — gesticulei para a bagunça ao redor — está se tornando uma obsessão.

— Por que não segue esse exemplo também? — questionou Carter.

Parei no caminho.

— Não entendi.

— Pare de olhar para Jasmine com tanto amargor — explicou. — Acho que você ficaria surpreso com a beleza dela.

Fiquei carrancudo na mesma hora. Minha única resposta foi mostrar meu dedo do meio para eles. Eu não precisava ver mais nada além do que já sabia: Jasmine era filha do homem que me traiu.

Se ele me traiu, com certeza Jasmine faria o mesmo.



Nunca tive um apreço por esportes, com exceção da prática da falcoaria. Treinar um falcão em seu habitat natural sempre me fascinou muito mais do que ficar sob o sol abrasador por horas, perseguindo uma simples bolinha branca. Minha paciência, sem dúvida, era testada a cada momento.

O clube de golfe em que me encontrava era notável e reservado a poucos sócios. Era um lugar exclusivo, frequentado por pessoas de alta posição. Meu pai, que em grande parte ajudou a fundá-lo, concedeu à família Sullivan acesso irrestrito quando desejava. Eu não apreciava a influência do grande Connor, especialmente quando se tratava de mim e das minhas emoções, mas não podia ignorar que, enquanto vivo, ele deixou um legado de poder e... medo.

— Desculpe, mas hoje não pretendo tratar de negócios, Owen — resmungou Samuel Granger, quando tentei puxar um assunto mais relevante para mim. — Decidi mudar minha rotina e descansar nos fins de semana. Você deveria tentar — o idiota acrescentou, rindo, como se tivesse feito uma piada incrivelmente engraçada.

Apesar de mais velho, ele ainda se esforçava para disfarçar a idade, tingindo os cabelos para esconder os fios brancos. Com olhos azuis e pele pálida, seu forte sotaque americano era evidente. Samuel exibia sinais de exaustão a cada movimento, seu físico desleixado impedindo-o de se mover com agilidade.

— Não há tempo para descanso quando minha casa está sob ameaça, Granger — afirmei, apoiando o taco no chão, mantendo meu olhar fixo no americano. — Presumo que esteja ciente do que estou falando.

Embora nenhum dos meus parceiros de negócios tenha tocado no assunto, eu sabia que os rumores sobre a traição do meu tio estavam se espalhando pelo submundo. Essa certeza apenas ampliava minha raiva e ressentimento.

Observei Samuel realizar seu saque, parando brevemente para acompanhar o caminho da bolinha. Seus olhos se encontraram com os meus.

— Sobre saber, eu até sei, mas continuo sem interesse em discutir negócios — resmungou. — Especialmente quando o assunto não me diz respeito. — Ele fez um gesto em minha direção. — É a sua vez.

Ele subiu no carrinho e, sem opção, eu segui no meu para alcançar minha bola. O suor escorria da minha testa.

— Você está ciente do paradeiro dele — declarei assim que paramos, poucos metros depois. Samuel sacudiu a cabeça, rindo. — Conhece um vasto círculo de pessoas, sempre viajando, fazendo conexões... me diga, Samuel, onde está o Aidan?

Samuel era o que poderíamos chamar de um "investidor seguro" no submundo. Encarregava-se de lavar dinheiro do crime de tal maneira que a fiscalização não detectaria qualquer sinal de irregularidade. Por essa razão, trabalhava com diversos criminosos.

— As regras não são tão flexíveis, Owen — ele respondeu, com um riso que começava a me incomodar. — Você sabe que não posso revelar informações devido a acordos de confidencialidade.

— A ironia disso é interessante... — resmunguei, apertando os dentes. Posicionei-me diante da minha bola de golfe e empunhei o taco.

Por um momento, parei para observar a trajetória da bola.

— O que você acha tão irônico? — perguntou ele, curioso.

Fixei meus olhos nele, mantendo um ar de mistério.

— Após assumir a liderança no lugar de meu pai, tive acesso a todo o seu trabalho dos últimos anos — declarei, mantendo a calma. — Dentro dos documentos e registros, me deparei com algo que me surpreendeu... — percebi seus olhos se arregalando, indicando que ele já previa o que eu diria a seguir —, suas ações não são tão honestas como aparentam ser, Samuel. Por favor, pare de citar confidencialidade, sabemos que você traiu um de seus clientes para aumentar sua fortuna. — Um largo sorriso surgiu em meu rosto. — Fico imaginando a reação do russo Alekseiev, se eu encaminhasse as provas de sua traição... pelo que entendi, você atribuiu a culpa a um dos irmãos dele, não é? Esse homem acabou sendo morto no seu lugar, Granger... *tsc, tsc, tsc...* que atitude horrível! — Fiz minha melhor expressão de choque.

Samuel se aproximou, como se estivesse prestes a me confrontar, mas não recuei. No fundo, fiquei intrigado com sua coragem.

— É melhor me derrubar, ou juro que vou fazer questão de arrancar todos os seus dentes com um único golpe — ameacei, sem titubear. — Derreterá como um porco neste sol, Granger, olhe só para você... — zombei, saboreando sua raiva misturada ao medo de que eu pudesse arruinar sua vida de merda a qualquer momento.

— O que você quer? — perguntou, cerrando os dentes. Sua voz soou baixa, quase trêmula.

Parei, respirando fundo, fingindo pensar.

— Bem... — murmurei, apertando os dentes e apoiando o taco em meu ombro. — Quero saber onde o desgraçado do meu tio está — reiterarei. — Ou, melhor ainda, quero acesso à fortuna dele.

Os olhos de Samuel se arregalaram com minha exigência.

— Se eu fizer isso, assinarei meu atestado de óbito.

— Tenho certeza de que você vai encontrar uma saída, não é mesmo? Não seria a primeira vez — ampliei meu sorriso, porém rapidamente retomei minha expressão séria, sentindo a fúria transbordar. — Conte-se satisfeito por eu não dar um fim a isso agora, Granger. Afinal, trabalha para a minha família há anos e nunca nos contou que nosso tio era um traidor.

— Meu trabalho não é me envolver em questões familiares — se defendeu. — Sou pago para lidar especificamente com o dinheiro de vocês.

Concordei com a cabeça, ponderando e amenizando a carranca.

— Muito bem, Samuel, muito bem... — dei um tapinha em seu ombro, notando seus leves tremores.

Neste instante, meu celular começou a vibrar, indicando uma nova ligação. Sem desviar meu olhar do homem desesperado à minha frente, tirei o telefone do bolso e atendi:

— Owen falando.

Ouvi uma respiração ofegante do outro lado da linha.

— *Jasmine fugiu* — declarou Kael.

Senti o ambiente ao meu redor congelar com o impacto dessa declaração.

*Não... isso não.*

Nada me afetou tanto quanto essa notícia.



## *Jasmine*

### *Um tempo antes*

Eu costumava acreditar que a forma como as pessoas eram criadas exercia uma forte influência sobre a maneira como elas se relacionavam umas com as outras. Um exemplo disso é a maneira como eu via o mundo, completamente distinta dos demais. Para mim, os sentimentos se vinculavam às emoções, que por sua vez se conectavam às ações...

“— *A senhora não precisa arrumar sua cama, pois este é o meu trabalho*” — uma das diversas funcionárias na mansão dos Sullivan me disse mais cedo.

O problema é que não fui educada para depender totalmente dos outros, apesar de muitas coisas ali serem novas para mim, já que não fui introduzida a toda essa tecnologia abundante. Contudo, algo que sempre me ensinaram foi a tratar o próximo com respeito e amor, independentemente das circunstâncias.

Por mais que eu tentasse compreender os motivos que levavam Owen a ser tão rude comigo, não conseguia. O peso de sua raiva, somado à maneira como me encarava sempre que estávamos próximos, me enfraquecia, me desestabilizava... e isso me fazia sentir diminuída.

Claro que, eu não estava buscando hipocritamente que ele gostasse de mim da mesma forma que os outros membros da família, mas era evidente que eu não merecia toda a amargura e fúria direcionadas a mim. Não fui retirada do meu lar, o único que conhecia, para ser maltratada. Na ocasião, Christopher e Derick asseguraram que eu seria levada diretamente ao meu pai, mas isso não aconteceu. Em vez disso, me vi entre esses irlandeses diferentes e intensos, cada um



mais do que o outro... exceto Owen, que era como uma força da natureza.

— Jasmine precisa de roupas — A voz de Amy chamou minha atenção. De acordo com o que Madison me contou, a mulher era a mãe dela, e madrasta dos rapazes. Os pais biológicos deles já eram falecidos. — Será que sou a única que percebe que a garota veste roupas velhas e estranhas? Por favor, não se ofenda, querida — complementou, tocando minha mão e oferecendo um sorriso gentil.

Sorri de volta, embora não pudesse evitar o desejo de olhar para o vestido que escolhi naquela manhã. Era azul, com babados que chegavam até os joelhos. No busto, havia um laço grande. Fiz uma careta sutil, pois eu gostava daquele vestido; era bonito e delicado. Entretanto, era difícil discordar de que minhas roupas estavam realmente desgastadas.

— Owen não vai permitir que Jasmine saia desta casa — argumentou Sean, enquanto levava seu copo de suco de laranja à boca. Todos nós estávamos reunidos ao redor da mesa do café da manhã: os trigêmeos, Amy, Madison e eu. Precisava admitir que me senti um pouco mais confortável quando desci, mais cedo, e percebi que Owen já tinha saído. Ainda não me sentia pronta para enfrentá-lo depois do nosso estranho encontro no jardim durante a madrugada.

— Não gosto de me sentir como se fosse uma prisioneira — resmunguei, brincando com meu pedaço de bolo de chocolate. Era meu favorito, mas meu estômago se embrulhou.

— E você não é, minha querida — garantiu Amy, segurando minha mão entre as suas. Ela era muito bonita, elegante e amável. Madison tinha um pouco dela, tanto na aparência quanto na personalidade. — Você está aqui como uma convidada. — Sorriu, depois se virou para os trigêmeos com um olhar severo: — Owen não vai poder dizer nada se forem vocês a tirar as garotas de casa. Imagino que não exista segurança melhor do que três gigantes, hum?

— Até você, Amy? — indagou Carter, com os olhos semicerrados na direção dela.

— O que foi? — ecoou a voz de Liam, entrando na sala de jantar. Sua esposa, Aurora, vinha logo atrás dele.

Liam puxou uma cadeira para Aurora se sentar, e então ele se acomodou na sua. Por um momento, fiquei observando os dois, enquanto a conversa fluía ao nosso redor. Aurora não era uma garota doce ou meiga, ao contrário, ela emanava uma forte e imponente presença. Ela me lembrava de todas as heroínas das histórias que li ao longo dos anos. No entanto, era claro que ela e Liam formavam um belo casal. Os dois se completavam.

— Owen não vai ficar nada feliz — Liam comentou, trazendo minha atenção de volta à conversa. — Ele não vai gostar de saber que Jasmine saiu. — Balançou a cabeça.

— Bem, ele não é o dono dela, porra! — Aurora rosnou para o marido, demonstrando tanta indignação quanto Amy e Madison. — Não vejo problema se os “gigantes” acompanharem as duas. Seria bom para Jasmine sair um pouco, conhecer lugares que provavelmente ela nunca viu.

— Além disso — interveio Madison —, que perigo Jasmine representa?

Sean, Carter e Kael trocaram olhares, mostrando dúvidas. Até que, no fim das contas, concordaram com o passeio e voltaram a aproveitar todas as delícias dispostas na mesa. Sempre havia uma abundância de comida.

Eu mantive meu silêncio, embora secretamente estivesse animada com a ideia de sair.



Todos os lugares que eu recordava da minha infância e adolescência pareciam escassos comparados com tudo o que meus olhos testemunharam desde o dia em que deixei a Escócia. Mesmo a Escócia guardava tesouros desconhecidos para mim, embora tenha sido o meu lar por tanto tempo. Era curioso pensar na minha vida como um livro em branco, ou como um livro com apenas alguns rabiscos.

Os únicos momentos de alegria plena que vivenciei foram ao lado do meu pai. Ele trazia cores aos meus dias. Nada me deixava mais feliz do que ver seu sorriso e ouvir suas risadas.

— O que está achando, Jasmine? — Pulei com a pergunta abrupta de Madison, que estava ao meu lado. — Já estive em um lugar assim?

Desviei o olhar dela, retornando ao cenário ao nosso redor. Sean, Carter e Kael estavam logo atrás de nós. Nunca imaginei estar entre tantas pessoas ou tantas luzes brilhantes e detalhes distintos. Shopping. Foi a primeira vez que ouvi esse termo.

Balancei a cabeça.

— É tudo tão...

— Barulhento? — interveio Kael, movendo-se para perto de mim e entrelaçando meus dedos com o dele.

Sorri, inclinando a cabeça para o lado.

— Eu ia dizer bonito.

Madison riu.

— Às vezes, esqueço o quanto você é sensível e doce, Jasmine — observou ele. — Sempre enxerga a beleza em tudo, mesmo em lugares inesperados.

Suas palavras me fizeram recordar de seu irmão mais velho involuntariamente. Desde que cheguei à Irlanda, Owen só demonstrou seu mau humor e clara insatisfação com a minha

presença. Mesmo assim, havia algo nele que me deixava vulnerável de alguma maneira. Seus olhos, sua aura imponente, seu tom de voz... parecia que ele, sem querer, me marcava, me prendia sem sequer usar armas.

— Porque a beleza está em tudo o que vemos, basta olhar com atenção — argumentei por fim, tentando mudar o foco dos meus pensamentos.

Carter e Sean se aproximaram, um de cada lado. Eles eram tão grandes que praticamente nos escondiam.

— A única beleza que vejo aqui é de vocês duas — afirmou Carter, brincando com Madison e me lançando um piscar de olhos. Foi quase impossível não corar com o elogio.

— Já decidiram em qual loja vão primeiro? — perguntou Kael. — Puta que pariu! Não acredito que vocês nos convenceram a passar a tarde fazendo compras de garotas.

Uma risada escapou de mim sem que eu conseguisse controlar.

— Eu pensei que a função de vocês fosse apenas servir como nossos seguranças — comentou Madison, observando suas unhas.

Kael fez uma expressão de surpresa e, em seguida, colocou a mão no peito de maneira teatral.

— Você vê o sangue em suas unhas, irmã? É o sangue do meu coração que você acabou de cravar com sua ingratidão.

Dessa vez, a risada foi geral.

Continuamos conversando e rindo, até que os rapazes decidiram nos levar para comer algo antes de irmos às compras. Quando foi minha vez de escolher algo no cardápio, pedi a um deles para fazer a escolha por mim, já que nada do menu me era familiar. Provei a comida, permitindo que o sabor se misturasse na minha língua. Era algo completamente diferente de tudo o que já tinha experimentado.

Minutos depois, quando finalmente entramos nas lojas de roupas, me senti sem fôlego diante de tantas opções de cores e tecidos.

— Você ficaria incrível no vermelho — afirmou Madison, segurando uma camisola perto do meu rosto para ver como a cor combinava com minha pele. — Acho que deveríamos comprar algumas camisolas, vestidos e conjuntos de saia e calça. O que acha?

Pisquei, um pouco atordoada.

— Claro! — respondi, mais preocupada em não a magoar. Mesmo achando tudo vibrante e diferente, também me senti um pouco sufocada.

No fundo, eu sabia que nada do que dissesse mudaria a minha realidade. Continuaria sendo uma prisioneira, longe de casa e longe do meu pai, o homem que, aparentemente, era o foco da fúria de Owen.

Experimentei as roupas com educação e um toque de entusiasmo, mas mantive a consciência de que os rapazes estavam nos dando privacidade, embora seus olhares perspicazes nos mantivessem sob vigilância.

Em certo momento, quando Madison se afastou para buscar mais vestidos, me aproximei discretamente de uma vendedora.

— Por favor, preciso de ajuda — pedi. A vendedora franziu o cenho, notando minha aflição.

— Me desculpe, o que você disse?

Inquieta, examinei o ambiente, tentando me esquivar do olhar dos rapazes e de Madison. A vendedora notou minha inquietação e franziu a testa, parecendo mais rígida.

— Preciso de ajuda — afirmei novamente. No final das contas, não era uma mentira. Estar ali, recebendo presentes, não significava nada, porque me haviam tirado o mais importante: a minha liberdade.

— Está sendo perseguida? — indagou a mulher. Parecia ser mais velha que eu, embora exibisse uma beleza e elegância notáveis. Diante do meu silêncio, ela segurou minha mão. — Venha... vou levá-la para este provador — empurrou-me para dentro. — Quando vierem perguntar por você, direi que entrou em outro e que a vi sair. Será a oportunidade para você fugir. Na saída do shopping, verá alguns policiais na entrada. Procure ajuda com eles, querida. Boa sorte.

Balancei a cabeça, mal sentindo minhas pernas em meio à angústia me dominando aos poucos.

Então, ela saiu e fechou a porta. Os momentos seguintes se arrastaram tortuosamente devagar. Concentrei-me nas vozes alteradas dos rapazes quando perceberam a minha ausência. Encolhi-me no canto do provador, prendendo a respiração, temendo que um deles abrisse a porta. No entanto, isso não aconteceu. Minha mente estava tão atordoada que mal compreendi o que estavam falando.

De repente, respirei fundo quando a porta se abriu abruptamente. Era a vendedora.

— Agora você pode ir — disse ela, nervosa, olhando para fora. Saí do provador. — Eles foram naquela direção — apontou —, então o meu conselho é você seguir por esta outra. — Indicou com gestos.

Em seguida, se afastou, e não hesitei em apressar o passo na direção oposta. A adrenalina bombeava através das minhas veias enquanto deixava a loja, avançando pelos corredores repletos de pessoas. Tentei evitar correr, mas foi impossível quando olhei para trás e vi Sean. O grandalhão não perdeu tempo em me seguir.

Ofegante, cheguei do lado de fora do shopping, procurando os policiais mencionados pela vendedora que poderiam ajudar. Minha mente estava confusa, meu coração parecia querer escapar pela boca. Senti o gosto amargo subindo pela garganta, mas mantive a calma.

Corri em direção a um dos veículos policiais, abrindo a porta e entrando apressadamente. Dois policiais estavam no interior do carro e se voltaram para me encarar, surpresos.

Aflita, soluzei:

— Por favor, preciso de ajuda. Estou sendo... seguida. — Inclinei-me ligeiramente para não ser vista pelos rapazes.

— Por quem? — questionou um deles, olhando para fora do carro. — Mostre-nos quem está te perseguindo.

Engoli em seco, os lábios trêmulos.

— Apenas... tirem-me daqui — murmurei, com a voz embargada. — Por favor...

Embora confusos, eles ligaram o veículo e começaram a se movimentar. Nesse instante, me ajeitei no banco de trás e olhei pela janela. Kael me avistou.

Tentei não me afetar com a decepção estampada em seu olhar.



Apesar dos meus esforços para esconder, um medo avassalador me dominou enquanto os policiais me conduziam até a entrada de um local chamado delegacia. Durante o trajeto, minha mente vagava por todos os lugares, mas eu estava tão atormentada que mal conseguia organizar meus pensamentos. O que eu faria a partir dali? Como encontraria meu pai?

Adentrei o prédio, atenta a cada detalhe e às pessoas ao redor. Percebi inúmeras salas e alguns indivíduos, muitos deles algemados, logo na entrada. Evitei o olhar de um homem que reagiu de forma inconveniente ao notar minha atenção nele, o que instantaneamente revirou meu estômago.

Um dos policiais me conduziu a uma sala específica, onde encontramos um homem corpulento que estava ao telefone. Ao encerrar a ligação, ele voltou sua atenção para mim.

— Delegado, esta mulher estava sendo perseguida no shopping — informou o policial a meu lado. — Acredito que aqui ela se sentirá mais confortável para compartilhar os detalhes.

Dizendo isso, o policial saiu e me deixou sozinha com o delegado, que indicou uma das cadeiras com um gesto educado.

Minhas pernas estavam trêmulas, mas, apesar dos instintos gritarem para ir embora, segui

em direção à cadeira designada.

— Por que não me conta o que aconteceu, querida? — ele pediu. — E seu nome, por favor?

Respirei fundo, considerando suas perguntas.

— Jasmine — respondi, limpando a voz. — Me chamo Jasmine.

Nos momentos seguintes, compartilhei um pouco da minha história, revelando a verdade sobre ser mantida como prisioneira na casa dos Sullivan. Não era um engano. Owen havia declarado isso com todas as letras.

Depois de ouvir o que eu tinha a dizer, o delegado me conduziu para outra sala, onde fiquei sozinha, após ele mencionar que me ajudariam na busca por meu pai.

Não me dei conta do tempo que se passou, mas quando a porta da sala em que eu estava foi aberta novamente, vi o delegado entrando. Levantei-me, ansiosa.

— Consegui a ajuda de que preciso? — perguntei, esperançosa.

Ele não respondeu à minha pergunta. Em vez disso, fez um gesto para o lado, permitindo a entrada de outra pessoa. Meu rosto empalideceu quando vi a última pessoa que esperava encontrar.

*Owen.*

— Obrigado, MacCarthy — agradeceu ao delegado, apertando sua mão, e o deixando quase de joelhos. — Não se preocupe, vou cuidar muito bem da minha convidada. — Sorriu, desviando os olhos para mim, quase desfalecendo ali mesmo.

Ao me ver sozinha com aquele homem que parecia me devorar com o olhar a cada encontro, dei passos para trás, sem saber o que fazer além de seguir meus instintos. Owen inspirava em mim tanto medo quanto uma estranha fascinação. Talvez fosse a aura de poder que o cercava, ou a força de seus olhos que, por vezes, pareciam me prender no lugar.

Ofeguei quando minhas costas colidiram com a parede atrás de mim. Sem parar de se aproximar, Owen apoiou as mãos na parede ao meu redor. Sua respiração estava tão áspera quanto a minha, como se tivesse corrido uma maratona.

— Você realmente pensou que poderia fugir de mim, *naomh*? — perguntou, com voz grave e penetrante. Senti o impacto reverberar em cada célula do meu corpo. O calor invadiu meu pescoço e subiu para o meu rosto, enquanto lutava para me lembrar como se respirava. Uma de suas mãos subiu, tocando suavemente meu rosto, e as reações ao seu toque eram incontrolláveis. — Eu seria capaz de te perseguir até no inferno, se necessário, porque não admito perder o que é meu.

Com o peito subindo e descendo, encontrei forças para gaguejar uma resposta:

— *E-eu não sou... sua.*

A risada sinistra que ele soltou enviou arrepios pelo meu corpo todo, acendendo uma chama em lugares que desconhecia. As sombras no seu rosto me hipnotizavam de certa forma, causando uma agitação dentro de mim.

— Sim, você é — declarou. — Minha para eu fazer o que quiser!

Naquele momento, compreendi... estava completamente perdida e à mercê de um homem perigoso.





## Owen

Fúria, frustração e impaciência me sufocavam com força. Mesmo que eu negasse e odiasse admitir, estava profundamente incomodado com os soluços de Jasmine desde o momento em que partimos da delegacia. Seu choro contínuo não me agradava, embora detestasse essa situação de qualquer maneira. Sempre evitei ver mulheres chorando, e isso não mudaria, mesmo que fosse minha inimiga.

De relance, observei seu corpo frágil tremendo à medida que o choro se intensificava. Suas mãos estavam entrelaçadas em seu colo, e ela se esforçava para se controlar. Seus cabelos soltos caíam pelos ombros rígidos. Conforme os minutos passavam dentro do meu carro, seu cheiro impregnava o ambiente, atingindo minhas narinas como um feitiço.

Minutos atrás, quando Kael me ligou para informar sobre a fuga, forneceu alguns detalhes, incluindo o fato de terem visto Jasmine entrar em um carro policial. Rapidamente, entrei em contato com o delegado, deixando claro que esperava ser informado quando minha hóspede chegasse à delegacia. Não precisei dar muitas explicações. A quantia considerável que pagava mensalmente em propinas garantia o silêncio e a cooperação desses porcos. Essa era a realidade da minha cidade, onde eu controlava tudo e todos.

Apertei o volante com força, odiando o fato de ainda sentir a maldita adrenalina do medo... medo de perdê-la. Jasmine era meu único trunfo contra Aidan. E estava furioso com meus irmãos por terem decidido tirá-la da casa sem minha permissão.

Nervoso, retirei um lenço do meu bolso e estendi para ela, exausto de vê-la chorar.

Ela me encarou, confusa, mas aceitou o lenço.

— Não compreendo sua gentileza, mas agradeço — sua voz soou enfraquecida, mas consegui entender.

Apertei a mandíbula e, novamente, olhei para ela, embora seus olhos estivessem voltados para a paisagem fora da janela.

— Não estou sendo gentil, por favor, não interprete mal — sussurrei. — Só estou cansado de ouvir você chorar.

Finalmente, seus olhos se encontraram com os meus, revelando uma mistura de emoções. Não mantive o olhar por muito tempo, precisava me concentrar na estrada para evitar um acidente. O carro do Farrell seguia logo atrás de nós.

— Você é um homem mau, Owen — afirmou ela, com voz magoada. — E... amargurado.

Mais uma vez, me forcei a encará-la. Jasmine estava com o rosto vermelho devido ao choro, os lábios tremendo, formando um leve beicinho adorável. Seu corpo parecia trêmulo.

— Existem pessoas que são a personificação do mal, querida — rosnei — e ambos sabemos de quem estou falando.

Ela suspirou baixinho.

— Não entendo suas palavras. São vazias para mim.

Dei uma risada zombeteira.

— Claro que são! — ironizei.

O silêncio dominou os próximos minutos, até ser interrompido por um pequeno solavanco no carro.

— Puta merda! — exclamei ao perceber que o pneu havia furado.

Jasmine não disse nada, nem mesmo quando parei no acostamento. Farrell estacionou logo atrás.

— Fique aqui dentro! — ordenei a Jasmine, que apenas se encolheu ainda mais, sem que eu soubesse se foi por causa do meu tom de voz ou do meu olhar ameaçador.

No lado de fora, Farrell se aproximou.

— O pneu furou — informei antes que ele pudesse perguntar algo sobre o motivo da parada.

Farrell imediatamente guardou a arma e foi para a parte traseira do veículo, buscando o pneu sobressalente, a chave de roda e o macaco para fazer a troca. Nesse instante, meu telefone começou a vibrar no bolso. Atendi sem verificar o visor, já prevendo ser um dos imbecis dos meus irmãos.

— *Está com ela?* — era Liam.

— Estou, mas não por causa de vocês, imbecis — rosnei, frustrado. — Não posso acreditar que a tiraram da mansão sem minha autorização.

— *Fui contra essa loucura* — afirmou em sua defesa. — *Eu avisei que você não ia gostar.*

Pressionei os dedos contra a têmpora, tentando controlar minhas emoções confusas.

— SENHOR...

O grito de Farrell me fez olhar a tempo de ver a silhueta de Jasmine correndo pela pequena ponte e simplesmente se pendurando no parapeito. Joguei o celular para longe e corri, mas não consegui impedir a teimosa de se lançar na água como se fosse uma suicida.

— Maldição! — praguejei.

Farrell se posicionou ao meu lado, observando abaixo, buscando pela garota, assim como eu. No instante que submergiu na água, eu me inclinei sobre o parapeito e saltei também. Jasmine foi levada com força pela corrente, me deixando desesperado, pois mesmo sabendo nadar, ela parecia afundar frequentemente, ingerindo muita água.

Nadei com dificuldade, lutando contra a correnteza, movendo-me com longas braçadas até alcançá-la.

— AGARRE-SE EM MIM! — ordenei, ofegante.

Embora, apenas momentos antes, ela tivesse se jogado da ponte para se livrar de mim, naquele momento, Jasmine se agarrou ao meu pescoço desesperadamente, lutando por sua vida.

A força da corrente nos arrastava para cada vez mais longe, mas eu não soltava Jasmine, mesmo que seu pânico quase nos levasse ao afogamento. Lidar com pressão era algo que eu havia aprendido desde o início do meu treinamento.

Após vários minutos, já exausto por sustentar nós dois, alcancei finalmente a margem. Ofegante, saí da água, arrastando Jasmine comigo. Ela estava desacordada.

Num estado de desespero, comecei a executar as manobras de ressuscitação. Com cuidado, deitei-a de costas numa superfície plana. Estendi os braços, colocando as mãos no centro de seu peito, entre os mamilos, uma mão sobre a outra. Iniciei compressões torácicas, firmes e ritmadas, sem pausa.

— Vamos, *caralho*, acorda, porra! — gritei, sentindo a adrenalina quase me consumir. — Você é minha, não admito perdê-la, nem mesmo para a morte!

Esgotado, interrompi as compressões, apenas para executar a respiração boca a boca.

— ACORDA, *CARALHO!* — gritei, retomando as compressões torácicas. Era difícil admitir, mas o medo começava a me dominar. — Não vou deixar que a morte a leve de mim, porra! Não vou permitir!

Mal sentia meus braços quando Jasmine começou a tossir, virando-se para o lado e

expelindo toda a água que ingeriu.

Minha respiração estava descontrolada e minhas pernas estavam quase cedendo.

— Céus, droga, maldição... DIABOS! — soltei um pouco das minhas emoções, percebendo que minha explosão fez Jasmine se encolher um pouco. — O que pensou, garota? Queria se matar? — Ela continuava tossindo. — Se for esse o caso, saiba que não vou permitir.

— Não seja... tolo — resmungou ela entre respirações curtas. — Eu não estava tentando me matar.

Abanei a cabeça, correndo as mãos pelo rosto e pelos cabelos molhados. Observando ao redor, percebi que estávamos no meio de uma mata densa. A ponte já não estava à vista.

— Ah, não? — murmurei, com um sorriso irônico. Optei por tirar o paletó encharcado, esvaziando os bolsos e examinando o que dava para salvar do que molhou. — Então, qual era o seu plano?

— Eu só queria escapar de você — sussurrou com os lábios trêmulos. — Da sua loucura e obsessão pelo meu pai. Agora, percebo que é por mim também. — Seus dentes batiam enquanto pronunciava cada palavra com esforço, e eu começava a sentir o frio das roupas molhadas também.

Endureci a mandíbula, perturbado com sua declaração, mas não podia perder tempo — nem ânimo — para refletir sobre isso. Precisava nos retirar dali e manter distância do perigo iminente. Felizmente, Farrell saberia como agir diante do nosso desaparecimento e alertaria meus irmãos.

Jasmine se ergueu, claramente trêmula de frio. O vestido encharcado grudava em seu corpo esguio, assim como os cabelos escuros marcando sua pele translúcida.

— Precisamos sair daqui — ordenei, passando por ela e segurando-a pelo braço.

— Ei?! — Ignorei seus protestos e continuei avançando, mantendo-a sob controle. Não pretendia perdê-la de vista tão facilmente. — Você sabe para onde estamos indo, afinal?

Olhei ao redor, notando que a noite já se aproximava. Se seguissemos o curso do rio, poderíamos acabar com uma perna quebrada ou, pior ainda, enfrentar o perigo de sermos atacados por uma cobra ou outro animal selvagem.

— Precisamos construir um abrigo para passar a noite — respondi à sua pergunta. — Não dá para voltar agora e alcançar a ponte antes de anoitecer. Seria muito arriscado, e estou cansado de correr riscos desnecessários — alfinetei. — Acho que você está satisfeita com os problemas que trouxe para mim, não é?

— Se você não queria problemas, por que me trouxe da Escócia? — questionou, quase tropeçando em seus próprios passos, pois eu caminhava rapidamente. — Não pedi para estar aqui. Não pedi para me tornar o fardo de ninguém, muito menos de alguém tão... tão...

Virei a cabeça em sua direção, sem esconder o quanto sua raiva me divertia. Jasmine tinha

uma aparência estranhamente cativante quando se irritava. Suas bochechas coravam e seu nariz se empinava. Os lábios carnudos se mantinham firmes. Mesmo tentando muito, ela não conseguia ser ameaçadora para mim, no máximo parecia com uma gatinha manhosa.

— Tão... — incitei-a a continuar.

Ela se libertou do meu agarre com um empurrão.

— Irritante e malvado! — explodiu, batendo os pés, protagonizando uma cena interessante. — É isso que você é, Owen Sullivan. — Meu nome completo saindo dos lábios dela me deixou excitado *pra caralho!*

Parou de caminhar, abraçando a si mesma por causa dos tremores que aumentaram. Olhei detalhadamente para seu corpo, preocupado com a possibilidade de ela sofrer hipotermia, mesmo após tê-la resgatado do afogamento.

Parei, avaliando o lugar onde estávamos. Seria um local razoável para passarmos as próximas horas. Coloquei as mãos na cintura e verifiquei o que ainda tinha nos bolsos. Nada. Nem mesmo o meu maldito cigarro.

— AAAAAH! — gritei, expondo minha frustração.

— Você gosta de gritar, né?

Sua pergunta me forçou a olhá-la. Uma sensação perigosa remexeu dentro de mim, ameaçando a calma que eu tentava manter.

— Você não gosta? — Ela negou com a cabeça, dando passos para trás ao notar que eu caminhava até ela.

— Por que eu gritaria, afinal?

Sorri de maneira lasciva.

— Tenho algumas sugestões interessantes...

Parou de se afastar assim que sentiu a barreira de uma árvore em suas costas. A respiração áspera, misturada aos seus tremores, foi o único som que meus ouvidos captaram.

— Owen?

Minha atenção se focou em seus lábios tentadores, cujos dentes mordiam. Ergui uma das mãos, hipnotizado pela beleza de seus traços e pelo desejo de tocar sua pele de porcelana.

— O que foi? — perguntei, observando atentamente como ela reagia a mim, com seu rubor tomando conta de seu pescoço, orelhas e rosto. Ela estremeceu sob o meu toque, e novos tremores percorreram seu corpo em resposta.

— Se vamos passar a noite aqui, precisamos fazer fogo, senão morreremos de frio.

Franzi a testa.

— Você não parecia muito preocupada com a sua vida quando se jogou daquela ponte, Jasmine.

Ela respirou com dificuldade, tremendo sob o meu contato. Era divertido provocá-la e mexer com suas emoções.

— Já disse que não estava tentando me matar.

— Pena que eu não acredito em você.

— Por que acha que sou uma mentirosa? — ela perguntou, soando magoada. — Eu não minto.

Soltei uma risada amarga e me afastei dela, consciente de que não podia baixar a guarda e me deixar levar por sua sedução.

Com nervosismo, procurei meu isqueiro, mas assim como outros utensílios, ele também estava inutilizado após ter se molhado. Soltei palavrões de frustração enquanto via Jasmine se afastar.

Estreitei os olhos.

— Para onde você está indo?

A atrevida me ignorou.

— Vou pegar gravetos — respondeu simplesmente. — Precisamos reunir lenha para o fogo.

— Não tenho um isqueiro para acender nada, então é inútil gastar energia com isso.

— Eu sei como fazer fogo — disse, me deixando momentaneamente chocado. Como assim, ela sabia fazer fogo?

No fim das contas, optei por não dizer nada e me juntei a ela na busca por lenha.



— Você pode perguntar — Jasmine quebrou o silêncio constrangedor que se instalou entre nós durante um bom tempo. — Sei que está curioso para saber como aprendi a fazer fogo.

O calor que começou a emanar do fogo recentemente aceso era reconfortante. Jasmine mexia cuidadosamente nas brasas para assegurar que as chamas não se apagassem.

— Minha curiosidade sobre você vai além disso, mas fico satisfeito em saber esse pequeno detalhe — murmurei, me permitindo sentar-me diante do calor do fogo. A pilha de lenha estava consideravelmente grande, então teríamos um respiro e poderíamos ir alimentando o fogo gradualmente. — Não é algo comum.

Seu olhar se fixou no meu, mas foi breve. Eu não entendia o motivo, mas gostava de ter seus olhos em mim.

— Eu não cresci cercada de toda essa tecnologia, Owen — respondeu, pronunciando meu nome e me causando arrepios. — A água vinha do poço e a luz vinha de velas. A maior parte do meu tempo era passada na natureza e lendo livros, muitos livros. Sou apaixonada por leitura. — Sorriu de maneira cativante por um instante. No entanto, seu sorriso desapareceu tão rápido quanto surgiu e ela soltou um suspiro suave. — Sinto falta da minha casa, na verdade.

Era estranho pensar que meu tio teria permitido que a própria filha vivesse como nos tempos antigos; não fazia sentido para mim.

— Você é bem tratada pela minha família. Não entendo por que insiste em querer fugir o tempo todo. — Apesar disso, a certeza de que ela desejava ir embora me deixava com uma sensação de vazio, mesmo sem compreender exatamente o porquê.

Seus olhos se voltaram para mim, brilhantes, mas as chamas do fogo dificultaram a distinção. Estávamos em lados opostos da fogueira.

— Meu pai sempre me ensinou a não aceitar menos das pessoas ao meu redor — afirmou —, e eu mereço o melhor. Se o dono da casa não me quer por perto, então não sou bem-vinda. Saiba que eu era amada e bem cuidada na Escócia. Mesmo sem toda a riqueza e os bens caros que vocês exibem... — observei um leve gesto de contrariedade surgir em seus lábios — a felicidade reside nos pequenos detalhes.

Permaneci em silêncio, absorvendo suas palavras e analisando sua atitude. Confesso que era convincente, com sua aura de inocência saltando aos meus olhos; não podia ser uma fachada. Talvez, Tio Aidan a tenha mantido isolada do mundo justamente para afastá-la da sujeira que o rodeava.

Abri a boca para falar, mas hesitei ao ver Jasmine arrancar seu vestido sem mais e nem menos. Meu corpo inteiro reagiu instantaneamente.

— O que diabos você está fazendo? — Mal reconheci minha própria voz. Levantei-me num salto, odiando que o meu pau tenha endurecido ao ver seus seios firmes à mostra. Eram pequenos, com os mamilos rosados despontando.

— Estou tirando as roupas molhadas — respondeu como se fosse algo óbvio. — E eu recomendaria que você fizesse o mesmo, a menos que queira pegar uma pneumonia.

Minha boca ficou seca, e minha mente parecia uma confusão enquanto meus olhos não conseguiam evitar vagar por aquele corpo pecaminoso. Não pude acreditar quando ela removeu a calcinha.



A maldita calcinha.

— Maldição! — praguejei, desviando o olhar. — Isso é demais para a minha cabeça... — respirei profundamente para recuperar o controle.

— Qual é o problema? — ela perguntou.

Olhei de relance, vendo seu rosto confuso enquanto esfregava as mãos próximas ao fogo, aparentemente alheia à minha agonia. Tentei não olhar para sua nudez, mas era uma tarefa impossível, especialmente com sua boceta agora exposta.

— Você está brincando comigo, né? — rebati, nervoso. — Isso não está certo, Jasmine! Vista a calcinha, pelo amor de Deus!

— Por quê? — perguntou, esticando seu vestido próximo ao fogo para secar. — Não sinto vergonha do meu corpo. Aprendi que todos somos puros diante de Deus e da natureza.

Rangi os dentes, com a mente confusa. Sentia como se minha garganta estivesse prestes a se fechar a qualquer momento, além do meu desconforto físico diante da situação.

— Mas nem Deus, nem a porra da natureza concordariam com você desse jeito na frente de homens estranhos — resmunguei, lutando contra a tentação de olhar, e desaprovando a ideia de ela fazer isso com outros. — Não é certo.

— Mas você não é um estranho — argumentou. — Aliás, por que você ainda está vestido? Quer ficar doente?

— Jasmine, pelo amor que você tem de mais sagrado nesse mundo: Deus, Buda, Allah, natureza, apenas... vista a calcinha — quase implorei. — Eu preciso respirar, por favor.

Meu peito subia e descia num ritmo acelerado, enquanto eu tentava, com força, afastar a imagem da minha mente, porém sem sucesso. A imagem daquela boceta persistia, impregnada nos recônditos dos meus pensamentos.

— Você é tão esquisito, Owen — murmurou ela. — Minha calcinha está molhada também — continuou resmungando.

— Pode secar perfeitamente no corpo — rebati, de forma seca. Todos os meus músculos estavam tensos, mas tirei minha camisa e calça. — Eu ficarei de cueca também.

Depois de alguns instantes, olhei para ela, um pouco aliviado ao ver que tinha colocado a calcinha de volta, embora seus seios continuassem à mostra para meus olhos inquietos.

— Satisfeito?

*Não.*

— Sim, — respondi. — Nunca mais repita isso — gesticulei, contendo a saliva, porque a presença dos seus mamilos só aumentava meu desejo crescente, da mesma forma que meu pau, que estava prestes a furar a cueca — Não ouse se despir na frente de ninguém.

Jasmine inclinou a cabeça, pensativa.

— É uma ordem?

Não consegui determinar se ela estava zombando ou genuinamente querendo saber. Essa garota estava se transformando em uma verdadeira incógnita.

— Sim, é uma ordem!

— Por que eu sou sua?

*Maldição!*

Fiquei em silêncio e ela circulou a fogueira, se aproximando de mim, seus olhos percorrendo do meu rosto para o resto do meu corpo.

— Uau! — ela exclamou subitamente. — Por que o seu pênis está assim tão grande? — perguntou em um tom tão inocente que me deixou atônito por um momento.

Pisquei, reagindo a tempo de impedir que sua mão curiosa alcançasse meu pau.

— O que foi? Não posso tocar nele?

Me afastei, quase como um jovem inexperiente diante de uma mulher. Sua pura ingenuidade estava me deixando confuso, desafiando a imagem negativa que criei desde que ela apareceu em nossas vidas.

— Você está falando sério? — a pergunta sufocou meu fôlego. — Está me dizendo que não sabe por que o pênis de um homem fica ereto e duro? — Procurei qualquer sinal de falsidade em seu rosto ao fazer a pergunta, mas só vi ingenuidade e um toque de irritação.

— Pare de me olhar desse jeito — sibilou, aparentemente zangada.

Pisquei, sem entender.

— De que jeito?

— Como se eu fosse tola! — exclamou, ainda visivelmente chateada. — Claro que conheço a anatomia humana, mas nunca vi um pênis antes, e não fazia ideia de que crescia tanto assim. — Seu olhar voltou para o meu pau, sem esconder a curiosidade. — Imagino que deve ser doloroso, não é? — Ela avançou novamente. — Você vai me deixar tocar e...

— Não! — Pulei para longe antes que ela chegasse mais perto. Estava tentando ao máximo resistir à tentação.

— Por quê? — Ela fez um bico. — Se você não quer me mostrar, então vou pedir a um dos seus irmãos e...

— NUNCA! — esbravejei, pegando-a de surpresa com minha explosão inesperada. Na verdade, nem eu esperava ter tal reação. — Proíbo você de se despir na frente deles ou de qualquer outro homem. Também proíbo que veja ou toque em qualquer pênis que não seja o... —

me calei antes de concluir o raciocínio automático.

— Seu? — ela concluiu por mim, piscando rapidamente. Sua inocência era gritante.

*Não, ela não podia estar entrando em minha mente.*

Bufei e esfreguei o rosto.

— Chega! — declarei, perdendo a paciência. — É hora de dormir — sugeri, desejando mudar de assunto.

Deitei-me junto ao fogo no chão. Mais cedo, camuflei minhas armas com algumas folhas secas, e ambas estavam ao alcance das minhas mãos se fosse preciso. Todo cuidado era pouco.

Sem que eu pudesse me preparar, Jasmine se deitou à minha frente, aconchegando-se ao meu corpo tenso e cheio de tesão. Ela só podia estar fazendo isso de propósito; não era possível tanta ingenuidade.

— Precisamos nos aquecer, e nada melhor do que o calor do corpo um do outro — disse, como se estivesse lendo minha mente. Seus cabelos cobriram meu rosto, então retirei algumas mechas, apreciando a textura deles entre meus dedos.

Jasmine se recostou, esfregando sua bunda acidentalmente sobre meu pau ereto. Mesmo lutando contra, levei o braço para sua cintura, acariciando sua pele macia e perfumada. Fechei os olhos, inalando o aroma que vinha de seus cabelos e sua nuca.

*Caralho!*

Forcei seu corpo um pouco mais contra o meu, buscando o encaixe perfeito.

— Você não vai mesmo me explicar por que o seu pênis está assim, tão duro? — perguntou, quebrando o encanto.

*Droga!*

Minha noite seria longa.



## *Jasmine*

Inicialmente, acordei, mas preferi manter meus olhos fechados, ainda sonolenta demais para despertar por completo. Sentia-me incrivelmente confortável naquele calor e abraço que me envolviam, proporcionando segurança e proteção. Demorei um pouco para organizar meus pensamentos, relutante em enfrentar a realidade que me aguardava. A realidade de lidar com um homem perigoso que constantemente ameaçava meu pai.

Lentamente, abri os olhos. Minha primeira visão foi o rosto de Owen, uma vez que estávamos entrelaçados. Eu estava deitada em seu ombro, e minha perna estava entre as dele. Meus seios pressionavam contra seu peito firme. Por um momento, me perdi na contemplação de seus traços, focando nos detalhes. Era a primeira vez que eu tinha a oportunidade de observá-lo livremente, sem a máscara de sua constante raiva. Eu costumava acreditar que o sono revelava nossa vulnerabilidade, pois era quando nossas defesas caíam.

Dentro de mim, não havia dúvidas de que Owen era um homem em busca de vingança, mesmo que não tivesse admitido isso claramente. No entanto, nas últimas horas que passamos juntos, pude vislumbrar sua verdadeira natureza. O verdadeiro Owen, aquele que ele escondia, preferindo vender a imagem de durão o tempo todo.

É claro que me senti insegura quando ele me retirou da delegacia, deixando-me ciente do seu poder e autoridade sobre tudo e todos. Não foi à toa que, em um momento de coragem — ou loucura —, decidi pular daquela ponte. Foi a única maneira que encontrei de silenciar meus pensamentos tumultuados, acalmar a sensação ruim em meu peito em relação ao meu futuro.

Eu apreciava estar com a família de Owen, mas ao mesmo tempo desejava que ele se interessasse por mim também, que quisesse me conhecer, assim como eu ansiava conhecê-lo.

Com cuidado, comecei a me mover lentamente, evitando movimentos bruscos para não o acordar. Parecia que Owen era uma daquelas pessoas que raramente descansavam, então optei por deixá-lo desfrutar de seu sono tranquilo um pouco mais. Era agradável observá-lo enquanto dormia, pois, quando dormia, ele parecia mais sereno e dócil.

Sentei-me ao lado dele e me concentrei em seu corpo parcialmente nu. Havia uma abundância de músculos e desenhos espalhados por sua pele, especialmente em seus braços. Minha testa se enrugou diante das inúmeras cicatrizes, algumas mais evidentes do que outras. Sem resistir, comecei a deslizar meus dedos pelos contornos dos músculos e desenhos coloridos. Owen não era particularmente peludo, mas notei alguns pelos logo abaixo de seu umbigo.

Inclinei a cabeça quando minha atenção se voltou para seu pênis. Continuava rígido como nas últimas horas. Isso me fez lembrar de sua reação estranha quando pedi para tocá-lo. Eu não entendi sua hesitação, da mesma forma como não conseguia compreender o motivo pelo qual seu pênis endurecia e aumentava daquela maneira. Minha confusão se intensificou quando meu próprio corpo começou a reagir ao dele, como se estivéssemos conectados de alguma forma.

Curiosa, lancei um rápido olhar para seu rosto, verificando se ele ainda estava adormecido, e então direcionei minha mão até seu pênis. A princípio, apenas explorei, tocando-o com a ponta dos meus dedos. Esse leve toque fez com que seu pênis reagisse imediatamente, estremecendo sob meu contato. No susto, retirei a mão rapidamente, perplexa, mas, ao mesmo tempo, minha curiosidade foi aguçada a níveis elevados.

Com as mãos trêmulas e o coração batendo acelerado, voltei a estender a mão, delineando com meus dedos a forma do seu membro e apreciando a rigidez. Fiquei admirada ao sentir a umidade através do tecido, algo que não havia notado antes.

Perto de remover sua cueca para examinar com mais detalhes, Owen segurou meu pulso com firmeza. Soltei uma exclamação de surpresa, direcionando meu olhar para o dele, que me encarava com uma expressão enigmática. Eu nunca conseguia decifrá-lo.

— Será melhor parar com isso se não quiser ser fodida, garota — rosnou com sua voz rouca de sono.

Pisquei, processando suas palavras. Não compreendia por que meu coração estava batendo tão rápido, mas estava.

— Fodida? — repeti, confusa.

Owen se moveu rapidamente, erguendo-se e se lançando sobre mim. Meu peito subia e descia enquanto percebia que estava deitada no chão, com Owen sobre meu corpo trêmulo e... quente?

— Sim, *naomh* — reiterou, mantendo os olhos nos meus. Era a segunda vez que ele me chamava por aquele apelido estranho — Fodida. — A maneira como pronunciou e a intensidade do seu olhar provocaram um certo tumulto em mim, particularmente entre as pernas. — Comigo entre as suas pernas, tomando o que eu quiser.

Senti seu movimento, roçando em mim, lá embaixo, o que me fez soltar um gemido suave,

pois uma sensação elétrica percorreu todo o meu corpo, até as pontas dos cabelos. Eu estava confusa com as mudanças que ocorriam em meu corpo, mas uma necessidade intensa se apoderou de mim, embora não soubesse bem o que era.

Antes que eu pudesse articular qualquer palavra coerente, da mesma maneira que se lançou sobre mim, Owen se afastou, me deixando com uma sensação de vazio.

— Levante-se! — ordenou, com seriedade. O tom quente e acolhedor havia desaparecido, substituído por uma frieza quase palpável. — Precisamos sair daqui.

O dia ainda não havia clareado completamente. Olhei para a fogueira, que ainda mantinha as brasas vivas. Algumas horas antes, havia sido mágico ver a surpresa nos olhos do Owen quando eu fiz o fogo.

Sobressaltei-me quando ele atirou o vestido na minha direção.

— Vista-se!

Respirei fundo e me coloquei de pé, notando que ele evitou olhar diretamente para mim enquanto eu ainda estava seminua.

— Você está zangado novamente comigo? — perguntei, preocupada com sua distância.

Owen estava de costas, ocupado vestindo suas calças. A tensão em seus ombros era perceptível. Quando finalmente me encarou, consegui vislumbrar um lampejo de suas emoções, mas foi breve.

— Só quero sair daqui e voltar para casa — declarou de maneira áspera. Agachou-se para recuperar suas armas escondidas sob folhas secas. — Vamos embora!

Mal eu terminei de colocar o vestido e ele já estava me puxando pelo caminho que havíamos percorrido na noite anterior. Frustrada com sua postura distante, não tive alternativa senão segui-lo.



Horas mais tarde, chegamos à mansão dos Sullivan. Parte de mim desejava permanecer no carro, já que me sentia covarde demais para enfrentar os familiares de Owen após as minhas recentes ações. O olhar magoado de Kael no shopping quando me viu dentro do carro da polícia ainda pairava na minha mente.

— Não pode simplesmente ficar aqui dentro o tempo todo, senhorita — a voz de Farrell

quebrou o fluxo dos meus pensamentos. Owen havia deixado o veículo, minutos antes.

O trajeto de volta da mata foi desgastante e implacável. Owen não deu trégua, nem mesmo quando pedi uma pausa para descansar. Sua resposta foi lembrar que não estaríamos naquela situação se eu não tivesse pulado da ponte.

Após alcançarmos a ponte, não demorou muito para retornarmos à estrada. Eu mal conseguia ficar de pé quando finalmente chegamos a um posto de gasolina, onde Owen conseguiu contato com um membro da sua família, e pouco tempo depois, Farrell nos encontrou.

— Você acha que eles estão muito zangados comigo, Farrell? — perguntei, ansiosa. Olhei para fora, procurando por qualquer sinal dos outros, mas não avistei ninguém.

Farrell me observou pelo espelho retrovisor central do veículo. Ele era tão enigmático quanto o seu chefe.

— Não tenho como dizer, senhorita — respondeu, e eu soltei um suspiro baixo de pura derrota. — Mas não se preocupe — acrescentou, me forçando a encará-lo novamente —, acredito que todos estavam genuinamente preocupados.

Encontrei-me sorrindo de leve, de certa forma reconfortada por suas palavras. A ideia de magoar a família de Owen não me agradava.

Com coragem, saí do carro, saudada pelos últimos raios do sol. A jornada de volta levou mais tempo do que o esperado, e sim, eu estava exausta.

De repente, fui interrompida pela brusca parada de um carro a alguns metros de distância. Meu coração disparou quando Sean, Carter e Kael saltaram do veículo, correndo em minha direção. Fiquei ansiosa, com a mente repleta de preocupações, enquanto juntava as mãos na frente do meu corpo trêmulo.

— Olhem, rapazes, eu sinto... — comecei a dizer.

Fui silenciada pelo abraço apertado de Kael.

— Nunca mais nos faça isso, Jasmine — disse, com a voz ofegante, afastando-se apenas para acariciar meu rosto, que estava incrédulo com as reações deles. — Ficamos muito preocupados com você.

Sean e Carter se aproximaram também, os três formando uma espécie de escudo protetor ao meu redor.

— Tem noção do quão perigoso é lá fora? — perguntou Sean, balançando a cabeça antes de me envolver em um abraço firme. — Você ainda é muito inocente para saber se virar sozinha sem a nossa proteção, querida.

Meu coração se derreteu com isso.

— Mal consegui fechar os olhos nas últimas horas, preocupado com você. — Foi a vez de Carter me puxar para seus braços fortes. Fiquei sem ar com seu aperto. Ele era o maior dos três.



— Estou muito bem, se estiverem preocupados comigo também, irmãos.

Ouvimos a voz de Owen. Ele estava com roupas limpas e, visivelmente recuperado, sem sinal algum das longas horas tensas que tivemos.

Os trigêmeos riram, provocando o irmão. Fiquei onde estava, observando os três avançarem até Owen, que tentou se esquivar, mas acabou sendo envolvido pelos gigantes. Achei graça da situação.

Sem coragem de interromper aquele momento entre irmãos, que julguei ser raro, me afastei e continuei em direção à entrada da casa.

Assim que coloquei o pé no piso brilhante da propriedade imensa, uma pequena criatura se lançou em minha direção, me abraçando. Era Madison.

— Oh, Jasmine! Que susto você me deu — exclamou, trêmula. Senti-me ainda pior. — Juro que não percebi que tudo aquilo estava sendo demais para você — acrescentou, afastando o rosto para me encarar. Percebi seus olhos úmidos, intensificando minha sensação de culpa. — Sinto muito mesmo.

Segurei suas mãos nas minhas.

— Eu é que peço desculpas, Madison — sussurrei, tentando conter a enxurrada de lágrimas. — Não foi minha intenção causar problemas, muito menos deixá-los preocupados. — Era a mais pura verdade.

Ela sorriu, passando os dedos abaixo de seus olhos para enxugar os vestígios de lágrimas.

— Venha... — pediu, entrelaçando nossas mãos. — Você precisa de um banho e de roupas limpas. Enquanto isso, me conte o que aconteceu no tempo que ficou desaparecida.

No trajeto, encontramos Amy, que me abraçou tão apertado quanto os demais. A preocupação genuína deles me comoveu, mostrando o quanto se importavam comigo de verdade.

— Apesar de tudo o que aconteceu, trouxemos para casa todas as roupas que você escolheu, provou e até aquelas que não experimentou lá no shopping — comentou Madison, abrindo o armário do quarto e mostrando todas as peças bonitas e coloridas. — Agora, você tem várias opções de vestuário, Jasmine.

Meus olhos se iluminaram com a beleza dos tecidos. Optei por um vestido vermelho. Amy tinha avisado que o jantar estaria pronto em breve, então escolhi essa peça.

Nos minutos seguintes, Madison e eu trocamos algumas palavras enquanto eu tomava banho. Ela permaneceu próxima à porta do banheiro. Fiquei com a impressão de que também se sentia tão solitária quanto eu.

Quando descemos para o jantar, notei que todos — exceto Liam e Aurora — já estavam reunidos, mas silenciaram a conversa quando Madison e eu aparecemos.

— Que vestido lindo, querida! — elogiou Amy, o que me fez sorrir, um pouco

envergonhada. Meu rosto ficou levemente quente, pois me senti nervosa com todos olhando para mim, principalmente Owen.

— Estávamos aqui conversando com Owen, mas ele se recusa a nos contar os detalhes das aventuras de vocês dois, Jasmine — comentou Carter, enquanto se servia de um pedaço de carne. — Por favor, sacie a nossa curiosidade. — Ele soltou uma risada.

Me acomodei em uma das cadeiras, olhando para Owen.

— Tenho certeza de que vocês não fizeram só uma fogueira e pronto! — argumentou Sean. — Deve ter havido mais coisas.

— Ah, o fogo foi essencial para nossa sobrevivência, caso contrário teríamos morrido de frio — expliquei, sorrindo, embora estivesse me sentindo nervosa com todos os olhares voltados para mim. Limpei a garganta e continuei narrando: — Além disso, ajudou a secar nossas roupas, que estendemos no chão para...

— Como assim estenderam no chão? — Madison me interrompeu, com os olhos arregalados. — Vocês tiraram as roupas?

— Sim, — respondi, com o cenho franzido. — Foi necessário.

Os trigêmeos começaram a falar ao mesmo tempo, incrédulos com o que eu havia dito.

— Jasmine... — Owen me chamou, como se me pedisse para ficar quieta. Sua expressão dizia isso.

— O que foi? — perguntei, confusa. — Qual é o problema de contar que você me viu nua, Owen? — Todos soltaram arquejos e um silêncio ensurdecido inundou o ambiente. — Aliás, ele ficou com o pênis ereto, mas não explicou o motivo e...

Owen se engasgou com a bebida que estava tomando, enquanto seus irmãos começaram a praguejar. Olhei para Madison e Amy, que estavam com os rostos vermelhos, aparentemente envergonhadas.

Fiquei ainda mais confusa quando Owen simplesmente se levantou e deixou a sala de jantar, andando pesadamente.

— Mas... — me calei, sentindo uma agitação interna. Olhei para os rapazes, que pareciam ter expressões estranhas. — Afinal, o que eu disse de errado?

Carter sacudiu a cabeça, suspirando profundamente, como se estivesse pensando em como responder minha pergunta. A impaciência tomou conta de mim, e decidi me levantar, correndo atrás de Owen. Se algo estivesse errado, ele com certeza não hesitaria em me contar.

Alcancei-o no corredor que levava aos quartos. Owen se virou para mim, seu olhar faiscando, o que me fez arfar.

— O-o que aconteceu? — consegui balbuciar, embora seu olhar intenso me fizesse querer encolher. — O que eu fiz desta vez para você ficar bravo? Porque sempre fico tão confusa

quando você está bravo comigo, eu não...

Fui silenciada de uma maneira diferente do habitual. Owen simplesmente se aproximou e me beijou, pressionando sua língua entre meus lábios, os quais se entreabriram de modo automático. Uma de suas mãos apertou minha cintura, enquanto a outra segurava minha nuca, guiando o ritmo do beijo. Era uma sensação nova e intrigante para mim.

Inicialmente, me senti um pouco desorientada, sem saber exatamente como corresponder, mas aos poucos comecei a imitar seus movimentos, derretendo-me em seus braços fortes. Perto dele, eu me sentia pequena e frágil. Uma corrente elétrica percorria meu corpo, da cabeça aos pés, enquanto Owen me pressionava contra sua parede de músculos, continuando a me beijar com fome, como se quisesse me consumir. Um calor intenso se acumulou entre minhas pernas, causando uma sensação incômoda e dolorosa.

Tive que cessar o beijo para respirar, e isso pareceu o gatilho para que Owen me soltasse, como se, naquele instante, a realidade do que tínhamos acabado de fazer tivesse caído sobre ele, porém não de maneira positiva. Seu olhar sombrio e perturbado claramente indicava isso. Ao contrário do que imaginei, ele não proferiu uma única palavra.

Permaneci em silêncio, observando sua silhueta se afastar pelo corredor até desaparecer em seu quarto e fechar a porta. Fiquei parada no mesmo lugar, perplexa, sem compreender direito o que havia acontecido, especialmente sem entender por que minha intimidade palpitava sem parar e de maneira bem dolorosa.



## Owen

Apoiado na balaustrada da sacada do meu quarto, inclinei a cabeça enquanto buscava encher meus pulmões com o ar da noite, tentando organizar meus pensamentos contraditórios. Mesmo com os braços apoiados, meu olhar vagava pela vasta propriedade, envolta na quietude da madrugada fria e úmida. No entanto, o meu corpo ainda trazia os vestígios do que aconteceu, da minha impulsividade ao beijar Jasmine.

Por mais que eu tentasse convencer a mim mesmo de que ela estava mentindo sobre sua inexperiência, não conseguia. A forma como me beijou, sem qualquer conhecimento do ato, me deixou intrigado e, ao mesmo tempo, mais possessivo.

— Droga! — resmunguei, esfregando meu rosto com a mão livre. Os pensamentos tumultuados impediam meu raciocínio, pois tudo o que eu conseguia ver em minha mente era a imagem daquela garota nua, a sensação de seu corpo junto ao meu e a doçura de seus lábios.

Fiquei atônito quando, assim que amanheceu o dia lá na mata, ela decidiu tocar no meu pau como se fosse uma experiência científica. Não, aquilo não era fingimento. Ela verdadeiramente parecia inocente, desprovida de malícia ou entendimento sobre a relação entre um homem e uma mulher. Como isso podia ser possível?

Inalei meu cigarro, deixando a fumaça espessa se misturar ao ar noturno, imerso em pensamentos sobre a situação em que me envolvi sem intenção. Mesmo tentando ignorar, a presença da Jasmine continuava a desencadear reações no meu corpo, lembrando-me de que, sim, ela me afetava de maneira única.

As longas horas de caminhada desde a floresta até a ponte e dali até o posto de gasolina mais próximo para obter a ajuda que precisávamos foram tão estressantes quanto a noite que

passamos juntos.

Lembrei-me da sua mão atrevida percorrendo meu corpo, suas perguntas desconcertantes e seu narizinho empinado ao pensar que eu estivesse zombando de suas dúvidas aparentemente sinceras.

Abanei a cabeça, sem acreditar que ela se expôs diante da minha família durante o jantar, revelando que ficou nua na minha frente, e que, inclusive, me viu de pau duro. O que mais perturbava minha mente era essa crescente necessidade que surgiu desde que percebi sua completa pureza... um desejo de corrompê-la, dominá-la e usá-la a meu bel-prazer. E, porra, minha mente estava preenchida com ideias perversas.

Subitamente, as batidas suaves na porta do meu quarto interromperam meus devaneios. Terminei de fumar e apaguei o cigarro no cinzeiro sobre a mesa da sacada, depois caminhei pelo quarto. Consultei rapidamente o meu relógio de pulso e notei que já passavam das três da manhã. Não me surpreendeu que a insônia estivesse me prendendo, embora também me sentisse curioso para saber quem poderia estar batendo à porta do meu quarto naquela hora da madrugada.

Ao abrir a porta, fiquei momentaneamente atônito com o que se desenrolou à minha frente. Nada me preparou para encarar a personificação dos meus desejos mais intensos e cruéis, parada ali, em pé diante de mim, usando uma maldita camisola de seda. Sim, uma de seda vermelha.

Mais cedo, quando voltamos para casa, Amy e Madison me informaram que, apesar de tudo, as roupas que Jasmine escolheu no shopping haviam sido adquiridas.

— O que você quer? — perguntei, quase rosnando. Olhei ao redor do corredor vazio e silencioso, mal conseguindo esconder minha sensação de ciúme por pensar que alguém mais pudesse ter tido um vislumbre de seu corpo naquele pedaço de pano minúsculo.

— *E-eu...* — gaguejou, torcendo as mãos uma na outra, enquanto meus olhos vagavam de seu rosto até o decote ousado que revelava parte de seus seios, uma imagem que minha mente não conseguia apagar. Era como se meu cérebro tivesse registrado fotografias de seu corpo traidor em inúmeros ângulos.

Respirei fundo, buscando paciência.

— Jasmine, você não deveria estar aqui — afirmei, tentando manter a indiferença. — Na verdade, não quero que interprete nada de maneira errada. Nós dois não nos tornamos amigos. Eu continuo odiando você.

Minhas palavras a fizeram piscar, exibindo uma mistura de vergonha, mágoa e incredulidade.

— Por que me beijou? — ela perguntou, ignorando minhas palavras ríspidas. Seus olhos estavam cravados nos meus, inabaláveis, enquanto eu permanecia em silêncio, absorvendo sua expressão e sua pergunta direta. — Owen, você me confundiu tanto que não consigo dormir.

Antes que eu pudesse processar o que ela havia dito, a atrevida simplesmente passou por mim e adentrou o meu quarto, impregnando o ambiente com seu perfume. Seus cabelos negros e

longos estavam soltos, cobrindo seus ombros nus.

— Estava com raiva — respondi, quase instintivamente. — Foi por isso que te beijei.

Percebi que sua testa formou pequenas rugas, mas não diminuíram em nada a sua beleza.

— Então quer dizer que as pessoas se beijam quando estão com raiva? — indagou, pensativa. Tocou o queixo, como se estivesse avaliando minha resposta em sua mente confusa. — Isso quer dizer que você também está sentindo o que eu estou sentindo?

Pisquei rapidamente, assimilando o que ela disse. Fechei a porta do quarto, porque não fazia sentido deixá-la aberta para que qualquer um visse o que acontecia ali dentro.

— O que você está sentindo?

Apesar de querer me aproximar mais dela, me contive. Jasmine cruzou as mãos diante de seu corpo, as mãos delicadas entrelaçadas.

— Coisas estranhas — respondeu. — E isso não é justo! Você se zanga por qualquer coisa e nem me explica o porquê. E então, de repente, me beija e perturba o meu sono, como se estivesse tentando me punir sem sequer estar por perto! — Bateu os pés no chão. Era uma cena interessante, eu tinha que admitir.

Deixei minha cabeça pender para o lado.

— Agora é você quem está me confundindo, Jasmine — admiti. — Ainda não compreendi o que você está sentindo, então, por favor, pare de me acusar.

E, como sempre fazia, ela me surpreendeu e me deixou sem fôlego e sem capacidade de raciocínio. Jasmine ergueu a camisola, revelando sua minúscula calcinha de renda branca. Embora não estivéssemos muito perto um do outro, estávamos próximos o suficiente para que eu pudesse notar a mancha no tecido.

— Você vê a umidade? — perguntou, apontando para sua boceta. — Isso aconteceu quando você me beijou, mas não para de doer, Owen. O que é isso? Por que estou sentindo essas coisas se nem estou com raiva? Eu não entendo. Será que estou doente?

Eu estava incrédulo, sem palavras. A forma como a inocência brilhava em seus olhos indicava que ela tinha uma dúvida genuína; Jasmine realmente não compreendia as reações de seu corpo à minha presença, ao meu beijo e ao meu toque.

*Put a que pariu!*

O animal feroz dentro de mim rugiu naquele momento, cercando-a com as garras da possessividade, gritando aos quatro ventos: MINHA... MINHA... MINHA... MINHA...

— Owen? — Sua voz me tirou dos meus pensamentos tumultuados. Jasmine permanecia imóvel, esfregando uma perna na outra, deixando nítido seu desconforto. — Como faço para parar essa dor? — Mantive-me em silêncio, sem saber o que responder, e Jasmine soltou um suspiro frustrado e impaciente. — Tudo bem. Vou pedir ajuda a um dos seus irmãos. — Ela se

dirigiu à saída, mas meu peito se contraiu quando ouvi suas palavras, e num ímpeto, agarrei-a e a prensi contra a madeira da porta.

Seu pequeno grito de surpresa teve um efeito imediato no meu pau, que se manifestou perante seu perfume e suas curvas tentadoras.

— O que eu disse sobre procurar outro homem, Jasmine? — Rosnei a pergunta, quase cerrando os dentes de raiva ao pensar nela com outra pessoa, mesmo que fosse um dos meus irmãos. — Ninguém pode vê-la nua, muito menos saber que está tão molhada a ponto de doer... — passei a mão por seu rosto, deslizando o polegar por seu lábio inferior.

Ela ofegou, aumentando minha excitação. Pressionei meu corpo contra o seu, deixando-a perceber minha ereção. Vi que Jasmine fechou os olhos, entregue a sensações desconhecidas.

— Por que... eu sou sua? — quis saber, com a voz trêmula. Seus olhos, azuis e carregados de significado, me encararam, afogando-me em seus enigmas. Era a segunda vez que ela me questionava isso.

E, porra! Ela era minha, exclusivamente minha.

Definitivamente minha!

Deslizei uma mão pelo seu ombro, brincando com a alça de sua camisola. A outra permaneceu na porta, enquanto uma das minhas pernas se posicionou entre as suas, roçando a coxa na umidade de sua boceta. Jasmine começou a arfar de novo. Saber que eu era o primeiro homem a tocá-la daquela maneira, a beijá-la... *caralho!*

Ninguém a tiraria de mim. De jeito nenhum!

— Você quer saber por que sua boceta está doendo? — perguntei, não esperando por uma resposta. — É porque seu corpo precisa liberar energia, precisa ter prazer, Jasmine.

— Prazer? — sussurrou, colocando suas mãos quentes e pequenas no meu peito. Uma onda de arrepios percorreu todo o meu corpo.

— Sim. — Minha mão continuava a deslizar suavemente por sua pele macia. — Você está excitada, *naomh*. Sua boceta está implorando pelos meus dedos... você quer isso? Quer que eu te alivie desse desconforto?

Continuei movendo a mão até encontrar a barreira da sua calcinha. Inicialmente, apenas rocei meus dedos por cima, tocando-a de leve. Jasmine soltou um gemido em meu ouvido, seu corpo vibrando sob meu toque. A umidade através do tecido era perceptível.

Sua resposta veio sem fôlego. O rubor em seu rosto a deixou ainda mais atraente. O vermelho começou a se espalhar por seu pescoço e orelhas.

— Por favor... — suplicou.

*Put a que pariu!* Isso deveria ser proibido. Essa garota realmente deveria viver longe da sociedade, porque era um perigo para a sanidade de qualquer homem.

Sem hesitação, porque, na verdade, meu raciocínio lógico foi para o espaço, deslizei meus dedos sob sua calcinha, finalmente tocando sua boceta sem barreiras. Jasmine se apoiou em meus ombros, lutando para não cair, enquanto eu sabia que as sensações intensas estavam atingindo-a com força. Os hormônios em um corpo intocado eram poderosos, então não seria surpreendente se ela alcançasse o clímax bem rápido.

Utilizei meus dedos para espalhar a umidade em sua área sensível, que eu não ousava esquecer, nem mesmo a cor. Jasmine começou a tremer, mordendo meu ombro quando toquei seu clitóris.

— Quando um homem fica com o pênis grande e duro diante de uma mulher nua, significa que ele a deseja, que ele a quer para si — finalmente expliquei a sua dúvida. Seus olhos se conectaram aos meus, e pude perceber o quão intensamente carregados de desejo estavam. — E as mulheres ficam molhadas, como você está.

— Então... você estava me desejando? — balbuciou, enfraquecida. Era uma visão dos deuses, tê-la sob meus braços, quase desfalecendo enquanto eu a estimulava com meus dedos. — Eu pensei que você me odiasse, Owen.

Franzi o cenho.

— Uma coisa não tem a ver com a outra — rosnei, com o maxilar endurecido. — Um homem pode odiar uma mulher, mas ainda assim desejá-la. A excitação de um homem, em boa parte, é estritamente visual, diferente das mulheres, que precisam ser estimuladas.

— Isso significa que nem sempre é necessário sentir raiva para desejar?

— Como assim? — pressionei, confuso, com a tentação de marcar cada centímetro de sua pele pálida com meus dentes.

— Você disse que me beijou porque estava com raiva — explicou. — Mas agora mencionou que me desejou porque me viu nua e...

Ela parou de falar, enrolando seus braços ao redor do meu pescoço. Espasmos percorreram seus músculos e balbucios incoerentes escaparam de seus lábios, fazendo meu pau endurecer ainda mais em resposta.

— Owen... — gemeu meu nome de maneira tão deliciosa que quase gozei com aquilo. — Eu acho que vou explodir, eu... oh, meu Deus...

Dei risada, me deleitando com sua inexperiência. Era divertido. Aumentei a velocidade dos meus movimentos com os dedos, ouvindo os sons molhados causados pelos seus próprios fluidos.

Quando Jasmine alcançou o orgasmo, seus gritos começaram a se elevar, mas eu pressionei nossos lábios juntos para evitar que ela chamasse a atenção dos outros. Eu não queria ter que dar explicações aos meus irmãos. Roubei seus gemidos e sua respiração.

E, secretamente, ansiava por roubar muito mais dela.



Poucos minutos depois, soltei seu lábio inferior de meus dentes, focando meu olhar em seu rosto corado. Seu peito subia e descia, capturando a atenção de meus olhos famintos em direção aos seus seios. Desejava devorar cada pedaço dela.

— Já passou? — perguntei com a voz profunda, sem soltá-la.

Jasmine tentou respirar com força.

— Sim, aliviou — respondeu, mas rapidamente olhou para baixo, presumivelmente para onde meu pau ainda se encontrava duro contra seu abdômen. — Mas vejo que você ainda não. Está com dor por me desejar?

Eu poderia me habituar à sua forma inocente de pensar e de interpretar as coisas.

— Estou — respondi, com honestidade, brincando com os traços suaves de seu rosto. Ela era simplesmente bela, uma verdadeira imagem angelical.

— Posso contar aos outros o que fizemos agora?

Voltei meu olhar para seus olhos, considerando as possíveis consequências disso.

— Não — respondi. — Você terá que guardar segredo, *naomh*. Consegue fazer isso?

Ela piscou, parecendo confusa.

— O que significa esse apelido?

Apesar de relutante, eu me afastei dela, e por pouco ela não caiu, mas conseguiu se equilibrar a tempo.

— Volte para seu quarto agora — ordenei, ignorando sua pergunta. — Preciso ficar sozinho.

— Mas eu...

— Vá, Jasmine!

De costas para ela, ouvi seu suspiro baixo, quase de desapontamento. Em seguida, o som da porta se abrindo e logo se fechando. Foi nesse momento que levei as mãos ao rosto e o esfreguei, mas o cheiro de sua boceta em meus dedos invadiu meus sentidos.

Se eu tinha dúvidas antes, naquele momento tive certeza: essa garota seria a ruína da minha vida.



— Desembuchem de uma vez, porque não tenho tempo nem paciência para ficar decifrando essas expressões de bunda — resmunguei, gesticulando para os quatro à minha frente.

Estávamos no meu escritório desde cedo, e apesar de termos discutido sobre a minha conversa aparentemente produtiva com o Granger no clube de golpe, eu podia sentir meus irmãos um tanto hesitantes ao meu redor. E não era preciso ser um gênio para entender o motivo.

Um motivo de pele alva, cabelos negros e olhos absurdamente azuis, que não me deixou dormir por um maldito segundo. Logo depois que Jasmine saiu do meu quarto, horas atrás, o que fiz foi tomar um banho frio para tentar aliviar meu tesão desenfreado. Obviamente, não resolveu, então me vi obrigado a bater uma maldita punheta, ao som dos gemidos dela gravados na minha mente.

*Puta que pariu!*

— Eu não tenho nada a dizer — declarou Liam, dando de ombros. — Felizmente, tenho meus próprios problemas para me preocupar. Não preciso nem dizer que minha carga é pesada, né? Aurora é um satanás na minha vida, e grávida se tornou ainda mais aterrorizante — comentou, entre risadas.

— Até parece que não gosta — provocou Kael, estapeando a cabeça de Liam, que ainda ria das próprias palavras.

Carter se levantou, dirigindo-se aos armários de bebidas. A tensão em seu semblante não passava despercebida.

— O que aconteceu durante as horas em que você e Jasmine ficaram desaparecidos, Owen? — indagou. — E que diabos ela estava falando no jantar de ontem?

— Eu amo e respeito você *pra* caramba, irmão, mas estou tendo dificuldade para aceitar que você a desonrou naquela maldita mata — rosnou Sean, entre dentes. — Nós todos entendemos que a vinda dela para nossa casa foi para pegarmos o Grão-mestre, que, por uma terrível ironia do destino, descobrimos que é nosso próprio tio, mas... *caralho*, Owen! Jasmine é uma garota inocente.

— Não vamos permitir que você a envolva em sua teia de ódio e maldade — argumentou Kael, tão tenso quanto os outros.

— Mesmo não convivendo muito com a garota, sou obrigado a concordar com os gigantes, Owen — intrometeu-se Liam. — Jasmine não merece ser usada. O fato de ser filha do nosso tio

não a transforma em alguém como ele. Isso é loucura da sua cabeça.

Deixei-me afundar no encosto da minha poltrona, mantendo meu olhar fixo nos idiotas superprotetores à minha frente. Não me surpreendi, porém, pois a afeição deles por Jasmine foi quase instantânea.

— É reconfortante saber que vocês presumem o pior de mim — ironizei, com um toque de aspereza e mágoa. — Então, de acordo com a mente de vocês, eu teria coragem de desonrar a garota no meio da floresta como um animal, simplesmente por vingança? O que isso faria de mim, se não algo pior do que o monstro do Aidan?

É claro que meu desejo por Jasmine estava me atormentando dia e noite, especialmente agora que cheguei à conclusão de que ela não tinha noção da malícia entre um homem e uma mulher. Contudo, meus irmãos não precisavam estar cientes disso. E mesmo que estivessem, eu jamais me afastaria dela. Ninguém seria capaz de tirá-la de mim, pois eu passaria por cima de qualquer um, inclusive deles.

— Não foi isso que quisemos dizer — defendeu-se Kael.

— Ah, não? — debochei. — Porque pensei ter ouvido vocês me acusarem de ser um maldito tarado que não consegue manter o pau dentro das calças.

— Que porra foi aquela de você ter ficado de pau duro na frente dela, então? — rugiu Carter, nervoso. Por um momento, semicerrei os olhos na direção dele, sentindo o gosto amargo do ciúme.

— O que significa isso? — rosnei, apontando, sem esconder o tom ameaçador. — Ciúmes?

O grandalhão piscou, fazendo uma careta engraçada.

— Que porra de ciúme o quê, *caralho!* Enlouqueceu? — rebateu, tremendo todo como se aquela ideia fosse tão absurda que mal se aguentasse. — Eu só não quero que você faça a Jasmine sofrer.

— Nenhum de nós quer, Owen — complementou Sean.

Era algo que eu já sabia, afinal.

Sacudi a cabeça, inclinando-me e esfregando o rosto com força.

— Tanta coisa importante para discutir, e aqui estou, sendo interrogado pelos meus irmãos idiotas — soltei um suspiro baixo antes de encará-los novamente.

Passei os próximos minutos compartilhando um pouco do que aconteceu entre mim e Jasmine naquela maldita mata; claro que não contei tudo, omiti algumas partes, pois não vi necessidade de expor a intimidade que compartilhamos, mesmo tentando evitar.

— Ela realmente não tem nenhuma maldade — declarou Sean, um tempo depois de eu ter terminado de contar. — Precisamos mantê-la longe do Aidan. Jasmine não pode sair da nossa

proteção, Owen.

— E não vai! — quase rosnei, revoltado com a ideia de tê-la longe de mim, dos meus olhos e... das minhas mãos possessivas.

Me remexi na cadeira, incomodado com a lembrança de seus gemidos, da sensação de sua boceta molhada sob meus dedos ásperos. Puta que pariu! Apenas com os pensamentos, meu pau ficou duro.

— O que está pensando em fazer com ela depois que pegarmos o Aidan? — questionou Liam, sem tirar os olhos de mim. Parecia que estava me testando.

Nesse momento, o telefone de Kael começou a tocar, e ele pediu licença para atender fora do escritório.

Dei de ombros, absorvendo a pergunta de Liam. Por mais que me esforçasse, não sabia o que responder. Não havia uma decisão formada sobre isso ainda.

Que a ideia de tirarem Jasmine de mim era inconcebível, não restavam dúvidas. O problema era saber se essa mesma sensação se perduraria.

— Não decidi isso ainda — rosnei, pigarreando, ainda incomodado com minha ereção. — A única coisa que eu sei é que a garota é nosso trunfo para pegarmos o Aidan.

— Você não vai usá-la, Owen — sibilou Carter, me irritando.

Endureci o maxilar, deixando claro minha contrariedade. Notei quando ele desviou os olhos, baixando a cabeça. Ele podia ser um sociopata fodido, mas eu era mais. Além disso, eu era o capo da família.

— Não tocarei na Jasmine — garanti, embora meu pau duro discordasse dessa afirmação. — Porém, enquanto ela for útil na caçada contra o maldito do nosso tio, vou mantê-la na linha de frente — concluí, com o timbre cavernoso. — Sabemos da importância dela para ele, então é óbvio que Aidan não vai fazer nada que possa feri-la.

Nesse momento, o retorno de Kael ao escritório quebrou a conversa.

— Temos um problema — decretou ele, me deixando eriçado. Não somente eu, aliás. Kael suspirou baixo, enquanto voltava a se sentar. — Acabei de conversar com a Sophie, era ela no telefone — explicou, referindo-se à nossa prima. Sophie era filha do Shadow e da Ciara, prima da nossa falecida mãe. — Ela estava me contando que ouviram boatos de um homem questionando muito a respeito dos assuntos relacionados à Igreja, e sobre a descoberta da identidade do Grão-mestre.

Franzi o cenho.

— Que homem é esse, afinal? — Liam perguntou o que eu estava prestes a perguntar.

— Arnold Clark — respondeu Kael. — É americano — complementou. — Shadow está desconfiado de que seja algum ex-membro da Igreja em busca de vingança.

— Existe ex-membro dessa porra? — questionei, embora a pergunta fosse para mim mesmo.

— Nunca é tarde para acordar — comentou Sean.

— Sophie pretende vir para cá ainda nessa semana — afirmou Kael, passando as mãos no rosto tenso. — Ela ficou de reunir o máximo de informações para ficar mais fácil nas investigações.

Assenti com a cabeça.

— Ótimo! — exclamei, cansado de tantos problemas. Já me bastava os que eu já tinha, agora teria que me preocupar com um assassino em série atrás da minha família? — Será que agora podemos retornar à pauta principal da reunião?



Apesar de todo o estresse, a reunião com meus irmãos foi produtiva. Tínhamos decidido infiltrar Farrell numa das lojas da rede de transporte do Burke. Meu segurança leal se tornaria meus olhos e meus ouvidos naquela porra. Eu estava com esperança de descobrir alguma coisa, qualquer pista que pudesse nos levar até o esconderijo do rato do Aidan.

Subi alguns degraus da escada, mas freei na metade do caminho, pois uma voz melodiosa chamou minha atenção como um maldito ímã. Na mesma hora, retornei para o pé da escada, olhando ao redor à procura da Jasmine. Fiquei intrigado, porque ela parecia estar conversando com alguém ao telefone. Mas quem seria louco em dar um telefone a ela?

Por mais que meu corpo a desejasse como um alucinado, essa garota ainda não tinha conquistado minha confiança a esse ponto.

Parei quando a vi de costas, com um dos braços na cintura, enquanto o outro estava pressionando um aparelho de telefone na orelha.

— Eu não consigo entender algumas coisas — ela dizia para sabe-se lá quem —, mas especialmente, o motivo de o homem ficar com o pênis duro quando está com raiva. Acontece isso com você também? É normal?

Travei, sentindo uma fúria avassaladora me engolindo pouco a pouco. Que porcaria era aquela? Com quem ela estava falando, e ainda naquele teor de conversa?

— Que diabos é isso, Jasmine? — gritei, assustando-a, já que ela estava de costas para mim e teve que se virar para encarar minha explosão. — Aliás, de quem é esse telefone?

Ela ficou tão nervosa que abriu a boca, mas nenhum som saiu. O rubor atingiu sua pele de porcelana, piorando meu estado de excitação e ciúmes, porque foi impossível evitar de me lembrar da sua expressão quando gozou nos meus dedos na noite passada.

*Maldição!*

Impaciente, arranquei o telefone de sua mão.

— Foi o Kael quem me deu — respondeu no fim, enquanto eu estava prestes a explodir.  
— É o...

Não esperei ela concluir, porque pressionei o aparelho na orelha.

— *Jasmine? Jasmine? Que pergunta esquisita é essa, Pequena?* — inquiria o maldito Dexter do outro lado da linha. Só podia ser o desgraçado. — *De onde você tirou esse assunto? Por acaso você andou vendo algum pênis?* — A raiva estava presente em cada palavra que ele pronunciava.

— É melhor você não pisar na Irlanda tão cedo, porque já aviso que você será um homem morto — sibilei para ele, fazendo-o se calar na mesma hora. — Jasmine não é nada sua, nem muito menos a sua “Pequena” — entortei os lábios, enojado com o apelido ridículo. — Fique longe dela se quiser continuar respirando.

Escutei seu rosnado ameaçador antecipando sua voz, tão furiosa quanto a minha:

— *Estou pouco me fodendo para o que você pensa ou deixa de pensar, irlandês* — rebateu do outro lado da linha. — *Porque eu me afeiçoei a garota e isso não vai mudar só porque você quer. Ameaça por ameaça, eu também sei ameaçar. Fique sabendo que não só colocarei meus pés na Irlanda como colocarei o corpo todo, porque estou ansioso para descobrir o motivo para essa conversa estranha que ela estava tendo comigo.*

— OUSE APARECER AQUI E EU ACABO COM A SUA RAÇA, SEU INFELIZ! — gritei antes de encerrar a porra da ligação.

Estive prestes a atirar o dispositivo longe, mas consegui me controlar a tempo. Não era meu.

Cada parte do meu corpo tremia sob as ondas de raiva, mas me endireitei ao sentir o toque de Jasmine nas minhas costas. Quase saltei para longe, mas apenas me afastei do contato que me fazia arder e perder o controle.

Seu rosto parecia um tanto pálido, provavelmente após testemunhar minha explosão, ou melhor, meu acesso de ciúmes.

— Está zangado comigo por eu ter ligado para o Dexter?

Fixei meu olhar em seu rosto, observando suas reações e postura. Suas mãos estavam enlaçadas à frente do corpo, envolto em um vestido de renda, discreto, mas que realçava suas curvas, que, para meu tormento, eu conhecia muito bem.

Aproximei-me dela, sem entender se foi meu olhar ou minha atitude que a assustou, pois começou a recuar, afastando-se de mim.

— Você sempre me deixa zangado, *naomh* — rosnei, entre dentes. — Parece que você é uma das poucas pessoas que consegue trazer o pior de mim à tona, e isso não é bom.

Notei seu peito subindo e descendo rapidamente.

— Por quê? — balbuciou a pergunta, com coragem.

Ofereci um sorriso malicioso.

— Porque posso ser ainda mais malvado com você.

Dito isso, me afastei, caso contrário, não responderia por minhas ações. Minhas emoções estavam à flor da pele, e permanecer perto dela naquele momento só complicaria as coisas para ambos, especialmente com toda essa bagunça na minha mente.



## *Jasmine*

Eu gostava de acreditar que cada pessoa possuía uma essência única, uma aura distinta. Madison, por exemplo, transmitia a sensação de ser uma garota doce, mas com uma pitada de coragem reluzindo por trás de seus olhos claros. Já Aurora era o oposto. Não havia traço algum de doçura nela, mas seus sentimentos eram expressos por meio de ações. Comigo, ela compartilhava conhecimentos, oferecendo conselhos sobre como me proteger em situações de necessidade.

— Por que você acha que vou precisar me defender? — perguntei, aflita com a ideia de machucar alguém ou de ser ferida. Era uma sensação estranha.

— Eu disse que ela não entenderia, Aurora — comentou Madison, rindo, já que estávamos dando banho no "insolentezinho", e ele estava nos molhando completamente. — Jasmine é muito sensível para coisas agressivas.

Aurora semicerrou os olhos.

— Saber se defender não significa se tornar uma pessoa agressiva, Madison — argumentou, acariciando sua barriga saliente. Eu me sentia encantada sempre que ela vinha à mansão.

Nos últimos três dias, senti uma inquietação maior do que o normal desde meu último encontro com Owen. Ele não falou comigo nem sequer olhou na minha direção, e eu não queria acreditar que estava me evitando. Odiava me sentir tão dependente dele e de sua atenção. Apesar de me sentir querida pelos outros membros da família, a ausência do mesmo carinho vindo de Owen me machucava e desestabilizava.



Talvez meus sentimentos tenham sido intensificados devido ao que aconteceu quando invadi seu quarto, assustada e envolvida por dúvidas sobre as reações que tomaram meu corpo após ter sido beijada. Nunca tinha experimentado um beijo, tampouco sido tocada, especialmente de uma maneira tão íntima.

Além disso, Owen não conseguiu esclarecer completamente minhas dúvidas, me deixando ainda mais perplexa em relação às sensações. Por isso, decidi ligar para o Dexter. Como meu amigo, eu sabia que ele me ajudaria, assim como fez durante nosso tempo juntos, a caminho da Irlanda.

— Nisso, você está certa! — exclamou Madison, se levantando, cansada. Eu estava toda molhada, mas satisfeita ao ver o cãozinho rolando na grama, todo contente. — É importante saber se defender para salvar a própria vida.

A forma como ela falou deixou uma sensação desagradável em mim. Tive a impressão de que talvez ela tivesse passado por alguma experiência negativa no passado. Desde que cheguei àquela casa, há quase um mês, percebi que Madison era uma garota silenciosa, daquelas que preferem ouvir a falar.

— Você sabe se defender, Madison? — perguntei, enquanto passava as mãos molhadas no avental que coloquei para não me molhar tanto.

Ela deu de ombros, sorrindo.

— O suficiente — respondeu, evasiva.

— Quando precisar dar um soco em alguém, Jasmine — disse Aurora, roubando minha atenção —, você precisa fechar o punho assim, desse jeito — demonstrou, fechando a própria mão. — Tem que tomar cuidado com os dedos, porque se estiverem mal colocados, poderá quebrar algum no impacto.

Mesmo reticente, fiz como ela estava demonstrando, me sentindo estranha com a ideia de ferir alguém com minhas mãos.

— Nossas mãos e pés são armas — explicou Aurora, séria. Mesmo grávida, ela era feroz, eu conseguia sentir. — Você não pode duvidar do que é capaz de fazer. Nunca. — Ela invadiu meu espaço pessoal e segurou minha mão, mostrando a forma correta do punho fechado. — Em caso de perigo ou raiva, lembre-se de projetar seu braço assim, dessa forma... — arfei com a imagem na minha cabeça — e pronto! Tente mirar bem no nariz. Outra forma de ferir um homem é nas bolas.

Pisquei, assimilando suas palavras.

— Bolas? — inquirei, pensativa.

Ela rolou os olhos, enquanto Madison ria, e eu ruborizei de vergonha por não compreender algumas expressões, especialmente da Aurora, que descobri ser de origem italiana, então o sotaque era bem evidenciado.

— É, Jasmine — afirmou ela, se afastando. — Os homens possuem duas bolas entre as

pernas, além do pau.

— Pau?

Madison gargalhou nesse momento, e foi tão espontâneo que acabei rindo junto, mesmo sem entender completamente o motivo da risada.

De repente, fomos interrompidas pela chegada de um carro na propriedade. Aurora pediu para Madison pegar seu cãozinho, enquanto se afastava com ele para ver quem era o visitante, ou talvez mais de um.

— Acredito que precisamos secá-lo para que não fique doente, Aurora — comentou Madison, referindo-se ao cãozinho. Acelerou os passos para alcançar Aurora. Fiquei para trás, arrancando meu avental e desligando a água da mangueira.

Para todo lugar que eu olhava, via homens armados. Não sabia dizer se isso me trazia medo ou segurança.

Quando finalmente comecei a caminhar na direção da entrada da casa, meus olhos se detiveram nos recém-chegados. Na mesma hora, meu coração acelerou e um sorriso involuntário surgiu em meus lábios com a visão dos meus dois amigos, sobretudo do Dexter. Claro que também me afeiçoei ao Christopher, mas com ele, as coisas eram mais silenciosas, ele parecia menos acessível.

Corri até Dexter, que abriu os braços para me receber em um abraço apertado. Notei que além dele e Christopher, havia mais duas pessoas, um rapaz e uma garota bonita.

— Essa é a garota? — inquiriu o rapaz desconhecido.

— Sim, é ela — respondeu Christopher.

— Ei? — Dexter roubou meu foco ao tocar meu rosto com gentileza. Seu sorriso inundou meu coração. — Estava com saudades de você.

Sorri também, segurando suas mãos nas minhas.

— Também senti saudades suas — respondi. — Vocês vieram para me levar ao meu pai? — perguntei, olhando dele para Christopher, que se colocou ao lado do amigo. Os dois se entreolharam nesse momento, absorvendo minha pergunta. Semanas atrás, quando eles me tiraram de casa, na Escócia, me levaram com a promessa de que eu estaria indo para junto do meu pai.

— Ainda não, querida — foi Christopher quem respondeu, mas notei uma tensão evidente em seu corpo. — No momento, você ainda precisa continuar aqui com os Sullivan.

Baixei os olhos para as mãos do Dexter nas minhas. Ele usou uma delas para erguer meu rosto.

— Algum problema, Pequena? — quis saber, preocupado. — Aconteceu algo que você não quer nos contar? — Semicerrou os olhos, encarando os meus. — Porque eu ainda não me

esqueci da nossa última conversa ao telefone onde você me perguntou aquelas coisas.

— Que coisas? — rebateu Christopher, confuso e curioso.

Dexter abriu a boca para falar, mas eu o impedi:

— Por favor, não conta nada — pedi, aflita. Eu ainda me sentia atormentada com o acesso de raiva do Owen ao me ouvir conversando com Dexter por telefone. E foi por causa disso que ele começou a me evitar.

— Eu me chamo Sophie — a garota surgiu em meu campo de visão, cortando a conversa. — E este é meu irmão Michael. — Apontou para o rapaz ao seu lado. Ele era alto e forte.

Abri a boca para responder, mas hesitei com a chegada de um carro acelerando e freando de modo brusco. Meu coração quase pulou da boca quando Owen simplesmente saiu do veículo com a arma apontada na direção do Dexter.

— AFASTE-SE DELA! — berrou, em cólera. Seu rosto estava tão assustador que cheguei a me encolher, mesmo sabendo que sua fúria não era direcionada a mim.

Só que essa constatação não me aliviou em nada, já que Dexter era meu amigo e eu gostava dele. Ao contrário do que se esperava, Dexter não moveu um músculo.

Owen se aproximou, mexendo em algo na arma e apontando outra vez.

— NÃO VOU FALAR DUAS VEZES, FILHO DA PUTA!

Desesperada, me coloquei na frente do Dexter como um escudo, me tremendo toda. Não tive controle sobre minhas lágrimas, que começaram a deslizar em minhas bochechas, nublando minha visão.

— Você não é dono da Jasmine — declarou Dexter, me empurrando para suas costas, mesmo eu relutando. — Pare de tratá-la como a porra de um objeto para ser usado nessa sua maldita vingança do *caralho*!

Não entendi se foi devido ao meu nervosismo, mas não entendi nada do que Dexter estava dizendo. Como assim, objeto para ser usado em uma vingança?

Owen soltou uma risada, mas foi algo sinistro. Ele não estava nada feliz, e notei seu maxilar se contraindo quando focou na minha mão agarrada ao peito do Dexter.

— Você está na minha maldita cidade — declarou Owen, guardando a arma e me fazendo respirar um pouco mais aliviada. — Está na minha maldita casa — continuou dizendo, porém, marchando para mais perto do Dexter, exalando tanto ódio que fiquei travada, sem ar —, e segurando algo que sim, pertence a mim!

Gritei de susto quando Owen puxou Dexter pela barra da camiseta, afastando-o de mim. O golpe atingiu o rosto do meu amigo com tanta força que me fez cobrir a boca para abafar os gritos.

Ameacei me aproximar dos dois para apartar a briga, mas tive meu braço segurado por alguém. Era Christopher.

— Por favor, faça alguma coisa — aponte, trêmula da cabeça aos pés. Mal consegui discernir meu tom de voz devido ao embargo do choro.

Logo, outro carro surgiu, e os trigêmeos e Liam saíram dele. O caos ao redor estava me deixando tão atordoada que nada do que diziam ou gritavam eu estava ouvindo, porque minha mente parecia se perder no medo. Era a primeira vez que eu presenciava algo tão violento.

Voltei a gritar no instante em que Owen ficou por cima do Dexter, no chão, e enrolou suas mãos ao redor do pescoço do meu amigo. Desesperada, me desvencilhei do agarre do Christopher e corri para tentar impedir que o pior acontecesse.

Me joguei ao lado dos dois no chão. Owen estava tão cego de raiva que não percebeu minha presença, apenas quando toquei seu rosto, desejando que ele me visse. Provavelmente meu rosto estava banhado de lágrimas.

— Por favor, Owen... pare — implorei, mantendo a mão em seu rosto e seu foco em mim. — Você está me assustando.

Algo nas minhas palavras fez com que ele se desestabilizasse. Foi a oportunidade perfeita para seus irmãos o arrancarem de cima do Dexter. Aflita, voltei minha atenção no meu amigo, que estava com o rosto sangrando. Não que Owen também não estivesse, mas seus ferimentos eram mais sutis.

— Dexter... — toquei seu rosto machucado, magoada por vê-lo naquele estado.

Ele se ergueu, gemendo um pouco, embora um sorriso pairasse em seus lábios cortados. Vi que seus olhos estavam em algo ou alguém atrás de mim. Notei que era Owen.

— Interessante — murmurou, limpando o sangue que escorria de seus lábios. — Bem interessante...

Nisso, braços me puxaram para longe, embora eu lutasse para permanecer ali, olhando de Dexter para Owen. Meu corpo todo estava tremendo, sentindo os efeitos do terror de toda aquela situação.

Minutos depois, quando cheguei ao meu quarto, foi que percebi quem me segurava firme. Era Liam. Aurora estava com ele.

— Pode deixar que eu fico com ela — declarou ao marido, pressionando a mão no peito dele. — Vá com seus irmãos.

Então, Liam saiu do quarto. Em seguida, Aurora fechou a porta e tirou a chave, deduzi que para evitar que eu saísse. Meus lábios formaram um bico devido ao choro, e eu rumei até a janela para tentar ver alguma coisa lá embaixo, mas não dava para ver nada. O quarto tinha apenas a visão dos fundos da mansão.

— Venha, Jasmine — chamou Aurora, se aproximando da cama — sente-se aqui. Você

está muito nervosa.

Sentou-se, suspirando. Seu desconforto com seu peso era visível.

Apesar de não estar com vontade, porque meu coração gritava para eu voltar para perto do caos, fiz o que Aurora pediu, me sentando ao seu lado. Funguei, passando as mãos no rosto como uma forma de limpar as lágrimas persistentes.

— Você por acaso sabe o motivo da briga? — perguntou ela.

A encarei, assimilando sua pergunta. Depois de uns segundos, neguei com a cabeça.

— Na verdade, eu não sabia que eles não eram amigos — soprei, chateada. — Isso é normal de se acontecer? As pessoas se ameaçam assim o tempo todo? — Voltei a sentir o nó se formando em minha garganta. — Porque eu não... não gosto dessas coisas.

Aurora esticou a mão e segurou uma das minhas, apertando de leve. Havia um sorriso genuíno em seus lábios.

— Você é realmente uma garota sensível e pura, Jasmine — afirmou. — É incapaz de ver a maldade das pessoas, sobretudo, o óbvio bem diante de seu narizinho bonito. — Deitou a cabeça de lado, me analisando. — Porque qualquer um percebeu que Owen surtou daquele jeito por ciúmes de você.

Pisquei rapidamente.

— Ciúmes? — indaguei, com o cenho franzido. — Como assim? Eu não entendo, eu... — pausei, pensativa — o que isso significa, afinal?

— Significa que Owen gosta de você, e que não suporta a ideia de dividir sua atenção com mais ninguém, sobretudo com outro homem.

Fiquei a encarando, absorvendo suas palavras. Automaticamente, minha mente começou a bombardear com lembranças dos momentos que passei com Owen no quarto dele, das suas mãos pelo meu corpo, tocando em partes que nenhum outro tocou. Mesmo eu tendo dificuldade para entender algumas coisas, não podia negar que a intimidade que compartilhamos era única, além de ter nos conectado de alguma forma. Será que ele ter me tocado daquela maneira já significava que gostava de mim?

— De todo jeito, ele não pode agredir as pessoas assim, por ciúmes — balbuciei, atordoada. — É errado.

Aurora deu uma risadinha.

— Você tem muita coisa para aprender ainda — mencionou, se jogando para trás, apoiando-se nas mãos —, e terei o maior prazer de te ensinar tudo.

Não falei nada. Mesmo porque, minha mente ainda estava presa na afirmação dela dizendo que Owen gostava de mim.



Apesar de toda a tensão ao meu redor, não recebi permissão para deixar o quarto nas próximas horas; e quando finalmente saí, não vi o Dexter, nem o Owen. Na verdade, nenhum dos irmãos surgiu em meu campo de visão. A única pessoa que vi foi a garota chamada Sophie. Descobri que ela e seu irmão eram parentes distantes dos rapazes.

Conversamos um pouco, mas nada muito aprofundado, porque minha mente não estava no lugar. Tudo o que meus pensamentos mostravam era a briga entre Dexter e Owen, além da maneira como Owen encarava meu amigo, como se estivesse prestes a matá-lo. Entendi quão perigoso era o ciúme.

Deveria ser proibido sentir tais sentimentos e emoções.

Aflita, me debati na cama, deixando minhas pernas descobertas. Com os olhos fechados, lutei para dormir, mesmo minha mente se recusando a descansar. Não tinha ideia do horário, mas julgava ser de madrugada. Era difícil dormir quando tudo o que eu desejava era conversar para entender toda essa bagunça me devorando aos poucos. Nesses momentos, eu odiava ser tão... boba. Porque eu tinha dificuldade de compreender algumas coisas.

Suspirei, me ajeitando de barriga para cima. Estava tão dispersa ao meu redor, apesar de não estar dormindo, que demorei a notar a chegada sorrateira de um intruso no meu quarto. No instante em que abri os olhos, perdi o fôlego com a figura assustadora à minha frente.

Não tive tempo para reagir ou gritar, pois a mão dele pressionou minha boca, enquanto seu rosto com aquela máscara horrível se aproximava do meu. Todo meu corpo começou a tremer, e eu podia sentir a umidade de lágrimas se acumulando em meus olhos.

Arrastei o olhar daquela máscara assustadora e desci para o restante do corpo dele, percebendo as roupas escuras e a postura dominante. Notei o momento em que ele usou a mão livre para fazer um gesto silenciador próximo a boca; ele estava exigindo que eu ficasse quieta.

Meu peito estava subindo e descendo rapidamente, e eu temia passar mal a qualquer momento. Contudo, não gritei quando ele tirou a mão da minha boca. Controlei a vontade de me encolher ou de me afastar, ainda mais que seu enorme corpo continuava inclinado sobre mim, roubando meu fôlego e se alimentando do meu medo.

Sua mão que estava na minha boca desceu um pouco, estabelecendo-se em meu pescoço. Minha atenção permanecia nele o tempo todo, tentando antecipar seus próximos movimentos, mesmo sem ter ideia do que ele pretendia fazer comigo. Seus dedos se enrolaram ao redor do meu pescoço, apertando de leve, restringindo meu ar. Todo meu corpo tremia

descontroladamente, alerta diante da ausência de ar e do pânico que a morte nos causava. Embora o pavor de morrer estivesse me sufocando, algo diferente acontecia também, deixando-me tão confusa quanto assustada.

Minha pele se tornou sensível, assim como os bicos dos meus seios e o centro das minhas pernas, que umedeceu sem que eu pudesse evitar.

— *Hmm...* — deixei escapar, me remexendo, lutando por ar e... algo mais.

A mão ao redor do meu pescoço amenizou o aperto, apenas para voltar a restringir meu ar outra vez. Permaneceu assim por um tempo, parecendo se divertir com minha agonia. Quando menos previ, eu estava me contorcendo toda, esfregando uma perna na outra como uma forma de obter atrito e amenizar a sensação dolorosa. Levei uma das mãos para baixo, para beliscar meus mamilos, mas fui impedida por ele, que não permitiu.

A dificuldade de respirar, somada a todo aquele turbilhão de sensações que invadia meu corpo, me deixou em um estado de êxtase tão absurdo que nunca nem sequer sonhei experimentar. Arfei no segundo em que sua mão afrouxou, permitindo que eu respirasse, que enchesse meus pulmões desesperados. Trêmula, permaneci no lugar quando sua mão passou a descer, brincando com o tecido da minha camisola branca. Não tinha percebido que ele tinha tirado uma das luvas; talvez por desejar me tocar sem a barreira do couro. Seus dedos resvalaram em meu mamilo; primeiro um, depois o outro. Tentei não expor minhas reações tão abertamente, mas era impossível, porque eu me sentia fervendo, prestes a explodir em mil pedacinhos.

Sua mão continuou descendo, até chegar ao meu baixo ventre. Aparentemente, ele permaneceu parado, esperando minha permissão. Mesmo sem conseguir enxergar o seu rosto, eu sabia que ele estava pedindo minha autorização, o que chegava a ser irônico a julgar pela sua evidente ameaça ao invadir meu quarto na calada da noite.

Sem entender a necessidade, eu abri as pernas para ele num convite silencioso e ansioso. Gemi audivelmente ao sentir seus dedos pressionando minha intimidade, tocando minha calcinha molhada. Eu me sentia atordoada, mas pensei ter escutado um rosnado vindo dele, por trás daquela máscara, mas não tive certeza.

Minhas costas se ergueram do colchão em contraste com todo aquele turbilhão me abatendo pouco a pouco. Era como estar com o corpo queimando e caindo e flutuando e vibrando... tudo ao mesmo tempo. Sem que eu pudesse me preparar, os dedos se embrenharam para dentro da minha calcinha, me tocando sem qualquer barreira, tomando tudo de mim, como se eu fosse dele, como se cada parte de mim pertencesse a ele para fazer o que quisesse. Tentei me concentrar para não gritar, tentei controlar as reações do meu corpo, mas eu era apenas uma garota fraca... incapaz de administrar tudo o que acontecia.

No instante em que um redemoinho me atingiu, subindo do dedo dos pés à cabeça, eu me deixei levar, permitindo que tudo me engolisse, renunciando ao medo. Com as costas fora do colchão e a cabeça tombada para o lado, me ouvi balbuciando palavras incoerentes, totalmente perdida e envolta na minha própria bolha de prazer.

*Incrível.*

Era assim que eu estava me sentindo.

Fiquei tão atordoada e enfraquecida que demorei a perceber que meu algoz tinha se afastado. Pisquei os olhos lentamente, sentindo-os pesados enquanto meu corpo permanecia largado, sem forças.

— Ei? Espera um pouco — soprei, erguendo a mão ao ver a silhueta da sua sombra passando pela sacada do quarto.

Embora estivesse com as pernas enfraquecidas, consegui me jogar para fora do colchão e sair da cama atrás dele. Só que tudo o que encontrei foi a sacada vazia. Fui até a beirada e olhei para baixo.

Nada. Não havia ninguém ali.

Por um momento, me perguntei se não teria sido apenas um mero sonho ou fruto da minha imaginação. Não me surpreenderia se fosse o caso, considerando o susto que tive mais cedo.

Foi então que algo capturou a atenção dos meus olhos, fazendo meu coração, já acelerado, bater um pouco mais depressa.

Repousada sobre a mesa ali presente, havia uma flor solitária. Fui até ela a passos lentos, sem coragem de desviar o olhar. Peguei a flor, admirando sua beleza. Era branca com detalhes em amarelo em seu interior. Ao inalar seu perfume, fechei os olhos, me perdendo naquele aroma adocicado e único.

Sem controle, meus lábios se distenderam num sorriso enquanto não conseguia parar de olhar para a linda Jasmim em minhas mãos trêmulas. De olhos fechados, levei a flor ao meu nariz, voltando a me perder em seu perfume.

Nem tudo era o que aparentava ser. Compreendi que o assustador podia sim, ser capaz de ter atitudes gentis.

— Maravilhosa — soprei, contemplando a beleza da flor delicada. — Você é realmente deslumbrante!





## Owen

Eu estava à beira de arruinar tudo. Não havia um pensamento lógico ou claro em minha mente, apenas caos. Ódio.

E um ciúme profundo e avassalador.

Essa era uma sensação completamente nova para mim, e eu não sabia lidar com isso, o que tornava tudo ainda mais assustador e sufocante. Eu desejava apagar esses sentimentos tumultuados da minha cabeça, escondê-los e aliviar o peso no meu peito, mas era uma tarefa impossível. Mesmo tentando, só parecia piorar.

— O senhor está se arriscando demais — advertiu Farrell, instantes depois que saltei da sacada do quarto de Jasmine. Tirei a máscara e a entreguei a ele. — É perigoso que um de seus irmãos o veja entrando ou saindo da sacada do quarto dela.

Retirei as luvas, me perdendo em meus próprios tremores. Uma mistura de raiva pura e explosiva me consumia.

— Isso não vai acontecer, pois eles costumam passar quase todas as madrugadas no galpão agora — resmunguei, apressando o passo para me afastar, certificando-me de permanecer nas sombras, caso Jasmine inclinasse a cabeça para tentar me avistar. — E você está sendo muito bem remunerado para garantir que meu segredo seja mantido sob sigilo, Farrell. Ninguém, exceto você, está ciente de que tenho o hábito de invadir o quarto de Jasmine.

— Garantirei, senhor!

Não me dei ao trabalho de olhar para trás, mas percebia que ele ainda me seguia. Talvez já

soubesse que eu não retornaria ao meu quarto, pois certamente eu não estava pronto para dormir. Minha vontade era caçar o bastardo do Dexter e concluir o que havia começado mais cedo, mas algo me impedia. Eu poderia desmembrar aquele desgraçado pedaço por pedaço, especialmente as mãos que ousaram tocar... nela.

Rangi os dentes, sacudindo a cabeça enquanto meus olhos se obscureciam devido à fúria. Era como se estivesse enxergando apenas vermelho. Meus pensamentos se confundiam, um maldito borrão, um lembrete constante de que eu não tinha controle algum. Jasmine continuava a me atormentar. Tudo relacionado a ela persistia em me assombrar.

Desconfiava que tivesse sido por isso que invadi seu quarto novamente. A imagem dela se colocando na frente daquele idiota para defendê-lo de mim não saía da minha mente, intensificando meu estado de raiva. Dexter e Christopher foram expulsos logo após todo o impasse, porque eu não suportava olhar para a cara daquele desgraçado sem me lembrar da mão de Jasmine no peito dele. Ela não deveria tocá-lo. Não deveria sorrir para ele daquele jeito íntimo.

Na verdade, ela não deveria ter intimidade com mais ninguém além de mim.

— PORRA! — gritei, iniciando uma sequência de socos no saco de areia. Havia alguns minutos que eu tinha entrado na academia. Farrell também estava presente, mas em silêncio. Ele era como minha sombra, sempre atento e vigilante. Claro que, agora que o infiltrei em uma das lojas da rede de transportes do Burke, ele estava passando menos tempo comigo.

Continuei desferindo socos, tentando liberar toda a fúria que me sufocava, além do maldito tesão fervilhando meu sangue. Os gemidos dela continuavam invadindo meus pensamentos, assim como a imagem de seu rosto exibindo uma mistura de medo e excitação. Minha intenção ao envolver os dedos ao redor de seu pescoço era, de fato, sufocá-la. Eu estava tão enfurecido com tudo o que ela vinha me fazendo sentir que talvez... só talvez, imaginei que se ela desaparecesse da minha vida, as coisas se acalmariam dentro de mim.

Mas a maldita gostou de ser sufocada. Essa percepção mudou tudo, acentuando minhas emoções e me transformando em uma droga de bomba. A forma como ela reagiu, contorcendo-se sob minhas mãos, fez o animal em mim, rugir. Jasmine tinha o dom de me desestabilizar e desmontar por completo, pedaço por pedaço. Eu podia rugir, mas ela não parecia ter medo. E quando tinha medo, ela enfrentava.

Parei de socar, agarrando o saco de areia e encostando minha testa nele, perdido na imagem de Jasmine com a mão no meu rosto, me pedindo para parar de agredir aquele maldito caçador. Eu apreciava a ideia de assustá-la, mas naquele momento foi diferente. Não gostei da maneira como ela olhou para mim... como se eu fosse um monstro.

Não era o tipo de medo que eu queria que ela sentisse.

*Put a que pariu!* Eu estava à beira da loucura.

— Preciso sair — murmurei, sem ar, me dirigindo para fora da academia. — Prepare o carro! — avisei a Farrell, que apenas assentiu.



Cheguei ao galpão, completamente subjugado por minhas emoções sombrias. Odiava me sentir tão fora de controle neste momento, porque nada nem ninguém poderia me deter. Balancei a cabeça, tentando expulsar a imagem do rosto de Jasmine de meus pensamentos. Não, ela não teria poder sobre mim.

Essa garota não controlaria minha vida.

— PAREM! — gritei para meus irmãos, que estavam lidando com alguns prisioneiros. A quantidade era menor desta vez.

Sean, Carter e Kael me encararam, perplexos. Sangue escorria pelo chão, sujando meus sapatos e a barra da minha calça à medida que eu caminhava.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Kael. — O que aconteceu?

Endureci a mandíbula, contendo os xingamentos que ameaçavam escapar.

— Suponho que esteja relacionado à briga de mais cedo — debochou Carter, balançando a cabeça. — Ainda não conseguiu se acalmar do acesso de ciúmes, irmão?

Como eu estava próximo dele, avancei abruptamente, agarrando-o pelo colarinho da camisa. Tanto ele quanto seus gêmeos ficaram surpresos com minha reação.

— Owen...

Levantei a mão livre para silenciar Kael, mantendo meus olhos fixos em Carter. Ele sabia que eu estava fora de controle. Os três eram conhecidos por agressividade e crueldade, mas eu... era diferente.

— Não estou na minha versão normal no momento — alertei, entre respirações ásperas, sem desviar o olhar. — Então aconselho que, ou vocês sumam daqui, ou fiquem em silêncio. Só preciso de tempo para descarregar minha raiva, e não quero ferir nenhum de vocês. — Mantive meus olhos em Carter, deixando que visse a fera brilhando em meu olhar.

Após alguns instantes, o soltei.

— Quer conversar? — foi Kael quem perguntou quando me virei de costas para eles.

— Não — respondi, arregaçando as mangas da minha camisa e observando os prisioneiros.

Escolhi um deles e o arrastei para longe dos outros, puxando-o pelos pés que estavam amarrados. Mesmo gritando, dava para perceber que estava sem forças, considerando que tinha sido agredido antes, além da fome e sede. Sem mencionar a falta de sono, já que meus irmãos faziam questão de jogar água constantemente para impedir que dormissem.

Peguei minha adaga favorita da coleção e, em seguida, me acomodei sobre o corpo moribundo. O medo refletido nos olhos dele servia apenas como combustível para minha fúria, alimentando-a com uma força avassaladora.

— Então, você achou que poderia continuar trabalhando para mim, enquanto fornecia informações para o desgraçado do meu tio? — sibilei, quase babando devido à raiva que me consumia. — Pensou que não perceberíamos que você era um traidor também?

Ele tentou se debater, mas pressionei minhas pernas ao redor de seus braços, forçando-as contra as laterais de seu corpo magro e frágil. Inclinei-me sobre ele, aproximando nossos rostos. Eu sabia que ele estava dizendo algo, mas me sentia tão anestesiado e perdido na escuridão do meu ódio que não estava ouvindo nada.

O único som que eu registrava era o ritmo acelerado do meu próprio coração.

— Sabe o que costumo fazer com traidores? — inquiri, abrindo um sorriso macabro. Posicionei a lâmina da adaga em seu rosto, próximo ao início do maxilar, perto da orelha. — Eu deixo sua outra face à mostra.

Então, enfiei a lâmina em sua carne, cortando de um lado ao outro, removendo completamente a pele de seu rosto de maneira lenta. Os gritos ecoando em meus ouvidos eram uma melodia, um alívio comparado a todas as maldades que aquele maldito do Aidan nos fez passar, a mim e à nossa família. Aliás, minha família. Ele nunca fez parte de nós.

Minutos intermináveis depois, quando concluí a obra de arte, deixei o cadáver cair, ainda sentado sobre seu corpo. Continuei encarando o rosto desfigurado, envolto em sangue. Minhas mãos e roupas estavam manchadas, mas eu não conseguia me importar com nada.

Com o maxilar contraído, desviei o olhar quando ouvi um resmungo vindo de um dos prisioneiros. Semicerrei os olhos, tentando encontrar o dono da voz.

Me coloquei de pé imediatamente, animado com a ideia de continuar brincando. Estava longe de me sentir satisfeito, saciado.

Peguei o cadáver desfigurado pelos cabelos e voltei a arrastá-lo, em seguida, o posicionei sentado como um boneco.

— Você retira a pele de um homem que não tem chance de se defender e ainda fala em justiça? — soou a voz do prisioneiro que vinha resmungando entre os demais.

Franzi a testa, movendo meus olhos pelo local, procurando entre os moribundos até encontrar o dono da voz. Ele estava encostado na parede, com mãos e pés amarrados, totalmente focado em mim.

Marchei até ele, pisando firme. Agarrei-o pela gola da camisa e o puxei para fora.

— Pode murmurar o que quiser, pois comigo é sem misericórdia para os malditos traidores da família — rosnei contra seu rosto. — Nós te demos um nome, uma causa e um posto de confiança. E é desse jeito que você demonstra sua gratidão, seu filho da puta? — Meus dentes rangiam.

— Você pode ser mais tenebroso que seu tio — afirmou ele —, mas ele é mais justo e compreensivo. Por isso, tenho a tatuagem da cruz e morrerei de cabeça erguida pela Igreja.

Meus ouvidos começaram a zumbir com a intensidade da minha fúria e com toda essa merda que o bastardo acabou de vomitar. Olhei para trás, notando meus irmãos parados, apenas observando. Farrell se mantinha mais afastado.

— Desamarrem esse porco traidor — aponte, tremendo da cabeça aos pés. — Então você afirma que eu não sou justo? — indaguei, voltando minha atenção para ele. — Pois vou te dar a chance de fazer justiça com as próprias mãos. — Logo, Kael se aproximou dele, retirando suas amarras. Comecei a andar de um lado para o outro, focando em todos os prisioneiros. — Prestem atenção, porra! — Tirei minha camisa, sentindo como se tudo estivesse ruindo ao meu redor. — Esse será um embate de homem para homem. Se esse porco ainda estiver de pé ao final da luta, ele terá a chance de partir.

Meus irmãos não ousaram dizer nada, embora eu pudesse sentir seus olhares fixos em mim. De soslaio, notei quando Sean começou a arrastar o cadáver desfigurado para longe. Trinquei os dentes.

— Não ouse tirá-lo daí — bradei, apontando. — Quero que ele fique para assistir à luta! Ainda mais agora, que revelei sua verdadeira face. — Sorri de modo macabro.

Sean inspirou fundo, mas fez o que mandei e deixou o cadáver ali. Então, voltei a focar no moribundo que estava livre, sem saber para onde olhar. Apesar de estar solto, seu medo era perceptível, parecendo uma gazela pronta para o abate.

— E então? — inquiri, estralando o pescoço. — Perdeu a coragem agora? — Sorri, esquadrinhando-o aos poucos. Eu era o predador ali. — Você é tão idiota que não consegue ver que o filho da puta do seu chefe não se importa com o que acontece com nenhum de vocês. Sabe por quê? Porque ele é a porra de um rato, um verme imundo que vou fazer questão de destruir, esmagar com meus próprios sapatos.

Minhas palavras foram o gatilho que ele precisava para me atacar. Por reflexo, me abaixei e atingi seu estômago com um soco. Em seguida, me ergui acertando seu queixo com meu punho.

— É só isso que você tem para me oferecer? — zombei, andando de um lado ao outro. — É SÓ ISSO, PORRA?!

— AAAAAAAAH! — O idiota gritou, levantando-se e se jogando sobre mim de modo a me derrubar no chão.

Logo, seus punhos começaram a atingir meu rosto com uma velocidade assustadora, movido pelo puro e exclusivo ódio. Me defendi, mantendo os braços na frente, embora um ou

outro golpe acertasse. No momento que percebi seu cansaço, aproveitei para revidar, contratacando com toda a fúria que ainda me mantinha de pé.

Com facilidade, consegui inverter nossas posições, iniciando uma sequência de socos certos. Não havia um alvo específico, pois meus punhos atingiam qualquer coisa que estivesse em meu caminho. Eu podia sentir meu rosto suado. Talvez nem fosse suor, apenas sangue.

*Foda-se!*

— Já chega, senhor. — Ouvi a voz do Farrell, mas ela parecia distante.

— Owen, pare!

— Ele já está morto, Owen! — Foi Carter quem pronunciou. Pisquei, procurando-o e o encontrando ao meu lado direito. — Você está batendo em um cadáver, irmão.

Foi então que pisquei algumas vezes, como uma forma de clarear minha mente. Ao encarar o homem abaixo de mim, me deparei apenas com uma bagunça de carne e sangue.

Meu peito subia e descia numa velocidade assustadora, e eu lutava para me recompor. Permaneci ali por um tempo, sem desviar o olhar. Só decidi me levantar quando comecei a me acalmar.

Olhei para minhas mãos feridas, notando que ainda tremiam um pouco. Tanto meus irmãos quanto Farrell não ousaram falar nada.

— Vou... — pausei, lutando para raciocinar — vou voltar para casa.

Eles continuaram em silêncio. Mesmo quando passei por eles, me afastando, meus irmãos não ousaram falar nada.



Quando Farrell e eu chegamos em casa, beirava as cinco da manhã. Ainda estava escuro e silencioso, então não imaginei que encontraria alguém de pé uma hora daquelas, mas me enganei.

— Pelo amor de Deus, Owen! — Amy estava parada ao pé da escada, com um copo de leite na mão, deduzi que para levar ao seu quarto. Seus olhos se arrastaram pelo meu corpo, ficando tensa na mesma hora. — O que você fez?

Fiquei parado no lugar quando ela marchou até mim, sem esconder a preocupação evidente

no olhar.

— Não é nada, Amy — murmurei, prestando atenção nela. Amy era uma mulher pequena em estatura, mas com um coração gigante.

Eu tinha dezesseis anos quando minha mãe faleceu em um atentado, mas meus irmãos ainda eram menores. Por isso, na época, nosso pai decidiu que seria necessário contratar uma babá. Amy foi a escolhida.

Algum tempo após ser contratada, ela e meu pai iniciaram um relacionamento.

Obviamente que demorei um pouco para aceitar outra mulher nas nossas vidas; na minha cabeça, Amy estava ali única e exclusivamente para roubar o posto da minha mãe. Porém, aos poucos, ela foi me conquistando e mostrando que não ocuparia o lugar de ninguém; pelo contrário, ela apenas desejava conquistar o próprio espaço. E conquistou.

Mesmo eu nunca tendo falado abertamente, eu a amava como uma segunda mãe.

— Como não é nada, Owen? Olhe para seu rosto e para suas mãos — apontou ela, me forçando a dispersar os pensamentos. — Venha... — chamou, caminhando na minha frente em direção à enfermaria da mansão —, vamos limpar isso.

Suspirei, derrotado, porque sabia que ela não descansaria enquanto não cuidasse de mim. Olhei para Farrell, que estava por perto.

— Nos vemos mais tarde — avisei, ciente de que em algumas horas, ele teria expediente na loja do Burke. — Fique atento a qualquer detalhe pertinente.

— Ficarei de olho, senhor!

Assenti com a cabeça e segui atrás de Amy. Ao entrar na sala, percebi que ela já havia preparado tudo para cuidar dos meus ferimentos.

— Sente-se! — Indicou a cadeira mais próxima. Ao me observar mais de perto, ela pareceu congelar no lugar. Talvez só agora, com a luminosidade revelando minha situação assustadora, ela tenha notado o estado em que eu me encontrava, coberto de sangue. — O que aconteceu? — indagou, engolindo em seco. — Mais uma das suas explosões?

Ela já havia testemunhado muitas vezes esse tipo de situação. No entanto, nunca demonstrou medo de mim.

— Precisei liberar minha raiva — respondi de forma simples, acomodando-me na cadeira.

— Machucou algum dos seus irmãos?

Neguei com a cabeça. Na verdade, esse sempre foi meu temor.

Amy soltou um suspiro áspero.

— Ótimo! — exclamou, se aproximando. — Tome o leite — apontou, pegando uma das

minhas mãos para examinar melhor. Havia alguns cortes.

— Não quero tomar leite.

Ela me encarou com os olhos semicerrados, como os de uma mãe irritada.

— Eu não perguntei se você quer.

Mesmo contrariado, peguei o maldito leite. Amy era uma das poucas pessoas que tinham coragem de me enfrentar dessa forma.

— Você precisa ter mais cuidado, ou vai acabar quebrando as mãos desse jeito — comentou de repente, quebrando o silêncio.

Coloquei o corpo no armário próximo, e isso a fez me encarar. Um sorriso iluminou seu rosto quando seus olhos se fixaram na minha boca. Em seguida, passou os dedos acima do meu lábio inferior.

— Você sempre deixa um bigodinho quando bebe leite — observou. — Parece um garotinho, o meu garotinho.

Fiz uma careta, mas não disse nada.

— Já disse que estou bem, Amy — insisti, quando ela começou a examinar meu rosto, também ferido.

— Quietos! — exclamou, me fazendo respirar fundo. — E pare de bufar, não seja malcriado! — Dessa vez, me permiti sorrir. — A propósito, vou precisar viajar.

Franzi o cenho.

— Para onde? — indaguei.

— Quero fazer uma visita ao meu pai — respondeu, suspirando baixo. O velho era seu único parente vivo. — Você acha que é seguro eu sair agora? Semana passada, recebi uma ligação da casa de repouso informando que ele deu uma piorada. Quero aproveitar para ficar perto dele antes de ele partir, Owen.

Ele sofria com Alzheimer.

Fiquei pensativo, absorvendo suas palavras. Era óbvio que não era o momento de arriscar, considerando que Aidan ainda estava solto, prestes a atacar a qualquer momento. Mas eu não podia negar um pedido da Amy.

— Vou organizar um comboio para você ir e vir em segurança — avisei.

Ela me encarou, ainda cuidando dos ferimentos do meu rosto. Madison havia herdado os traços dela.

— Obrigada, querido — soprou.



Não falei nada. Mesmo porque, não saberia o que dizer. Nunca me considerei bom com as palavras.

Então, na maioria das vezes, optava pelo silêncio.



Amanheceu, mas eu não fui capaz de dormir. Apesar disso, estava me sentindo melhor, mais calmo. Felizmente, a besta em mim estava controlada.

Por isso, permiti a entrada dos caçadores — Dexter e Christopher — na mansão, já que não tínhamos discutido o assunto que os trouxe ali. Pelo pouco que ouvi, estávamos lidando com outro sociopata rondando nossos negócios e nossa família. Contudo, a diferença era que aparentemente o alvo era nosso tio. Ao menos era nisso que eu queria acreditar.

Estava descendo as escadas quando algo chamou minha atenção de imediato, bem... alguém. Um “pacote” de pele quase translúcida, exibindo aquelas pernas torneadas e o traseiro empinado, onde era possível notar a marca da calcinha minúscula demarcando o tecido. Automaticamente, minha mente me levou para horas atrás, quando invadi seu quarto, tomado pela ira. Meu pau endureceu sem que eu pudesse evitar, porque relembrar da sua reação ao meu toque, aos meus dedos ao redor de seu pescoço esguio me deixou quase salivando. Jasmine era realmente uma garota que me surpreendia o tempo todo.

Ela conseguia despertar um lado meu que eu desejava manter adormecido, porque era mau. E, às vezes, ela parecia gostar das minhas atitudes malvadas com ela.

Enchendo meus pulmões de ar, terminei de descer as escadas, sem desviar a atenção da pequena criatura tentadora que eu fazia questão de marcar como minha em pensamentos.

— Que caixa é essa? — perguntei, apontando para a caixa em suas mãos.

Notei que ela deu um pulinho de susto, talvez por só ter notado minha presença naquele momento. Piscou um pouco, me encarando. Eu gostava que, por mais que estivesse com medo, ela não desviava os olhos dos meus.

— *E-eu* não sei... — respondeu, pigarreando — encontrei agora ali na porta. — Apontou.

Cheguei mais perto dela no instante que sua mão curiosa abriu a tampa para ver o conteúdo da caixa misteriosa. Antes não tivesse feito isso, porque o grito que ela deu foi ensurdecedor.

A caixa, outrora em seus braços, voou longe, assim como a cabeça de um homem.

Jasmine acabou tropeçando nos próprios pés, devido ao susto com o horror da cena. Ficou claro que era a primeira vez que ela presenciava algo tão horrendo. Seu rosto se tornou banhado de lágrimas. Logo, todos os demais apareceram para tentar entender o que estava acontecendo.

Desviei a atenção da Jasmine para a cabeça do homem que eu sabia bem quem era. Senhor Darci. O motorista da família desde a época do meu falecido pai.

Me aproximei e inclinei-me para pegar o pedaço de papel que foi grampeado no crânio dele.

*“Não pensem que estou acuado, garotinhos. Estou mais perto de vocês do que imaginam.”*

*Aidan.*

Putá que pariu!



## Owen

Eu estava tão absorto naquele bilhete em minhas mãos que demorei a perceber o alvoroço ao meu redor. Liam e Aurora tinham acabado de chegar, assim como Christopher e Dexter.

Notei que Jasmine estava desmaiada, e prestes a ser erguida pelo maldito caçador. Meu ódio, já fervilhando minhas veias com toda aquela merda de situação, se intensificou pelo ciúme. Marchei até eles.

— Eu pego ela! — decretei, sem dar brechas para discussões. Meu olhar para o Dexter foi tão ameaçador quanto o dele para mim. No entanto, ele decidiu se afastar. O clima já estava muito pesado para piorar com outra briga.

Madison e Amy estavam aflitas e inconsoláveis com a morte do senhor Darci. Sinalizei para Liam tirá-las dali, principalmente nossa irmã. Não era uma cena bonita de se ver.

Com Jasmine nos braços, subi as escadas, avisando para me aguardarem no escritório que logo voltaria para conversarmos sobre essa porra.

Instantes depois, entrei no quarto. Jasmine estava tão aconchegada a mim que, por um momento, permaneci parado, admirando-a, sem coragem de soltá-la. O encaixe era tão perfeito.

Levei uma das mãos ao seu rosto, tirando alguns fios de cabelo de seus olhos fechados. Deslizei os dedos pelos seus traços, brincando com seus lábios rosados. O narizinho empinado, as bochechas ruborizadas, o queixo delicado.

Linda. Uma verdadeira obra de arte.

Devagar, a deposei sobre a cama. Meus olhos se arrastaram do seu rosto ao restante do seu corpo delicado. Jasmine era pequena. Foi impossível não me recordar de horas atrás, quando estive ali naquele cômodo, com a mão em seu pescoço frágil, me deleitando com seus gemidos. Eu ainda podia escutar os sons que escapavam de sua garganta, mesmo ela se esforçando para contê-los. O som da sucção que os fluidos de sua boceta faziam em meus dedos.

Quando ela gozou, levou tudo de mim para não a tomar como um maldito animal. Porque era assim que eu me sentia perto dela, como a porra de um selvagem.

Trinquei os dentes, lutando para apagar as lembranças da minha mente. Girei nos calcanhares na intenção de me afastar da cama, mas parei quando Jasmine segurou minha mão. A dela, perdida na minha.

Encarei seu rosto, me perdendo no azul de seus olhos. Seu rosto estava um pouco vermelho devido ao choro, evidenciando sua sensibilidade.

— Aquele... — balbuciou, parecendo aflita com seus próprios pensamentos — aquele homem era... — engoliu com dificuldade — ele era da família? — Seus lábios formaram um beicinho adorável.

Desviei os olhos do seu rosto para nossas mãos entrelaçadas.

— De certa forma, era — respondi, rangendo os dentes. — Trabalhava para minha família há muitos anos.

Jasmine soluçou um pouco, passando a mão livre no rosto para enxugar as lágrimas que escapavam.

— *E-eu* sinto... muito — murmurou, enfraquecida.

Voltei a encará-la, absorvendo suas palavras, sua postura. Havia sinceridade nela, no seu olhar. E toda essa miríade de sentimentos, além da confusão em minha própria mente, estava me deixando angustiado. Era difícil administrar tudo, ainda mais com esse maldito medo de voltar a ser traído me sufocando.

— É melhor você ficar no quarto por um tempo — declarei, odiando a imagem dela e do Dexter juntos. — Eu não quero ser obrigado a tirá-la da mansão se você voltar a passar mal. Além disso, não a quero perto do caçador.

Ela piscou aqueles olhos lindos e intensos.

— Caçador? — inquiriu, genuinamente confusa. — Não entendi.

— *Dexter*. — Entortei os lábios ao pronunciar o nome do bastardo. — Não quero você com ele.

— Por quê? — quis saber. — Ele é meu amigo, Owen. Eu gosto dele. Não precisa ficar com ciúmes.

Arqueei as sobrancelhas diante da sua declaração audaciosa.

— Ciúmes? Quem disse que estou com ciúmes?

— A Aurora — respondeu. — Ela me disse que você brigou com o Dexter por estar com ciúmes de mim. — Tinha que ter dedo daquela intrometida.

Meus olhos continuaram nela, absorvendo sua beleza, embora a conversa me deixasse desconfortável. Jasmine expressava confusão em relação a muitas coisas, mas, ao mesmo tempo, sua aura de inocência me intrigava. Enquanto eu ponderava em acreditar nela, também me questionava se era possível existir alguém tão fora da realidade. Saber que meu tio, um homem podre, aparentemente criou um ser tão puro como um anjo, parecia surreal.

— Só fique longe dele — repeti, soltando sua mão. Endireitei o corpo, tenso.

Jasmine se ergueu, enxugando seu rosto molhado. Ameaçou sair da cama, mas parou com a chegada da Madison.

— Estou atrapalhando? — perguntou minha irmã. Sua voz soou frágil, partindo meu coração.

Neguei com a cabeça, enquanto abria os braços para recebê-la. Madison envolveu seus braços em minha cintura, fungando baixinho. Minha irmã tinha vinte e um anos, mas para mim sempre seria minha garotinha. Meu peito sufocava sempre que eu me recordava do tempo que ela passou desaparecida ao ser sequestrada. Apesar de ter voltado para casa há longos meses, sua mudança era perceptível. Minha princesa não era mais a mesma. Odiava saber que possivelmente algo muito ruim aconteceu a ela durante seu cativeiro, e essa constatação me enervava a ponto de a dor da impotência me deixar sem fôlego.

— Preciso que fique com a Jasmine por enquanto — pedi, beijando sua cabeça perfumada. — Ao menos até que limpem o hall de entrada.

Ela fungou, se afastando e passando as mãos no rosto molhado.

— A mamãe já entrou em contato com a família do senhor Darci — afirmou, com a voz embargada. — Precisamos dar todo suporte para eles, irmão.

— E nós vamos! — declarei sem pestanejar.

— Por acaso vocês sabem quem fez essa barbaridade? — a pergunta veio da Jasmine.

Virei a cabeça na direção dela, sem esconder minha revolta. Era difícil não direcionar minha raiva a ela.

— Foi o seu *papaizinho* — respondi, com os olhos cínicos e lábios tortos.

Ao proferir essas palavras, deixei o quarto com passos firmes, mas não sem antes captar sua expressão chocada.



— O que faremos? — Perguntou alguém, enquanto eu permanecia de costas, olhando pela janela. — Owen?

Virei-me para encarar meus irmãos, os caçadores, além de Sophie e seu irmão.

— Michael já conferiu as câmeras — explicou Sean. — Conseguimos identificar a placa do carro da transportadora que deixou aquela maldita caixa em nossa porta.

— E quem trouxe a caixa para dentro sem verificar o conteúdo? — questionei, me acomodando na minha cadeira.

— Também verificamos isso — respondeu Carter. — Levei os dois para a Sala dos Prazeres para uma conversa mais próxima. — Rangeu os dentes. — É inaceitável o que aconteceu.

— Podemos contribuir também — afirmou Christopher. — Com meus contatos, será fácil descobrir quem foi subornado para assassinar o pobre homem. Aliás, sinto muito pela perda de vocês.

— Eu gostava do senhor Darci — lamentou Sophie. — Sempre muito amável comigo quando eu vinha para cá. — Respirou fundo, visivelmente abalada. — Ele não merecia o fim que teve.

Esfreguei o rosto com força, pensativo, absorvendo todas as informações.

— Expliquem por que estão aqui — exclamei, sem disposição para amenidades. Não estava com paciência para cortesias. — Quem diabos é esse intrometido que está fuçando onde não deveria?

— O nome dele é Arnold Clark — informou Michael, se levantando com o laptop nas mãos. Virou a tela na minha direção para que eu pudesse ver. — Foi complicado reunir informações sobre ele, pois aparentemente ele é habilidoso em apagar seus rastros. Até agora, consegui coletar apenas o básico.

Concordei, com os olhos fixos na tela, analisando as informações.

— Ele é americano — murmurei.

— Sim, — confirmou. — Perdeu a esposa de uma maneira trágica, e suspeitamos que o assassinato dela tenha sido obra da Igreja.

— Por que acham isso? — questionei, curioso.

— Porque ele deixou a organização meses antes dela morrer — respondeu Sophie. — Sabemos que, uma vez dentro, você sacrifica sua vida. A lealdade deve ser ao Grão-mestre até o fim.

Meus lábios se contorceram de repulsa. Meu corpo ainda tremia com a raiva pela morte do meu motorista.

— No momento, não sabemos o que esse homem quer ao se envolver em nossos assuntos — alertou Kael. — Mas não podemos baixar a guarda.

— Infelizmente, com a revelação da identidade do líder da Igreja, a família de vocês ficou em evidência — explicou Michael. — Não é surpreendente que acreditem que todos vocês estejam protegendo Aidan.

— Realmente faz sentido — concordou Christopher.

— Precisamos marcar um encontro com esse homem — afirmei. — De certa forma, ele pode ser um aliado valioso em nossa busca por Aidan.

— Não estou disposto a dividir a vingança, Owen — rosnou Carter, seu olhar tão ameaçador quanto suas palavras. — Aidan é nosso tio, nossa responsabilidade.

Apertei a mandíbula concordando com ele. Não suportaria a ideia de outra pessoa se vingar de Aidan antes de nós.

— Vamos dar um jeito — decretei. — Não permitirei que mais ninguém toque naquele porco antes de nós. — Respirei fundo, voltando minha atenção para Michael, conhecido por suas habilidades em hackear. — Conseguiu rastrear a placa, afinal?

— Sim, — respondeu, sem desviar o olhar do laptop. — Parece ser de uma empresa de transportes.

— Deixe-me adivinhar — sugeriu Liam, estalando os lábios. — Burke?

Michael o encarou.

— Exatamente! — confirmou. — O furgão é de lá.

— Consegue rastreá-lo para descobrirmos exatamente onde o motorista está? — pressionei. — Talvez, ao pegarmos esse infeliz, possamos obter mais informações. Aidan deixou claro no bilhete que está por perto.

— Você suspeita que foi ele quem ordenou a entrega? — perguntou Sean.

— Não duvido de nada — resmunguei. — Aidan sempre foi audacioso.

— E agora, vocês têm o que é mais valioso para ele — disse Dexter, falando pela primeira vez desde o início da conversa. Apertei o maxilar, controlando meus instintos mais obscuros. —

Ele pode mudar sua forma de agir. Uma pessoa fora de controle pode cometer erros, pois não consegue raciocinar com clareza.

Apesar da raiva, concordei com ele.

— Encontrei! — exclamou Michael. — Consegui a localização do furgão.

— Ótimo! — comemorei. — Quero que vocês quatro sigam o rastro desse furgão — aponte para os trigêmeos e Michael. — E vocês — indiquei Christopher, Liam e Sophie — precisam ajudar a cuidar da família do senhor Darci. Tenho receio pela segurança deles.

— Retirá-los da cidade? — questionou Sophie.

— Do país — respondi. — Ofereçam uma quantia generosa para que não precisem mais se preocupar.

Todos se apressaram para sair do escritório. Quando Dexter se levantou para seguir os outros, o impedi de se afastar.

— Não você! — rosnei, fazendo um gesto com a mão. — Precisamos ter uma conversa. — Meus irmãos ficaram tensos. — Não se preocupem — revirei os olhos —, eu disse que vamos apenas conversar.

— Civilizadamente? — perguntou Kael.

Mostrei o dedo do meio para ele.

— Dê o fora! — rosnei, impaciente.

Assim que finalmente ficamos sozinhos, meus olhos se chocaram com os de Dexter. Ele era um rapaz silencioso, com uma aura que remetia a mistério. Desde a primeira vez que o vi, senti que havia segredos o permeando. Por isso, mandei investigá-lo.

— Quer uma foto? — provocou. — Ou devo me preocupar que você tenha se apaixonado por mim?

— Quero você fora — decretei, sem hesitar, ignorando sua zombaria ridícula. — Pegue suas coisas e volte de onde veio. Não preciso de você nem de sua ajuda.

Ele continuou me encarando com aquele ar de cinismo irritante.

— Você realmente acredita que tem controle sobre tudo e todos, hum? — retrucou, se ajeitando no sofá. Estava vestindo jeans e uma camiseta, um estilo bastante desleixado.

— No que diz respeito à minha família e aos meus negócios, sim, eu tenho!

Sua risada ecoou no ambiente.

— Desculpe te decepcionar, *capo* — seus lábios entortaram com isso —, mas não pode me dominar, muito menos mandar em mim.



Me coloquei de pé.

— Está me desafiando?

Ele continuou sentado, sem aparentar estar com receio do que eu pretendia ou não fazer com ele.

— Jasmine conquistou um espaço no meu coração que nem você e nem ninguém poderá apagar.

Me aproximei dele, com as mãos nos bolsos. Suas malditas palavras envenenando meus sentidos.

— Ela não é sua irmã desaparecida, Dexter!

Nesse momento, ele se ergueu num rompante e, antes que eu pudesse me defender, atingiu meu rosto com um soco.

— Não ouse falar do meu passado, seu filho da puta doente! — rugiu, ameaçando me socar outra vez, mas fui mais rápido e me esquivei. — Você não sabe nada sobre mim, *caralho!*

Estiquei meu punho e atingi seu rosto, cobrando o golpe que ele me deu antes. O idiota caiu no chão, mas conseguiu agir rápido e se jogar em mim, derrubando-me no chão também.

— Sei o suficiente para não querer que você fique perto da Jasmine — sibilei, me defendendo de seus golpes certos. — Eu não contratei você para encontrá-la, mas contratei o Christopher.

— Acha que a porra de um dossiê sobre mim já é suficiente para afirmar que me conhece, filho da puta? — inquiriu, me socando enquanto eu me defendia. — Você não sabe nada. Não sabe o que é sofrimento de verdade.

Nesse momento, consegui usar os joelhos para afastá-lo de mim. Meu pé atingiu seu rosto, fazendo sangue espirrar de seu nariz.

— Cale a porra da boca! — rosnei, entre dentes. Estávamos sentados no chão.

Ele riu.

— Você está tão cego pela raiva de ter sido traído que não percebe que esse sentimento o está envenenando aos poucos — afirmou. — Eu daria tudo para ter uma família como a sua, seus irmãos. — Se colocou de pé, passando a mão no seu rosto ferido. — Às vezes, a vingança não é a melhor opção.

— Então está dizendo que também não está em busca de vingança pelo que aconteceu com a sua família? — Fiquei de pé também, encarando suas costas.

— Estou, mas isso não significa que eu passe por cima de tudo e todos para me vingar de quem me fez mal — argumentou, com a voz afetada. — Jasmine é uma garota pura e inocente. Ela não faz ideia de quem é o pai dela ou quem ele representa.

— Não pode afirmar isso — sibilei, embora eu mesmo estivesse indeciso sobre muitas coisas sobre Jasmine.

— Posso — rebateu, me encarando com olhos ameaçadores. — E farei isso enquanto eu respirar. Você pode me expulsar da sua casa, da sua cidade, mas saiba que isso nunca vai me impedir de estar com ela, perto dela. Enquanto Jasmine precisar de mim, eu farei questão de estar lá para ela, você gostando ou não.

— Não ouse me desafiar, porque posso muito bem acabar com a sua vida. E farei isso com o maior prazer do mundo.

O idiota riu, como se não se importasse, ou como se não tivesse medo das minhas ameaças.

— Por que você não para de fingir que não se importa com ela e comece a agir diferente para variar? — intimou. — Mas já aviso — apontou o indicador — ouse magoar os sentimentos dela, e você vai se ver comigo. Sendo capo ou não, farei questão de destruí-lo com minhas próprias mãos, Owen. Porque ficou claro para mim que algo aconteceu ou está acontecendo entre vocês dois, ou ela não teria me ligado para perguntar sobre todas aquelas... *coisas* — torceu a boca, parecendo estar com nojo. — Se aquela pobre garota sair machucada nessa história, simplesmente porque você decidiu brincar com a ingenuidade dela, eu juro que...

— Que o quê? — o cortei, odiando que ele estivesse me ameaçando dentro da minha própria casa.

Ele apenas sorriu de um jeito sinistro.

— Nos vemos pelas sombras, capo — disse, me virando as costas e saindo do escritório.

Ao me ver sozinho, tentei não me abalar com todas as coisas que ele me disse, mas foi impossível.

*Porra!*



— O que encontraram, afinal? — perguntei, assim que estacionei o carro. Minutos atrás, Sean me ligou pedindo para encontrá-los. Carter, Kael, Michael e Christopher estavam ali também.

Beirava as sete da noite.

— Aquele é o furgão — apontou para alguns metros de nós. Estávamos em uma área residencial. — O seguimos por algumas horas até ele parar ali.

— Quanto tempo está parado? — perguntei.

— Bastante — respondeu.

— O motorista não saiu — disse Carter, lendo meus pensamentos, porque eu estava prestes a perguntar isso.

Estalei os lábios, absorvendo. Voltei a olhar ao redor, pensativo. Aquilo não fazia sentido.

— Se me permite dizer, senhor, isso está muito estranho — afirmou Farrell. — Está me cheirando a armadilha.

Ele tinha razão.

— Alguém precisa se aproximar — declarei no fim. — Não adianta ficarmos aqui tentando decifrar o que pode ou não ser. Temos que agir.

— Vocês sabem que pode ter uma bomba ali dentro, não é? — insinuou Christopher, recostado na lataria do carro. — Sou muito novo para morrer, logo, me recuso a me aproximar da morte.

Carter estapeou sua cabeça.

— Espero que não seja desse jeito que pensa em nos conquistar para conquistar nossa irmã.

O caçador o encarou com as sobrancelhas arqueadas.

— Eu não sabia que, primeiro, devo conquistar vocês. Confesso que isso não estava nos meus planos.

Sean socou seu estômago, fazendo Christopher se encolher.

— Porra! — gemeu.

— Se não quer ter trabalho para conseguir o direito de estar com a Madison, então saiba que vai morrer na praia, porque não vai passar pelos tubarões.

— Deixe-me adivinhar — Christopher arfou, erguendo a mão —, os tubarões são vocês?

Kael soltou uma risadinha.

— Você é esperto, caçador!

Sacudi a cabeça, irritado com essa palhaçada.

— Eu posso ir, senhor. — Farrell chamou minha atenção, apontando para o furgão. O ruivo me encarava com olhos firmes. — Posso me aproximar.

Endureci o maxilar, soltando o ar aos poucos.

— Tem certeza? — perguntei, desviando os olhos após ele assentir. — Está certo. Meus irmãos e eu te daremos cobertura.

Então, permanecemos mais afastados, enquanto meu fiel escudeiro se aproximava do furgão, esquadrinhando o veículo. Por mais que estivéssemos em uma área residencial, não havia nenhuma alma viva na rua. Com a arma em punho, Farrell chegou perto da porta do passageiro.

— Merda! — praguejou de repente e um disparo ressoou. Como eu estava logo atrás, a bala me atingiria, mas Farrell se jogou sobre mim.

— Puta que pariu, Farrell! — sibilei, empurrando-o para o lado, ouvindo seus gemidos. — O que você fez, seu idiota? — Pressionei seu braço, onde a bala atingiu de raspão.

— Eu vi uma mira laser, senhor! — Gemeu, se erguendo. — Veio daquela direção. — Apontou.

— O bastardo foi morto. — Ouvi um dos meus irmãos dizer, referindo-se ao motorista. Rapidamente me coloquei de pé e fui espiar o homem no furgão. — Acredito que a ordem era tentar atingir um de nós, em seguida, eliminar as provas — complementou Kael, verificando se o infeliz tinha a tatuagem no braço.

Enchi meus pulmões de ar, numa mistura de raiva e frustração.

— Deem uma boa verificada em tudo aqui — gesticulei para a área ao nosso redor. — Talvez exista algo de importante que não estamos vendo, além dos idiotas atiradores — complementei, frustrado. — Depois disso, encaminhem o furgão para que nosso pessoal faça a perícia.

Voltei a me aproximar de Farrell, ajudando-o a se colocar de pé.

— Você salvou minha vida — decretei, com a mão em seu rosto. — Jamais vou me esquecer disso.

Ele sorriu, mas nada tão abertamente. Farrell sempre foi discreto em suas emoções.

— Minha vida é sua, senhor.

Não falei nada.

— Está ferido? — Carter quis saber, examinando meu corpo. — Farrell?

— Ficarei bem! — disse o ruivo.

— Só depois de ser atendido por um médico — decretou Sean, se aproximando também, preocupado com meu fiel escudeiro.

— Cuidarei dele! — avisei, interrompendo toda aquela comoção. — Enquanto isso, façam o que pedi.

Dizendo isso, me afastei dali, sabendo que Farrell estava logo atrás.



Eu tinha acabado de acender um cigarro quando alguém começou a bater na porta do meu quarto. Passava da meia-noite, então eu não fazia ideia de quem poderia ser. Fazia pouco tempo que retornei para casa, após ter cuidado do ferimento do Farrell. Ainda me sentia em choque com a atitude dele em se jogar na frente de uma bala por mim.

Em meio a tantos traidores, era bom saber que nem tudo estava perdido.

As batidas continuaram, me obrigando a me afastar da balastrada da sacada e trilhar o caminho até a porta do quarto. Eu estava sem camisa, usando somente uma calça de moletom.

Assim que abri a porta, me deparei com a criatura que vivia infernizando minha mente.

— O que você quer dessa vez, Jasmine?

Não entendi se foi pelo meu tom de voz, ou se pela minha postura, mas a garota simplesmente começou a chorar. Um choro dolorido.

Fiquei travado quando ela decidiu que seria uma boa ideia se jogar nos meus braços, enrolando os pequenos braços ao redor da minha cintura. Os soluços envolveram meus ouvidos, me deixando incomodado de certa forma. Descobri que me fazia mal vê-la chorar.

A princípio, fiquei parado, sem saber o que dizer ou fazer. Dei uma longa tragada no meu cigarro, em seguida, aproveitei que estava perto da parede e apaguei, deixando a xepa em qualquer lugar.

— Jasmine... — deixei a fumaça se dispersar, enquanto me permitia tocar em suas costas, arrastando as mãos até chegar em seus ombros para afastá-la. Seu calor no meu era uma tortura. — O que foi?

Seu rosto estava banhado por lágrimas.

— Eu não consigo parar de pensar naquele pobre homem — disse, embargada, se referindo ao senhor Darci. — Nós temos que ir ao velório.

— Nem pense nisso — falei, nervoso com a ideia de ela sair daquela casa. — É muito perigoso.

Ela piscou, desviando os olhos chorosos dos meus.

— Então... precisamos fazer alguma coisa aqui mesmo, Owen, uma homenagem para aquele senhor. Ele doou a vida dele pela família Sullivan. Devemos honrá-lo em sua morte.

Pressionei os dedos em minhas têmporas, buscando paciência.

— Jasmine, eu estou cansado e...

— Vivo — ela me cortou, aflita. — Você está vivo, Owen. Acha justo que a morte daquele homem não seja honrada de certa forma? Não quero acreditar que você seja tão insensível assim!

Franzi o cenho diante de sua declaração.

— Mas eu nunca te dei motivos para pensar o contrário.

Seu rosto lindo voltou a se contorcer com novas lágrimas, uma enxurrada delas, me deixando sem saber o que fazer.

— Por que você é tão... tão... tão malvado? — indagou, entre soluços, me desestabilizando, porque a mágoa em seus olhos me feriu.

Busquei respirações ofegas, tenso diante de tudo aquilo.

— Tá legal, tá legal... — toquei seus ombros de leve, tentando confortá-la de alguma forma. — O que você propõe?

Fungou, sem deixar de me encarar. Passou as costas das mãos no rosto vermelho e inchado.

— Vamos lá fora — pediu, mas soou como uma ordem.

*Garota petulante.*



Minutos depois, tentei ignorar os olhares curiosos de todos os meus seguranças enquanto eu segurava algumas flores, que Jasmine ia colhendo e me entregando. Por mais que os xingamentos estivessem prestes a escapar da minha boca, me controlei ao máximo. Era evidente que a garota estava magoada, e eu não seria cruel a ponto de zombar de sua dor ou de seus sentimentos sinceros.

Jamais seria tão insensível.

Quando ela se deu por satisfeita, me conduziu para perto do gramado, onde não

correríamos o risco de sermos molhados pelo sistema de irrigação. Então, pegou algumas flores de minhas mãos e as depositou na grama.

— Rezo para que sua alma encontre paz, senhor Darci — disse, com os olhos no céu estrelado. — Nenhuma pessoa merece a morte que o senhor teve. Espero que o Criador o receba de braços abertos. — Fechou os olhos por um instante, como se estivesse rezando em pensamentos. Por um momento, fiquei a observando, admirado. O corpo frágil envolto no robe vermelho, os cabelos escorridos em suas costas. Havia tensão em seus ombros.

Arfei quando seus olhos se abriram e encontraram os meus de repente.

— Vamos — disse, apontando para o chão — agora é sua vez de prestar suas homenagens.

Pisquei algumas vezes, assimilando o que ela disse.

— Não tenho nada para dizer.

Ela ficou chocada.

— Como não tem? — rebateu, incrédula. — Madison me contou que o Senhor Darci trabalhava para sua família há muitos anos, Owen. Então, acredito que, se procurar direitinho em seu coração, vai encontrar algo bonito para dizer.

Meus olhos se desviaram para ela.

— Por que acha que sou capaz de pronunciar palavras bonitas? — inquiri, intrigado. — Desde que você chegou nesta casa, eu me empenho ao máximo para ser grosseiro com você.

Deu de ombros, apesar de pensar um pouco sobre o que falei.

— Por mais que você se esforce, eu consigo ver você, Owen. Eu enxergo você.

Absorvi sua declaração, lutando para compreender o que ela quis dizer.

Logo, ansioso para encerrar aquilo de uma vez, depus o segundo punhado de flores no chão, ao lado das que Jasmine tinha colocado. Era algo simbólico, eu sabia disso. Mas não deixava de ser estranho.

Respirando fundo, olhei para o céu. Eu não me lembrava da última vez que conversei com o Criador. Na verdade, deixei de acreditar Nele quando perdi minha mãe.

Pigarreei, numa mistura de nervosismo e constrangimento. Engoli em seco quando Jasmine entrelaçou os dedos nos meus, como se estivesse me dando apoio. Olhei para ela de soslaio, percebendo que estava de olhos fechados, concentrada em sabe-se lá o quê.

Suspirei, voltando meu foco para o céu.

— Obrigado pelos anos dedicados a mim e à minha família, Senhor Darci — falei, sentindo a voz grossa pela emoção. Eu realmente era grato a esse homem. — Espero que o senhor fique bem, onde quer que esteja, porque prometo que cuidarei da sua família enquanto eu

viver.

Me calei, olhando para Jasmine. Seus olhos emocionados estavam nos meus, causando-me todo tipo de sensação.

— Não foi tão difícil — ela soprou. Meu olhar a reivindicava como minha o tempo todo. — Como você está se sentindo?

— Normal.

Quase ri da sua careta fofa.

— Isso não pode ser verdade. Pare de ser malvado.

— Eu gosto de ser malvado, Jasmine — declarei, erguendo a mão e tocando seu queixo. Puxei-a para mais perto, aproximando nossos lábios, mas sem beijá-la. — Especialmente com você.

Prendi seu lábio inferior com os dentes antes de soltá-la e me afastar.

— Espero que não demore muito tempo aqui fora, *naomh* — falei, preso ao som de seu arfar excitado.

— Por quê? — indagou, me fazendo parar e girar a cabeça em sua direção. — Eu não vou fugir.

Me permiti abrir um sorriso maquiavélico.

— Seria interessante vê-la tentar de novo — declarei, me deleitando com as emoções cobrindo seu belo rosto.

Dizendo isso, finalmente girei nos calcanhares e saí.





## *Jasmine*

— Vocês duas estão chatas demais — soou Aurora, se jogando para trás, no colchão da minha cama. — Não aguento essas expressões de derrota.

Me assustei com o pulo do "insolentezinho" no meu colo. Ele estava crescendo absurdamente rápido e se tornando assustador.

— O senhor Darci foi assassinado, Aurora, então é normal que estejamos tristes — explicou Madison, um pouco seca. — Não acredito que você não tenha se sensibilizado com a morte dele. Foi horrível.

Estremeci, tentando evitar que a imagem do conteúdo daquela caixa voltasse a invadir meus pensamentos. As últimas horas foram preenchidas apenas com isso, o que me causou insônia. Não fui capaz de dormir ou de descansar. Mesmo tendo prestado homenagens ao homem, em companhia do Owen, eu não consegui descansar minha mente.

E para piorar, as palavras do Owen continuavam se repetindo em meus pensamentos, me deixando refém das dúvidas. Eram muitas.

Porque eu saí da Escócia com a promessa de que estaria indo para junto do meu pai, só que isso não aconteceu, e fui parar na Irlanda, entre pessoas que aparentemente não gostavam do meu pai. Eu não compreendia o motivo de estar sendo mantida ali, nem o motivo de meu próprio pai já não ter aparecido para me buscar. Embora eu não soubesse mais se ficaria feliz em partir.

Aos poucos, eu vinha encontrando uma família naquele lugar, além de um novo sentimento sempre que estava perto do Owen. Era estranho e angustiante, porque eu não entendia direito o que se passava dentro de mim.

— Claro que me sensibilizei — resmungou Aurora. — Não sou um monstro. A diferença é que não me permito ficar abatida por tanto tempo.

— Tudo aconteceu ontem, Aurora, pelo amor de Deus! — exasperou-se Madison, se levantando. Parecia visivelmente chateada. — Você é realmente esquisita.

— Ei?! — Aurora exclamou, ofendida, mas Madison já estava seguindo para a porta de saída. Nem deu tempo para Aurora se defender. — O que deu nela?

Suspirei.

— Tristeza — respondi, me concentrando no pelo do "insolentezinho". — Imagino que não deve estar sendo fácil para ela. Eu, que não tinha convivência com o homem, me sinto muito mal com tudo.

— Quer conversar um pouco? — quis saber. — Vejo que está angustiada. O que houve, além disso?

Mordi os lábios, aflita por ela ser tão perspicaz. Claro que, às vezes, eu pensava em contar a elas sobre todas as coisas que Owen e eu fazíamos quando ninguém estava olhando. Eu desejava compartilhar com mais alguém todas as sensações e sentimentos que ele me fazia sentir, apesar de viver expondo aos quatro ventos que me odiava.

Se me odiava, por que vivia me tocando? Não fazia sentido.

— Jasmine...

Olhei para ela.

— Owen acusou meu pai de ter feito aquilo com o senhor Darci — revelei, nervosa. Meu coração sangrava apenas com a ideia disso. — Não consigo entender todo esse ódio, Aurora. Por que Owen odeia tanto o meu pai?

— A pergunta não é essa, querida — respondeu, tensa. Dava para perceber a raiva exalando dela. — Mas o que seu pai fez a essa família.

— E o que ele fez, afinal? — insisti. — Porque até o momento, ninguém me disse nada. Só sabem acusá-lo de coisas horríveis, mas não me explicam nada.

Aurora inspirou fundo, massageando sua barriga, e em seguida, se levantou.

— Infelizmente, não posso te dar respostas. Apenas o Owen tem essa autoridade.

Fiz uma careta, pois Owen só sabia me deixar mais confusa do que eu já estava e parecia se divertir com isso.

— Mas ele nunca me fala nada — sibilei, revirando os olhos. — É um homem muito malvado!

Aurora soltou uma risada.

— Experimente soltar algumas palavras pesadas — sugeriu. — Os xingamentos têm um sabor especial quando usamos as palavras certas.

— Como assim?

Ela respirou fundo.

— Tente usar, *hmm...* — fez uma pausa para pensar — este: vá se foder!

— Para que serve?

— Você usa quando quer que a pessoa se dê mal, que se afaste de você. Pode usar também o: vá tomar no cu! É a mesma ideia do primeiro.

Franzi o cenho, pensativa, assimilando.

— Os palavrões que eu mais gosto são: caralho e filho da puta. Eu uso quando estou com muita raiva e quero xingar alguém.

— Então, se eu quisesse xingar o Owen agora, eu podia chamá-lo de filho da puta? Isso se aplica a ele?

Aurora voltou a rir.

— Perfeitamente! — exclamou, parecendo orgulhosa. — Você aprende rápido, garota.

Acabei rindo junto.



Mais tarde, optei por deixar o quarto e sair em busca de alguém para conversar. Pelo que percebi, Aurora já tinha ido para sua casa, e Madison estava reclusa, ainda entristecida com tudo o que havia acontecido. Deduzi que também estivesse abalada com a viagem repentina de sua mãe. Amy partiu ao amanhecer, e vi o momento em que deixou a mansão, acompanhada por uma frota de carros. Não sabia quanto tempo ela passaria fora, mas supus que seriam alguns dias.

Desci as escadas, pensando em sair para dar um passeio no jardim, mas mudei de ideia. Decidi seguir por um caminho ainda inexplorado, frequentemente percorrido pelos rapazes. A mansão era tão grande que eu não conhecia todos os cômodos.

De repente, comecei a ouvir barulhos como se fossem de uma luta. Me aproximei da porta da sala, aflita com o que pudesse presenciar. Sean, Carter e Kael estavam ali, envolvidos em uma briga intensa. O ambiente estava carregado, pesado pelo clima ruim.

— Não posso acreditar que vocês três estão brigando! — exclamei, entrando no local e batendo os pés para dar ênfase às minhas emoções. — Vocês são irmãos, não deveriam se ferir desse jeito.

Os três interromperam a luta e direcionaram os olhares para mim. Percebi que estavam dentro de uma espécie de gaiola, mas não entendi muito bem o que era.

— Não estamos brigando, princesa — afirmou Carter, saindo de lá e vindo me receber. Notei que estava suado, sem camisa. Na verdade, os três estavam. — Isso se chama treino.

Franzi o cenho.

— Treino?

— É uma forma de descarregar nossas energias, além de aperfeiçoar nossas técnicas de luta — explicou Sean.

— Descarregar energias — repeti. — Faz sentido.

— Às vezes, descarregamos o peso do dia, fodendo mesmo — mencionou Kael, mas recebeu um cutucão de Sean.

Pisquei.

— Fodendo?

Carter se colocou na minha frente, roubando minha atenção para si.

— Não liga *pra* ele — disse, pigarreando. — Sean é campeão em falar besteiras. — Sorriu, me puxando para me sentar. Logo, os outros dois também saíram da tal área de treino e vieram se juntar a nós. — E então, querida? Quem nós temos que matar por tê-la magoado? Porque sinto que você está um pouco triste. Por acaso tem a ver com o que aconteceu com o senhor Darci?

Pisquei, processando suas palavras. Eu já estava me acostumando com toda aquela agressividade deles; comecei a entender que isso era normal ali.

Passei as mãos no meu vestido, enxugando as mãos úmidas de suor.

— Você está deixando-a nervosa, seu idiota — resmungou Sean, estapeando Carter. — Deixa a Jasmine respirar um pouco.

— Não estou fazendo nada, porra!

— Você está sufocando ela, será que não percebe? Bastardo do *caralho*! — rebateu Kael.

— O único bastardo que vejo aqui é você, cuzão! — rosnou Carter.

Comecei a rir.

— Cuzão — repeti, achando graça da palavra. Os três me encararam, divertidos. — É um xingamento diferente. Aurora me ensinou alguns, menos esse.

Eles riram.

— A cria do satanás já está querendo levar nossa protegida para o mau caminho — argumentou Carter, sacudindo a cabeça, embora estivesse com uma expressão divertida no rosto.

— Temos que tomar cuidado, ou ela vai colocar Jasmine a perder — mencionou Sean, pensativo.

— Aurora é o próprio caos na Terra e...

— Do que estão falando, afinal? — perguntei, interrompendo-os. — Não vejo problema em aprender alguns xingamentos. Eu realmente tenho dificuldade em entender algumas coisas e expressões, especialmente quando vocês falam em gaélico. — Fiz uma careta, pois fui criada no inglês britânico, e era o único idioma que sabia falar.

— Estamos apenas preocupados com as coisas que aquela criatura dos infernos possa te ensinar, querida, só isso.

— Não falem assim da Aurora — fiz uma careta. — É feio.

Eles voltaram a rir.

— Feio é o mundo lá fora, querida — declarou Carter, tocando meu rosto. — Por isso queremos mantê-la aqui dentro, segura.

Pisquei, assimilando sua declaração.

— Isso tem a ver com o problema de vocês com o meu pai? — perguntei, aproveitando a oportunidade.

Os três se empertigaram, incomodados com a mudança de assunto.

— Não podemos falar sobre isso com você.

Fiquei irritada.

— Por quê?

— É um assunto que o Owen nos proibiu de falar — foi Kael quem respondeu.

— Vocês têm tanto medo dele assim, para obedecê-lo?

Carter sorriu, voltando a tocar no meu rosto, dessa vez beliscando meu nariz. Uma carícia singela.

— Não é medo, querida — explicou. — É respeito.

— Nós o respeitamos como o capo desta família, além de ser nosso irmão mais velho — complementou Sean.

Não comentei nada, mas compreendi o que tentaram dizer. Fez sentido para mim, então eu

respeitei a decisão deles.



Sob o peso da agitação que dominava meu corpo, decidi procurar Owen em seu quarto, uma vez que ele parecia estar se esquivando de mim desde o nosso momento no jardim, quando prestamos homenagens ao senhor Darci.

Ao chegar à porta de seu quarto, dei duas batidas e aguardei, mas não houve resposta. Insisti com mais algumas batidas, mas ainda assim, nada aconteceu. Decidi, então, tomar a iniciativa de abrir a porta e espiar seu interior. Percebi que a cama estava vazia, assim como a sacada. Ao adentrar o cômodo, pausei por um instante para absorver o inconfundível perfume de Owen que impregnava o ambiente. Era uma fragrância que eu reconheceria em qualquer lugar.

Quando recuperei minha concentração, notei que a luz do banheiro estava acesa. Aproximei-me cautelosamente, preocupada ao perceber gemidos que se misturavam ao som do chuveiro. Inquieta, abri a porta do banheiro, que já estava entreaberta.

Encontrei Owen nu, olhos cerrados, uma das mãos apoiada no piso e a outra envolvida em movimentos rápidos e constantes em seu pênis ereto. Fui cativada pelos gestos que ele fazia.

— O que você está fazendo? — não controlei minha curiosidade, chamando sua atenção.

Imediatamente, ele parou, me encarando com olhos assustados, talvez surpreso por eu pegá-lo desprevenido ao invadir seu quarto.

— Que inferno é isso, Jasmine? — rosnou, um pouco resfolegante. — Você não aprendeu a bater na porta?

— Mas eu bati na porta — me defendi, sem desviar o olhar de seu membro ereto. — Não me culpe por você não ter escutado o meu chamado.

Ele desligou o chuveiro.

— E é por isso que decidiu entrar sem ser convidada? — sibilou.

— Por que está tão irritado?

— Não estou.

— Pare de mentir.

Ele respirou fundo e, em seguida, soltou o ar lentamente, mantendo os olhos fixos em

mim.

— Você já entrou no quarto de algum dos meus irmãos assim, sorrateira? — perguntou com a voz grave. — Já viu algum deles sem roupas como está me vendo agora?

Desviei meu olhar pelo seu corpo, focalizando naquela parte que mais me instigava a tocá-lo.

Neguei com a cabeça.

— Você me proibiu, lembra? — respondi, estendendo a mão para tocar seu pênis, mas ele me deteve, segurando meu pulso. Nossos olhares se encontraram.

— Por que você não me deixa tocar? Está com raiva? É por isso que está assim, tão grande e... ereto?

— Você é realmente uma criaturinha tentadora, não é? — insinuou, envolvendo minha cintura e me trazendo para perto, deixando-me sentir sua ereção contra meu abdômen. — Nada me enlouquece mais do que pensar que sou o único a tocar você assim, o único a se perder entre suas pernas do jeito que eu quiser.

Arfei, ansiando por um beijo, mas ele me soltou e se afastou. Apesar de estar meio atordoada, o segui pelo quarto. Não gostei de vê-lo vestindo uma cueca.

— Por que se escondeu de mim? — perguntei, inclinando a cabeça para o lado. — Ficou com vergonha?

Sua risada ecoou no quarto, mexendo com algo dentro de mim, especialmente entre minhas pernas, já sensível pelo seu toque no banheiro. Owen percebeu, pois se aproximou novamente.

— Não se esqueça com quem está lidando, querida — sussurrou ele, explorando meu corpo trêmulo. — Eu sou um alfa. E saiba que estou faminto.

Parou atrás de mim, pressionando-se contra minhas costas. Dei permissão para seus lábios tocarem meu pescoço, intensificando meus arrepios.

— Owen... — gemi.

— O que veio fazer no meu quarto? — Sua língua roçou minha pele febril, estremecendo meus músculos. — Porque tenho certeza de que não veio simplesmente para me espionar. — Deu uma risadinha, agravando meus tremores.

Abri a boca em busca de ar, lutando para raciocinar sobre sua pergunta.

— *E-eu...* vim conversar sobre o meu pai — respondi, jogando a cabeça para trás em seu ombro, enquanto sua boca me castigava, assim como suas mãos em meus seios. — Quero entender o motivo para vocês o odiarem.

Uma de suas mãos abafou meu grito quando seus dedos beliscaram meus mamilos,

enviando uma corrente elétrica por todas as minhas terminações nervosas.

— Por que eu responderia algo sobre o porco do seu pai?

Choraminguei, esfregando uma perna na outra, ansiosa por qualquer atrito que pudesse amenizar o desconforto.

— Porque eu preciso entender, Owen. Não é justo comigo.

Ele riu novamente, mordiscando minha pele com força, deixando marcas. Em seguida, me soltou, e quase perdi o equilíbrio nos meus próprios pés. Quando o encarei novamente, uma mistura de emoções me atingiu, pois tudo o que vi em seu olhar foi a fome.

Crua e carnal.

— A partir de agora, sempre que você invadir meu quarto, farei questão de confiscar algo seu — decretou, lambendo os lábios ao me analisar da cabeça aos pés. Voltou a se aproximar, segurando-me pelo queixo. — Até não sobrar nada e você se tornar completamente minha.

Eu deveria ficar assustada. Deveria virar as costas e retornar ao meu quarto.

Mas a única coisa que fiz foi espalmar o peito dele, desejando sentir sua pele sob meus dedos mais uma vez. Surpreendi-me com o rápido pulsar do seu coração, semelhante ao meu.

— Está batendo rápido — observei.

— É pela ansiedade de te devorar, *naomh*.

*Céus!*

Não proferi palavra alguma. Não por falta de algo a dizer, mas porque literalmente perdi a capacidade de falar. Sim, eu estava perdida e incapaz de compreender os alertas do meu próprio subconsciente.





## Owen

Salivando. Era assim que eu me encontrava naquele momento, com os olhos fixos na criatura diante de mim.

A maneira como ela me encarava, numa mistura de ansiedade, expectativa e medo apenas intensificava minha fome por ela. A vontade de roubar sua inocência crescia.

No fundo, eu tinha consciência de que deveria mandá-la embora, afastar-me dela e mantê-la longe das minhas mãos. No entanto, Jasmine não me dava trégua. Além de ocupar meus pensamentos vinte e quatro horas por dia, ela desenvolveu o hábito de invadir meu quarto, meu espaço pessoal.

Minha mente ainda estava atordoada com a possibilidade de ela fazer o mesmo no quarto de um dos meus irmãos. A fúria me inundava apenas com a ideia de ela flagrar um deles se masturbando, como aconteceu comigo, instantes atrás. Desde nosso momento inusitado no jardim, longas horas atrás, eu tentava evitá-la, tentando proteger nós dois, porque não confiava em mim mesmo sozinho com ela.

Não com toda a fome que me consumia.

— Tire a camisola! — ordenei, sem desviar os olhos dela.

Eu podia perceber os tremores percorrendo seu corpo delicado, mas ela obedeceu à minha ordem. Jasmine continuava me encarando, sem esconder a ansiedade, além da cobiça e curiosidade em relação ao meu próprio corpo. Era uma tarefa árdua conter suas mãos curiosas, evitando que alcançassem meu pau. Se eu permitisse que ela me tocasse, seria difícil controlar meus instintos.

Engoli com dificuldade quando Jasmine retirou a camisola, levantando o tecido de seda sobre a cabeça. Seus seios delicados se destacaram na minha direção, aguçando meu apetite. Desloquei meu olhar para baixo, focando na sua calcinha mínima. Permaneci em silêncio, apreciando seu desconforto evidente. Ela se esfregava sutilmente, expondo seu incômodo. Sabia que meus toques sutis a deixaram excitada; não seria surpresa se sua boceta estivesse molhada.

Diminuí a distância que nos separava e envolvi sua cintura com meu braço possessivo. Meus lábios encontraram a pele de seu pescoço, enquanto uma das minhas mãos explorava seu seio, encaixando-se perfeitamente em minha palma áspera. Um gemido audível escapou dos lábios de Jasmine, fazendo meu pau pulsar dolorosamente. Era como se eu estivesse corrompendo um anjo puro, envolvendo-a aos poucos em minha escuridão.

— Owen...

— *Shh...* — interrompi qualquer tentativa de fala sua.

Então, virei seu corpo para ficar de costas para mim, pressionando meu pau contra seu traseiro empinado. Uma das minhas mãos permaneceu em seus seios, enquanto a outra desceu para explorar sua calcinha. Tive que segurar Jasmine, pois ela parecia prestes a desfalecer aos meus pés.

— Já que você insiste em não me deixar em paz, vou começar a atormentá-la, *naomh* — sibilei, mordiscando sua orelha. — Por que não consegue se manter longe de mim, *hmm*? Gosta de me provocar, de me desestabilizar...

Sua boceta estava tão encharcada que precisei me conter, buscando uma respiração profunda para me controlar e resistir à tentação de jogá-la na cama.

— Eu não...

Ela se calou quando forcei um pouco meu dedo em sua abertura. Imaginar que muito provavelmente ela ainda fosse virgem me fazia sentir uma vontade esmagadora de rugir como um selvagem. Amassei seus seios, beliscando seus mamilos com firmeza, enquanto explorava sua orelha e pescoço com minha língua, traçando caminhos por sua pele sedosa e perfumada.

Quando atingiu o ápice, eu a segurei contra mim, mantendo-a próxima até que se acalmasse. Era extraordinariamente bela. Claro que, ao longo dos meus trinta e oito anos, muitas mulheres passaram pela minha cama, mas nenhuma se comparava a Jasmine. Pelo menos, não com toda essa inocência e ingenuidade.

Era como se eu tivesse o poder de moldá-la conforme minha vontade.

Girei seu corpo na minha direção, encantado com a satisfação em seu olhar. Inclinei-me para beijá-la, introduzindo minha língua em sua boca e roubando tudo o que ela tinha para me oferecer. Levei-a até minha cama, onde nenhuma outra mulher estivera antes. Sem perder tempo, retirei sua calcinha.

— Por que você diz que eu o atormento? — questionou, parecendo sem forças. — Eu só... gosto de estar perto de você, Owen.

Ajoelhei-me no colchão, mantendo o olhar fixo em sua boceta cintilante, uma visão rosada e deliciosa.

— Por quê? — questionei, me aproximando. Posicionei-me com os braços sob suas coxas, mantendo suas pernas amplamente abertas para mim e permitindo o acesso aos seus seios. — Por que você gosta de estar perto de mim?

Jasmine se contorceu sob meu controle, uma mistura de sensações a envolvendo enquanto tentava entender minhas intenções.

— O-o que você vai... oh — ela se atrapalhou com as palavras no momento que minha boca tomou sua boceta. — Owen, isso é...

— Eu te devorando — declarei, soprando suavemente seu clitóris inchado, mantendo suas pernas abertas. — Era isso que você queria, não era? Que eu estivesse entre suas pernas... — enfiei a língua em sua entrada, simulando a penetração. Jasmine, incapaz de articular palavras, estava totalmente imersa nas sensações.

Deslizei meus dedos até sua boceta, cobrindo-os com seus fluidos. Mantendo a sucção, apliquei pressão em seu clitóris, brincando com esse aglomerado de nervos. Ao tentar introduzir um dedo, percebi que Jasmine ficou um pouco desconfortável.

*Virgem. Droga!*

A fera dentro de mim rugiu alto em meus ouvidos, clamando... minha, minha, minha, minha...

Sem desviar o olhar, observando sua reação, continuei a explorar sua boceta com minha língua, de cima a baixo, sugando seu clitóris e o envolvendo entre meus dentes. Brinquei com seus mamilos, aplicando uma pressão calculada, apenas o suficiente para fazê-la se perder.

— Owen... — ela balbuciou, começando a chorar — Owen... Owen...

Continuei a estimulá-la com minha língua, ansioso para presenciar o momento em que ela se desmancharia em minha boca. Deliberadamente, lambi cada centímetro dela, reivindicando o que me pertencia.

Quando comecei a subir por seu corpo, beijei cada parte, demorando-me especialmente nos seios de tamanho médio, onde os bicos rosados exibiam um tom escuro e atraente. Ao pausar acima de seu rosto, me perdi por um instante em seus olhos azuis, pesados de excitação.

— Está cansada? — indaguei, deslizando os dedos por seu rosto perfeitamente esculpido.

— Estou — murmurou, bocejando um pouco.

Aproximei meus lábios dos seus, sugando-os e os prendendo entre meus dentes. Em seguida, desci até seu queixo.

— O problema é seu, pois ainda não terminei com você, *naomh*.

Ela arfou no instante em que abaixei minha cueca, liberando meu pau e roçando-o em sua boceta molhada. Não tinha a intenção de penetrá-la, apenas de provocar.

Juntei nossas bocas para abafar qualquer som que pudesse alertar os outros, mantendo um ritmo constante enquanto esfregava meu pau em seu clitóris. Gradualmente, Jasmine voltou a gemer, me segurando com firmeza. Suas unhas cravando em minhas costas aumentavam minha excitação, despertando meus instintos mais primitivos.

Afundi meu rosto na curva de seu pescoço perfumado, mordendo com intensidade e sugando sua pele. Inevitavelmente, Jasmine fez o mesmo comigo, mordendo meu ombro e pescoço. Esse foi o gatilho necessário para meu orgasmo. Afastei-me rapidamente, ejaculando em sua barriga e roçando meu pau em sua pele marcada.

Eu poderia até considerar mandar tatuar meu nome em sua pele.

Pisquei, afastando meus pensamentos tumultuados quando a atrevida se ergueu, deslizando os dedos pelo meu líquido em sua pele. Parecia fascinada. Desta vez, não a impedi quando sua mão alcançou meu pau para sentir a umidade que ainda escorria ali.

Minhas pupilas dilataram no momento que ela levou os dedos lambuzados até sua boca, provando meu sabor.

Nua na minha cama. Cabelos desalinhados. Pele marcada, avermelhada e suja com meu gozo. Eu iria para o maldito inferno com prazer, porque aquela cena se repetiria muitas e muitas vezes.

— É salgado — disse, sugando os dedos com avidez, como se fosse algo muito saboroso.

Essa garota estava prestes a me enlouquecer.

Se deitou novamente, aconchegando-se em meus lençóis, sonolenta. Fiquei tão atordoado com o que acabara de acontecer que demorei a processar todas as implicações. Ela não podia dormir ali.

*Putá merda!*



A densa fumaça se espalhava pelo meu rosto, mas eu não conseguia desviar os olhos da minha cama, onde Jasmine dormia de modo sereno, completamente alheia ao meu tormento. Ela permanecia nua, com sua boceta exposta aos meus olhos famintos. Já se passou mais de uma hora e meia desde que ela adormeceu, exausta após os três orgasmos que lhe proporcionei, mas

eu resistia ao impulso de me perder novamente entre suas pernas e retomar meu lugar naquele espaço que parecia pertencer a mim.

Esta era a primeira vez que eu me sentia tão descontrolado diante de uma mulher. Desde jovem, sempre me considerei possessivo com minhas coisas, mas isso nunca aconteceu com nenhuma garota. Na verdade, mal recordava os nomes delas.

Com Jasmine, era diferente.

Eu fazia questão de observar suas reações, de acompanhar suas descobertas, de presenciar como ela reagia aos meus toques, às minhas palavras grosseiras. Era como se ela tivesse se tornado meu passatempo favorito. No entanto, agora que a provei, tudo mudou.

Retomei meu cigarro, mergulhando em pensamentos. Fora dessas paredes, o mundo parecia desabar, desestabilizando-me, pois me sentia pequeno diante da tempestade que ameaçava afogar minha família. Cada lembrança de que Aidan ainda estava vivo, rondando e ameaçando quem eu amava, inflamava minhas veias de ódio.

No passado, ele havia roubado minha confiança. Agora, eu estava determinado a confiscar o único bem que ele mais amava. E ali estava o tesouro, reluzindo entre meus lençóis.

O som de batidas na porta do meu quarto quebrou meus devaneios. Levantei-me rapidamente, apagando o cigarro no chão. Ao abrir a porta apenas parcialmente, me deparei com Kael.

— O que você quer? — inquiri, fixando os olhos nele e no corredor atrás.

Percebendo minha atitude defensiva, ele tentou espiar o interior do meu quarto para entender o que eu estava tentando esconder.

— Acabamos de receber a informação de que o furgão explodiu a caminho da nossa equipe de perícia — relatou. — Não sobrou nada.

Trinquei o maxilar, assimilando a notícia. Depois que deixei o local com Farrell, meus irmãos continuaram lá, investigando e buscando qualquer pista que pudesse nos levar a Aidan. Infelizmente, nada foi encontrado.

A única esperança era que a perícia encontrasse vestígios do assassino do motorista, já que o homem estava morto quando chegamos.

— Estamos de volta à estaca zero — resmunguei, detestando me sentir tão impotente.

— Não necessariamente — ponderou. — Agora sabemos que Aidan tem uma conexão mais profunda com Burke do que imaginávamos.

Ponderei suas palavras, concordando com ele. De repente, Kael me empurrou para ter uma visão mais ampla do meu quarto, mais especificamente, da minha cama.

— Aquela ali é a Jasmine? — perguntou, incrédulo.

Coloquei o braço à sua frente, impedindo-o de entrar.

— Não fale alto, porra, ou vai acordá-la!

A maneira como ele me olhou foi assustadora. Fiquei surpreso com sua reação, me segurando pelo pescoço e esbarrando meu corpo contra a parede. Não me defendi. Desejava ver até onde ele iria.

— O que pensa que está fazendo com a garota, *caralho*? — sibilou, quase espumando de raiva. — Por acaso você e ela... vocês dois...

— Claro que não! Eu não a toquei — menti. — Essa garota pegou o hábito de invadir meu quarto o tempo todo, mesmo eu a expulsando constantemente. — Mantive os olhos nos seus, querendo que ele visse que eu falava sério. Essa parte não era mentira, afinal. — Pelo menos, é o meu quarto, onde ela não corre o risco de eu fazer qualquer coisa indevida... — testei, desejando saber o que ele sentia.

Na mesma hora, Kael me soltou e fez uma careta enojada, tal qual Carter fez quando insinuei algo do tipo.

— Eu jamais a olhei com outros olhos — defendeu-se, parecendo estremecer de leve. — Jasmine é como uma irmã para mim. Aliás, ela é pura demais para bastardos como nós, Owen. Nenhum de nós a merece.

Nisso, ele estava certo.

Porém, meu pau não se importava com o certo e o errado.

Esfreguei meu pescoço, sem tirar os olhos do meu irmão, tenso, e sem esconder o incômodo por ver Jasmine na minha cama.

— Por que ela está na sua cama, afinal?

*Porque eu a fiz gozar tantas vezes que ela acabou ficando cansada e sonolenta.*

— Porque ela é problemática e não conhece a palavra limites — respondi no fim. — Essa garota acredita que eu me tornei algum tipo de desafio, então quanto mais eu a ignoro, mais ela quer se aproximar.

Kael continuou me encarando, com o maxilar rígido. Podia sentir sua luta interna em acreditar em mim ou não.

— Tem certeza de que não a corrompeu?

Semicerrei os olhos para ele.

— Não force a barra, Kael — murmurei, sentindo minha irritação aumentar. — Ainda sou seu irmão mais velho e o chefe desta família.

— E aquela garota ali, apesar de ter dezenove anos, não tem experiência de vida alguma

— apontou para Jasmine, que dormia. — Christopher nos disse que ela não tinha amigos. Os capangas de Aidan tinham ordens de não se aproximar dela mais do que o necessário. Jasmine é completamente pura em todos os sentidos, Owen. Corpo, alma e espírito. Se, por acaso, você pensar em usá-la nessa vingança, saiba que não vamos permitir.

Não respondi.

Meu silêncio fez com que ele se afastasse, pisando duro.

Fechei a porta, encostando a testa na madeira fria. Respirei fundo antes de me virar, deparando-me com a visão atordoante de Jasmine se remexendo, dobrando uma das pernas e me permitindo vislumbrar sua boceta.

Aproximei-me da cama, hipnotizado pela sua nudez. Poderia passar horas a admirá-la sem me cansar.

Permaneci ali por mais algum tempo até que algo chamou minha atenção. Cheguei mais perto, dando a volta na cama. Inclinei-me sobre Jasmine, levando a mão até seu pescoço, onde uma corrente enfeitava. O problema não era o acessório em si, mas sim o pingente: uma cruz.

Uma maldita cruz de Caravaca. O símbolo do Grão-mestre.

Quando Aidan ainda estava infiltrado em nossa família, descobrimos que todos os membros da Igreja, além das tatuagens indicando seu nível de hierarquia na organização, também carregavam um pingente com a cruz de Caravaca. E isso não era o pior; a substância introduzida na joia era cianeto.

Com o coração acelerado, forcei a corrente de seu pescoço, tentando entender por que Aidan teria dado isso para sua própria filha. Foi o suficiente para que ela acordasse, assustada.

No mesmo instante, Jasmine levou sua mão ao pescoço.

— Minha... minha corrente — balbuciou, ainda meio sonolenta. Olhou para mim, que estava de pé diante dela. — Me devolva. — Sentou-se na cama, esticando a mão. — Ela é minha, Owen. É a única lembrança que tenho do meu pai.

Sua voz carregava uma mistura de angústia e raiva pelo fato de eu ter mexido em algo tão pessoal. Guardei a corrente no meu bolso. Jamais devolveria. A ideia de pensar nela se suicidando com aquilo me deixava doente.

— Foi bom que você acordou — declarei, ignorando suas palavras. — Assim, poderá voltar ao seu quarto.

Ela piscou aqueles olhos lindos para mim. Porra! Começaram a nublar com lágrimas não derramadas. Tentei focar em outra coisa, mas era difícil, porque ela estava nua.

Nesse caso, era mais fácil lidar com seu choro.

— Quero minha corrente de volta — insistiu, mantendo a mão estendida. — Devolva.

Estalei os lábios, endireitando meu corpo. Eu estava sem camisa, vestindo apenas uma calça de moletom.

— Você sabe por que seu pai lhe deu esse pingente? — questionei.

Ela estava com a respiração descompassada, mas pareceu ponderar um pouco sobre minha pergunta.

— Para que ficássemos sempre juntos.

Rangi os dentes. Maldito! Maldito!

Caminhei até a borda da cama onde sua camisola estava dobrada, peguei e entreguei a ela.

Ficou observando o tecido. O pequeno beicinho de choro que fez foi tão adorável, que eu tive que me conter para não me inclinar e mordê-lo.

— E a minha calcinha?

Soltei um sorriso malicioso.

— Não vai precisar mais delas quando estiver aqui — murmurei, lambendo os lábios ao notar seus sutis tremores.

Jasmine vestiu a camisola, ocultando sua nudez dos meus olhos famintos. Seu rosto estava úmido pelas lágrimas.

— Por que pegou minha corrente? — quis saber, sem desistir de pegar a joia de volta. — Ela é minha, Owen. Você não pode tirá-la de mim.

A raiva sempre me consumia quando o assunto envolvia aquele porco do meu tio.

— Você ainda não entendeu que não possui nada aqui, garota? — rosnei. — Desde o momento que atravessou a porta desta casa, deixou de ser dona de si mesma para pertencer a mim. — Não achei necessário revelar que eu desconfiava que seu pai desejava manipulá-la a tirar a própria vida.

Seu rosto se contorceu novamente.

— Qual é o motivo do seu ódio por ele? — perguntou, com a voz embargada. — O que meu pai fez para você?

Entortei os lábios, deixando minha mente vagar por todas as lembranças envolvendo meu tio.

— Ele me traiu de uma maneira que ninguém jamais fez — admiti. — Já te arrancaram o coração do peito, Jasmine? — Ela fungou, negando com a cabeça, incapaz de falar. — Foi exatamente isso que seu *amado* pai fez comigo.

Inquieto com o rumo da conversa e a situação, me distanciei dela e da cama. Sem perder tempo, dirigi-me à porta.



— Por favor, saia do meu quarto! — Apontei para o corredor. — Não quero ter que dar explicações se alguém a encontrar aqui pela manhã.

— Por quê? — perguntou, se aproximando lentamente, visivelmente abalada.

Rolei os olhos.

— Como, por quê? Porque não é certo, já que nós dois não somos um casal e...

— Não foi isso que perguntei — ela me interrompeu. — Eu perguntei por que você está descontando em mim a sua mágoa pelo meu pai?

A expressão magoada em seu rosto e a angústia em sua voz me deixaram tão atordoado que não fui capaz de proferir nenhuma palavra, nem mesmo quando ela saiu do quarto.

*Porra!*



O ambiente ao redor emanava uma atmosfera agradável e familiar, um contraste aparente com o homem alguns metros à frente, tranquilamente sentado em uma das mesas.

Caminhei pelo espaço, sem me importar com nada nem ninguém, pois meu foco estava totalmente voltado para meu alvo. Ao parar diante da mesa de Burke Davis, ele me encarou com uma expressão confusa.

— Algum problema, senhor? — questionou, olhando ao redor. — Acredito que você errou de mesa, não?

Retirei meus óculos escuros, revelando um sorriso gélido.

— Estou exatamente onde deveria estar, Burke. — Dobrei os óculos, alimentando-me de seu medo. — Imagino que saiba quem eu sou, não é mesmo? — Tomei meu lugar à mesa. — Já fez os pedidos? — Indaguei com cinismo. — Ou prefere esperar sua esposa? *Ops*, é a sua amante de anos, hum?

Seu rosto empalideceu enquanto ele olhava para todos os lados, ponderando uma possível fuga.

Retirei meu cachecol e, em seguida, coloquei minha pistola na mesa, camuflando-a com o cachecol.

— Será melhor ficar bem tranquilo, e prometo que não farei nada desagradável com você

— ameacei, no momento que ele cogitou se levantar.

Percebi que ele engoliu em seco.

No início da manhã, Christopher me ligou para compartilhar tudo o que descobriu sobre o sujeito. Burke era o típico empresário corrupto, sem lealdade a nenhum lado. Ele apoiava quem oferecesse mais dinheiro. Sua vida pessoal era ainda mais sórdida; casado há muitos anos e pai de três filhos, mantinha dois casos extraconjugais. Surpreendentemente, uma dessas amantes era a esposa de um traficante local.

— O que você quer? — perguntou, pigarreando.

— Conversar — respondi, abaixando a arma. — Antes de tudo, saiba que meus irmãos estão nos fazendo companhia — indiquei discretamente ao redor, onde os trigêmeos e o Liam estavam posicionados, observando nossa mesa.

Burke quase teve um colapso. O sujeito era mais velho que eu, talvez por volta dos quarenta ou cinquenta anos.

— Eu não sei de nada — disse repentinamente.

Franzi o cenho, rindo.

— Mas eu nem fiz as perguntas ainda — murmurei, entre risadas. Peguei então meu celular e selecionei uma das fotos do álbum. — Eu gostaria de apresentar a esposa de um dos traficantes que trabalham para mim — mostrei a tela para ele, que arregalou os olhos. — Imagino que ele ficaria muito chateado se soubesse que algum idiota anda comendo a mulher dele. — Estalei os lábios. — Particularmente, eu viraria um demônio se fosse comigo.

Tentei ignorar a imagem de Jasmine que invadiu meus pensamentos sem ser convidada. Seu olhar magoado insistia em martelar minha mente, mesmo eu lutando para evitar.

— Afinal, o que você quer, porra? — rosnou, se inclinando sobre a mesa.

Ergui as mãos, fingindo inocência.

— Está nervoso? — ironizei, debochado.

— Você está me ameaçando.

Endureci o maxilar.

— Eu nem comecei — decretei, permitindo que ele visse um pouco da minha *Caixa de Pandora*<sup>[1]</sup>. — Me diga o que sabe de Aidan Sullivan. Quero o paradeiro dele.

Piscou rapidamente.

— Não faço a menor ideia de quem você está falando.

Busquei respirar fundo.

— Um de seus furgões foi utilizado para fazer uma entrega na minha casa recentemente, Burke — relatei, devagar. — E a entrega consistia na cabeça do meu motorista. Então, ou você coopera comigo, porque não sou idiota, ou prometo que vou ligar o foda-se e meter uma bala bem na sua cabeça de merda, aqui e agora.

Os olhos dele voltaram a se arregalar. Dava para ver o suor escorrendo de sua testa devido ao seu nervosismo.

— Estou dizendo que não sei de nada, cara — insistiu, aflito. — As transferências foram feitas através de um aplicativo, e as recomendações do que eu tinha que fazer por e-mail. As caixas de entregas de terceiros são lacradas, então nós não mexemos.

— Então está me dizendo que vocês não sabiam que estavam carregando a cabeça de um homem naquela maldita caixa? — perguntei, enquanto sinalizava para Michael, que se aproximou. Burke gelou na mesma hora, mas se manteve travado na cadeira. — Pegue os dados das contas dele e rastreie tudo — pedi ao Michael.

Burke pegou a carteira com os documentos e entregou tudo a Michael, assim como o aparelho celular.

— Como eu disse a você, eu sou apenas um peão — disse em sua defesa.

Covarde do *caralho*!

Em poucos minutos, Michael suspirou baixo.

— Não dá para chegar a lugar nenhum com isso — afirmou. — As contas são fantasmas.

Soquei a mesa, com raiva.

— Droga! — rosnei, cerrando os dentes.

Esfreguei o rosto agressivamente e, em seguida, me ergui.

— Posso ir agora? — quis saber Burke, ansioso para se livrar da situação. Nas investigações de Christopher, ficou claro que ele não fazia parte da Igreja, como suspeitávamos.

Em instantes, meus irmãos se aproximaram, ocupando os assentos à mesa.

— Sinto muito, mas parece que meus irmãos ainda têm algumas dúvidas — falei, voltando a colocar meus óculos.

— Mas você prometeu que não ia fazer nada comigo se eu cooperasse.

Sorri.

— Você está certo! — exclamei, apoiando a mão no ombro dele. — Eu não farei nada. Só não posso dizer o mesmo dos meus irmãos.

Dizendo isso, me afastei, tirando um envelope de dinheiro e entregando ao dono do lugar.

Apesar da frustração, eu sentia que estava perto de Aidan. Era só uma questão de tempo. E quando eu colocasse minhas mãos naquele infeliz, nem mesmo Deus me impediria de destruí-lo.



*Jasmine*

## *Alguns dias depois*

— O que há com você? — perguntou Madison, me encarando com olhos questionadores.  
— Tem estado tão silenciosa ultimamente. Aconteceu algo que não quer nos contar?

Girei a cabeça na direção dela.

— Não duvido que o Owen esteja envolvido nisso — argumentou Aurora, suspirando. Ela exibia mais volume e peso com o avançar da gravidez, e seu mau humor parecia se intensificar.

Eu poderia compartilhar com elas, abrir meu coração sobre tudo o que vinha me afligindo. Mas algo me impedia. Talvez fosse o medo, não sabia ao certo. A verdade era que meu peito estava apertado, meu coração reduzido a algo tão pequeno quanto uma ervilha desde que cheguei nesta casa. Aceitei as palavras rudes de Owen, tentei ser compreensiva de alguma forma, mesmo sem entender completamente o motivo pelo qual ele me tratava com tanta frieza.

Então, ele me tocou daquela forma íntima, reivindicando-me como sua em todos os sentidos. Owen tinha o poder de me dominar por completo. Era capaz de confiscar minhas forças e minhas energias, deixando-me à sua mercê. Apenas pensar na maneira como ele me tocava já me deixava sem fôlego, pois eram sensações nunca experimentadas. Era como se eu estivesse nua diante dele, não apenas fisicamente, mas também em minha alma.

Só que ele retirou algo de mim que me feriu profundamente, e eu não sabia como lidar com isso. Apesar dos problemas dele com meu pai, não era justo que me culpasse. Fiquei magoada ao perceber que, não importava o que eu fizesse ou dissesse, Owen não me aceitaria

por perto. Ele não me queria. Sua raiva pelo meu pai era mais poderosa do que qualquer coisa ou qualquer pessoa.

— Jasmine? — Pisquei ao ouvir a voz de Madison. Ela estava diante de mim, com um olhar preocupado. — Quer conversar?

Inspirei fundo, assimilando. Não, eu não queria conversar. Estava cansada de falar e não ser compreendida.

Suspirei baixo.

— Vou dar um passeio lá fora — avisei, com os olhos na paisagem fora da janela. — O dia está tão bonito que prefiro sair um pouco.

— Leve o "insolentezinho" com você — sugeriu Aurora.

Apenas assenti, desviando os olhos da Madison, que não escondia a preocupação e a curiosidade.

Deixei para trás a sala, com o pequeno cão me seguindo de perto, agora grande e imponente. O sol castigava, tocando minha pele pálida com intensidade. Inclinei a cabeça para trás, me permitindo sorrir diante da agradável sensação de ser envolvida pelo impacto da natureza e pelas criações divinas. Por um breve momento, após tantos dias, experimentei uma sensação de bem-estar.

Olhei para o lado, onde o cão estava.

— Você também está apreciando? — perguntei, acariciando seu pelo. — É impossível não se conectar com a natureza. — Sorri levemente.

Prossegui na caminhada, fazendo o possível para ignorar os olhares dos homens armados ao meu redor. Era curioso que a sensação de segurança muitas vezes vinha acompanhada da presença de armas perigosas. Na Escócia, recordava-me de viver sob circunstâncias semelhantes, cercada pelas mesmas coisas, embora fosse proibida de me aproximar. Não havia amigos naquele ambiente.

Apenas seguranças.

Meu único refúgio consistia nas visitas do meu pai, a única pessoa que expressava seu amor por mim. Uma lágrima escorreu dos meus olhos, mas eu a sequei rapidamente.

Aproximei-me da ampla piscina, decidindo me sentar à beira, deixando minhas pernas mergulharem na água refrescante. Inclinei-me para trás, me apoiando nas mãos, enquanto balançava os pés dentro da água. No fundo, ansiava por esquecer, nem que fosse por um breve momento, a minha realidade. A realidade em que eu não tinha mais nada. Sem casa. Sem família. Sem segurança. Nem mesmo minhas próprias roupas eram realmente minhas.

O que isso dizia sobre mim? Que eu era um estorvo na vida das pessoas ao meu redor?

Sentindo meus olhos úmidos novamente, tirei meu vestido pela cabeça e decidi me lançar

na água. Mantive-me no fundo, olhos cerrados, entregando-me aos meus pensamentos distantes. Mexendo os braços e as pernas, flutuei, completamente imersa em lembranças do meu passado, uma época em que eu me sentia pertencer a algo, a algum lugar.

De repente, levei um susto ao perceber alguém surgindo ao meu lado na água, envolvendo meu corpo com braços fortes.

*Owen.*

— O que você acha que está fazendo, droga? — ele rugiu, me arrastando para fora da piscina. — Por que tirou as roupas para tomar banho de piscina?

Ele estava visivelmente mais irritado do que o normal.

Deixei-me ser conduzida por ele, como se fosse uma boneca à mercê de sua vontade. Desde que fui expulsa do seu quarto dias atrás, decidi evitar qualquer contato com ele. Não o encarava mais e evitava permanecer no mesmo ambiente que ele. Sentia-me tão magoada quanto irritada, e essa mescla de emoções estava me confundindo e sufocando.

Permaneci imóvel enquanto ele pegava seu paletó do chão e me cobria com ele, seus olhos atentos ao redor. Era tão pequena perto dele que sua roupa se assemelhava a um vestido em mim.

— SAIAM DAQUI, PORRA! — rosnou para seus homens, passando a mão em seu rosto molhado; até mesmo seus sapatos estavam molhados. — VOU ARRANCAR OS OLHOS DE QUEM OUSAR OLHAR PARA ELA!

Fúria. Era isso que o dominava naquele momento. De maneira estranha, Owen conseguia ficar ainda mais bonito assim; seus olhos claros ganhavam uma tonalidade mais escura. E eu me via atraída por essa intensidade.

— O que você estava pensando, Jasmine? — Sua atenção se voltou para mim. — Eu já disse que você não pode tirar as roupas na frente das pessoas.

— Engraçado que você não vê problema quando faço isso na sua frente — retruquei, notando suas pupilas dilatando e suas narinas inflando. Ele ficou momentaneamente sem palavras. — Mas eu sinto muito se causei problemas. Prometo me manter reclusa no meu quarto a partir de agora, *senhor*.

Tentei passar por ele, mas sua mão larga envolveu meu braço. Tremores percorreram meus músculos, da cabeça aos pés. Por que ele exercia tanto poder sobre mim?

— O que há com você? — inquireu.

A confusão em seu olhar era genuína.

— Além do fato de você ser um constante idiota? — repliquei. — Ou de viver me destratando sem motivo aparente, além de insistir em me considerar sua propriedade, um objeto seu? — Lágrimas inundaram meus olhos, e eu me senti ainda mais tola.

Me soltei de seu agarre.

— Jasmine, eu...

— Devolva a corrente que meu pai me deu — pedi, interrompendo-o. — Nada me magoou mais do que você ter me tirado isso, Owen. — Minha voz vacilou.

Ele apertou o maxilar, claramente tenso.

— Não posso devolver.

Meu rosto se contraiu ainda mais. E, pela primeira vez, eu desejei xingá-lo.

— Você é um... é um... filho da puta!

Minhas palavras o deixaram perplexo. Nesse momento, os trigêmeos surgiram, confusos com a cena.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou um deles. — Por acaso você está nua? Caramba!

— Vou fazer questão de arrancar os olhos de cada um de vocês, *caralho!* — rosnou Carter, olhando para os seguranças.

Owen voltou a me segurar pelo braço, parecendo desesperado.

— Jasmine, espera, eu...

Quando sua mão me virou para ele, senti a minha se fechar em punho. O golpe foi certo no seu rosto.

A atmosfera ao nosso redor parou, restando apenas minha perplexidade e a dele diante da minha atitude.

— Você... me bateu? — inquiriu, atordoado.

Seus irmãos gritaram ao nosso redor, numa mistura de surpresa e vibração. Aflita, olhei para minha mão, sentindo-a doendo.

Notando a intenção de Owen em se aproximar, eu me afastei de seu toque. Não o queria perto de mim. Carter, percebendo a situação, fez questão de me pegar no colo.

— Nós vamos cuidar dela, Owen — avisou, sem dar espaço para discussões. Até porque, Owen mal parecia estar raciocinando sobre tudo o que acabara de acontecer.





— O que aconteceu com ela? — perguntou Madison, assustada, quando Carter entrou no quarto comigo. — Por que a Jasmine está molhada?

— Ela está nua, por acaso? — balbuciou Aurora, meio incrédula.

Ao ser colocada no chão por Carter, percebi que mal olharam para mim, incluindo Sean e Kael, que se viraram de costas instantaneamente, eriçados.

— Ajudem a Jasmine a se secar e colocar uma roupa — pediu Kael, pigarreando. — Esperaremos lá na enfermaria para cuidarmos da mão dela.

— O que tem a mão dela? — perguntou Madison, aproximando-se de mim. Aurora foi mais rápida e puxou minha mão para examinar.

— Você socou alguém? — perguntou, com os olhos brilhando. — Por favor, me fala que foi o Owen.

Carter deu risada.

— Não seja uma cadela, cunhada — mencionou ele. — Owen é seu líder e merece respeito.

Ela estalou os lábios, mostrando o dedo do meio para ele.

— Pode ser o meu líder, mas não é por isso que sou obrigada a beijar a bunda dele.

Eu estava me tremendo toda devido ao frio causado pelas roupas molhadas. No entanto, eu desconfiava que não era apenas o frio, mas também nervosismo por tudo o que aconteceu.

— Venha, querida. — Madison me puxou pela mão, esforçando-se para manter o paletó fechado ao redor do meu corpo e esconder minha nudez —, vou te ajudar a se recompor.

Mesmo tentando controlar minhas emoções, elas estavam evidentes para quem quisesse ver.

— Quer conversar? — perguntou ela, assim que entramos no banheiro. — Estou preocupada com você, Jasmine. Saiba que pode confiar em mim, okay? Sei que talvez eu não seja a melhor amiga, mas... — ela se calou —, na verdade, eu nunca fui boa em fazer amigos. — Deu de ombros, parecendo tímida.

Arranquei o paletó do Owen do meu corpo, sentindo o cheiro dele impregnado em mim, na

minha pele.

— Meu irmão mais velho estava com você, suponho — observou ela, pegando a peça de roupa da minha mão, claramente reconhecendo como sendo de Owen.

Funguei, passando uma das mãos no rosto banhado de lágrimas.

— Ele me tirou da piscina porque decidi entrar na água sem roupas.

Madison ligou o chuveiro, mas me encarou, perplexa.

— Por que tirou as roupas para entrar na piscina? — Rubor invadiu seu rosto. — Nós não podemos ficar nus em público, Jasmine. É errado e... perigoso.

Pisquei, assimilando suas palavras.

— Perigoso?

Dirigi-me para debaixo da água morna, gemendo com a sensação prazerosa que me envolveu. Madison permaneceu parada, encostada na porta do box. Logo, Aurora entrou no banheiro também.

— O que é perigoso? — quis saber, intrometendo-se na conversa.

— Jasmine disse que tirou as roupas e se jogou na piscina. Por isso que ela estava molhada e com o paletó do Owen, porque meu irmão a tirou de lá — explicou Madison. — E eu estava dizendo que não podemos ficar nus em público, porque é indecoroso e perigoso.

Aurora arqueou as sobrancelhas, pensativa.

— Nem todos os homens têm o hábito de nos respeitar, Jasmine — disse no fim. — Por isso reforço a importância de aprendermos autodefesa, entende? Se algum idiota pensar que pode se dar bem com você, basta alguns golpes para mostrar quem é que manda.

— Se dar bem comigo?

Madison baixou a cabeça, com o rosto mais vermelho que minha pele debaixo da água. Aurora suspirou, enquanto massageava a barriga.

— Você sabe o que um casal faz quando quer estar junto, né? — intimou. — O sexo. A união do pênis com a vagina...

— Aurora! — Madison parecia escandalizada com o assunto.

Meus pensamentos iam e vinham nos meus momentos com Owen, no que fazíamos quando ninguém estava olhando.

— O que foi? — inquiriu Aurora, dando de ombros. — Ela precisa compreender algumas coisas, pela própria segurança dela — complementou. Então, me encarou. — Existem alguns sujeitos que se acham no direito de nos tocar sem nossa permissão, Jasmine, e esses são os mais perigosos. Claro que não é justo que tenhamos que nos esconder por causa de cretinos como

esses, mas a Madison tem razão quando ela afirma que nós, mulheres, temos que nos resguardar. É pela nossa segurança. Compreende?

Absorvi tudo.

— Sim, eu entendi — falei com sinceridade.

Tudo o que ocorreu entre Owen e eu foi prazeroso, mas porque eu permiti. Eu quis que ele me tocasse, que me envolvesse em seus braços. Estremecia só de imaginar outro no lugar dele.

— Ótimo! — exclamou. — Agora, por que não nos conta sobre sua mão machucada? — Apontou.

Ergui a mão, percebendo que estava inchada.

Desliguei o chuveiro, pegando a toalha que Madison gentilmente me entregou.

— Eu fiz como você me ensinou, mas a raiva me deixou cega e acabei fazendo algo de errado — murmurei, chateada comigo mesma. — Nunca fiquei tão irritada como fiquei com o Owen. Ele... ele — pausei, tentando encontrar as palavras certas — é teimoso, controlador e mandão. Ainda não entendo por que ele roubou minha correntinha e...

— Correntinha? — murmurou Aurora.

Nós três já estávamos fora do banheiro.

— Um presente do meu pai — respondi, sentindo o engasgo do choro me dominar. — E o Owen tirou de mim sem nenhum motivo aparente, além de querer me ferir. — Funguei.

— Qual era o pingente? — perguntou Madison.

Terminei de colocar um vestido.

— Uma cruz.

Nenhuma das duas fez nenhum comentário. Em vez disso, se entreolharam. Pensei em questionar, mas me sentia exausta demais para isso.



— Temos que aprimorar seus golpes na próxima vez, querida — mencionou Sean, pressionando uma bolsa de gelo na minha mão. — Mas tenho que admitir que você foi muito corajosa. — Me encarou, piscando um olho.

— Na verdade, ela foi audaciosa mesmo — acrescentou Kael, rindo — fez o que nós ansiamos muitas vezes, mas não fazemos por respeito.

Os três estavam ao meu redor, assim como Madison e Aurora.

— No fundo, acho que vocês têm medo mesmo, seus bundões — provocou Aurora, entre risos.

Kael a encarou com os olhos semicerrados, ameaçando se aproximar dela.

— Você anda muito atrevida, cunhada — afirmou ele, enquanto ela dava passos para trás.

— Nem pense em se aproximar, Kael, estou carregando essa bola gigante no lugar da minha barriga — ela avisou, embora estivesse rindo.

As brincadeiras continuaram, com Liam chegando e entrando no clima descontraído também. De repente, Owen apareceu na porta, fazendo as risadas desvanecerem.

— Quero falar com Jasmine a sós — decretou ele.

Carter segurou minha mão livre.

— Está tudo bem para você? — quis saber. — Saiba que se você não quiser falar com nosso irmão, você não será obrigada.

Percebi que Owen não gostou nem um pouco disso, pois um rosnado escapou dele.

— Eu não sou nenhum selvagem, Carter — sibilou, entrando na sala. — Não se esqueça com quem está falando. Sou o dono e chefe desta família.

— Mas não é o dono da Jasmine — rugiu Sean, igualmente tenso. — Só queremos ter certeza de que ela está confortável em conversar com o cara que ela decidiu socar, por sabe-se lá qual motivo.

Aflita por presenciar a briga deles por minha causa, pressionei a mão no ombro do Carter, que estava mais perto de mim.

— Está tudo bem — soprei, com meu coração batendo nas costelas. Pigarreei, tentando não me concentrar nos olhos do Owen, que me desnudavam. — Vocês podem sair.

Apesar de hesitantes, eles saíram. Madison me abraçou antes de se afastar; pressionou a mão no ombro do Owen, que sorriu para ela. Um sorriso sincero. Algo raro.

Assim que a porta se fechou, ele olhou para mim. A princípio, permaneceu parado, parecendo sem jeito. Fiquei em silêncio, apenas o observando. Estava com os primeiros botões da camisa abertos, deixando-me espiar alguns pelos destacando de sua pele. A calça em tom de azul escuro o deixava ainda mais imponente.

Com o maxilar trincado, ele se aproximou mais. Fiquei imóvel enquanto ele invadia meu espaço pessoal, segurando minha mão na dele. Meu golpe no seu rosto não deixou sequer um

arranhão, já que não havia nenhum hematoma aparente. Diferentemente da minha mão, que estava inchada e vermelha.

— Está doendo? — perguntou, erguendo os olhos para os meus, enquanto tocava os nós dos meus dedos. — Você poderia ter quebrado a mão, Jasmine.

— E você se importaria?

Sua testa ganhou alguns vincos.

— Não gosto da ideia de vê-la machucada — respondeu. — Posso ser rude na maioria das vezes, mas nunca gostei de presenciar uma mulher ferida, independentemente de quem seja.

Assimilei suas palavras.

— Independentemente de quem seja... — repeti — o que isso significa?

Ele encheu os pulmões de ar, soltou minha mão, visivelmente incomodado com algo, mas não entendi o quê. Tê-lo ali tão perto estava me deixando meio zozinha, um pouco perdida diante da presença dele.

— Não significa nada — resmungou, pigarreando. — Eu só... não gostei do que aconteceu. Você não deveria ter feito o que fez.

Pisquei.

— Então está me dizendo que eu não deveria ter deixado minha raiva dominar? Porque foi exatamente isso que aconteceu, Owen. Você me fez sentir tão insignificante que tudo o que eu consigo pensar é em ir embora o mais longe possível de você.

Minha declaração o deixou pálido, embora ele tenha disfarçado a tempo.

— Não vou permitir que se afaste de... *desta casa*. — Por um instante, pensei que ele diria que não permitiria que eu me afastasse dele.

Nervoso, enfiou a mão no bolso e retirou um embrulho bonito, em tom vermelho. Fiquei atenta quando ele abriu e derramou o conteúdo em sua própria mão. Era uma corrente de ouro, com um pingente em formato de flor. Uma flor de Jasmim.

Linda e delicada.

— Para você. — Estendeu para mim.

Mesmo hesitante, eu peguei. Meus olhos se tornaram úmidos mais uma vez, enquanto eu admirava a joia.

Meu choro o deixou mais angustiado, pois seu corpo se tornou rígido.

— Imaginei que você fosse gostar e...

O encarei ali, tão perto.

— Você não entende mesmo, não é? — o interrompi, passando a mão no meu rosto para enxugar as lágrimas que desciam sem parar. — O problema não foi a joia, Owen, mas o significado que ela traz aqui — pressionei meu peito, sobre o coração. — A corrente que você tirou de mim foi um presente do meu pai, algo especial entre nós dois. Logo, nenhuma outra vai ocupar o lugar dela. — Estendi a joia para ele, que pegou, meio atordoado.

Deslizei da maca em que estava sentada. Como eu caí de mal jeito no chão, acabei tropeçando um pouco, então Owen enrolou minha cintura com seu braço. Arfei, embora tivesse ficado meio rígida com seu toque.

— Eu não... — balbuciei, nervosa, me recordando das palavras de Aurora —, não quero que me toque.

Como se eu tivesse lhe dado um tapa, ele se afastou, um pouco contrariado.

Enxuguei o rosto e, em seguida, saí da sala, ciente da força de seu olhar em mim a cada passo.



Era madrugada quando despertei com a presença de alguém no meu quarto. Owen estava pressionando a mão levemente no meu rosto.

— O que você...

— Eu só quis verificar se você não estava com febre — disse, me cortando. Ele estava com roupas de dormir. — Como a sua mão inchou um pouco, fiquei preocupado que o ferimento pudesse deixá-la febril.

Permaneci o encarando, tentando entendê-lo.

— Você é um homem estranho — aleguei, sacudindo a cabeça, perplexa.

— Diz isso por eu estar cuidando de você?

— Isso não é cuidar — retruquei. — Quem cuida, não magoa.

Notei que o impacto das minhas palavras o atingiu com força. Inspirou fundo, enquanto depositava a corrente em cima do armário de cabeceira. Mas ainda não era a que meu pai me deu.

— Leve de volta — rosnei, impaciente. — Não é essa que eu quero.

— Às vezes, nós nem sempre sabemos o que queremos, *naomh* — afirmou, com os olhos nos meus.

— Afinal, o que significa esse apelido?

Ele sorriu, se inclinando sobre mim, embora sem me tocar. Apenas decidiu que seria certo roubar meu ar e meu raciocínio.

— *Santa*. É isso que significa.

— Santa? — repeti, perdida em seu aroma e com seus lábios ali, tão ao alcance dos meus.  
— Não faz sentido algum.

Ele continuou sorrindo, me causando irritação.

— Para mim faz.

Pigarreei, me afastando dele e de seu corpo tentador.

— Agora vejo que você é realmente um homem rude e... *cuzão*!

Arregalou os olhos, chocado.

— Cuzão?

— Sim, e filho da puta. Também tem aquele outro... — pausei, tentando me lembrar — ah, bastardo do *caralho*! — Empinei o nariz, me sentindo forte por conseguir dizer aquelas palavras para ele.

Ele fez uma careta, claramente surpreso e assustado.

— Eu prefiro a sua versão menos malcriada, *naomh*.

Dizendo isso, se afastou, dirigindo-se à porta de saída. O problema foi que ele saiu, mas seu perfume permaneceu.

Mesmo que eu quisesse focar em outra coisa, não conseguia. Não com todo o poder que Owen exercia sobre mim.

Ainda deitada, estiquei a mão e peguei a corrente que ele deixou. Por um momento, me permiti sorrir com o pingente da flor.

— Você é um homem complicado, Owen — murmurei, para mim mesma, sem tirar os olhos da joia. — E perigoso.

Suspirei enquanto me ajeitava na cama, de barriga para cima. Mantive a corrente na minha mão, pressionando-a contra meu peito.

Aurora tinha razão em suas palavras de precaução, mas ela se esqueceu de que o perigo nem sempre vinha do homem agressivo, mas sim, daquele que era silencioso.

E o que estava em risco era meu coração.





## Owen

Eu não consegui dormir nada. Não que eu fosse alguém acostumado a ter noites bem dormidas, mas a última noite foi verdadeiramente inquieta. E meu mau humor só aumentava a cada vez que a constatação do motivo da minha insônia se impunha na minha mente.

*Jasmine.*

Ela era a primeira mulher que havia conquistado esse feito. Na verdade, Jasmine estava me fazendo vivenciar muitas primeiras vezes, mesmo eu sendo um homem tão experiente. Como, por exemplo, nunca me permiti ficar tanto tempo pensando em uma mulher como acontecia com ela; Jasmine estava roubando meus pensamentos com uma facilidade assustadora. Eu também não me lembrava se já houve alguma vez em que uma mulher me deixou tão perplexo como ela fez, xingando-me e até me batendo.

Ainda me via incrédulo sempre que minha mente era invadida pelo momento em que ela cerrou o punho e atingiu meu rosto com seu soco. Obviamente, seu golpe não chegou a fazer nem cócegas em mim, mas eu não podia ignorar o impacto do choque que sua atitude me causou. Foi um misto de emoções que me inundou, sobretudo o tesão. A visão dela, nua e à minha mercê era deliciosamente excitante; no entanto, Jasmine zangada era a epítome disso.

Ouvir seus xingamentos, enquanto seu olhar zangado não desviava do meu, me deixou tão excitado que cheguei a ficar zozinho.

— Qual o problema? — Ouvi a voz do Liam. De onde eu estava, em pé diante da janela do meu escritório, consegui vê-lo parado perto da porta. — O que é isso? — Apontou para minha mão.

Desviei o olhar para a joia que eu segurava.

— É a correntinha que encontrei no pescoço da Jasmine — respondi, angustiado com a ideia de ela usar aquela porcaria para se machucar. A simples ideia de perdê-la me deixava sem fôlego.

Na teoria e com base nas experiências que tivemos ao longo dos últimos meses, todos os membros da Igreja carregavam aquela corrente como uma medida preventiva para o caso de captura, pois o pingente continha cianeto, possibilitando o suicídio. Por isso, ao capturarmos traidores, tomávamos o cuidado de remover as correntes para evitar que se matassem antes do início da tortura.

Liam chegou mais perto, pedindo a joia.

— Mas isso é... — se calou, prestando atenção no pingente — foi o Aidan quem deu *pra* ela? — Assenti com a cabeça, sentindo a raiva me esmagando com força. — Eu pensei que ela fosse importante para ele. — Continuou examinando o pingente com cuidado. — Você acha que...

Endureci o maxilar.

— Desconfio que sim, — concluí seu raciocínio. — Apesar de isso me deixar tão confuso quanto você, não tenho certeza se existe cianeto nessa coisa. — Apontei. — Estamos lidando com um sociopata filho da puta, que certamente teria coragem de machucar a própria filha.

Liam ficou tão rígido com a possibilidade quanto eu.

— Então, foi por isso que você pegou a corrente? — indagou, me devolvendo a joia. — Aurora me contou que Jasmine reclamou que você roubou a joia dela.

Guardei-a no meu bolso, respirando profundamente.

— Não podia deixar com ela, Liam. O risco era muito alto. De que adianta mantê-la aqui como nossa carta na manga se Jasmine decidir se suicidar com aquilo? Quem sabe que coisas nosso tio disse a ela ao longo desses anos?

— Tem certeza de que, se algo acontecer a ela, sua única preocupação será perder a vantagem? — questionou, erguendo uma sobrancelha. — Porque a forma como você tem reagido a Jasmine parece indicar algo diferente, irmão. — Riu com sarcasmo.

Rangi os dentes, desconfortável com sua insinuação.

É claro que eu estava odiando o afastamento dela; o fato de ela me proibir de tocá-la me deixava furioso e... apreensivo. Ela era minha. Então, por que eu não poderia tocá-la?

Passei as mãos no rosto para afastar a imagem dela nadando na piscina, completamente nua, enquanto meus seguranças observavam. Mesmo suas atitudes me enfurecendo, a ingenuidade que transpirava de seus poros me comovia. Jasmine era *minha para cuidar*.

Minha para moldar. Assustar. Foder.

— Não fale bobagem, Liam — resmunguei, passando por ele e ocupando meu assento na poltrona atrás da mesa. — Mas eu não sou insensível a ponto de não tentar evitar que algo ruim aconteça à garota por causa da minha vingança.

Liam continuou me encarando.

— Por mais genuíno que seja nosso ódio pelo Aidan, o amor da Jasmine por ele também é real — afirmou, me deixando pensativo. — Entendo que você ainda tenha dificuldade em aceitar que ela não está fingindo, irmão, mas acho importante que você pare um pouco para pensar no que está bem diante do seu nariz. Faça alguma coisa antes que a garota o afaste para sempre. Confie em mim, ela não será tão permissiva o tempo todo.

Suas agressões de horas atrás deixaram isso bem claro.

Mantive-me em silêncio, e Liam prosseguiu:

— Por que não envia a joia para ser examinada? — sugeri. — Se houver a presença de cianeto, basta mandar limpar. Tenho certeza de que o sorriso que a garota abrirá quando você devolver a joia para ela lhe causará mais satisfação do que quando você a roubou. A propósito, já estamos prontos para sair. Só vim aqui para te avisar disso.

Continuei calado, mesmo quando ele se retirou do meu escritório. Liam não precisava saber que não fiquei satisfeito com o rosto choroso e magoado de Jasmine.

Eu preferiria mil vezes observar seu rosto corado e choroso devido aos orgasmos que eu a proporcionava do que aquela maldita dor da mágoa que eu mesmo causei.



— Pelo horário, já era para estar aqui — observou Liam, verificando a hora em seu celular. — Vou atrás de algum dos atracadores para saber o que está acontecendo.

Ele não me permitiu responder, pois saiu apressado. Liam, eu e os trigêmeos estávamos no Porto, pois, segundo informações do Farrell, uma carga aparentemente pertencente ao Aidan chegaria de Nova York, com envio imediato à Rússia.

— Você realmente tem certeza do que viu? — Carter indagou, olhando para Farrell. Meu fiel escudeiro estava com o braço imobilizado devido ao disparo que recebeu no meu lugar. — Porque devo concordar com o Liam que já está demorando mais do que o esperado.

— Navios se atrasam — argumentou Sean, tentando confiar nisso.

— Bem, eu sei muito bem o que vi e ouvi na época em que me infiltrei na rede de lojas do Burke — argumentou Farrell, chamando nossa atenção. Claro que agora que o desgraçado estava morto, não havia mais necessidade de manter Farrell como um infiltrado. — Na última semana, ouvi sobre essa encomenda que chegaria hoje, e que pela insígnia que vi no envelope, possivelmente era da Igreja, porque o brasão era de um pontífice com a cruz da Caravaca.

— Será que desconfiaram de algo? — indagou Kael, me lançando um olhar pensativo. — Aidan não é burro; deve ter desconfiado quando Burke sumiu do mapa.

Tiquetaqueei meu maxilar, detestando que ele estivesse certo. Se havia algo que sempre apreciei no nosso tio, era sua esperteza. Não era de se admirar que ele tenha enganado a todos nós durante tantos anos, além de liderar essa legião de fanáticos religiosos.

Logo, Liam retornou para perto de nós, com um semblante nada contente.

— Descobri o que aconteceu — informou, visivelmente irritado. — O navio que esperávamos estava realmente com rota para cá, para este Porto — gesticulou ao redor —, mas recebeu ordens para desviar no meio do caminho.

— CARALHO! — gritei, indignado. Sempre que eu achava que estávamos nos aproximando de algo sólido, ele conseguia escapar da minha mão.

*Maldito!*

A raiva não estava restrita apenas a mim, pois pude ouvir os palavrões vindo dos meus irmãos.

— O que faremos agora? — perguntou Sean.

Olhei para ele.

— Vamos até o escritório da transportadora do desgraçado do Burke — avisei, girando nos calcanhares. — Algo me diz que poderemos encontrar alguma pista lá.



— Era realmente necessário realizar toda essa chacina? — questionou Liam, enquanto passávamos por cima dos cadáveres. — Nós temos a polícia no bolso, mas tudo tem limite, não é?

Ergui a mão para ele, num pedido mudo para que mantivesse a boca fechada. Meus olhos varriam o ambiente ao nosso redor, em busca de qualquer pista.

— Liga para o Michael e explique onde estamos — decretei. — Quero que ele apague qualquer vestígio nosso na central de segurança do lugar. Se for preciso, mande-o vir para cá e limpar as imagens das câmeras pessoalmente.

Dias atrás, Sophie precisou retornar para casa, mas seu irmão permaneceu na Irlanda quando pedi que continuasse me ajudando.

— Vasculhem tudo — aponte para os armários. — Deve haver algo de interessante entre essa papelada toda.

Inspirei fundo, passando a mão no meu rosto para amenizar a frustração. Minha cabeça estava estourando, considerando que não dormi nada, fora que minha indisposição com Jasmine ainda martelava minha mente.

Depositei minha arma na mesa da sala, remexendo em uma das pastas. Entre faturas e notas de diferentes mercadorias, nada relevante para nós se destacava.

Enquanto vasculhava as gavetas, dispensando qualquer documento irrelevante, notei que uma delas tinha um fundo falso. Ao destacar a madeira, me deparei com muitos papéis e alguns euros. Deixei de lado o dinheiro e foquei nas informações pertinentes. Uma pequena lista de transações com datas correspondentes, algumas já realizadas, todas destinadas à Igreja. Bilhões em mercadorias.

— O que você encontrou? — quis saber Liam, depositando também sua arma sobre a mesa, curioso. — Que lista é essa?

— Pelo que entendi é uma lista com as transações que o desgraçado do Burke fez para o Aidan — respondi, entre dentes. — Apesar de não ter sido um membro da Igreja, ele estava envolvido nessa sujeira. Sorte dele ter sido esmagado pelos gigantes; caso contrário, sentiria minha fúria pelas mentiras que nos contou.

— Isso confirma que ele estava totalmente envolvido — acrescentou, revirando a papelada.

— Encontrei algo aqui — afirmou Kael, chamando nossa atenção. Dirigi-me a ele, que segurava uma pasta. — É uma espécie de dossiê com informações sobre garotas. Conte dez, cada uma de uma nacionalidade diferente.

Aproximei-me e peguei a pasta de sua mão, minha curiosidade superando minha paciência.

— Parece uma apresentação de cada uma delas — murmurei, repugnado, percorrendo as informações ali detalhadas. — São tratadas como mercadorias.

— Tem certeza? — a pergunta veio de Sean.

— Ao final, existem convites para o leilão que ocorrerá em dois meses, numa ilha na região caribenha, promovido por um sheik — relatei, exibindo o material para eles. — Isso é tão repugnante que estou à beira de vomitar.

Entreguei a pasta a Sean e me afastei, lutando para não permitir que as lembranças me

engolissem. Era horrível me sentir impotente, exatamente como me senti na época em que ficamos sem notícias da Madison. Minha irmãzinha quase foi leiloada em um evento como esse, escapando por pouco graças a Christopher, que a encontrou, junto com a irmã do capo dos Fratelli.

— Temos alguma coisa afinal — mencionou Carter, tenso como todos nós. — Um evento dessa magnitude pode fazer Aidan sair da toca. E temos os convites.

Sacudi a cabeça, assentindo.

— Continuem procurando — indiquei ao redor. — Depois disso, voltem para casa. Mandarei reforços para lidar com essa situação, para que não respingue em nós — referi-me aos cadáveres.

Eles concordaram enquanto eu girava nos calcanhares e me encaminhava para fora. Farrell estava me esperando no carro.

— A partir de hoje, quero que tire uns dias de folga — decretei, pegando um analgésico da cartela, pois minha cabeça estava estourando. — De nada adianta você vir trabalhar para mim se não está em condições de se defender, nem de me defender.

— Senhor, eu...

— Está decidido, Farrell! — o cortei, empurrando o comprimido goela abaixo. Em seguida, inclinei a cabeça contra o encosto do banco, pressionando o braço contra os olhos fechados. — Agora, dirija para casa.

— Sim, senhor — disse, ligando o carro na ignição e nos tirando dali.



No momento que pisei na mansão, aquela maldita necessidade de ver Jasmine começou a me corroer como um ácido, torturando-me aos poucos. Subi as escadas em uma velocidade assustadora, ansioso demais para me controlar.

— Aonde vai tão depressa assim, irmão? — questionou Madison, interrompendo meu caminho. — Se está procurando Jasmine, ela não está no quarto dela. Acabei de sair de lá, aliás. Na verdade, já faz um tempo que não a vejo — comentou, pressionando a mão no queixo, como se estivesse pensando.

Isso foi o suficiente para abalar meu psicológico, pois comecei a criar diversos cenários nos quais Jasmine poderia ter fugido novamente. Não, ela não ia me deixar. Não ia fugir de mim

outra vez.

— *Caralho*, Madison! — exclamei numa explosão. — Por que não me ligou quando percebeu que Jasmine estava sumida?

Meu tom de voz alterado a deixou assustada.

— Eu não... — engoliu em seco — me desculpa, eu não imaginei que fosse preciso.

Sacudi a cabeça, incrédulo.

— Se esqueceu de que Jasmine já fugiu uma vez?

Dizendo isso, me afastei, desesperado para agir a tempo de encontrá-la. Peguei meu telefone e disquei o ramal da portaria:

— Por acaso você permitiu que a senhorita Jasmine saísse? — intimei, assim que o incompetente atendeu. A resposta dele foi automática, alegando que isso não aconteceu. — Quero que você e os outros me encontrem no pátio. Agora.

Quase corri ao descer as escadas, dando ordens a cada um dos capangas que eu via pelo caminho.

— PROCUREM PELA MANSÃO TODA! — berrei. — É inadmissível que aquela garota tenha conseguido escapar debaixo do nariz de merda de vocês.

Rumei para fora, com a intenção de pegar um dos meus carros. Eu ia até o maldito inferno para trazê-la de volta. Jasmine não se livraria de mim tão facilmente. Ela era minha.

Minha e de mais ninguém.

Quando cheguei ao pátio, notei uma boa parte dos seguranças que controlavam a parte da frente da propriedade, reunidos. Furioso, gesticulei para eles.

— É MELHOR QUE A ENCONTREM, CASO CONTRÁRIO, CADA UM AQUI VAI SENTIR A MINHA IRA.

— Senhor? — alguém me interrompeu, se aproximando, meio assustado. O encarei, fazendo-o se encolher. — Ela está no jardim da parte de trás. A senhorita Jasmine está cuidando das plantas.

Pisquei, enquanto o encarava, assimilando suas palavras. Era como se a bomba habitando em mim tivesse ganhado mais um fôlego.

Não falei nada, apenas rumei na direção indicada, sentindo como se minhas pernas pesassem uma tonelada cada. A todo momento, minha mente gritava:

*“Eu preciso vê-la”, “Eu preciso vê-la”, “Eu preciso vê-la” ...*

Meu coração estava batendo depressa, arrancando meu fôlego com cada batida desenfreada. Não fazia muito tempo desde a última vez que a vi em seu quarto, toda irritada

comigo. Eu me esforcei para ignorar o que houve, lutei para focar meus pensamentos e minhas energias nos negócios, porque não era justo que Jasmine tivesse tanto domínio sobre mim como ela estava tendo.

Mas ali estava eu... incapaz de frear os passos à medida que a silhueta da garota se fixava diante dos meus olhos. Jasmine estava sentada sob os próprios pés, de costas para mim. O vestido de renda branco estava todo sujo de terra, mas ela não parecia se importar com isso.

Hipnotizado, cheguei mais perto, sem coragem de desviar o olhar daquela perfeição. Os cabelos negros estavam soltos, cobrindo suas costas e boa parte de seu pescoço.

Ela estava tão concentrada no que fazia que demorou a notar minha presença. E puta que pariu! Eu poderia ficar ali durante horas, a observando em seu mundinho cor de rosa.

Soltei o ar em lufadas, odiando toda aquela perda de controle. A mera possibilidade de ela ter fugido já me deixou desestabilizado.

Não entendi se foram meus passos pesados ou se foi minha respiração áspera que a fez se empertigar, me notando ali, tão perto, prestes a devorá-la.

— Owen? — balbuciou, se levantando, um pouco desajeitada. — *E-eu* não... não sabia que você... — apontou, enquanto olhava ao redor, como se estivesse em busca de ajuda.

Ninguém a salvaria de mim.

Meus olhos subiram de seus pés à cabeça, apreciando as curvas evidenciadas de seu corpo que eu já conhecia muito bem. Havia muita sujeira no tecido, até mesmo seus braços e rosto estavam sujos de terra preta.

— Não sabia que eu estava te vigiando? — intimei, chegando mais perto, deliciando-me com a maneira como sua respiração engatou diante da minha aproximação. — Porque você já deveria saber que faço isso o tempo todo, *naomh*. Meus olhos estão sempre te observando com posse.

Seus lindos olhos piscaram rapidamente.

— Posse? — soprou, me fazendo olhar para sua boca carnuda.

— Eu estou sempre de olho naquilo que me pertence, Jasmine — argumentei, encurtando o espaço mínimo que nos separava. Ela até tentou se esquivar, mas não foi páreo para minha obstinação.

Jasmine arfou quando circulei sua cintura com meu braço possessivo. Suas pequenas mãos, sujas de terra, se espalmaram em meu peito, manchando minha camisa branca. Os olhos azuis nos meus eram uma mistura de submissão e selvageria.

— *E-eu* não quero que me toque — soprou, sem forças, se desmanchando quando me inclinei e mordi seu queixo. — Estou muito... magoada com você, Owen.

Seus dedos esmagaram o tecido da minha camisa, deixando claro que eu a estava deixando



descontrolada.

— Afaste-me seu poder, *naomh* — sibilei, arrastando minhas mãos pelas suas costas, parando ao chegar no seu traseiro. Sem me importar com nada nem ninguém, deslizei para baixo do tecido, desejando sentir sua pele macia. Me perdi no vão de suas nádegas, desenhando sua calcinha minúscula com meus dedos atrevidos. — Você não pode me impedir de tocá-la. — Usei a mão livre para acariciar seu rosto, brincando com seus lábios e me perdendo na beleza de seus olhos, pesados de tédio.

— Por quê? — sua pergunta não passou de um silvo.

Abri um sorriso cretino, afundando meus dedos mais um pouco, até sentir sua boceta, por cima do tecido molhado. Ela já estava completamente entregue.

— Porque eu a reivindiquei, Jasmine — decretei. — E isso significa que você é minha para fazer o que eu quiser. — Aumentei o sorriso. — E eu quero muitas coisas com você, inclusive, comer sua boceta mais tarde.

A soltei de maneira abrupta, me deleitando com sua dificuldade em se manter de pé. O rosto corado e os olhos pesados de luxúria me diziam o que ela queria. Ela desejava que eu a tocasse, que eu a fizesse gozar.

— *E-eu...* — tentou falar algumas vezes, mas hesitou em todas elas.

— Visitarei seu quarto mais tarde — avisei, a encarando com toda intensidade que eu possuía, permitindo que ela visse a fome me sufocando. — Esteja sem a maldita calcinha, *naomh*. Você não vai precisar delas quando estiver comigo.

Então, girei nos calcanhares e saí, deixando-a para trás, embora estivesse com a sensação de que a estava levando comigo, em cada pensamento e célula do meu corpo traidor.



## *Jasmine*

A água que escorria do meu corpo era escura, devido à terra presente em minhas mãos, pés e pernas. Joguei a cabeça para trás, permitindo que a água lavasse meu rosto e cabelos também.

De olhos fechados, minha mente me transportou novamente para momentos atrás, quando Owen me encontrou no meu pequeno refúgio. Descobri aquele pequeno jardim logo pela manhã e senti como se fosse um verdadeiro achado, especialmente com meu coração tão pequeno devido aos recentes acontecimentos.

Minha relação com a natureza sempre foi mágica; eu realmente apreciava a ideia de tocar na terra, me sujar e me conectar com as criações divinas. Ao perceber que as flores daquele jardim estavam um pouco tristes — como eu — e com algumas pragas ao redor, não perdi tempo em me jogar no chão e cuidar delas. Fiquei tão absorta em minha tarefa que não imaginei que Owen me encontraria. Ou melhor, não imaginei que ele se daria ao trabalho de me procurar e me importunar daquela maneira. Porque era isso que ele fazia, me importunava.

*E parecia gostar disso.*

Gemi ao simples contato das minhas mãos nos meus seios, sensíveis desde que Owen me tocou descaradamente, mesmo após eu pedir para que não me tocasse. No fundo, eu não podia ser hipócrita e afirmar que tentei impedi-lo, porque estaria mentindo. Na verdade, meu corpo traidor o desejava mais e mais perto... muito mais.

— Oh, céus, estou tão perdida... — gemi, alcançando o registro do chuveiro para finalizar meu banho. Minha pele já estava até murcha.

Envolta na toalha, segui para fora do banheiro. Minha camisola já estava sobre a cama,

assim como a calcinha.

*“Esteja sem a maldita calcinha, naomh. Você não vai precisar delas quando estiver comigo.”*

Estremeci ao som das palavras dele em meu ouvido. Era como se Owen estivesse me reivindicando até em minha própria mente.

Apesar disso, vesti a calcinha, sentindo minhas mãos trêmulas devido às reações que Owen despertava em mim, mesmo em pensamentos. O senti me reprimindo por não estar fazendo o que ele me mandou. Na maioria das vezes, isso me irritava tanto quanto me amedrontava.

Era desse perigo que eu tinha mais medo: a sensação de outra pessoa dominar meus sentidos por completo, algo que Owen vinha conseguindo sem nem se esforçar.

Soltei um suspiro baixo, terminando de me arrumar. Caminhei pelo quarto, seguindo até a sacada. A noite estava refrescante e estrelada. Por um momento, uma lágrima solitária deslizou de meus olhos ao me recordar do meu pai. Sentia falta dele. Nunca ficamos tanto tempo longe um do outro.

De repente, as vozes dos irmãos ecoaram no andar de baixo. Era uma mistura de conversa com risadas. Espiei a tempo de ver a silhueta de todos eles. Owen também estava lá. Me afastei num pulo, sentindo o suor atingir a palma das minhas mãos com aquela miríade de sensações. Não, eu não podia deixá-lo me comandar.

Eu seria tão forte quanto a Aurora.

Apesar disso, decidi que seria melhor eu me manter reclusa no quarto naquela noite. Não desceria para jantar. Ainda mais que Amy continuava fora da cidade, então eu teria que enfrentar os irmãos, sozinha, já que Madison se tornou reclusa nas últimas horas. Seu argumento foi de que estava indisposta. Não entendi muito bem, mas respeitei.

Esfregando uma mão na outra, saí da sacada e caminhei pelo quarto até chegar à porta. Apenas por precaução, passei a chave. Recostada contra a madeira da porta, me peguei respirando com dificuldade, como se tivesse acabado de correr bastante. E no fundo, aquilo nada mais era do que minhas próprias emoções afloradas.

Medo. Ansiedade. Expectativa.



Um leve toque nos meus cabelos me despertou. Antes que eu pudesse pensar em gritar — algo que eu não pretendia fazer — a mão de Owen cobriu minha boca. O rosto acima do meu exibia uma expressão tão intensa quanto ele mesmo. Percebi que estava vestido com uma camiseta e calça de tecido leve, próprias para dormir.

— Não grite — ordenou, num tom sombrio.

Seu corpo se inclinava sobre o meu, intoxicando-me com seu perfume e toda a aura envolvente que me atraía desde o primeiro encontro.

— *E-eu...* fechei a porta — murmurei, nervosa. — Como você entrou?

Um sorriso malicioso se formou em seus lábios tentadores.

— Se esqueceu de que sou o dono de tudo aqui? — provocou, deslizando a mão pelo meu corpo fraco e trêmulo. — Eu supero qualquer caralho de obstáculo para obter o que quero, *naomh*. E eu quero você.

Arfei, tentando ser firme e afastar suas mãos provocantes de mim, mas era uma tarefa impossível.

— Mas eu... — me calei quando sua mão atingiu o centro das minhas pernas —, *e-eu* fechei a porta porque não o queria aqui.

Sua risada ecoou novamente, arrepiando cada pelo do meu corpo.

— Então, por que está sem calcinha? — sibilou, abaixando o rosto para se esconder na curva do meu pescoço.

— *E-eu...* — tentei argumentar, mas hesitei devido ao constrangimento. Mais cedo, meu lado racional havia me levado a vestir a calcinha e trancar a porta. No entanto, um tempo depois, algo me impulsionou a arrancar aquele tecido do meu corpo.

A língua de Owen passou a explorar minha orelha, enfraquecendo-me. Seus dedos começaram a circular em uma área sensível minha, e abri minhas pernas por puro instinto.

— No fundo, você estava só me esperando... queria que eu viesse, *naomh* — soprou —, desejando minhas mãos em você, meus dedos na sua boceta.

Envolvi seu pescoço com meus braços, apertando sua cabeça, enquanto minha mente se perdia em todas aquelas sensações. Minha consciência insistia para que eu o empurrasse para longe, que o mantivesse afastado, mas... eu não tinha forças. Owen permeava minha pele, minha mente, controlando cada movimento meu.

— Owen...

Ele se acomodou sobre mim na cama, retirando as cobertas que cobriam meu corpo febril. Antes que eu pudesse raciocinar, Owen me ergueu, deslizando a camisola que eu usava por cima da minha cabeça. Logo, sua boca estava na minha, roubando todo o meu ar. Era um beijo faminto, quase bruto.

Ao se afastar, pressionei a mão nos lábios, sentindo-os um pouco doloridos. O gosto de sangue se fez presente em minha língua. Owen pareceu apreciar quando pressionou o ferimento. Seu dedo sujou-se com meu sangue, em seguida, o levou até sua boca, sugando. Eu tremia, totalmente à mercê dele e de suas vontades. Só que não havia medo em mim, apenas expectativa.

De uma forma estranha, eu confiava nele.

— Tudo o que vem de você me pertence — rosnou, prendendo meu lábio ferido entre seus dentes. Sua mão continuava a me tocar lá embaixo, levando-me à loucura. — Eu sou o dono do seu prazer, o dono do seu fôlego... — sua mão livre se acomodou no meu pescoço, apertando lentamente.

Espalmei seu peitoral em busca de apoio, sem desviar o olhar dele enquanto minha respiração era controlada por sua mão grande e forte. Os movimentos de seus dedos lá embaixo eram implacáveis, indo e vindo, e, se misturando com meus fluidos. O aperto de sua mão afrouxou, apenas para se intensificar novamente, regulando o fluxo de ar que entrava e saía dos meus pulmões. Meu corpo começou a tremer violentamente, devido à intensidade do prazer que me envolvia. Não havia pausa.

Quando desconfiava que pudesse desmaiar, o fôlego voltava aos meus pulmões, e cada parte do meu corpo sentia a força do prazer exorbitante percorrendo minhas veias.

No ápice do clímax, Owen me beijou outra vez, abafando meus gemidos e me fazendo deitar na cama com seu peso sobre mim. Seus lábios desceram pelo meu pescoço, explorando minha pele com sucções e mordidas. Ao chegar nos meus seios, sua mão abafou meus gritos, pois sentir suas sugadas ali era como alcançar o paraíso.

Subitamente, ele se afastou, quase me fazendo reclamar de sua ausência, mas não houve tempo, já que ele se deitou ao meu lado, usando os travesseiros como suporte para sua cabeça.

— Venha aqui — indicou com um gesto a área próxima à sua cabeça. — Quero que se sente na minha cara.

Pisquei algumas vezes, processando seu pedido.

— Me sentar em seu rosto? — questionei, perplexa.

— Isso mesmo! — confirmou, ajustando-se melhor nos travesseiros. — Quero chupar sua boceta.

O centro das minhas pernas, apesar de sensível, reagiu às suas palavras. Eu não entendia por que ele usava esse termo peculiar, mas meu corpo parecia captar claramente, pulsando de expectativa.

— Mas... — hesitei, me levantando e ajoelhando-me sobre o colchão —, eu posso te machucar. Você não vai conseguir respirar direito.

— Eu não quero respirar, Jasmine; quero te chupar.

Sem paciência, ele me agarrou pelas coxas e praticamente impulsionou meu corpo sobre

seu rosto. Com as mãos apoiadas em seu peito, Owen segurou minhas coxas, pressionando meu corpo contra sua boca ávida.

— Owen... oh, Deus! — Revirei os olhos, sem energia para pensar em mais nada além da sua boca em mim.

Com os olhos entreabertos, me concentrei em Owen, que não parava de me encarar, apertando minhas coxas e me chupando como se eu fosse uma sobremesa irresistível. Havia uma intensidade tão marcante em seu olhar que eu sentia como se estivesse desintegrando e reconstruindo na mesma velocidade. Era uma mistura de fúria e desejo, dúvida e medo.

Sem controle sobre as minhas próprias reações, comecei a mover meus quadris, ansiando por mais da sua boca, mais da sua língua. A maneira como suas mãos me apertavam com força deixava-me marcada e dolorida, mas essa nuance era o que intensificava meu prazer. Jamais imaginei que a relação entre um homem e uma mulher pudesse ser assim.

Por um momento, me questionei se Owen fazia isso com outra além de mim; se beijava outra pessoa da mesma maneira como me beijava, ou se tocava outra mulher da mesma forma que me tocava. Não gostei nem um pouco desse pensamento.

Eu não queria compartilhá-lo.

Sua mordida na minha coxa me fez soltar um gritinho e voltar a me concentrar nele. Seus olhos estavam selvagens.

— Sua atenção é minha, *naomh*. Seus pensamentos também são meus.

Mordi os lábios para evitar gritar alto quando os movimentos da sua língua se intensificaram, levando-me a um nível de prazer que eu não imaginava alcançar. Sem dar tempo para que eu pudesse raciocinar, Owen me forçou mais para frente, me fazendo cobrir todo o seu rosto. Sua língua iniciou um movimento de vai e vem na minha entrada, e eu conseguia até mesmo ouvir o som de sucção.

Lágrimas inundaram meus olhos diante dessa sensação exorbitante, me atingindo pouco a pouco e roubando meu fôlego e minhas forças. Rebolando, comecei a balbuciar palavras incoerentes, numa mistura de choramingo e gemidos. Tive a sensação de ter sido atingida por uma forte onda que me levou ao fundo, mas sem me afogar. Tremores me tomaram da cabeça aos pés, deixando-me mole. Era como se eu estivesse explodindo em pedacinhos.

Owen continuou me chupando, embora com menos intensidade dessa vez. Devagar, ele me empurrou para o lado, mas sem tirar suas mãos de mim. Meu coração batia tão rápido quanto o pulsar desesperado entre as minhas pernas. Eu desejava fechá-las, mas ao mesmo tempo, a visão do corpo de Owen me fazia querer mais. Muito mais.

Sem parar de me olhar, Owen saiu da cama, rapidamente tirando a camiseta, seguido da calça. Sua nudez me deixou ansiosa.

Deitei-me quando ele voltou para a cama, tomando meus lábios nos seus. Suas pernas forçaram as minhas a se abrirem e, em seguida, seu corpo se aconchegou ali, no meu calor.

Minhas costas se arquearam do colchão, presa às sensações diversas. As mordidas no meu pescoço causavam uma nuance diferente no meu corpo sensível, atingindo diretamente o meio das minhas pernas, onde Owen não parava de se esfregar ali, criando um atrito gostoso.

— Meu — rosnou contra minha boca — esse lugar é meu para ocupar, Jasmine.

Eu gostava do som do meu nome saindo dos lábios dele. Era forte. Intenso.

Minhas unhas se arrastaram pelas suas costas, apertando-o um pouco mais contra mim, apesar de isso não ser possível. Owen arreganhou mais as minhas pernas, sem parar de se movimentar. De repente, um redemoinho começou a se formar no meu baixo ventre, subindo dos pés à cabeça. Suor escorria do meu rosto, assim como no de Owen, que não parava de me beijar, sugar e morder onde sua boca atingia.

Concentrei-me em seus gemidos, hipnotizada pelo seu descontrole evidente. Ele era um homem tão poderoso, sombrio..., mas ali estava... rendido a mim, nos meus braços.

Por instinto, enlacei sua cintura com minhas pernas, fazendo com que seu pênis penetrasse um pouco em mim.

Travei, sentindo dor.

Owen percebeu meu desconforto, examinando meu semblante assustado. Retornou a estimular meu clitóris.

— Ainda não será hoje, mas saiba que em breve vou penetrar sua boceta com meu pau — prometeu, seu olhar me queimando. — Farei questão de ir tão fundo e forte que tudo o que você sentirá será eu, *naomh* — arfou, mordendo meu pescoço antes de chupar minha pele —, em sua boceta, em sua pele, em sua mente.

Gemendo quando seus dentes se aprofundaram no meu pescoço, afastou-se abruptamente, derramando sua semente em minha barriga, como da última vez. Ergui-me sobre os cotovelos, mantendo o olhar fixo nele enquanto se lambuzava em minha pele quente e suada.

Estendi a mão para tocá-lo. Senti que ele estremeceu um pouco, mas permitiu o contato. Deslizei meus dedos pelo líquido viscoso.

Agindo por instinto, me aproximei com a intenção de envolvê-lo com a boca, mas Owen me impediu. Seus olhos nos meus me fizeram estremeecer.

— *E-eu* não posso? — perguntei, ofegante. — Se você me recebe em sua boca, por que não posso fazer o mesmo?

Deslizou os dedos sobre meus lábios, como se estivesse assimilando minha pergunta.

— Quando fizer isso, estará de joelhos — decretou, limpando os resquícios de lágrimas abaixo dos meus olhos. — Nada me trará mais satisfação do que observar seus olhos úmidos enquanto preencho sua boquinha com meu pau, *naomh*.

Meu coração pulsou forte no peito.

Ele me soltou e se abaixou para apanhar suas roupas, vestindo a calça rapidamente.

— Nós não... vamos conversar? — perguntei, enfraquecida, me deixando cair para trás, recostando-me no colchão.

— Conversar? — repetiu, estalando os lábios ao colocar a camisa. Ele era incrivelmente bonito. — A única conversa que eu queria com você era essa, *naomh*... — inclinou-se novamente, arrastando a mão pelo meu corpo trêmulo —, onde seus gemidos seriam o único som a invadir meus ouvidos.

Seu rosto pairou acima do meu.

— Você é tão estranho, sabia? — soprei, arrancando uma risada dele.

Sua boca encontrou a minha antes de ele se afastar.

— Isso significa que eu deixei de ser um cuzão? — retrucou, entre risos. Sua gargalhada foi tão contagiante que acabei rindo junto.

— Você pode muito bem ser as duas coisas, Owen — soprei, bocejando, sentindo meus olhos pesados.

— Eu posso ser o que você quiser que eu seja, Jasmine — disse, em um tom diferente.

Fechei os olhos, me aninhando entre as cobertas.

— Eu gosto quando você me chama pelo meu nome — admiti.

O silêncio reinou. Owen não fez nenhum comentário. Mesmo sonolenta, me obriguei a abrir os olhos novamente, mas tudo o que encontrei foi o quarto vazio. Ele tinha ido embora.

A única prova de que não imaginei nada do que aconteceu entre nós dois estava em mim, no meu corpo, na minha pele. Além disso, algo brilhou sobre o pequeno armário de cabeceira. Emoção inundou meus olhos quando a constatação do que era me preencheu. Estiquei o braço para pegar a joia.

Era a correntinha que meu pai me deu, um presente dele para estarmos sempre juntos.

Sem que eu pudesse conter, um sorriso enorme tomou conta de meus lábios, assim como um calor em meu peito diante da certeza de que Owen não era tão cruel como queria me fazer acreditar. Ele se importava.

Se importava comigo e com meus sentimentos.





## Owen

Os gemidos dela ecoavam incessantemente em minha mente, perturbando minha paz e minando minha estabilidade. Eu não deveria estar tão obcecado, especialmente quando as coisas ao meu redor estavam desmoronando pouco a pouco.

Desde que acordei, me esforcei para conter o riso ao lembrar das horas anteriores, pois a tentativa de Jasmine de me proibir de entrar em seu quarto foi verdadeiramente cômica, embora eu a tenha apreciado. Observar suas nuances era satisfatório. Ela exibia traços evidentes de submissão, mas ao mesmo tempo, mantinha uma força interna perceptível.

A obsessão crescente de tê-la sob meu controle estava obscurecendo meu raciocínio sempre que estávamos juntos. A pele sedosa, os lábios carnudos, o aroma envolvente, os gemidos... a forma como ela suspirava e confiava em mim. Eu ainda conseguia sentir a aceleração de sua respiração sob meus dedos quando pressionei seu pescoço esguio.

Quebrá-la seria fácil, esmagá-la como se fosse insignificante.

O problema era que eu simplesmente não conseguia fazer isso. Fazê-lo significaria perdê-la, algo que eu não queria.

Essa maldita garota se tornou mais perigosa do que eu imaginava.

— Onde está a Madison? — indaguei ao chegar à mesa do café, onde Jasmine e os outros já aguardavam. — Aliás, a Amy já entrou em contato para confirmar o horário que ela vai sair de lá? — perguntei a Carter. O retorno da nossa madrastra estava marcado para aquele dia.

Carter verificou algo em seu celular.

— Ela já está na estrada — confirmou, respirando fundo. — Reforcei a segurança dela. Três carros na frente, e três seguindo atrás. — Assenti, trincando o maxilar. — E sobre a Madison, ela não desceu para o café.

— Ontem ela me disse que estava indisposta — soou a voz aveludada de Jasmine. Meus olhos a encontraram, mas a covarde não me olhou de volta.

Contudo, algo nas suas palavras me deixou pensativo. No dia anterior, quando pensei que Jasmine pudesse ter fugido novamente, eu estava conversando com minha irmã. Com meu descontrole, acabei sendo rude com ela.

— Puta que pariu! — exclamei, sacudindo a cabeça, me sentindo um estúpido. Dei meia volta na mesma hora.

— O que foi? — indagou Sean, confuso, mas o ignorei, continuando meu caminho.

Minutos depois, me encontrava diante da porta do quarto da Madison. Dei duas batidas e entrei, espiando para verificar se ela estava dormindo ou acordada.

— Madison? — chamei, vendo sua silhueta se remexer na cama ao som da minha voz. — Acordei você?

Entreí no cômodo de uma vez, fechando a porta atrás de mim. Madison se ajeitou, ficando sob as mãos. Notei que ainda estava com a camisola, além de apresentar os olhos vermelhos.

— Andou chorando? — perguntei, me aproximando da cama dela.

Ela negou com a cabeça, mesmo sendo evidente o contrário.

— O que quer aqui? — perguntou, seca. — Eu não estou disposta a conversar com ninguém, Owen. Quero ficar sozinha.

Inspirei fundo, aceitando sua frieza.

— Sei muito bem o motivo de você estar assim — soprei, me sentando no colchão. — Fui um estúpido com você ontem, e sinto muito por isso, irmã. — Busquei sua mão na minha. — Fiquei tão cego com a possibilidade de Jasmine ter fugido de novo que acabei descontando minha irritação em você. — Puxei sua mão para beijar seus dedos. — Me perdoa?

O rosto encantador se contorceu ligeiramente, com lágrimas não derramadas. Desde o nascimento, Madison e eu compartilhávamos uma conexão forte; ela trouxe cor ao meu mundo preto e branco.

Então, anos depois, ela foi sequestrada, e tudo voltou a ser sombrio dentro de mim.

— Quando os *gigantes* brigam ou são um pouco mais duros comigo, não sinto tanto quando isso vem de você, Owen — admitiu, fazendo um beicinho adorável. Não resisti e a puxei para um abraço forte, beijando repetidamente sua cabeça. A culpa me corroía forte. — Você é tudo para mim, é o meu herói. — Sua voz embargou.

Tive que engolir o nó que se formou na minha garganta, pois as emoções ameaçaram me sufocar. Não me considerava o herói dela, pois fui um maldito inútil que não conseguiu impedir que ela fosse levada lá atrás, num passado não tão distante.

— Me perdoe por tê-la magoado — soprei, afastando a cabeça para estudar seu rosto delicado. Passei meus dedos em suas bochechas para enxugar suas lágrimas. — Prometo que isso nunca mais acontecerá.

Ela fungou, sacudindo a cabeça. Minha princesa era muito sensível. E eu compreendia, porque não fazia ideia do que ela passou no tempo que ficou nas mãos de seus malditos sequestradores.

— Claro que eu te perdoo — disse, abrindo um sorriso lindo para mim. Nossas mãos ainda estavam unidas. — Não sou tão tola a ponto de não perceber quão importante a Jasmine se tornou para você.

A maneira como suas palavras soaram deu um tom diferente, perigoso. Nervoso, pigarreei enquanto me levantava:

— Agora imagino que você queira sair dessa cama, hum? — insinuei, divertido. — Dentro de algumas horas, sua mãe estará de volta, e tenho certeza de que ela não vai gostar de saber que você passou o dia na preguiça. — Sorri.

Madison me ofereceu um olhar scandalizado.

— Não sou preguiçosa, Owen. — Jogou um travesseiro em mim, enquanto eu continuava rindo. — Eu estava deprimida, é diferente — defendeu-se.

Ainda rindo, voltei para perto dela e beijei sua testa.

— Vou descer — avisei. — Espero que desça logo depois para tomar café.

— Eu vou — garantiu, sorrindo com aquele brilho nos olhos que sempre me emocionava.

Deixei seu quarto, me sentindo mais aliviado. Já bastava todos os problemas me envolvendo, não suportaria que algum dos meus irmãos se ressentisse comigo.

Instantes depois, novamente na sala de jantar, me deparei com todos conversando. Liam e Aurora não estavam presentes, embora o cachorro deles estivesse ali, próximo a Jasmine, me encarando de modo ameaçador.

— Qual o problema desse cachorro comigo? — resmunguei, incomodado com o olhar dele.

— O problema é que ele não gosta de você — declarou Kael, rindo. — Isso é visível.

— Eu nem fico perto dele — argumentei, tomando meu assento no topo da mesa. Meus olhos voaram para Jasmine, ao meu lado direito.

— Pelo jeito, é melhor continuar não chegando perto mesmo — sugeriu Carter, em tom

divertido. — Ou é arriscado você tomar uma mordida no traseiro.

A risada foi unânime, incluindo a de Jasmine, que sorriu de leve. Ao notar minha atenção, assisti seu rosto ruborizar. Não duvidei de que ela, talvez, estivesse se recordando de tudo o que fizemos horas atrás, da minha boca na sua boceta, da minha mão ao redor de seu pescoço...

*Put a que pariu!*

De repente, meu telefone começou a tocar. Examinei o visor, franzindo a testa ao perceber que era uma ligação de vídeo, e de um número desconhecido.

Nesse momento, Liam, Aurora e Michael surgiram, mas ignorei todos e atendi a ligação misteriosa, sem desviar os olhos da tela do celular.

A primeira coisa que vi foi um borrão, como se a câmera estivesse embaçada. Então, quando finalmente focalizou, meu mundo pareceu desabar sob meus pés.

— Amy... — sussurrei num silvo, sentindo minha voz áspera devido às emoções afloradas.

Ela estava sentada em uma cadeira, com as mãos e pés amarrados. A boca estava amordaçada, mas eu podia ver que ela se esforçava para gritar e se soltar. Havia alguns hematomas em seu rosto, piorando meu estado de horror com a cena.

De repente, a câmera girou, e outra pessoa surgiu na tela. Quase quebrei o aparelho diante da fúria que me inundou quando o rosto sorridente do Aidan apareceu.

— Torço para que eu não tenha ligado em má hora, sobrinho — disse, naquele tom cínico. — Atrapalhei alguma coisa? Espero que a imagem horrenda da vadia da sua segunda mãezinha não tenha feito você perder a fome, já que imagino que esteja degustando seu café da manhã.

Rangi os dentes tão forte que temi quebrá-los.

— Essa é a voz do meu pai? — Pisquei diante da pergunta da Jasmine, ainda sentada à mesa. Ela estava assustada.

A maneira como eu a encarei foi o suficiente para fazê-la se encolher. Percebendo que algo estava muito errado, Aurora a puxou para fora da sala, mesmo sob protestos.

Todos os meus irmãos se levantaram e se colocaram de pé, atrás de mim, tentando entender o que acontecia.

— O que você pretende fazer, seu filho da puta? — Sibilei, mal sentindo meus membros devido à fúria. Minha mente sendo atingida com todas as lembranças da minha infância com ele, seus ensinamentos, nossas conversas. — Não ouse...

— O quê? — Interrompeu-se, parecendo caminhar no lugar em que estava — machucá-la? Tocar em algum fio de cabelo da vadia? — Riu.

Então, se aproximou de Amy e fez questão de estapeá-la enquanto assistíamos. Provavelmente, meus irmãos estavam falando, gritando ou xingando, mas eu não conseguia

ouvir nada nem ver ninguém, além do que estava na tela daquele maldito celular.

Comecei a me tremer todo.

— Você realmente acreditou que poderia me vencer, moleque? — zombou, mantendo-se perto de Amy, que só sabia chorar e tentar balbuciar algo que eu não conseguia compreender direito por causa da mordaça, mas desconfiei que fosse um pedido de perdão. — Antes de você nascer, eu já estava nesse negócio. Inclusive, ensinei tudo o que seu pai sabia, antes de ele roubar o lugar que era meu por direito.

— Maldito! — ralhei, em um tom que mal reconheci. — Eu exijo que devolva a minha mãe — esbravejei pausadamente. Não era um costume meu chamar Amy de mãe, aliás, de nenhum de nós. Mas a amávamos.

— Você não está em condições de fazer exigências — ironizou. — Pois sou eu quem vai dar as cartas aqui — fechou o semblante, me fazendo ver sua verdadeira face. — O jogo é meu! Vocês são apenas minhas marionetes.

Liam começou a xingar, mas o encarei.

— Quietos! — exclamei, quase babando de raiva.

Aidan deu risada.

— Oh, se não é o caçulinha chorão dos Sullivan — comentou, debochado. — Como anda sua linda esposinha, Liam? Ainda defendendo você como uma leoa?

— Seu filho da puta! — rosnou Liam, mas foi parado por Kael.

Com meu maxilar endurecido, busquei uma respiração profunda. Eu tinha de me acalmar.

— Quero minha filha de volta! — decretou Aidan, estalando os lábios, enquanto passava a mão nos cabelos de Amy, que tentava se afastar de seu toque hostil.

— Isso nunca! — bradei, quase explodindo. — Você não vai voltar a vê-la. Jasmine é minha!

Algo brilhou em seus olhos frios antes de ele pegar uma adaga e posicioná-la no rosto de Amy em uma ameaça visível.

— Eu sei como você trabalha, “sobrinho querido” — zombou, brincando com a lâmina na pele dela, fazendo meu coração ameaçar parar de bater com o medo do que esse doente pudesse fazer —, você gosta de arrancar a pele do rosto de suas vítimas, não é? Já pensou que interessante seria receber a pele dela? A propósito, gostaram do meu presente recente? O senhor Darci sofreu bastante para morrer antes de eu arrancar a cabeça miserável dele. Querem ouvir a história?

— Eu vou matá-lo! — declarei, me levantando. A tensão pairava no ambiente enquanto meus irmãos permaneciam ao meu redor, mas em silêncio. — Vou continuar caçando você, Aidan, até que o tenha sob meus pés, de joelhos.

— Agradeço a oferta, mas saiba que não me ajoelho para ninguém — retrucou, dando de ombros como se falássemos sobre o clima. — O único homem para quem me ajoelhei foi arrancado de mim. — Novamente, suas emoções se refletiram em seu rosto. — Devolva minha filha, e eu devolvo a vagabunda da Amy. Uma troca justa.

— Onde ela está, Aidan? — insisti, embora soubesse que de nada adiantaria. Na verdade, eu estava tentando ganhar tempo para ver se Michael conseguiria rastreá-lo.

— Eu gostava mais quando você me chamava de tio, Owen — murmurou, entre risos. — E não adianta tentar rastrear a chamada, porque não vão encontrar nada. No fundo, isso me deixa ofendido, sabia? Que vocês pensem que eu seria tão estúpido a esse ponto.

Esfreguei meu rosto, odiando que ele estivesse me desestabilizando. A todo momento, ele continuava tocando na Amy, enfatizando seu controle sobre a vida dela.

— Quando faremos a troca? — perguntou Carter, tomando a frente da negociação.

— Em três dias — respondeu Aidan, verificando algo em seu relógio. — Entrarei em contato para novas informações. É melhor não pensarem em fazer nenhuma bobagem, porque não vou hesitar em cortar pedacinho por pedacinho dessa vadia — puxou os cabelos da Amy, que gritou de dor. — Imagino que você, Owen, não queira perder outra mãe, hein?

Antes que eu tivesse tempo de dizer mais alguma coisa, a ligação foi encerrada. O celular quase caiu da minha mão, mas foi retirado antes, pelo Liam.

— Não surta, irmão — pediu ele, me segurando pelo rosto enquanto eu tentava assimilar tudo.

— Eu não... — me calei, respirando fundo — eu não vou devolver a Jasmine. — Olhei para eles, focando em Carter. — NÃO VOU DEVOLVÊ-LA.

— NEM EU, PORRA! — berrou de volta. — Mas nós precisávamos fazer aquele desgraçado acreditar que estava por cima.

— Ele não ficará com a Jasmine, muito menos com a Amy — assegurou Kael, num rosnado.

— Eu sei onde é o local — acrescentou Carter, chamando minha atenção novamente. — Reconheci o lugar que eles estavam.

Sacudi a cabeça, absorvendo o que ele quis dizer.

— Entrem em contato com Shadow e Christopher avisando que possivelmente encontramos o maldito do nosso tio — falei, me esforçando para me restabelecer, ou sucumbiria aos meus próprios demônios. — Reúnam todos os seguranças. Precisamos organizar um plano de resgate, incluindo a captura daquele porco. Não quero ele morto. A morte para ele será o paraíso, e aquele bastardo merece o inferno.



Eu custava a acreditar que o desgraçado teve a audácia de usar um antigo estaleiro da nossa família como seu esconderijo e palco de suas maldades. As últimas horas pareceram se arrastar, com a preocupação se intensificando em cada um de nós de maneira dolorosa e torturante. Desde que Madison soube da gravidade da situação, ela só conseguia chorar.

Imaginar que estávamos em risco de perder a Amy me desestabilizava. Eu não suportaria mais uma perda assim.

— O local é esse — afirmou Carter, se aproximando de mim enquanto verificava suas armas no coldre da cintura. — Porém, admito que tudo está estranhamente silencioso.

— Percebi alguns capangas fazendo a segurança do local, mas o número é baixo considerando que, tecnicamente, estão protegendo alguém importante — destacou Christopher, chegando mais perto também.

Ele e Shadow chegaram algumas horas atrás, proporcionando suporte adicional para a captura do desgraçado do Aidan. O desejo de capturar o Grão-mestre era compartilhado não apenas por mim, mas por todos, há anos.

— Pode ser uma armadilha — ponderou Kael. — Estamos falando do nosso tio, afinal.

— Aquele porco nunca fez parte da nossa família — sibilei, enquanto analisava minha Ak-47. — Aidan sempre foi uma serpente à espreita, esperando para dar o bote.

Ódio. Era a única emoção que me consumia.

— Se ele fizer algo com a Amy... — Sean se interrompeu, buscando uma respiração profunda.

Eu o compreendia, pois apenas a ideia de perdê-la já me dilacerava.

— Ele não fará nada, porque, se fizer, perde a barganha — argumentou Shadow, com os olhos na entrada do galpão. O estaleiro era imenso, contudo, desativado há alguns anos. — E pela maneira como encontramos a “*garota santa*”, reclusa do mundo, é notório que ela é importante para ele.

— Talvez seja a única pessoa que ele verdadeiramente ama.

— Não tenho tanta certeza disso, já que encontrei um pingente de cianeto no pescoço dela — resmunguei, ainda irritado com a lembrança. — Que tipo de amor é esse que ameaça sua

vida?

Nenhum deles respondeu.

Meus pensamentos bagunçados se fixaram na Jasmine, como sempre acontecia, porque a atrevida tinha o poder de roubar meu raciocínio. Nas últimas horas, ela tentou conversar comigo, mas eu evitei qualquer contato. Fiz isso porque não estava no meu estado normal para falar com ninguém, sobretudo com Jasmine.

— Como entraremos, afinal? — quis saber Liam, estalando os dedos das mãos. — Acredito que precisamos nos separar.

Olhei ao redor, para nossos homens. Como o local era grande, precisaríamos cercar tudo para não correr o risco de Aidan fugir.

— Será que Aidan está realmente lá dentro?

Olhei para Kael, que mantinha sua atenção no galpão.

— Honestamente? Me contento apenas com a Amy viva — respondi, com as emoções à flor da pele. Odiava o fato de ter que me manter firme, mesmo quando tudo o que eu mais queria era desmoronar diante da incerteza e do medo.

Anos atrás, quando perdi minha mãe, eu não estava preparado para isso. Ela era minha base, a pessoa que me ensinava o freio, os bons sentimentos. Sempre dizia que para ser um mafioso, não precisava necessariamente ser mau. Afirmava que era possível eu me tornar poderoso sem me transformar num monstro no processo.

E agora, ali estava eu... com medo de perder a segunda mãe que o destino me deu.

— Vocês dois sigam com aquele grupo — ouvi Carter dizendo para Liam e Kael. — Eu vou com Sean e mais aquela equipe. — Apontou.

Christopher, Shadow e eu seguimos juntos, acompanhados por mais alguns soldados. Nós estávamos com o colete à prova de balas, além de escutas para a nossa comunicação.

À medida que avançávamos, atingíamos cada obstáculo no caminho. O dia ainda estava um pouco escuro, uma vez que não era nem seis da manhã. As tatuagens nos braços dos capangas ficavam em evidência, o que demonstrava que, de fato, estávamos no lugar certo.

Meu coração pulsava no peito conforme nos infiltrávamos no lugar abandonado, escuro e fétido. Sentia aflição em mim ao imaginar Amy naquele lugar, sozinha, sofrendo, assustada.

Tiros, gritos e xingamentos.

— Nós a encontramos! — a voz do Carter ecoou na escuta.

Parei, estourando a cabeça de um indivíduo desavisado que se atravessou do meu caminho. Minhas pernas ficaram, na verdade, travadas.



— Ela... — não tive coragem nem de perguntar.

— Sim, ela está viva! — respondeu ele, lendo meus pensamentos. — Machucada, mas viva.

Sacudi a cabeça, ainda assimilando. Fiz um sinal para Christopher e Shadow, que me seguiram quando mudei de rota.

Pouco tempo depois, meus olhos se depararam com Amy nos braços de Carter. Ela estava desacordada, com o rosto, braços e as pernas machucados. Me aproximei deles, levando a mão trêmula até a jugular dela, querendo ter a certeza da sua pulsação. Tanto eu quanto meus irmãos estavam tensos, com os rostos apreensivos. A umidade das lágrimas estava presente, embora ninguém estivesse chorando.

— Dê ela para mim — pedi ao Carter, ansioso para senti-la nos meus braços. — Acho que será necessária uma última inspeção para confirmar que Aidan não está por aqui — avisei.

— Os bastardos que encontramos pelo caminho foram esmagados — declarou Kael, sorrindo.

Acelerei os passos, querendo tirar Amy daquele lugar maldito. Ela necessitava de assistência médica imediata.

Poucos minutos depois, próximo ao carro, Sean abriu a porta para que eu pudesse ajeitar Amy no banco de trás. Os gemidos fracos que escapavam dos lábios dela aumentaram a minha sensação de culpa.

— Eu não deveria ter permitido que ela deixasse a nossa casa — falei em voz alta, o que vinha me incomodando desde que tudo isso aconteceu. — Se eu tivesse evitado, nada disso teria acontecido. — Acariciei seus cabelos brancos, que estavam um pouco sujos de sangue.

— Não é sua culpa, irmão — afirmou Liam, chegando mais perto. — Se há um culpado, sabemos quem é.

Inspirei fundo, me esforçando para acreditar nisso.

Fui falar, mas fiquei apavorado com o som ensurdecador da explosão do galpão. Por instinto, nós dois nos jogamos no chão. Meus ouvidos zuniam, enquanto eu buscava meus irmãos com os olhos.

— QUE PORRA É ESSA? — berrei devido ao barulho. — ONDE ESTÃO OS OUTROS?

Meu coração estava apavorado com a possibilidade dos outros ainda estarem lá dentro no momento da explosão. Apesar de atordoados, Sean e eu retornamos pelo caminho, mas Liam permaneceu no carro com Amy.

Os destroços do local estavam espalhados por toda parte, assim como as chamas resultantes da explosão. Alívio tomou conta de mim quando vi Carter, Kael e Shadow. Franzi o cenho.

— Onde está o Christopher? — Sean perguntou o que eu queria saber.

Shadow rangeu os dentes.

— Ele foi arremessado na hora da explosão — disse, aparentemente alterado. O garoto era como um sobrinho para ele.

— Eu sabia que algo não estava certo quando chegamos aqui — argumentou Carter, começando a procurar pelo caçador. — O plano, com toda a certeza, era explodir o local conosco dentro.

— PORRAAAA! — berrei, furioso com isso.

Encontramos Christopher desmaiado, com alguns escombros sobre ele. Shadow se desesperou, começando a andar de um lado para o outro, sem ter coragem nem de verificar se o rapaz estava vivo.

Kael se abaixou e pressionou a mão no pescoço do Christopher.

— Está respirando! — decretou, enquanto Shadow esfregava o rosto. — Mas precisamos remover os destroços de cima dele e levá-lo com urgência para que seja atendido. Certamente, quebrou alguns ossos.

Olhei para Sean.

— Liguem para o médico da família — pedi. — Se possível, quero que ele chame a equipe dele, já que Amy também vai precisar de cuidados.

Ao dizer isso, me concentrei em Christopher, onde Shadow finalmente se inclinava sobre ele.

— Ele é forte! — exclamei. — E, no que depender de mim e da minha família, terá os melhores cuidados.

Minha dívida com ele não tinha valor. Sempre seria grato ao Christopher por ter encontrado minha irmã, além de tê-la trazido de volta para minha família.



## *Um tempo depois*

Eu havia entrado no meu escritório em busca de um refúgio diante da pressão dos últimos

acontecimentos. Senti-me grato pelo fato de Amy não ter apresentado nenhuma complicação, apenas ferimentos leves. Ao contrário de Christopher, que, de fato, teve uma lesão em alguns ossos. Por sorte, nossa enfermaria estava equipada para procedimentos mais graves.

Fui até o armário com as bebidas e me servi com um pouco de conhaque. Quando estava na terceira dose, alguém abriu a porta. Virei a cabeça a tempo de ver Jasmine entrando. Seu rosto estava vermelho e inchado, assim como os olhos úmidos de lágrimas.

Arrastei os meus olhos pelo restante do seu corpo, apreciando o seu vestido. Era rosa, com detalhes em rendas.

Fiquei parado e aguardei enquanto ela ameaçava vir até mim, aflita e preocupada. As lágrimas inundavam seus olhos.

— *E-eu* não sei o motivo pelo qual meu pai está fazendo isso, Owen, ao invés de me buscar — disse, embargada. — As últimas horas foram tão dolorosas aqui — pressionou a mão em seu peito, sobre o coração — Não quero mais me sentir assim, como se o estado da Amy e do Christopher fosse culpa minha.

Notei minha testa franzindo diante de suas palavras. Entornei o restante da bebida, sentindo o líquido arranhar minha garganta.

— A culpa não é sua — falei no fim, consciente de que era a verdade.

Jasmine fungou, passando as mãos no rosto, na tentativa de parar de chorar, mas não teve sucesso. A sua pele foi se tornando cada vez mais avermelhada e inchada. De onde eu estava, Jasmine aparentava estar extremamente vulnerável.

— Por que... você não me leva até meu pai? — perguntou, abraçando a si mesma, como se aquela possibilidade fosse ruim até para ela. — Só assim poderemos evitar mais problemas, Owen.

Em silêncio, depusitei o copo vazio no armário. Em seguida, fui até ela, o que encurtou o espaço que nos separava. Jasmine permanecia próxima à porta. Eu percebi que ela arfou levemente quando me aproximei.

Ergui a mão e brinquei com a alça fina de seu vestido, ansioso para sentir sua pele macia sob meus dedos. Desci devagar até sentir seus mamilos rígidos, prendendo-os entre o indicador e o polegar. Jasmine sentiu um leve tremor, apoiando-se em meu peito.

Então, minha atenção se concentrou no pescoço esguio, onde a correntinha de ouro brilhava. Contudo, os dois pingentes estavam presos, o da cruz — que eu mandei tirar o cianeto —, e o da flor Jasmim. Ela estava usando o presente que eu dei.

— Owen...

Ao desviar os olhos para seu rosto próximo ao meu, enrolei seu pescoço com minha mão livre, sentindo a pulsação da sua respiração acelerar conforme fui apertando. Empurrei o seu corpo contra a porta fechada, enquanto inclinava meu rosto contra o seu, lambendo os lábios que estavam entreabertos. Devagar, afrouxei o aperto em seu pescoço, apreciando o ar que entrava

nos seus pulmões.

Ela não se afastava, ao contrário, parecia querer mais de mim e da minha obsessão. Isso era muito perigoso para nós dois.

— Eu farei qualquer coisa para que isso pare — avisei em voz baixa —, mas você é minha, Jasmine. Nada, nem ninguém, poderá tirá-la de mim. — Meus olhos não se desviaram dos seus quando pronunciei cada palavra. Havia uma miríade de sentimentos brilhando em seus olhos úmidos. — Desejo que você saia de perto de mim agora, pois não estou em um bom momento. Não quero machucá-la.

Afastei-me dela, que quase caiu em seus próprios pés devido ao nervosismo.

— Mas *e-eu...*

Interrompi sua tentativa de argumento quando abri a porta do escritório e gesticulei:

— Vá, *naomh* — ditei. — Apenas seja uma boa garota e não atravesse o meu caminho nas próximas horas.

Em um misto de apreensão e curiosidade, ela finalmente saiu, me deixando sozinho. O que fiz foi colar a testa na madeira fria, respirando com dificuldade.

Eu precisava me acalmar. Precisava restabelecer meus sentidos e minha sanidade mental.



## *Jasmine*

Dor e culpa me envolviam como se fossem dentes afiados. Não sabia como ainda conseguia pensar diante dos últimos acontecimentos. A sensação de constatar que meu pai tinha sido capaz de prejudicar Amy me deixava com o coração sangrando. Por que meu pai faria algo tão terrível? Não entrava na minha cabeça.

— Sinto muito — falei, parando na porta da sala onde Amy estava sendo cuidada desde que chegou, horas antes. Christopher se encontrava em outra sala. — Não consigo entender o motivo pelo qual meu pai...

— É melhor não falar dele aqui, Jasmine — pediu Madison, olhando nos meus olhos. Eles estavam furiosos, mesmo com lágrimas. — Minha mãe está assim por culpa dele.

Baixei a cabeça, me sentindo ainda pior.

— Não seja tão rude, minha filha — pediu Amy. — Venha até aqui, querida — me chamou, estendendo a mão na minha direção. — Não precisa ficar na porta.

Torci as mãos, aflita. Ainda assim, eu entrei, apesar de minhas pernas estarem pesadas. Madison se sentou em uma poltrona ao lado de sua mãe, que estava deitada. Olhar para Amy aumentava o meu sentimento de culpa, pois seu rosto estava com ferimentos visíveis.

— Foi um susto, vou ficar bem — afirmou ela quando me aproximei e segurei sua mão. — Eu não quero que você se sinta culpada.

Meu rosto se contorceu novamente com lágrimas. Madison também estava chorosa.

— Como falei anteriormente, o culpado é o seu pai — decretou Madison, roubando minha atenção.

— Madison!

— Ela precisa saber, mãe — insistiu ela quando Amy tentou interromper sua fala. — O tio Aidan é um monstro. E monstros precisam ser destruídos!

Arregalei os olhos, assustada com suas palavras.

Sem forças para permanecer ali, decidi que seria melhor sair da sala. Corri pela mansão em busca de um lugar só meu, mas quem eu queria enganar? Não havia nada meu ali, ao contrário, eu era algo que pertencia a alguém.

Fiquei tão desorientada que esbarrei em uma pessoa.

— Oh, me desculpe — soprei, aos prantos.

— Tudo bem, não foi nada — respondeu a voz feminina, desconhecida. O som foi baixo, como se ela tivesse chorado bastante.

Olhei para a mulher bonita, ao lado de dois homens. Um deles era o Dexter.

Na mesma hora, o meu choro aumentou.

— Jasmine... — balbuciou ele, preocupado.

Não pensei duas vezes e me joguei em seus braços na busca de algum consolo, qualquer coisa que fizesse aquele incômodo no meu peito ir embora.

— Quem é ela? — perguntou a mulher desconhecida, enquanto eu me escondia no peito do Dexter.

— É a filha do Aidan — respondeu o homem que eu não conhecia.

Dexter afastou o rosto, querendo ver meus olhos. A sua expressão era de profunda aflição.

— O que aconteceu? Quem te fez chorar dessa maneira? — perguntou.

— Espero que eu não precise repetir minha ordem para que você fique longe dela, pois não vou hesitar em mandá-lo para a terceira sala de enfermaria, *caçador* — rugiu a voz do Owen.

O semblante do Dexter ficou sombrio quando olhou para além de mim, minhas costas, já que eu estava com os braços ao redor de sua cintura.

— Isso é bom... para você — insinuou meu amigo, me estremecendo devido ao tom ameaçador —, porque você precisará de cuidados quando eu terminar com você por ter feito a Jasmine chorar.

Pisquei algumas vezes, me afastando, aflita com o clima pesado.

— Já chega disso! — decretou o homem que estava com Dexter quando ele chegou. — Não viemos aqui para isso. Eu o trouxe comigo para vermos meu filho, Dexter. Seu amigo.

Olhei para ele, percebendo que a mulher bonita já não estava mais ali.

Owen chegou mais perto, olhando para a mão de Dexter no meu corpo. Era como se quisesse esmagar meu amigo com as próprias mãos. Me sentindo nervosa, tirei a mão dele da minha cintura de forma sutil antes de manter uma distância segura entre nós dois. Odiaria voltar a ser motivo para uma briga entre eles.

Funguei.

— Estou assim, porque fiquei triste com tudo o que aconteceu — expliquei, passando a mão no rosto inchado. — Mas vou ficar bem — complementei ao Dexter, com um sorriso.

Em seguida, pigarreei e pedi licença antes de sair da frente deles. Todo meu corpo tremia, sentindo o peso da situação. Nada ali estava no meu controle.

Não fazia muito tempo desde que decidi ir atrás do Owen em seu escritório, para tentar aliviar esse sentimento ruim que passou a me sufocar com tudo o que aconteceu. O problema foi que nossa conversa piorou tudo, já que Owen me deixou mais confusa e... preocupada.

Preocupada com ele.

Era como se nós dois estivéssemos ligados de alguma maneira, então eu senti seu tormento em mim. E esse detalhe agravou minha angústia. Não gostava de saber que Owen estava sofrendo. Eu imaginava que, para ele, por ser o irmão mais velho e líder da família, tudo era ainda mais difícil.

Carter surgiu de repente no meu campo de visão. Seu semblante se anuviou quando notou meu estado. Não precisei pedir, pois seus braços se estenderam automaticamente para me acolher.

— *Shh...* — murmurou, passando as mãos pelas minhas costas. — Não gosto de ver você chorar, querida.

Meus soluços aumentaram significativamente.

— *Me-meu* pai é... tio de vocês? — indaguei, pois, as palavras de Madison não saíam da minha cabeça.

Notei que seu corpo travou com minha pergunta e ele se afastou um pouco. Seus dedos ásperos deslizaram pelas minhas bochechas úmidas. Por um instante, percebi que havia algo de errado em sua expressão.

— Carter...

— Sim, — respondeu ele, interrompendo minha fala — Aidan é nosso tio de sangue. — Me encarou e permitiu que eu visse a tormenta em seus olhos. Fiquei sufocada com o peso das suas emoções.

Tudo fez sentido na minha cabeça. Desde a minha chegada até o presente momento.

— Vocês... estão tentando me usar para atingir meu pai de alguma maneira? — indaguei, sem impedir que meu tom soasse acusatório.

Ele piscou, como se tivesse sido ferido por algo doloroso.

— Como está pensando isso? — questionou, incrédulo. — Você é uma de nós, Jasmine. É da família.

Chorei novamente, odiando que não tivesse forças para impedir.

— Se sou da família, por que não posso ir embora?

Carter fez uma careta.

— Você quer ir?

Sua pergunta me deixou sem respostas, porque eu realmente não sabia como responder. Claro que a sensação de estar presa não me agradava, mas, desde sempre, eu vivia dessa forma. Nunca foi diferente com meu pai. Ele me dizia que o mundo era perigoso, então eu aceitava as pequenas coisas que ele me dava, além de atenção e amor.

Com os Sullivan, eu estava experimentando uma nova forma de afeto, além de cuidados. Era diferente.

Carter suspirou e me ofereceu um sorriso simples. Amparou meu rosto com suas mãos grandes. Eu precisava erguer a cabeça para encará-lo.

— Por que não toma um banho para se sentir melhor? — questionou, preocupado. — Pode ser que isso ajude a minimizar sua angústia. Não gosto de vê-la assim. — Fez uma careta. — Me incomoda, pois não posso matar o responsável por isso.

Pisquei, chocada.

— Você não pode matar tudo e todos os que me magoam, Carter. É errado.

Mas, dessa vez, foi ele quem piscou, sem entender.

— Quem disse que não posso matar? — Ele parecia, de fato, confuso.

Sacudi a cabeça.

— Geralmente, quem nos diz isso é a nossa consciência.

— Mas é justamente ela quem me ordena a matar, Jasmine — argumentou, cruzando os braços.

Acabei achando graça.

Então, me apoiei nos seus ombros para beijar seu rosto. Acariciei o local onde beijei,



percebendo um leve rubor em sua pele branca. Eu supus que ele não estivesse habituado a receber esse tipo de afeto.

— Obrigada por cuidar de mim — soprei, emocionada.

Carter não disse nada, inquieto até para me encarar nos olhos. Assim sendo, me afastei dele e continuei meu caminho. Talvez ele estivesse certo, e um banho me faria sentir melhor.



Mais tarde, quando decidi sair do quarto para ver como estavam as coisas, percebi que o ambiente parecia calmo. Ainda assim, continuei seguindo até a enfermaria. Parei na sala onde Christopher estava. A situação dele era mais grave que a da Amy.

— Oi — soprei, sem jeito, quando vi Madison e a mulher bonita. Era a mesma que esbarrei mais cedo.

Madison esboçou um sorriso fraco ao me ver. Levantou-se e veio até mim, me puxando para um abraço.

— Peço desculpas pelas minhas palavras rudes de mais cedo — soprou no meu ouvido. — Não estava com raiva de você, apesar de ter aparentado isso. — Afastou-se um pouco para ver meus olhos emotivos. — Você é tão inocente quanto nós. — Amparou meu rosto.

Pisquei, absorvendo suas palavras. Apesar de me esforçar, tornava-se cada vez mais difícil reunir as peças daquele quebra-cabeças.

— Vamos lá — pediu ela, me puxando pela mão —, vou te apresentar a mãe do Christopher.

A minha atenção se concentrou na desconhecida.

— Esta é a senhora Natalie — apontou para a mulher mais velha, que sorriu para Madison.

— Esse “senhora” me fez sentir velha demais, Madison — brincou, sorrindo fraco. Todas as duas estavam com os olhos vermelhos devido ao choro. — Mas é uma satisfação finalmente te conhecer formalmente, querida. — Seu olhar encontrou o meu.

— Nos últimos tempos, você foi bastante comentada, Jasmine — afirmou Madison.

Aceitei o aperto de mão da Natalie.

— É muito estranho que tenham falado sobre mim sem me conhecerem — respondi,

reflexiva. — Às vezes, tenho a impressão de que minha vida não é somente minha.

— Sinto muito por isso, querida — afirmou Natalie, segurando minha mão. Nós estávamos sentadas próximas, perto do Christopher, que permanecia desacordado. — Também não concordo com essa situação. Você é quase uma menina. Quantos anos tem?

— Dezenove.

— É mais jovem que minha filha — argumentou ela, sorrindo. — Sim, tenho uma filha também, além do Christopher. Ela só não veio ver o irmão porque está no período final das aulas do semestre da faculdade. Mas garantiu que, assim que possível, ela virá para a Irlanda.

— Como ela se chama? — perguntei, demonstrando curiosidade.

— Aimée — respondeu, sorrindo. — Você veio da Escócia, não é? Essa foi, pelo menos, a informação que meu marido me deu. — Assenti com a cabeça. — Eu imagino que você sinta falta de lá — comentou.

Eu sentia falta do meu pai, na verdade, mas guardei essa informação para mim. Acreditava que elas não entenderiam.

— Sinto falta da tranquilidade — fui sincera. — Lá, minha vida era mais simples.

A conversa persistiu pelos próximos minutos, embora, ocasionalmente, minha atenção se concentrasse na Madison, que não conseguia disfarçar a sua preocupação com Christopher. O fungar baixo, o toque suave na mão dele. Indaguei-me se havia algo a mais ali, que ela não queria que vissemos.

Depois de um tempo, pedi licença para sair, pois desejava visitar Amy também. Não tinha certeza das horas, mas imaginei que estava perto das dez da noite.

Fui até a outra sala, mas parei ao perceber que os trigêmeos estavam ali conversando com a madrastra. Fiquei na porta, mas sem deixar que algum deles me notasse.

Antes de me afastar, ouvi algo que me chamou a atenção:

— Onde está o Owen? — questionou Amy. — Ele ainda não apareceu para me visitar.

Franzi o cenho, sem acreditar naquilo.

— Você sabe como nosso irmão se sente quando as coisas saem do controle dele, Amy — falou Kael, frustrado com a própria resposta. — Owen tem a mania de achar que todos os pesos do mundo devem estar sobre seus ombros.

— Mas ele não foi responsável por nada — disse ela, suspirando. — Será que é por isso que ele ainda não veio me visitar?

— Eu acredito que ele ainda não esteja preparado para encarar você, Amy — declarou Carter.

— Owen precisa de um pouco de tempo para assimilar tudo — concluiu Sean. — Acredito que logo virá te ver.

Inspirei fundo, lembrando das palavras de Owen, mais cedo, me pedindo para ficar longe de seu caminho, pois ele não estava se sentindo bem.

Ele foi enfático ao me mandar ficar fora do seu caminho.

Apesar disso, me afastei da enfermaria e segui à sua procura. Nenhum sinal de alerta foi suficiente para interromper meus passos; minhas pernas pareciam ter vida própria.

Minutos depois, o encontrei em seu quarto. Estava sentado em uma poltrona, envolto na fumaça do cigarro. Seu corpo estava relaxado, com a cabeça inclinada para trás.

— O que você quer, Jasmine? — rosnou, sem sequer se importar em olhar para mim. — Você se esqueceu do aviso que lhe dei?

Meu coração acelerou, mas ignorei qualquer alerta que me fizesse desistir de estar ali. Fechei a porta atrás de mim, sem tirar os olhos de sua figura sombria.

Era como se sua aura estivesse mais escura do que o habitual. Seus olhos me fitaram e precisei me esforçar para me manter firme.

— Eu... — limpei a voz, desejando que soasse firme — vim saber como você está. Tenho a impressão de que algo está errado com você.

Ele deu uma risada, voltando a fumar seu cigarro.

— Algo errado comigo? — repetiu. — Mas isso, eu já tinha falado. Pensei que tivesse sido claro com você. — Apagou o cigarro no cinzeiro que estava ao seu alcance, no chão.

Assim sendo, se colocou de pé, me permitindo ver toda sua imponência. Estava usando social, mas sem o paletó.

— Sim, você foi — balbuciei, concentrada nos seus passos lentos e torturantes. — Mas... — engoli seco quando ele parou na minha frente, parecendo me devorar com seus olhos intensos —, estou aqui agora. Talvez eu possa fazê-lo se sentir mais confortável. Não gosto de saber que você está triste.

— Você acha que estou triste?

Deitei a cabeça de lado, confusa.

— E não está?

Ele não deu uma resposta, ao invés disso, caminhou até a porta. Abriu lentamente e, em seguida, se dirigiu a mim.

— Saia! — ordenou, gesticulando para o corredor. — Se você continuar aqui, não tenho certeza se vou ser gentil, Jasmine. A minha cabeça não está bem no momento, e se me permitir

tocar em você, as coisas podem... sair do controle.

Fiquei imóvel, fixando-me em sua expressão e assimilando suas palavras.

— Por que pensa que pode me machucar? Você deseja isso?

Ele ponderou.

— Às vezes.

Meu coração disparou, mas minhas pernas permaneceram travadas no lugar. Passei as mãos suadas no tecido do meu vestido e percebi minha ansiedade.

— Eu... confio em você, Owen.

— Não deveria — decretou ele, voltando a fechar a porta. O detalhe dele girando a chave, não passou despercebido pelos meus olhos. — Porque não sei lidar com os sentimentos que você me faz sentir.

Ele chegou mais perto, deslizando uma das mãos sobre meu pescoço e firmando minha nuca. Sua outra mão apertou minha cintura com força, provocando-me um gemido.

— E o que você sente? — perguntei, me perdendo em seus beijos, quando ele curvou a cabeça para beijar meu pescoço.

— Estou com raiva agora, *naomh* — admitiu, apertando minha cintura com força. — Fúria, na verdade. Do seu pai, de mim... e isso se agrava quando me lembro de você agarrada àquele bastardo do Dexter.

Me segurei em seus ombros, pois estava enfraquecida devido às reações que seus toques provocavam em mim.

— Ele... — lambi os lábios ressecados —, só estava me consolando. Você não quis me consolar.

Ouvi seu rosnado, o que me causou arrepios incontroláveis.

— Você não é dele para que ele a console, Jasmine — decretou ferozmente. Minha calcinha se umedeceu de forma espontânea. Esse jeito dele me atraía de uma forma inexplicável. Sua mão amoldou meu rosto e seus olhos acompanharam os movimentos dos dedos nos meus lábios. — Eu já disse que você pertence a mim.

Sem que eu tivesse tempo para pensar, sua boca tomou a minha de assalto, exigindo meu ar e minha voz. Sua mão pressionou meu traseiro, enquanto a outra deslizou pela frente, até atingir o meio das minhas pernas, tocando aquele ponto que pulsava sem parar.

Arfei no momento que seus dedos pressionaram por cima da calcinha. De repente, ele me soltou.

— Tira — ordenou, apontando para baixo. Deduzi que fosse a calcinha.

Apesar de estar tremendo, ergui a barra do vestido e enrosquei os dedos no tecido da calcinha, deslizando-a pelas minhas pernas, que mal conseguiam se manter em pé. Owen continuava me olhando, e de uma forma que me fazia sentir como se estivesse queimando, mas sem sentir dor. Sentia um traço de maldade em sua expressão, mas também a convicção de que ele estava certo ao afirmar que eu pertencia a ele. Eu me sentia dessa forma.

Era como se eu finalmente me encontrasse. Encontrasse meu lar.

— Você tem ideia do que senti ao ver a mão daquele imbecil no seu corpo? — questionou, se aproximando novamente. Neguei com a cabeça. — Eu desejei cortá-la fora, na sua frente. Ainda estou pensando nisso. Também desejei tocar sua boceta para que ele percebesse que você é minha. Nada me daria mais satisfação do que ouvir os seus gritos enquanto a fizesse gozar — brincou com meus lábios entreabertos — Você está mexendo com a minha cabeça, não? Está me deixando fora de mim.

Minhas mãos estavam no seu peito, onde eu podia sentir seus batimentos acelerados.

— Prefiro você — admiti, fitando-o nos olhos. — É você que eu quero. Não precisa ficar com ciúmes.

Algo nas minhas palavras o deixou atordoado.

— Ciúmes? — repetiu, sorrindo. — Você realmente não tem ideia do que estou sentindo... — seus dedos brincaram com meu lábio inferior, aparentando estar fascinado — Tão inocente e... *minha!*

— Owen... — choraminguei, esfregando uma perna na outra, incomodada com aquele pulsar incessante. Ele notou e levou uma de suas mãos ao meio das minhas pernas, lambuzando seus dedos com minha abundante umidade. — Oh, céus!

— Ajoelha! — exclamou ele, me encarando com aquele olhar autoritário. Tudo dentro e fora de mim não ousou desafiá-lo. Na verdade, senti que meu corpo ficou mais sensível e desesperado.

Caí de joelhos aos seus pés, erguendo os olhos para seu rosto, que me fitava de cima. Por um instante, Owen permaneceu acariciando meu rosto, como se estivesse registrando meus traços em sua mente atribulada.

— Abra a boca — exigiu.

Não hesitei. Em seguida, seu polegar afundou-se na minha boca. Apesar da luz baixa, percebi que suas pupilas estavam dilatadas conforme eu sugava seu dedo, tocando a ponta com minha língua.

Eu me sentia completamente dependente dele e de suas vontades, mas era como se eu estivesse no lugar certo. Owen retirou o dedo para fora da minha boca, apenas para afundá-lo novamente e mais e mais vezes...

Quando menos esperei, aproximou as mãos da sua calça, o que atraiu minha atenção de imediato. Todo meu corpo vibrou em expectativa. Em poucos segundos, seu pênis ereto e duro

saltou diante de meus olhos curiosos.

— Posso tocar? — perguntei, sem ter coragem de desviar o olhar.

— Quero foder a sua boca, *naomh* — afirmou, fazendo com que meu desconforto ali embaixo aumentasse. — Enchê-la com a minha porra. É isso que eu quero.

Sentindo meu coração quase saindo pela boca, levei as mãos até seu pênis, me deleitando com a maciez e o calor dele sob meus dedos. Fiquei maravilhada com a sensação, deslizando o polegar pela parte superior, rosada e úmida. Owen soltou um gemido rouco, apreciando meu toque.

Sua mão cobriu a minha, se movimentando lentamente. Compreendi que ele estava me instruindo sobre como gostaria que eu fizesse.

No instante que viu que eu tinha aprendido, voltou a me deixar livre. Sem parar de movimentar meu punho, fui chegando o rosto mais perto, ansiosa para senti-lo na minha boca.

— *Caralho!* — rugiu ele, jogando a cabeça para trás quando resvalei a língua na parte de cima, experimentando o seu gosto salgado. — Puta que pariu!

Mantendo-o sob uma das minhas mãos, comecei a explorá-lo com a minha língua, alimentada cada vez mais pelos seus gemidos. Inspirada pelas suas reações, abri minha boca e engoli um pouco da sua grossura, apreciando a sensação de tê-lo na minha boca. Era macio.

Owen esmagou meus cabelos, ditando os movimentos, embora sem muita força. Com ele na boca, ergui os olhos, ansiosa para assistir às suas reações. Da mesma forma que ele me deixava descontrolada sempre que me dava prazer, eu também queria causar isso a ele.

Com uma das mãos nos meus cabelos e outra no rosto, Owen começou a impulsionar os quadris, forçando-me a controlar minha língua de forma a impedir que seu pênis atingisse minha garganta.

Apesar de estar com os olhos úmidos pelas lágrimas não derramadas, permaneci firme, sem coragem de desviar o olhar dele, que parecia hipnotizado e completamente fora de controle.

Os balbucios que saíam de seus lábios eram incoerentes, roucos. Não sabia por que vê-lo daquela forma piorava minha excitação, mas piorava.

Tentei soltá-lo da minha boca, mas Owen não permitiu.

— Não mandei parar! — rosnou ele. Senti a umidade escorrer pelas minhas pernas e minha pulsação aumentar.

Mantendo a mão nos meus cabelos, os movimentos de seus quadris continuaram por mais alguns instantes até que eu quase me engasguei com os jatos de seu orgasmo. Sua cabeça tombou para trás, perdido no próprio prazer.

Sem ter certeza se poderia, engoli tudo, apesar de ter escapado um pouco pelo canto da minha boca.

Owen voltou sua atenção para mim, ainda mais sombrio. Seus dedos espalharam o líquido, que escorreu da minha boca, para os meus lábios e queixo.

— Fascinante! — soprou.

Suas mãos me levantaram com facilidade; agradei por não me soltar, pois poderia cair devido ao meu torpor. Sua boca voltou a reivindicar a minha, com fome, raiva, obsessão... era difícil assimilar aquilo.

Meu vestido foi rasgado no meu corpo, enquanto sua boca deslizava em minha pele com beijos, sugadas e mordiscadas. Logo em seguida, minhas costas se chocaram contra o colchão de sua cama e, sem perder tempo, Owen escondeu seu rosto entre minhas pernas, me chupando com intensidade. Eu me arqueei toda, beliscando meus mamilos, lutando para não gritar, pois percebi que ninguém poderia ter conhecimento do que estávamos fazendo ali. E eu não desejava que fôssemos interrompidos.

Perdida em sensações, arrastei as mãos pelo meu corpo até chegar à sua cabeça, onde enfiei os dedos em seus cabelos. De forma instintiva, peguei sua mão e a levei até meu pescoço. Owen pausou a carícia e mordeu minha coxa.

— Você quer ser sufocada, *naomh*? — questionou, embora tenha soado como uma afirmação.

Sem esperar por uma resposta verbal, ele começou a apertar meu pescoço, enquanto voltava a me lambe. A sensação de falta de ar, somada às reações lá embaixo, me empurrava à beira do abismo, mas de um jeito bom. Sua língua começou a se movimentar de forma circular, o que me levou à loucura. Sempre que eu pensava que acabaria desmaiando, seu aperto no meu pescoço afrouxava, me deixando num estado de êxtase inexplicável.

Quando finalmente alcancei o clímax, meu corpo pareceu superaquecido, mesmo sem estar queimando. Era como se uma corrente elétrica me atravessasse da cabeça aos pés. Inspirei com força, enchendo os pulmões de ar, à medida que cada centímetro da minha pele vibrava com a sensibilidade do orgasmo.

Owen começou a subir pelo meu corpo com beijos, marcando-me em todas as partes que podia, mordendo e sugando. Eu estava sonolenta.

Ele se jogou ao meu lado, brincando com meus cabelos bagunçados. Meus olhos estavam pesados, mas me esforcei para olhar o seu rosto ali, tão perto do meu. Owen preferiu permanecer calado, mesmo que estivesse concentrado em meu rosto. Desejei poder ler seus pensamentos.

— Você está mexendo com a minha cabeça, Jasmine — quebrou o silêncio. — Isso me desestabiliza, pois não confio em você.

— Por que não confia em mim?

Franziu o cenho.

— Porque você pode estar me enganando, assim como seu pai fez comigo.

Me ajeitei um pouco mais, para ter uma visão melhor do seu rosto. Ele estava tenso.

— Meu pai magoou você — declarei, percebendo uma mudança sutil em sua expressão.

— Não — sibilou, entre dentes. — Ele me traiu.

Bocejei, cansada, sentindo meu corpo dormente.

— A traição machuca mais quando vem de alguém que amamos, Owen — declarei, com meus olhos pesados de sono.

Ele não disse nada. Entretanto, após algum tempo, quando eu estava quase apagando, ouvi sua voz grave:

— Não me agrada saber que você está se aproximando do meu coração, garota, porque isso me assusta mais do que estar diante da morte.





## Owen

Mais uma maldita noite sem dormir. Não consegui desviar os olhos de Jasmine nem por um instante sequer, mas também não tive coragem de acordá-la para que saísse da minha cama. Eu não queria que ela deixasse meus braços. Não suportava a ideia de ficar longe do seu cheiro.

O dia estava amanhecendo, enquanto meus dedos percorriam a pele dela, marcada com a minha selvageria de horas atrás. O vestido rasgado em seu corpo frágil e delicado me deixou com um peso de remorso, pois nunca agi dessa forma com uma mulher, especialmente com alguém tão sensível quanto Jasmine.

Infelizmente, minha mente ficou desestabilizada demais após tudo o que aconteceu com Amy e Christopher bem debaixo do meu nariz. A sensação de culpa e impotência me deixou inquieto, e eu conhecia a mim mesmo o suficiente para compreender que, nesses momentos, eu precisava me isolar na privacidade do meu silêncio, pois minha falta de controle era evidente. E, porra! Por que essa garota precisava cruzar meu caminho?

Balancei a cabeça, irritado com Jasmine, embora a irritabilidade viesse, na verdade, de minha própria dificuldade em lidar com as emoções que ela provocava em mim. As imagens dela aos meus pés, chupando meu pau, tiravam meu maldito fôlego, assim como o momento em que ela guiou minha mão até seu pescoço, silenciosamente me pedindo para enforcá-la. *Putá merda!*

De repente, seus lindos olhos se abriram no instante em que percorri os dedos pelas marcas em sua coxa. Marcas de dentes.

Num primeiro momento, Jasmine não proferiu nenhuma palavra, apenas manteve seu olhar preso ao meu. Talvez estivesse tentando decifrar alguma coisa em mim, mas não consegui entender completamente.

— Você não deveria ter vindo ao meu quarto ontem — afirmei, quebrando o silêncio tenso. — Veja só o que eu fiz com você... — continuei deslizando os dedos pelos hematomas. Ela se contorceu, desviando o olhar para onde meus dedos tocavam. Notei um leve arrepio em sua pele.

— Está arrependido?

Tentei interpretar sua expressão, mas não obtive sucesso. Na maioria das vezes, Jasmine era como um livro aberto, no entanto, havia esses momentos... quando eu me sentia perdido, sem compreender verdadeiramente com quem estava lidando.

— Não sou um homem agressivo — respondi, com a testa franzida, incomodado cada vez que observava seu estado. — Por que você não me escuta quando falo com você?

— Eu escuto — afirmou ela.

Enchi os pulmões de ar.

— Não é isso que parece — resmunguei, deixando a cama. Eu estava apenas de cueca. — Porque se escutasse, ficaria bem longe de mim. — Com minha visão periférica, notei que ela se sentou na beirada da cama.

Caminhei até meu closet, de onde peguei uma das minhas camisas. Ao retornar à cama, tive que respirar fundo diante da visão mais explícita de sua nudez, agora que ela havia retirado o vestido rasgado. Percebi que seus olhos estavam fixos nos hematomas.

— Por que se arrependeria de ter feito isso comigo, quando eu gostei de cada parte, Owen? — questionou, erguendo aqueles olhos enigmáticos para mim.

Travei os pés, surpreso com sua pergunta. Certamente, com minha experiência, eu já havia notado a veia submissa dela, mas ainda estava assimilando a ideia de que, talvez, apenas talvez, Jasmine também fosse um pouco masoquista. Eu não podia ser hipócrita em afirmar que isso não me deixava ainda mais ensandecido e obcecado por ela.

*Porra!*

— Qual parte você mais apreciou, *naomh*? — perguntei, me aproximando e a envolvendo com meus braços. O som de sua respiração acelerada aumentou minha excitação.

Embora desejasse intensamente jogá-la na cama e possuí-la, sabia que não podia ceder a essa tentação.

Coloquei um de seus braços na camisa, seguido pelo outro, resistindo à vontade de inclinar a cabeça para seus mamilos excitados.

— A parte que mais aprecio entre nós dois é quando você me chama pelo meu nome — declarou, me deixando momentaneamente sem palavras. Seus olhos nos meus mantinham uma intensidade peculiar. — Isso me faz sentir sua em cada célula do meu corpo.

Meu coração começou a bater forte no peito, como sempre acontecia com ela. Sempre ela.

Permiti-me acariciar seu rosto, aproximando nossas testas enquanto mantinha meus olhos fechados. Não me perdoaria se, mais uma vez, confiasse em alguém e fosse traído. Não, isso não podia acontecer.

Com a tensão no ar, afastei-me e ajudei a abotoar a camisa, que se transformou em um vestido para ela. Não consegui identificar exatamente o que senti ao vê-la usando uma peça de roupa minha.

— Agora, preciso que você retorne para o seu quarto — pedi, ainda atordoado com suas palavras recentes.

Ela piscou, olhando ao redor.

— Você vai me encontrar mais tarde? — perguntou. — Quero conversar sobre...

Meu maxilar se contraiu.

— Não vou discutir sobre o canalha do seu pai — grunhi, sentindo a raiva me dominar novamente. A expressão que ela fez foi tão adorável que quase me fez esquecer minha irritação e me aproximar para beijá-la.

— Mas... ele é seu tio — balbuciou. — Portanto, você e eu somos parentes. Isso é errado.

Pisquei algumas vezes, processando suas palavras.

— Errado? O que é errado?

Notei seu rosto corar, percorrendo um pouco de seu pescoço delicado.

— Isso — apontou entre nós dois, inquieta. — Eu e você. Tecnicamente, você é meu primo.

— Quando descobriu que seu pai é meu tio?

— Ontem — respondeu. — Madison mencionou sem querer e o Carter confirmou. — Suspirou baixo. — Fiquei tão atordoada com os recentes acontecimentos que não raciocinei direito. — Invadi novamente seu espaço pessoal. — Acho que é pecado, Owen.

Afaguei seu rosto, brincando com seus lábios carnudos entreabertos.

— Por que seria pecado? Isso era comum na época de Cristo. — Continuei a observar seu rosto, ocultando o fato de desconfiar que Aidan talvez não fosse seu pai biológico.

Jasmine piscou os cílios para mim, um tanto confusa. Ao contrário do que eu esperava, suas pequenas mãos me empurraram para longe.

— Vou voltar para meu quarto — afirmou, se afastando.

Fiquei imóvel enquanto ela se dirigia à porta, sem olhar para trás em momento algum. Quando saiu, me vi perdido, com os pensamentos tumultuados.



Estava impaciente e estressado quando finalmente desci para o café da manhã. Eu não podia me dar ao luxo de me manter recluso para sempre, afinal, os negócios dependiam de mim, além de estar recebendo visitas na mansão.

Após o ocorrido com Christopher, sua família precisou viajar às pressas para a Irlanda a fim de vê-lo. Devido ao estado crítico dele, não teria como transferi-lo. Apesar de não ser um hospital, a enfermaria que tínhamos era bem equipada e havia uma equipe médica capacitada para lidar com casos graves.

— Como você está? — questionou Liam, logo que tomei meu assento à mesa. Aurora estava ao seu lado.

— Bem, na medida do possível — respondi.

— Você se recolheu cedo ontem, capo — mencionou Ryan, ao lado de sua esposa. Os olhos vermelhos dela eram visíveis. Para ela, como mãe, ver o estado de saúde do Christopher não deveria ser uma tarefa simples. — Eu imaginei que tudo o que ocorreu o deixou desestabilizado. Muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

Me servi com uma xícara de café preto, sem açúcar.

— Minha cabeça estava explodindo — comentei. Não era exatamente uma mentira. — Sinto muito se não fui um bom anfitrião, Ryan.

Ele sorriu.

— Não se preocupe — respondeu. — Seus irmãos foram muito receptivos conosco — dirigiu o olhar para sua esposa, Natalie.

A história dos dois era fascinante, pois Ryan havia passado grande parte de sua vida trabalhando como caçador de recompensas. E, pelo que eu sabia, Natalie foi uma de suas "presas" antes de se tornar sua esposa. Agora, ele assumiu a máfia que a esposa herdou, abandonando a profissão de caçador. Seu filho Christopher assumiu esse papel.

— A propósito, sua casa é muito bonita, Owen — elogiou ela com simpatia. — Ainda não fiz um tour, mas o pouco que vi me deixou extasiada.

— Se quiser, posso levá-la para dar um passeio — ofereceu Aurora. — O médico disse que preciso andar bastante agora nos últimos meses de gestação para ter um parto natural.

Natalie arqueou as sobrancelhas.

— É interessante você decidir pelo parto natural — comentou ela. — Nem todas aceitam, justamente por ser doloroso.

— Minha esposa é forte! — exaltou Liam, orgulhoso.

— Diz isso porque não é a sua boceta que vai ser arregaçada — insinuou Aurora.

— Mas eu não tenho boceta, querida.

— Queria ver a cabeça do bebê saindo do teu rabo então, se iria repetir a frase de que sou forte — indignou-se ela.

— Puta que pariu! — Fechei os olhos, constrangido. — Sinto muito por isso — expressei para Ryan e sua esposa, que riram de leve. — Esses dois realmente não possuem modos e nem filtro na boca. — Levei os olhos para o Liam, fuzilando-o com o olhar.

— O que foi que eu fiz? — quis saber ele, se fazendo de desentendido.

Os trigêmeos, Shadow, Michael e Dexter chegaram à sala naquele momento. Estavam discutindo sobre algo divertido, já que era possível ouvir o som das risadas deles.

Se o meu humor estava ruim, naquele instante, com a presença daquele caçador idiota, se tornou uma escuridão sem fim. Minha mente começou a me mostrar Jasmine abraçada à ele, as mãos dele na cintura dela, as dela no peito dele...

Meus punhos se fecharam de forma automática enquanto meus dentes rangiam pelo ciúme, mas eu consegui me conter a tempo e puxei minhas mãos para meu colo.

— Bom dia! — saudou Shadow, ocupando seu lugar à mesa. — Acordaram cedo também? — perguntou ao Ryan e Natalie.

— Nem dormi — respondeu Ryan.

— Eu passei uma boa parte da noite com Christopher — contou Natalie, com a voz abafada. — Fiquei com medo de ele despertar e não ter ninguém por perto. Madison, inclusive, insistiu em ficar também, pobrezinha. Vi que a irmã de vocês tem um enorme carinho pelo meu filho.

— Ele ainda está em fase de testes — insinuou Carter, se servindo de uma xícara de café.

— Fase de testes? — quis saber Michael, confuso. Ele não era tão comunicativo quanto os outros, na sua idade. — Como assim? O que isso significa?

— Isso quer dizer que ainda não estamos de acordo com o relacionamento dele com nossa irmã — Kael respondeu, como se estivesse discutindo sobre o clima. — É melhor que ele se recupere quanto antes, pois até mesmo as lágrimas que vi a Madison derramando contam como um ponto negativo.

— Você é idiota assim mesmo, ou se faz? — ralhou Shadow, revoltado com a visível insensibilidade dos meus irmãos.

— Preciso concordar com o Shadow — argumentou Ryan, sem esconder o desconforto. — Meu filho não foi responsável pelo que aconteceu. Aquilo foi uma fatalidade. Aliás, é importante salientar que ele estava em campo, trabalhando para vocês.

Semicerrei os olhos.

— Você está me dizendo que perdeu o interesse em saber o paradeiro do Grão-mestre? — indaguei, roubando sua atenção. — Porque foi para isso que seu filho veio, Ryan, acompanhado pelo Shadow. Pensei que fosse um trabalho em conjunto, ou acabei fantasiando coisas?

O ambiente se tornou pesado.

— Por favor, vamos nos acalmar um pouco — Natalie ficou nervosa. — Não estou em condições psicológicas para assistir a discussões desnecessárias. — Ela se ergueu, limpando a boca com um guardanapo. — Se me permitirem, por favor.

— Estou à sua disposição, senhora Natalie — disse Aurora de forma rápida, seguindo a mulher para fora da sala.

Inspirei fundo, me sentindo um estúpido. Na verdade, minha cabeça estava um verdadeiro caos, e boa parte da culpa era da Jasmine. As lembranças da noite anterior não deixavam de me perturbar constantemente. Contudo, eu também sentia a sensação de... medo?

Não tinha certeza se essa sensação correspondia ao que estava acontecendo dentro de mim, já que não gostei da maneira como ela deixou meu quarto recentemente. Senti como se tivesse sido uma despedida.

E essa maldita constatação estava me deixando desconcentrado e... apreensivo.

— Não tive a intenção de culpá-los pelo que aconteceu ao meu filho — disse Ryan, tão perturbado quanto. — Peço desculpas por isso.

Endureci o maxilar, olhando para a mesa farta, mas sem sentir nenhuma fome.

— Tudo bem — soprei. — Também peço desculpas pelas bobagens proferidas pelos meus irmãos.

— Ei?!

— Alguém precisa ser racional aqui — ralhei com Carter, que pareceu engolir seus xingamentos.

— Não consigo acreditar que aquele idiota não me chamou para estar com ele nessa missão — reclamou Dexter, referindo-se ao Christopher. — Nós trabalhamos juntos.

— Na verdade, não houve tempo — explicou Sean, mordendo o pão. — Tudo aconteceu muito rápido.

— Afinal, como foi o sequestro da madrastra de vocês? — questionou Ryan. Minha mente novamente me acusando pelo fracasso com Amy.

— Foi uma emboscada — respondi. Eu talvez não tenha conversado com Amy ainda, mas ela compartilhou o que sabia com meus irmãos.

— Infelizmente, ainda há infiltrados entre nossos seguranças — acrescentou Liam, tenso. — Houve uma troca em alguns deles durante o trajeto de retorno de Amy. A única coisa que ela se recorda é de ter visto capangas sendo mortos antes de ter seu rosto coberto por um pano embebido em alguma substância.

— Malditos do inferno! — rosnou Dexter. No que se referia a isso, nós tínhamos algo em comum.

— Aidan não entrou novamente em contato? — quis saber Shadow.

Neguei com a cabeça.

— Não há dúvidas de que ele planejou tudo — declarei, com os lábios retorcidos. — Aidan não tinha planos de fazer nenhuma troca. O bastardo queria nos ver mortos. Todos nós.

Pensar nisso, me deixava até doente.

Houve-se um praguejar unânime.

— Qual é o plano agora? — Dexter perguntou. — Porque não podemos ficar esperando o próximo passo. Aidan está bem perto.

— Considerando que, ao que tudo indica, meu filho não poderá ser transferido daqui, quero garantir a segurança dele — acrescentou Ryan, me encarando.

Assenti com a cabeça.

— Descobriram algo novo sobre aquele ex-membro da Igreja, Arnold Clark? — indaguei. — Algo me diz que ele pode ser um importante aliado.

A conversa prosseguiu, embora minha mente insistisse em me sabotar, projetando o rosto de Jasmine em meus pensamentos.



Consegui postergar minha visita a Amy nas últimas horas, mas compreendia que não podia mais evitar. Mesmo que isso me atormentasse internamente, eu precisava ser forte e encarar as

consequências do que aconteceu com ela.

Bati na porta uma única vez antes de espiar para dentro. Madison e Amy me encararam.

Meu coração acelerou. Pigarreei para disfarçar.

— Ah, não sabia que a Madison estava aqui — murmurei, sem jeito. — Volto depois.

Ameacei fugir, mas a voz da Amy freou minha tentativa:

— Nada disso, Owen! — decretou. — Há lugar para você, a sala é bem espaçosa.

Fiquei tenso e retornei alguns passos, sentindo o meu corpo todo rígido devido ao nervosismo.

Madison se ergueu, beijando o rosto da mãe antes de se afastar dela.

— Eu vou deixar que vocês conversem a sós — avisou, se aproximando de mim e beijando meu rosto com afeto.

Retribuí o sorriso, apesar de ter saído meio esquisito.

Amy se acomodou na maca, me encarando com um ar alegre.

— Vai permanecer parado na porta por quanto tempo? — perguntou, sorrindo. — Tudo isso é medo de mim? Eu não vou morder, Owen.

Soltei um suspiro baixo, finalmente entrando na sala. Sentia como se o peso do mundo estivesse sob minhas costas.

Eu tentei evitar olhar diretamente para seu rosto, pois seus ferimentos estavam me afetando de modo doloroso.

— Por que demorou tanto para vir me ver? — quis saber, pressionando minha mão na sua. Não respondi. Fiquei contemplando nossas mãos unidas, a sua perdida na minha. — Owen? Por favor, olhe para mim, querido. — Fiz o que ela pediu, apesar de ter o coração em pedaços diante da impotência do que aconteceu com ela. — A culpa não foi sua.

— Não pode dizer isso — declarei, com a voz rouca. — Eu sou o capo dessa família, Amy. Portanto, tudo o que acontece de errado é, sim, responsabilidade minha.

Ela buscou uma respiração funda.

— Você está se cobrando demais — falou. — Seu pai também era assim, sabia? Sempre se sentindo culpado quando as coisas não estavam indo bem, embora eu enfatizasse que nem tudo estava sob nossa responsabilidade. Vocês não são deuses, querido, apesar de você acreditar que são. — Deu um sorriso divertido.

Decidi me acomodar na poltrona ao lado da maca, mantendo firme a mão da Amy na minha. Estava apreciando a sensação do seu calor, a vida emanando do pulsar do seu coração.



— Por mais que eu não fale com frequência... — me calei, respirando fundo — eu amo você, Amy — admiti, sentindo meu coração acelerar. — A ideia de quase tê-la perdido me deixou sem forças, desorientado e com medo. Não gosto de sentir medo. O medo me enfraquece e me deixa perdido. Quando estou perdido, não penso direito.

— O medo é o que te torna humano, meu querido — concluiu ela, com carinho. Sua mão livre tocou meu rosto. Seus olhos estavam úmidos. — Eu também amo você. E não gosto de saber que você se culpa pelo que aconteceu comigo. Não faça isso. Quer me ferir?

Minha testa ganhou pequenos vincos.

— Claro que não!

— Então pare de ser idiota e comece a pensar com clareza! — esbravejou. — Se há alguém responsável por todas as desgraças dos últimos tempos, esse alguém é Aidan. Resta saber se será capaz de derrotá-lo agora que há uma barreira especial no caminho.

Eu pisquei, buscando compreender o que ela estava dizendo.

— Barreira especial? Como assim?

Amy inspirou fundo.

— Jasmine — respondeu. — Apesar de tudo isso, ele é o pai dela. E a garota o ama. — Pausou, me fitando, talvez desejando acompanhar minhas reações. — Não é preciso ser um gênio para perceber que ela está mexendo com você de alguma forma e...

— Isso não é verdade, eu...

— Não perguntei nada, Owen; pelo contrário, estou afirmando! — exclamou ela, cortando minha tentativa de esconder o que era óbvio. — Desde que aquela garota chegou a essa casa, eu vejo mudanças pequenas. Mesmo que você não queira, ela está entrando em seu coração. — Apertou minha mão. — No final, destruir o Aidan significa destruí-la também. Você terá coragem de arrancar o coração da Jasmine?

Infelizmente, não pude responder.



Mais tarde, na madrugada, não consegui conter meu impulso e fui atrás de Jasmine no quarto dela. Depois que ela deixou meu quarto pela manhã, percebi que estava me evitando, o que me incomodava tanto quanto a possibilidade de nosso parentesco. Minha obsessão por ela

era tão intensa que acabei ignorando esse detalhe nas últimas semanas. Toda vez que a via, a única coisa que ecoava em minha mente era: minha, minha, minha...

Cheguei à sua porta no corredor silencioso. O problema foi que, ao girar a maçaneta, percebi que estava trancada. Endureci o maxilar, contrariado, pois isso indicava que ela realmente não queria me ver.

Quando estava prestes a usar minha técnica para abrir a porta, sua voz sussurrada, do outro lado, me impediu:

— Owen? — chamou, querendo ter certeza de que era eu.

— Abra a porta! — Eu tentei forçar a maçaneta. Me sentia inquieto para vê-la, tocá-la...

— Não.

Inspirei fundo, procurando ter paciência.

— Abra essa maldita porta, Jasmine — repeti, sem alterar a voz, porque não queria alarmar ninguém. — Eu quero... — falei, de olhos fechados, assimilando meus sentimentos e emoções — vê-la. Eu só preciso... vê-la.

Ouvi um soluço dela, agravando minha ansiedade.

— Jasmine...

— Não — repetiu, embargada. — É pecado, Owen, nós somos parentes. Por mais que eu goste de estar com você daquele jeito, sei que o Criador não aprecia.

Não, não, não...

Colei minha testa na madeira da porta, pensando numa tática. Eu não ia aceitar essa porra, não mesmo!

— Eu não vou tocá-la — prometi. — Só me deixe vê-la. Confie em mim.

— Eu confio em você — confidenciou, fazendo meu coração sacudir no peito. — Só não confio em mim perto de você.

Fechei os punhos, ameaçando abrir a porta com socos e pontapés, mas contive o impulso. Em vez disso, voltei a forçar a maçaneta.

— Jasmine? — chamei baixinho. — Jasmine?

Ela não respondeu mais.

*Put a que pariu!*



*Jasmine*

## *Dois meses depois*

O dia já havia amanhecido há algum tempo, mas eu permanecia na cama, observando as sombras das folhagens do jardim que dançavam no piso do quarto. Uma suave brisa entrava pela janela de vidraça enorme. Meus dedos não paravam de brincar com o pingente — em formato de flor — em meu pescoço, um lembrete de que era um presente de Owen. Apesar das circunstâncias, sentia que foi algo feito com o coração dele.

Durante todo esse tempo convivendo com ele e seus irmãos, percebi que para Owen era mais difícil lidar com seus sentimentos; parecia que ele se limitava a apenas comandar, deixando de lado suas próprias emoções. Era algo triste, que partia meu coração.

Na verdade, meu coração já estava despedaçado há bastante tempo. As últimas semanas em que me forcei a evitá-lo estavam se transformando em uma tortura interminável. Cada vez que estávamos no mesmo ambiente, parecia que meu fôlego estava se esgotando. Era como se a mão de Owen estivesse literalmente no meu pescoço, impondo seu domínio sobre mim. Isso só aumentava minha fraqueza e desestabilidade. Evitar sua presença era doloroso. O afastamento nos destruía. Só que éramos primos, e isso contrariava os princípios do Criador.

Desanimada, joguei os pés para fora da cama, pronta para encarar um novo dia. Meus olhos encontraram uma flor de Jasmim no armário de cabeceira. Um sorriso fraco iluminou meus lábios naquele momento, mesmo com o aperto no peito. Uma flor a cada noite.

Durante esses dois meses, Owen não passou uma única noite sem me visitar. Ele não me

acordava; o único rastro de sua presença eram as flores.

Peguei a flor, levando-a ao meu nariz para sentir seu perfume.

Na primeira vez em que ele entrou sorrateiramente no meu quarto usando aquela máscara assustadora, senti um desespero imediato. Talvez fosse essa a intenção dele. No entanto, logo depois, identifiquei seu cheiro característico. Juntar as peças foi simples. Owen queria estar perto de mim, talvez me ver, mas preferia que eu não percebesse. Optava por se esconder por trás da máscara para facilitar as coisas.

Me sobressaltei com um ruído na porta, seguido por um chorinho suave. Levantei-me rapidamente e me aproximei para entender o que estava acontecendo. Um sorriso se formou em meus lábios quando abri a porta e me deparei com o "insolentezão". O cachorrinho já tinha crescido, afinal.

— Oi, amiguinho. — Inclinei-me para cumprimentá-lo com um beijo, enquanto acariciava seu pelo com as mãos. — Veio me desejar um bom dia?

Ele se deitou no chão, de barriga para cima, todo contente com os carinhos que estava recebendo.

De repente, passos ecoaram ao longo do corredor, e meu corpo todo reconheceu instantaneamente, mesmo sem precisar olhar. Nervosa, me endireitei. Cada centímetro do meu ser sentia a ausência dele.

Eu já tinha me acostumado com seu toque, com seus beijos... por que as coisas tinham de ser tão complicadas? Ao mesmo tempo em que sentia repulsa — porque éramos parentes —, também sentia culpa por desejá-lo tanto. Por mais que eu lutasse para negar, eu o queria.

O cachorro da Aurora, que parecia ter me adotado como dona, posicionou-se na minha frente como um escudo protetor. Não entendi se talvez ele tenha sentido algo vindo de Owen, ou até de mim mesma, que estava à beira de um colapso.

Ao perceber a postura ameaçadora do cão, Owen parou a alguns metros de distância, visivelmente assustado.

— O que há de errado com esse animal? — perguntou, engolindo em seco.

Levei a mão aos pelos do cachorro, tentando acalmá-lo, assegurando que estava tudo bem. Eu não me perdoaria se ele machucasse Owen.

— Ele parece não gostar de você — comentei, pigarreando devido ao nervosismo de estar perto dele. Arrastei meus olhos pelo seu corpo tenso, forte e musculoso. Owen sempre foi muito elegante e imponente. — O que quer?

Vi que seu rosto se contorceu de leve, como se algo que eu disse o tivesse irritado. Ultimamente, ele vivia mais irritado do que o normal. Embora suas tentativas de se aproximar de mim não tenham cessado nas últimas semanas, ele estava respeitando minha decisão de se manter longe.

— Quero muitas coisas, *naomh* — respondeu, me encarando dos pés à cabeça. Obriguei-me a respirar fundo e a controlar as reações do meu corpo traidor. Owen estava me marcando, eu podia sentir. — Mas no momento, me contento com uma conversa.

Trêmula, me esforcei para não fraquejar, recostando-me contra o marco da porta. Owen tentou se aproximar, mas o rosnado do cachorro freou sua tentativa.

— Prenda esse animal no quarto — ordenou, fechando os punhos. Percebi que ele não estava acostumado a ser contrariado.

Engoli em seco, absorvendo a situação. Balancei a cabeça, negando.

— Não posso fazer isso — admiti, tremendo. Ele percebeu minha fraqueza, pois algo brilhou em seus olhos intensos. — Se eu... — pausei, buscando uma respiração profunda — ficar perto de você, não vou me controlar, Owen. Por favor, não me obrigue a isso.

Ele abriu um sorriso maquiavélico.

— Você está ciente de que posso impedir a entrada desse cachorro nesta casa, não está? — questionou. — Não vou aceitar barreiras entre nós, Jasmine. Nas últimas semanas, dei o espaço que precisava para compreender nossa situação, mas o prazo está se esgotando. Não consigo mais suportar o fato de não poder tocá-la como eu desejo.

Minha boca ficou seca imediatamente.

— Me devolva ao meu pai — soprei, passando as mãos úmidas na minha camisola. Os olhos de Owen acompanharam o movimento, parecendo queimar o tecido que me cobria. O meio das minhas pernas apreciou seu olhar. — Tenho certeza de que as coisas voltarão a ser como antes para nós dois, Owen — falei, tentando convencer a mim mesma dessa bobagem.

Fez uma careta.

— Não há razão para devolver algo que é meu — afirmou no final, acelerando meu coração e fazendo meu corpo vibrar. Sempre que ele se referia a mim como propriedade dele, eu me sentia em um estranho êxtase. Voltou a dar passos em minha direção, mas parou com o rosnado do cão. — E ambos sabemos que nada voltará a ser como antes, porque você me pertence, Jasmine. Cada parte de você, seu fôlego, seu cheiro, seu sangue... tudo é meu! Esteja ciente de que estou sendo gentil ao respeitar seu espaço, mas haverá um momento em que vou mandar esse respeito para o inferno e simplesmente retomar o controle.

Arfei, sentindo meu centro pulsar dolorosamente. Minha calcinha ficou tão úmida que dava para sentir o líquido pegajoso nela.

Owen sorriu, descendo os olhos para minhas pernas, que se esfregavam uma na outra por puro instinto.

— É isso que deseja, não é? — provocou ele, num tom malicioso. — Gosta quando sou possessivo. A ideia de me ver sem controle sempre que estamos juntos te excita, hum? Aposto que o detalhe da dor que sentirá quando estivermos juntos, quando meu pau finalmente rasgar sua boceta, te deixa com tesão. Porque isso vai acontecer, *naomh* — prometeu, enquanto eu, sem

palavras, me refugiava na presença do cachorro —, eu jamais vou desistir de tê-la.

Mesmo sentindo a boca seca, consegui balbuciar:

— *Ma-mas...* nós somos primos, Owen. É pecado.

— Foda-se essa porra! — exclamou. — Pecado ou não, não muda o fato de você continuar sendo minha, Jasmine.

*Sim, eu era dele.*

— Não — sussurrei, iludindo a mim mesma. — Não pertenco a ninguém — meu rosto inteiro queimava. Lentamente, atravessei a porta, puxando o cachorro comigo. — Por favor, pare de me incomodar. Ou juro que vou passar o restante dos meus dias aqui, tentando escapar de você.

Ao dizer isso, fechei a porta. Mas não sem antes vislumbrar sua expressão irada. Aliás, "irada" não era a palavra certa diante de toda aquela escuridão.



Meus olhos se encheram de lágrimas quando finalmente tive a oportunidade de conhecer a filha de Aurora e Liam, que nasceu há apenas uma semana. Como a recuperação da Amy estava completa, ela pediu para que Aurora e Liam passassem uma pequena temporada na mansão para que pudesse ajudar nos cuidados da pequena Dara.

— Ela é tão pequenina, Aurora — sussurrei, passando a mão rapidamente nas minhas bochechas para enxugar as lágrimas que deslizaram sem que eu pudesse contê-las. — Tão perfeita.

— Eu que tive minha boceta arregaçada, e é você quem chora, Jasmine? — brincou ela.

— Pelo amor de Deus, filha, tenha modos! — repreendeu sua mãe, que eu havia conhecido há poucos minutos. — Isso não é jeito de falar.

— Estamos falando da Aurora, mãe — resmungou um rapaz, apresentado como irmão gêmeo dela. — Ela nem sabe o que é ter modos. — Ele proferia as palavras, mas seus olhos estavam concentrados na pequena criatura que segurava em seus braços.

Aurora resmungou, parecendo zangada com o irmão.

— Já que quer me criticar, me dê minha filha aqui — estendeu os braços. — Não sou

obrigada a aceitar insultos e, ainda por cima, a dividir meus bens com ninguém.

Seu irmão riu, mas deixou a bebê nos braços dela.

Havia mais pessoas no quarto, mas meu foco era somente de Aurora. No fundo, eu me sentia um tanto avulsa, sem ter certeza do meu lugar ali. A conversa prosseguiu, com brincadeiras entre a família, enquanto eu permanecia em silêncio, apenas assistindo.

Até que, de repente, a porta do quarto foi rompida. Liam e seus irmãos entraram, incluindo Owen. Instantaneamente, meu corpo reagiu com uma vibração de reconhecimento. Há dois dias, ele veio atrás de mim no meu quarto, mas desde então, passou a me evitar. Não recebi nem suas visitas noturnas, pois não encontrei as flores costumeiras.

Isso deveria ter me causado alívio imediato, mas apenas agravou o meu desconforto no peito.

— É esse barulho todo — comentou alguém, me forçando a dispersar meus pensamentos e focar no ambiente ao meu redor. Notei que a criança estava chorando muito nos braços da Aurora. — Ela deve estar assustada.

— Você está dizendo que nós a assustamos, diabinha? — questionou Carter, com o rosto chocado.

— Eu não tenho culpa por vocês serem tão grandes e assustadores, ora!

Meus olhos oscilavam entre os argumentos de um e outro. A pequena Dara continuava chorando, e ninguém conseguia acalmá-la em seu sofrimento desesperado. Quando eu pensei em pegar a menina no colo, Owen agiu antes de mim. A maneira como ele acomodou a bebê em seu braço, mantendo seu corpinho voltado para baixo, pareceu mágica. O silêncio não apenas se apoderou da pequena, mas também envolveu todo o quarto.

Então, sem que eu estivesse preparada, a voz de Owen ecoou em uma canção de ninar:

*“Há muitos anos,  
Minha mãe cantou uma música para mim  
Em tons tão doces e baixos.  
Apenas uma pequena e simples canção,  
À sua boa e velha maneira irlandesa,  
E eu daria o mundo se ela pudesse cantar  
Essa música para mim hoje  
"Too-ra-loo-ra-loo-ral, Too-ra-loo-ra-li,  
Too-ra-loo-ra-loo-ral, agora, não chore!*

*Too-ra-loo-ra-loo-ral, Too-ra-loo-ra-li,  
Too-ra-loo-ra-loo-ral, isso é uma canção de ninar irlandesa."*

*Muitas vezes em sonhos eu vagueio  
Para aquele berço de novo,  
Sinto seus braços me abraçarem  
Como quando ela me segurou então.  
E eu ouço a voz dela um — hummin'  
Para mim, como nos dias de outrora,  
Quando ela costumava me balançar rápido dormindo  
Fora da porta da cabine..."*

Ele estava tão imerso no que fazia que demorou a perceber que todos nós estávamos parados, incrédulos, sem desviar os olhos da cena. Meu coração batia rápido, pois tudo aquilo diante dos meus olhos destoava do habitual dele, ou do que ele geralmente mostrava a mim. Naquele momento, talvez eu tenha vislumbrado o Owen verdadeiro. Um homem doce e sensível.

Ao perceber finalmente a plateia, ele ficou nervoso, um tanto constrangido até.

— Bem... — pigarreou, retornando à cama —, essa criança está sofrendo de cólicas. — Entregou a pequena Dara aos braços da mãe dela. — Basta vocês aprenderem a diferenciar o choro, e ficará mais fácil cuidar dela.

Incomodado com tantos olhares, ele se afastou, sem dirigir seu olhar a mim nem por um momento desde que entrou ali.

— Como sabe disso? — Foi Liam quem perguntou, curioso.

— Owen me ajudou bastante com o nascimento da irmã de vocês — respondeu Amy, toda orgulhosa. — Madison sofria com muitas cólicas, coitadinha.

Não estranhei o fato de Madison não estar ali, conosco, pois sua rotina atual era ficar ao lado de Christopher. Apesar de tentarem me explicar, eu não conseguia compreender direito o estado de saúde dele. Ele finalmente acordou, estava fora de perigo, mas diante de todas as fraturas, não podia sair da mansão.

Fiquei tão atordoada que não notei que Owen tinha saído do quarto. Ele provavelmente se sentiu envergonhado.

Abaixei o olhar, fitando minhas próprias mãos. Estava aflita. Sufocada com os recentes acontecimentos. Eu não pertencia àquele lugar, mas também não tinha o direito de ir embora. Ao mesmo tempo, questionava se era isso que eu realmente queria.



Aproveitando que todos estavam envolvidos em uma conversa animada, escapei sorrateiramente. O problema foi que assim que coloquei o pé para fora e fechei a porta, fui segurada por mãos fortes e possessivas.

— Não grite! — ordenou Owen, olhando nos meus olhos. Seu rosto se aproximou tanto que quase pude beijá-lo.

— *E-eu não vou* — soprei, frágil.

Os olhos dele percorreram meu rosto com saudade e fascínio. Suas mãos, uma em minha nuca e outra em minha cintura, me apertavam contra seu corpo duro, forte e... protetor. Eu me sentia protegida por ele.

— Eu vou te soltar, mas quero que você vá comigo a um lugar — disse, sem deixar brechas para discussões.

Sem forças para falar, apenas assenti com a cabeça.

Então, suas mãos me soltaram e fiquei incomodada por não ter mais o seu calor. Era frustrante o controle que ele exercia sobre mim.

— Continue em frente, *naomh* — gesticulou para além de nós dois — o caminho é aquele. — Apontou.

Apesar de estar nervosa e desconfiada, fiz o que ele queria, odiando que o "insolentezão" não estivesse por perto para me ajudar.

Ao passar por ele, Owen me agarrou por trás, enrolando uma das mãos em meus cabelos para liberar meu pescoço. Em seguida, sua boca se aproximou da minha orelha:

— Não adianta procurar por ajuda, já que ninguém pode salvá-la de mim.

Arrepios me percorreram da cabeça aos pés. Mal consegui dar alguns passos depois que ele me soltou, como se nada tivesse acontecido, como se suas palavras não tivessem sido impactantes. A intensidade do olhar dele se chocava com minhas costas, me desequilibrando pouco a pouco.

— Aonde estamos indo? — perguntei, revelando o nervosismo causado pela situação. — Você sabe o que penso, Owen. Não quero ficar sozinha com você.

Ele riu, e o som estremeceu cada parte do meu corpo, já febril.

— Sua boca diz algo totalmente diferente do que seu corpo me mostra, Jasmine.

*Céus!* A maneira como meu nome ressoava de seus lábios era tão marcante e intensa que tudo em mim parecia se reconectar.

— É aqui — indicou ele, me fazendo encarar a escada pequena. Aquela era uma parte da casa que eu ainda não tinha me aventurado. — O que quero te mostrar está ali em cima.

Pisquei, sentindo minhas mãos suadas, mas permaneci no caminho. Mesmo que tudo dentro e fora de mim me dissesse para recuar.

Ao terminar de subir as escadas, me deparei com um corredor estreito e com apenas uma porta no final. Neste instante, Owen tomou a dianteira, enquanto eu permanecia atrás. Percebi que seu corpo estava em estado de tensão, com ombros e costas rígidas à medida que girava a chave.

Me aproximei dele, ouvindo sua respiração áspera e difícil. Antes que eu pudesse fazer qualquer pergunta, Owen abriu a porta e gesticulou para que eu pudesse entrar. Como estava escuro, levei um tempo para assimilar o cenário ao meu redor, mas pude sentir um cheiro familiar.

Owen acendeu a luz.

— É a primeira vez que este quarto é aberto desde que seu pai nos traiu e foi embora — informou, me fazendo girar a cabeça em sua direção. Seu semblante era pura tormenta. — Era o quarto dele.

Meus olhos ficaram nublados, e voltei a me concentrar nos móveis ao meu redor. Era amplo e elegante, assim como meu pai. Ele sempre foi bastante elegante no visual e na maneira de se expressar.

Emocionada, comecei a caminhar pelo ambiente, tocando nos móveis, enquanto minha mente se enchia de lembranças.

— Lembro-me de que ele costumava dizer que, para ser elegante e culto, uma pessoa não necessita de muito dinheiro — comentei com um sorriso nostálgico. — Porque isso vem de dentro, da essência de cada indivíduo. — Owen permaneceu em silêncio. — É estranho estar aqui, em um ambiente tão requintado. Nada parecido com o que tínhamos na Escócia.

— Na Escócia, ele era um Aidan diferente para você — afirmou Owen. — Aqui, ele se tornava nosso tio. Um homem habituado a desfrutar do bom e do melhor que a vida pode oferecer.

Franzi o cenho, refletindo sobre as suas palavras.

Continuei a examinar cada detalhe, desde fotografias, perfumes, roupas...

— Ele realmente teve um papel importante na vida de vocês. — Observei uma das fotos em que meu pai aparecia ao lado dos sobrinhos.

Owen permanecia parado na porta, com as mãos nos bolsos, deixando claro seu desconforto em estar ali.

— Sim, teve — respondeu ele, seco.

Inspirei fundo, soltando um suspiro triste.

— Sinto muito — murmurei com sinceridade. — Gostaria de entender o que ele fez de tão

grave para vocês.

Owen soltou uma risada amarga.

— Não, Jasmine, você não ficaria feliz, com certeza — garantiu, caminhando pelo quarto. — Na verdade, eu trouxe você aqui para entregar algo dele — contou, abrindo uma gaveta e retirando uma pequena caixa de madeira, de lá.

O segui até a cama, onde me sentei, ansiosa.

— O que é isso? — perguntei, mal me contendo.

Owen colocou a caixa no colchão.

— São cartas — respondeu ele, continuando de pé. — Cartas de amor.

Arregalei os olhos, surpresa.

— Cartas? — repeti, processando a informação. Então, minha mente deu um estalo. — Por acaso são cartas que meu pai trocou com minha mãe? — indaguei, eufórica com isso. — Ele nunca conversava comigo a respeito dela, sempre evitava o assunto.

Owen negou com a cabeça.

— Aidan teve um relacionamento amoroso na sua vida, mas não foi com sua mãe, Jasmine — confidenciou enquanto eu revisava as cartas. Não eram muitas. — Meu tio é homossexual. Ele gosta de homens.

Arfei, chocada com essa revelação. Owen, enquanto eu ainda estava assimilando o que ouvi, pegou uma carta de seu bolso e me entregou.

— Nesta carta, ele e o homem com quem mantinha um relacionamento conversam sobre você.

— *So-sobre* mim? — Peguei a carta com a mão tremendo.

— Você era filha do amante do meu tio, Jasmine. O nome dele era Ronan — confessou, me deixando mais confusa. — Sua mãe biológica aparentemente se encontrava doente e seu verdadeiro pai estava enfrentando ameaças. Dessa forma, pediu ao Aidan para que cuidasse de você caso algo de ruim acontecesse.

Meus ouvidos começaram a zunir diante de toda a carga daquelas revelações.

— Toda minha existência foi uma mentira — falei, com os lábios tremendo.

Owen se sentou ao meu lado, respirando fundo. Minha atenção se concentrou no seu rosto tenso.

— Depende do ângulo que você enxerga as coisas — respondeu. — De certa forma, seu pai biológico amou você, já que se importava com sua segurança. Meu tio, bem... ele a fechou em uma redoma.

Não falei nada. No fundo, não tinha ideia do que dizer. Era muito para processar.

— Este documento — Owen me mostrou um papel em sua mão — é a prova de que eu e você não temos nenhum parentesco. — Abriu para que eu pudesse examinar as informações mencionadas. — Peguei um fio de cabelo seu e de meu tio para confirmar. Queria ter a certeza.

— Deu negativo — murmurei, sentindo meus lábios se contraírem em um beicinho de choro. — Owen, ele não é meu pai. — Meu rosto se contorceu. — Eu não tenho mais família agora, *e-eu...*

Fui amparada pelos seus braços fortes, mas ele não disse nenhuma palavra. Ficou em silêncio, apenas me permitindo usar o seu ombro para chorar.

Depois de alguns minutos, quando percebi que estava mais calma, me afastei. Encontrei o seu rosto ali, tão perto. Estava sério.

— Você não é muito bom em consolar as pessoas, não é?

Ele franziu a testa.

— Não — respondeu, ficando de pé. — Sou péssimo com as palavras. — Levou a mão à nuca, parecendo sem graça. Pigarreou: — De qualquer forma, saiba que eu a vejo como o resultado do grande amor que marcou a vida de Aidan. — Pisquei os olhos, refletindo sobre o que ele quis dizer. — Vou deixá-la um pouco sozinha aqui... — observou ao redor com um olhar de escárnio. — Depois de ler essas cartas, vai compreender melhor algumas coisas. — Apontou.

Logo depois, se afastou em direção à porta.

— Obrigada.

Fez uma pausa com a mão na maçaneta.

— Agradeça mais tarde — decretou, voltando os olhos para os meus —, deixando o *caralho* da porta do seu quarto aberta para mim.

Dizendo isso, finalmente saiu. Só que o impacto de sua frase continuou ecoando em cada fibra do meu ser.



## Owen

Preferiria enfrentar a morte mil vezes a passar mais um dia sem tocar na Jasmine, sem sentir seu cheiro, o gosto de seus lábios e de sua pele. Parecia que eu estava prisioneiro da maneira como ela reagia a mim, da forma como meus comandos a afetavam.

Dois meses. Malditas oito semanas sem poder me aproximar dela como eu desejava. Embora Jasmine fosse submissa às minhas vontades, respeitei sua decisão de manter distância, mesmo indo contra tudo em mim. Claro que não resisti à tentação de invadir seu quarto todas as noites, porque não conseguiria descansar sem me aproximar e ter um pequeno vislumbre dela e de sua respiração. Observá-la em seu sono tranquilo se tornou meu passatempo favorito, quase uma obsessão.

Nunca imaginei que essa garota acabaria me perturbando tanto e em tão pouco tempo. Havia algo nela, em seu rosto inocente, na sua voz aveludada, no seu sorriso encantador... talvez naqueles olhos intensos, frequentemente cheios de lágrimas, expressando mágoa ou mera emoção; ou no próprio jeito simples que ela sempre enxergava as coisas. Eu não sabia dizer o que poderia ser, mas estava lá... me atraindo cada vez mais para perto.

Me perdi em todas as vezes que pensei em roubá-la e prendê-la somente para mim, para os meus olhos, onde ela jamais conseguiria fugir. Só que eram esses pensamentos que me faziam compreender quão perdido eu estava, quão desestabilizado e vulnerável essa maldita garota estava me tornando.

A decisão de voltar a entrar no quarto de Aidan partiu dos meus irmãos, já que eu não estava psicologicamente preparado para encarar aquele ambiente sem sentir meu peito afundar. Desde que Carter revelou a Jasmine que seu pai era nosso tio, discutimos minhas suspeitas de

que, talvez, só talvez, ele não fosse o pai biológico dela. Por isso, eles vasculharam o quarto do bastardo em busca de material genético, e um fio de cabelo de Jasmine não seria um problema.

Semanas atrás, durante a visita ao quarto de Aidan, meus irmãos encontraram as cartas de amor, a cereja do bolo para fazer Jasmine compreender suas verdadeiras origens. A teoria da minha conversa com ela parecia muito melhor do que a prática, porque detestei assistir a mágoa cobrindo seus olhos ao descobrir a verdade. Eu ainda podia sentir seu aperto em meu corpo quando a puxei para um abraço na tentativa de consolá-la. Minha intenção era fazê-la parar de chorar, mesmo que minha garganta se fechasse e eu não fosse capaz de dizer nada.

Por que diabos meu peito ficou tão pesado diante do rosto magoado dela?

Atormentado com minhas recordações e indagações, sacudi a cabeça e me concentrei no que estava fazendo naquele instante. Sem conseguir disfarçar a ansiedade, pressionei a mão na maçaneta da porta do quarto dela e a girei. Um sorriso aliviado encheu meus lábios ao constatar que finalmente estava disponível para mim. Mal pude lidar com a frustração dos últimos dias, cada vez que vinha visitá-la e notava essa maldita porta trancada.

Devagar, abri e entrei, percebendo o ambiente escuro. Movimentei os olhos para a cama, onde pude observar a silhueta da Jasmine. Sem fazer barulho, fechei a porta e fui caminhando até a cama. Eu não poderia negar minha ansiedade em tocá-la novamente, em tê-la em minhas mãos outra vez, gemendo por mim.

Contudo, ao chegar mais perto, percebi que a pequena criatura dormia envolvida nas cartas de amor que Aidan havia trocado com seu amante.

Sentei-me ao lado dela no colchão, estendendo a mão para recolher as cartas e organizá-las sobre o armário de cabeceira. Em seguida, minha atenção se voltou para o rosto adormecido e inchado. Não resisti ao desejo de tocar suas bochechas molhadas de lágrimas; ainda era possível notar os espasmos devido ao seu choro. Lentamente, deslizei meus dedos pelo rastro de suas lágrimas e, em seguida, os levei aos meus lábios para saborear o gosto salgado.

Não conseguia desviar os olhos dela, da sua figura tão vulnerável e delicada.

— Você se tornou algo precioso para mim, Jasmine — confessei em tom baixo, retomando o toque suave em seu rosto e cabelos. — Talvez seja por isso que estou tão obcecado — respirei fundo, acompanhando o ritmo de sua respiração. — Independentemente do que seja, estou determinado a superar qualquer obstáculo para ter você comigo. — Deslizei meu polegar nos seus lábios carnudos e tentadores.

Com isso, me levantei. Não a acordaria. Após o peso das suas descobertas, eu não seria insensível a ponto de exigir algo dela que não estava em condições de dar.

Aguardaria o tempo necessário para corrompê-la.



— Há algum problema? — perguntei a Farrell logo após deixar o quarto da Jasmine. Meu leal ajudante havia retomado suas funções há duas semanas.

— Pensei que o senhor ficaria satisfeito ao saber que o caçador está ativo nesta madrugada — respondeu, se referindo a Dexter.

Não que eu gostasse de sua presença na minha casa, mas, desde que Christopher se feriu durante uma missão comigo, seu melhor amigo se negou a ir embora. Ryan e sua esposa tiveram que voltar aos Estados Unidos há dois dias, mas Dexter se recusou a ir com eles.

Entortei os lábios.

— Onde ele está? — indaguei, caminhando pelo corredor.

— Na academia.

Não falei nada.

Ao invés disso, continuei caminhando pelo corredor até chegar às escadas. A mansão estava em silêncio devido ao avançar das horas. Na verdade, eu preferia a vida noturna, porque, com o silêncio, eu tinha mais tempo para refletir e planejar. Nas últimas semanas, o meu sono ficou ainda mais perturbado.

— Pode se retirar, Farrell — avisei-o, antes de seguir para a academia. — Pode relaxar.

— Você tem certeza disso, senhor?

— Sim, — respondi. — Se precisar, saberei onde encontrá-lo.

Ele murmurou algo que não entendi, mas presumi ser uma despedida. Abri a porta da academia minutos depois.

Dexter estava sem camisa, usando luvas de boxe enquanto golpeava o saco de areia. Parei, de braços cruzados.

— Você realmente levou a sério minha gentileza ao deixá-lo ficar em minha casa, não é? — rosnei, ouvindo sua risada zombeteira. Ele me encarou de soslaio. — Daqui a pouco, você estará dando ordens...

— Não seja estúpido! — exclamou, continuando sua sequência de socos. — Se você quer se sentir mais confortável, basta me enviar para um hotel. Posso perfeitamente arcar com o custo

de algo para mim. — Me encarou. — Isso tudo — gesticulou em minha direção — é por que você está se sentindo intimidado com minha presença? — provocou.

Fechei a cara, lamentando que suas palavras me afetassem.

— Não me intimidaria nem se quisesse — sibilei, tirando o paletó.

Dexter interrompeu os seus golpes, segurando o saco de areia. Sua atenção se concentrou em mim.

— Qual é o seu problema comigo se não é por causa da Jasmine gostar de ficar ao meu lado?

Meus dentes rangeram de tal forma que pude ouvir o barulho; todo o meu corpo se sacudiu com a fúria do ciúme. Dexter percebeu, porque riu. Ele se afastou do saco de areia e veio até mim, socando as mãos — com as luvas — uma na outra.

— Que tal resolvermos as nossas diferenças, socando a cara um do outro? — intimou, parecendo animado com isso. — Eu imagino que você precise descarregar toda a raiva acumulada — apontou —, e eu ficaria muito contente em ouvir o som dos seus ossos se quebrando a cada golpe de meus punhos.

Eu ri dessa vez. Escolhi um par de luvas, observando o idiota caminhar para o lugar onde havia o tatame.

— Você, pelo menos, tem senso de humor — provoquei com cinismo.

Ele estava dando uns pulinhos, acompanhando cada um dos meus passos em sua direção.

— Tenho senso de humor, bem como de justiça. Algo que, aparentemente, você parece não possuir.

Logo que cheguei perto dele, o atingi com meu punho. Sua cabeça foi arremessada para o lado, com sangue escorrendo de seu nariz.

— Não fale coisas que você não sabe.

— Sei o que vejo — rugiu, indignado. — O pouco que vejo é o bastante para perceber que Jasmine estaria melhor se estivesse afastada de você e das suas mãos maldosas.

Fúria tomou conta de minhas veias.

— Qual é o significado disso, hein? — perguntei, com os lábios tortos. — Você acha que ela fica melhor com você? — Fui para cima dele, mas o filho da puta conseguiu se esquivar e me atingir no rosto. — Porra! — rosnei ao cair no chão.

— Não, seu idiota! — respondeu ele, tão irritado quanto. — Jasmine estaria melhor se fosse tratada do jeito que merece, com pessoas que realmente a respeitem.

Senti-me ofendido.



— Mas eu a respeito. — Tirei as luvas.

— Tem certeza? — Duvidou, tirando as luvas também. — Até onde eu sei, você não tem confiança nela. Se você não confia, não a respeita. Owen, as duas coisas caminham juntas.

Aproveitei seu descuido e lhe dei uma rasteira. Não perdi tempo e subi nele, socando sua cara.

— Não tente tirá-la de mim, porque isso não vai acontecer, *caralho!* — vociferei.

Dexter impulsionou as pernas e conseguiu me afastar de cima de seu corpo.

— É justamente essa porcaria que você não entende, seu imbecil! — sibilou, sem ter paciência. — Não há ninguém, a não ser Aidan, que quer tirar Jasmine desta casa — exasperou-se. — Meu único sentimento por ela é o afeto de um irmão, ao contrário de você.

Pisquei, sentindo o meu coração bater mais acelerado.

— Eu não...

— O quê? — cortou-me, tiquetaqueando o maxilar. — Você continuará mentindo para si mesmo que não sente nada por ela? Que essa reação não tem a ver com ciúmes? Vá se foder, Owen!

Tentei me defender de seus golpes, mas o cretino conseguiu me golpear com força. Um barulho fora da academia ecoou, despertando a nossa atenção de imediato. Nós paramos, olhando um para o outro, tentando compreender.

Na mesma hora, nos levantamos e fomos correndo para ver o que estava acontecendo.

Dexter e eu paramos próximo à escada, confusos. Pisquei algumas vezes para compreender a cena que estava diante de mim.

Jasmine permanecia imóvel, vestindo sua camisola branca e cabelos negros soltos cobrindo seus ombros. Era como se eu estivesse contemplando uma visão celestial.

Um indivíduo estava ajoelhado aos seus pés. Provavelmente o barulho que Dexter e eu escutamos foi do copo de leite que estava quebrado no chão.

Dexter ameaçou se aproximar, mas eu estiquei o braço, impedindo que ele continuasse a tentar. Apesar de estar contrariado, ele concordou.

Devagar, fui chegando mais perto, desviando os olhos da Jasmine para o homem. Era um dos meus seguranças.

— Owen... — balbuciou ela, confusa. — *E-eu...* não sei por que ele está assim. — Indicou o homem, apoiando a cabeça no chão, como se estivesse a venerando. — Fui buscar um copo de leite e, estava voltando para o quarto quando ele me viu e se jogou aos meus pés, me chamando de *santa...* — um misto de emoções tomava o rosto dela — o que isso significa?

Sinalizei para Dexter se aproximar do homem, que não se movia. Parecia em transe.

Eu toquei o rosto da Jasmine com uma das minhas mãos para acalmá-la.

— Está tudo bem, vou tirar você daqui — avisei, afastando-a do homem, enquanto Dexter o segurava, pressionando o braço no pescoço dele. Jasmine se assustou com isso.

— Por que estão fazendo isso com ele? — questionou, angustiada. O rosto tenso se contorceu com lágrimas não derramadas. — Owen...

Peguei-a em meus braços e forcei sua cabeça contra meu peito para impedir que visse. Apesar de não ter como impedir que os chamados do homem inundassem seus ouvidos.

Pouco tempo depois, chegamos ao seu quarto. Só a soltei quando parei em frente à cama.

— O-o que foi aquilo? — perguntou, tremendo da cabeça aos pés. De repente, franziu a testa ao perceber algo no meu rosto. — Está machucado? — Tocou o canto dos meus lábios. — Tem... sangue aqui e...

Segurei sua mão.

— Não foi nada — respondi, me esquivando.

Ela não pareceu acreditar, só que não insistiu.

— O-o que pretendem fazer com aquele homem lá embaixo? Eu não gostei do jeito que Dexter pareceu machucar ele.

Franzi o cenho.

— Por quê?

Ela piscou aqueles olhos intensos para mim.

— Como, por quê? — repetiu, quase indignada. — Porque ele é uma pessoa, Owen.

Permaneci a encarando, assimilando suas palavras. Ainda era difícil, mas eu estava começando a admitir que talvez Jasmine pudesse ser uma garota livre de qualquer maldade humana.

— Não saia deste quarto até eu mandar — falei no final, sem desviar os olhos dos seus.

— Eu me tornei a princesa da sua torre agora?

Não pude evitar o sorriso cretino que invadiu meus lábios. Me inclinei sobre ela, segurando seu rosto com uma das minhas mãos. Apertei levemente, admirando a sua expressão de rubor, além do som doce de seu gemidinho sexy.

— A princesa da minha torre, não sei, mas certamente o alvo da minha obsessão, *naomh*...

— Não... me chame de *santa*.

Suas malditas lágrimas me desestabilizaram por um instante e me obriguei a soltá-la e me afastar. Eu lhe dei as costas e fui até a porta.

— Fique no quarto! — repeti, limpando minha voz. — Assim que o dia nascer, esteja pronta.

— Como assim, pronta?

Com a mão na maçaneta, olhei para ela sentada na cama.

— Nós vamos viajar — decretei. — Apenas você e eu.

Mesmo de longe, pude perceber sua respiração acelerada. Este pequeno detalhe me deixou excitado.

Então, deixei o quarto, estalando os dedos ao longo do caminho pelo corredor. Estava tentando compreender como essa desgraça aconteceu, mesmo com toda vistoria em minha equipe de capangas. Peguei meu telefone e disquei o número do Kael. Eu sabia que ele, Sean e Carter estavam no galpão.

— *Que merda aconteceu dessa vez?* — questionou ao atender.

— Preciso que venham à mansão — respondi, com o maxilar endurecido. — Temos um seguidor de Aidan aqui, e ele chegou muito perto de Jasmine.

Ouvi seu praguejar do outro lado da linha.

— *Estamos saindo agora* — decretou no fim.

Em seguida, finalizamos a ligação.



— A única pergunta que me ocorre agora é... — inspirei profundamente — como diabos aquele sujeito conseguiu se infiltrar na mansão, mesmo com a vistoria sendo realizada por vocês? — Meus olhos estavam fixos em meus irmãos. — Aquele desgraçado chegou perto da Jasmine. Vocês têm noção dessa porra?

— Onde ela está? — questionou Carter, olhando para o topo da escada. A preocupação estava estampada em seu rosto. — Ele a machucou?

Neguei com a cabeça, embora não conseguisse esconder o medo dessa possibilidade.

— Pelo contrário — foi Dexter quem respondeu — o fanático se jogou aos pés dela como se Jasmine fosse uma deusa para ele.

— Que coisa sinistra — resmungou Sean.

Esfreguei o rosto, frustrado até o limite com toda essa confusão.

— Onde você o deixou? — perguntei a Dexter.

— Na masmorra.

Dirigi-me para lá, ciente de que seria seguido.

Minutos depois, ao adentrar o ambiente hostil, meus olhos logo se depararam com o homem morto. Rangi os dentes, incapaz de conter a raiva. Virei-me para o caçador e o agarrei pela camiseta, pressionando-o contra a parede.

— Por acaso eu dei permissão para você matar esse idiota? — rosnei em seu rosto.

Ele se defendeu, e me empurrando, indignado.

— Mas eu não o matei, droga! — afirmou.

— Sentem esse cheiro? — perguntou Carter. — É cianeto.

— Você não o revistou? — inquiri ao Dexter. — Se esqueceu de que todos eles possuem o pingente no pescoço?

— Puta merda! — praguejou, frustrado consigo mesmo. — Foi uma questão de minutos. Bastardo do caralho!

— É estranho, porque não estou vendo a tatuagem — argumentou Carter, chamando nossa atenção.

Franzi o cenho enquanto observava meus irmãos desamarrando o cadáver para verificar melhor os detalhes.

— Filho da mãe! Ele cobriu a tatuagem com maquiagem — comentou Kael, rosnando os dentes. — Por isso que não desconfiamos dele.

Fechei o punho e soquei a parede, desejando aliviar um pouco da minha raiva e frustração.

— O que será que ele queria com a Jasmine? — questionou Sean. — Não tenho certeza se ele conseguiria tirá-la da mansão.

— A julgar pela reação dela...

— Que reação? — indagou Carter.

— Medo — respondeu Dexter. — Jasmine estava visivelmente assustada e confusa com tudo isso.

Tiquetaqueei meu maxilar.

— Se essa foi a reação dela, é provável que algo assim nunca tenha ocorrido no lugar onde ela vivia, na Escócia — refleti, perdido em meus pensamentos.

— Os capangas, por mais devotos que fossem, não tinham autorização para se aproximar dela, a menos que fosse absolutamente necessário — explicou Dexter.

Quando ele e Christopher capturaram Jasmine sob minhas ordens, tiveram que se infiltrar no local e fingir que eram membros da equipe de segurança. Até mesmo tatuagens falsas foram necessárias. Uma vez dentro, foi apenas uma questão de tempo até que retirassem a garota e a trouxessem para mim.

Suspirei, sentindo o cansaço dominando meus sentidos.

— Bem, de qualquer forma, vou dormir um pouco — avisei. — Amanhã viajarei cedo com a Jasmine.

— Ainda não sei se tirá-la da mansão é uma boa ideia — ponderou Kael, tenso. — É arriscado.

— Não estaremos sozinhos — reiterei. — E ambos sabemos que essa saída será uma isca para atrair Aidan. Ele não vai perder a oportunidade de tentar pegar a filha.

Eles não disseram nada. E mesmo que dissessem, não mudaria minha opinião quanto a esse plano. Eu era o capo, afinal.

A última palavra sempre seria a minha.



A despedida antes de deixarmos a mansão foi demorada, o que considerei um exagero, dado que não ficaríamos muito tempo fora. No máximo, uns dois dias. Inicialmente, passaríamos a noite em um hotel. Em seguida, pegaríamos um Iate que nos levaria à ilha onde ocorreria o leilão, organizado pelo maldito sheik.

Mesmo estando sozinho com Jasmine, meus irmãos, obviamente, dariam cobertura. Eu não podia ser hipócrita em pensar que conseguiria lidar com algo tão grande, especialmente sem saber o que me esperava. Jasmine era importante demais para ser colocada em perigo desnecessariamente.

— Owen... — pisquei ao som de sua voz apavorada — estou com medo.

A aeronave acabara de decolar.

— Segure minha mão — pedi, estendendo-a em sua direção. Estávamos sentados, um de frente para o outro. — É normal sentir medo.

O rosto assustado e choroso se aproximou do meu. Ela era incrivelmente linda.

— Mas... você não parece sentir medo de nada.

A aeronave começou a estabilizar, mas minha mão permanecia entrelaçada com a de Jasmine. Eu poderia dizer que sentia medo de perdê-la, de perder meus irmãos e minha família, mas optei pelo silêncio.

Instantes depois, Jasmine pediu para se deitar. Apontei para o quarto. O jato da minha família era extremamente confortável.

Observei enquanto ela se afastava, rebolando aquele traseiro empinado para mim. Mesmo que tentasse esconder, era notório que algo quebrou dentro dela desde suas últimas descobertas sobre suas origens. Não havia mais aquele brilho nos olhos.

E isso estava me incomodando bastante.

Aproveitei a oportunidade para ir até a cabine do comandante e dar algumas ordens à minha equipe de voo; em seguida, fui atrás de Jasmine no quarto. Ela estava deitada, encolhida, enquanto chorava baixinho.

Suspirei, tirando meu paletó, seguido da camisa.

— Qual o problema? — perguntei, impaciente, embora por dentro estivesse perturbado com seu choro.

— Nada — resmungou, fungando. — Você não entenderia se eu dissesse.

— Experimente me explicar.

Tirei meus sapatos e meias.

Jasmine se sentou, o que me permitiu observar seu rosto banhado pelas lágrimas. Seus cabelos soltos estavam em uma revolta negra sobre seus ombros; alguns fios colaram-se em suas bochechas devido a umidade. O vestido que ela usava se embolou na sua cintura, me proporcionando a visão de suas pernas torneadas.

— Acordei percebendo que não tenho um objetivo, Owen — disse ela, chorando. — Toda minha história de vida foi uma mentira, aliás, me sinto envolvida por elas. Agora, estou sendo usada como um objeto na sua briga estranha com meu pai. Não tenho voz aqui, não tenho o direito nem de ditar minhas próprias vontades.

Ao ouvir suas palavras, me aproximei dela, na beirada da cama. Em silêncio, levei a mão ao seu rosto, acariciando os seus traços suaves.

— O que você quer da vida, além de me agradar, *naomh*? — Sua respiração ficou mais forte diante da minha pergunta descarada, mesmo ela tentando disfarçar. — Apesar de negar, eu sei que você se sente completa quando estamos juntos, quando minhas mãos tocam sua pele sedosa e perfumada, marcando-a como minha.

— Owen... — sussurrou, segurando minhas mãos em seu rosto.

Inclinei-me, deslizando a língua para fora e lambendo o rastro das suas lágrimas insistentes. Jasmine não conseguiu conter seu gemido baixo.

— No fundo, você implora para que eu a possua — mordi seu lábio inferior —, implora para que eu a marque, para que eu cuide de você, para que eu a use como bem entender. — Levantei o rosto, querendo ver seus olhos. Eles estavam concentrados nos meus, intensos e pesados.

Remexeu-se um pouco, esfregando as pernas uma na outra.

— *E-eu* não sei — respondeu no final, com uma expressão afetada.

A empurrei contra o colchão, me focando no seu vestido. Não perdi tempo ao levantar a barra dele, ansioso demais para ver a calcinha que estava cobrindo sua boceta.

— Você gosta da ideia de ser usada por mim, Jasmine — declarei, retirando sua calcinha por suas pernas. — A evidência disso é o fato de sua boceta estar brilhando, demonstrando a excitação que minhas palavras lhe causam. — Coloquei meu rosto entre suas pernas e abocanhei seus nervos, que começaram a pulsar na minha língua.

Dois meses, *caralho*! Oito malditas semanas sendo privado desse manjar.

— Owen... — suas mãos vieram para meus cabelos, embrenhando os dedos em meus cabelos.

— Eu não vou devolvê-la para ninguém — decretei, sem parar de chupar sua boceta molhada. — Você é minha para cuidar. Minha para usar. Minha para quebrar e reparar. É isso que você deseja, não é mesmo? — acariciei seu corpo com beijos, aproveitando para abocanhar seus mamilos duros, quando puxei o decote de seu vestido para baixo. — Você deseja ser meu objeto.

Afastei suas pernas com uma das minhas, ansioso para me encaixar no seu calor. Jasmine estava com os olhos brilhando de tesão; a luxúria presente em cada uma de suas células.

Enrolei um punhado de cabelo seu, puxando com um pouco mais de força. Seus gemidos aumentaram, mas não foi por causa da dor, pelo contrário. Inclinei minha cabeça, tirando o seu fôlego com meus beijos agressivos. Minha barba deixava sua pele branca marcada, assim como os meus dentes.

Ao arrastar uma das minhas mãos para baixo, pelo seu corpo trêmulo e febril, me deparei com sua boceta pingando.

— *E-eu* quero — admitiu, enchendo os olhos de lágrimas. — Desejo me sentir parte de

você.

Puxei meu pau para fora, pincelando-o em sua boceta inchada e molhada. Jasmine arqueou as costas contra o colchão, sem conseguir controlar as reações.

— Você já é minha, *naomh* — garanti, abrindo suas pernas o máximo que pude. — Cada parte sua.

Suas mãos se dirigiram ao meu rosto, moldando-o. A intensidade com que seus olhos atingiram os meus foi tão forte que percebi que não seria capaz de desviar o olhar.

Sem resistir à tentação, comecei a me afundar nela aos poucos, invadindo aquele espaço que seria somente meu dali por diante. Não estava me sentindo capaz de pensar com clareza naquele momento. Minha alma clamava por possuí-la.

Jasmine respirou fundo, se encolhendo de leve quando forcei um pouco mais, atingindo seu hímen. Já desconfiava que ela fosse virgem, mas ter a certeza me deixou ainda mais alucinado. Minha possessividade se tornou assustadora até para mim.

Esmaguei seus lábios com os meus, culminando em marcá-la com meus dentes. Arrastei minha boca para seu pescoço, beijando, lambendo, chupando e mordendo. Jasmine experimentava uma mistura de dor e prazer, e não conseguia negar isso.

Me ergui, ficando sob os joelhos, enquanto enlaçava suas pernas com minhas mãos, sem parar de movimentar meus quadris. Os movimentos foram lentos até ela se acostumar com meu tamanho. Seus olhos estavam molhados de lágrimas.

— Você quer que eu pare? — indaguei, mal me controlando.

Negou com a cabeça.

— Não, por favor... não — gemeu, perdida.

Ela parecia estar perdida no seu próprio mundo.

Como se ela tivesse acabado de alimentar o monstro que habitava em mim, passei a estocar em sua boceta com um pouco mais de força e velocidade. O sangue brilhando no meu pau me deixava ainda mais alucinado, assim como os gemidos de Jasmine.

Ela não me empurrava para longe. Não me pedia para parar.

Sua reação era gritar cada vez mais alto, desfrutando da forma como eu a estava comendo.

Fodendo.

Marcando.

Passei a mão em seus seios, acariciando seu mamilo rosado. Em seguida, arrastei o dedo até a sua boca, pedindo que ela o chupasse. Jasmine não negou, apenas fez o que mandei.

— Puta que pariu! — xinguei, tomado por um tesão que nunca experimentei na vida.



Em seguida, minha mão foi até seu pescoço, onde comecei a apertar, brincando com sua respiração. Eu era o dono dela, do seu fôlego, do seu prazer... tudo era meu.

Quando percebi seu corpo convulsionando com o orgasmo, me concentrei em mim mesmo. Como não tinha camisinha, não quis arriscar engravidá-la. Então, tirei meu pau da sua boceta e lambuzei sua barriga com meu gozo.

Todos os meus músculos tremiam e o coração batia descompassado.

A razão, por um momento, me fez perceber o cenário diante de meus olhos. Jasmine estava completamente marcada, suada, com a boceta inchada e com os vestígios de sangue decorrentes da sua virgindade que roubei.

Eu não podia ser hipócrita ao dizer que estava arrependido, porque tudo o que eu queria era mais e mais. Só que fiquei apreensivo com a forma como Jasmine enxergaria as coisas.

Aflito com meus pensamentos, me afastei e fui ao banheiro. Retornei alguns minutos depois, trazendo uma toalha molhada para limpá-la. Jasmine se encolheu um pouco quando toquei na sua boceta dolorida com o tecido úmido.

Endureci meu maxilar, me sentindo como um animal.

— Eu fui muito rude — declarei, inspirando profundamente. — Era sua primeira vez e eu agi de forma selvagem com você.

Jasmine me dirigiu o seu olhar, repleto de sentimentos e emoções que eu não soube identificar.

— É errado eu ter gostado? — quis saber, e senti que sua dúvida era verdadeira.

Permaneci a encarando, com minha cabeça a mil.

Decidi me deitar ao seu lado, sentindo uma necessidade absurda de trazê-la para meus braços.

— Não é errado — falei, ajeitando-a no meu peito. Apesar de ainda ser um pouco estranho e me deixar meio rígido, eu a mantive ali. — Algumas mulheres apreciam essa combinação de dor e prazer, e você é uma delas. Você fica excitada com um pouco mais de agressividade na hora do sexo.

Ao contrário do que eu imaginava, ela não fez comentários, e permaneceu inerte por um longo tempo. Quando pensei que ela havia adormecido, a sua voz soou, acelerando o meu coração:

— Eu acho que me enganei, Owen. A parte que mais gosto quando estamos juntos é essa, quando você me esconde nos seus braços.

*Caralho!*



## *Jasmine*

— Você tem certeza de que está bem? — Owen perguntou pela terceira vez em um curto intervalo de tempo.

Eu o observei ao meu lado no carro que nos levava ao hotel. Segundo o que entendi, passaríamos algumas horas num hotel antes de embarcarmos para uma ilha onde ocorreria um evento importante. Não fazia ideia do que se tratava.

— Estou começando a pensar que você está preocupado comigo — brinquei, tentando disfarçar os sentimentos que me oprimiam há horas. A maneira como Owen me possuiu, não apenas fisicamente, mas também emocionalmente, me deixou em êxtase absoluto e me fez perceber que eu era completamente dele em todos os aspectos.

— Jasmine, é evidente que me importo com você — afirmou, deixando meu coração acelerado. — Posso agir de forma estúpida às vezes, mas nunca tive a intenção de machucá-la.

Permaneci fixando meus olhos nele, tão próximo. Seu terno impecável, cabelos cuidadosamente penteados e barba bem-feita. Owen irradiava beleza e poder. Era inevitável que arrepios percorressem meu corpo sempre que minha mente me levava de volta ao nosso momento no avião.

Embora minha mente ainda estivesse tumultuada com as recentes descobertas sobre minha vida, o alívio de saber que Owen e eu não éramos parentes percorria cada fibra do meu ser.

— O que... — fiz uma pausa, buscando as palavras certas para dizer — o que significou o que fizemos no avião?

Continuei fixando meus olhos nele, ansiosa para observar suas reações diante da minha pergunta. Owen era um enigma difícil de decifrar.

Percebi um leve franzir de sua testa.

— Como assim? O que exatamente você espera que signifique, *naomh*?

Refleti cuidadosamente sobre sua pergunta.

— Eu não sei — respondi, confusa. — Não consigo compreender todas essas mudanças — refleti, sentindo o desconforto voltar a pesar no meu peito. — Você afirma que eu sou sua, que compreende minhas necessidades melhor do que eu mesma, mas...

— Mas o quê? — ele me instigou a continuar.

Mordi os lábios, nervosa. Owen ergueu a mão e suavemente afastou meus lábios dos dentes.

— Você beija outras mulheres da mesma forma que me beija? — perguntei, angustiada com essa possibilidade. — Você abraça outras como me abraça? — Ele continuou me encarando, sério. — E... — pigarreei, sentindo o rubor subir ao meu rosto — você se envolve sexualmente com outras mulheres da mesma maneira que faz comigo?

Nesse momento, percebi um leve sorriso brilhando em seus lábios.

— Está com ciúmes? — perguntou ele.

Analisei sua pergunta, me lembrando da explicação que Aurora me deu uma vez sobre esse sentimento.

— Sim, estou — respondi com sinceridade. — Se o fato de eu não gostar de saber que você compartilha as mesmas experiências que temos juntos com outra mulher significa que estou com ciúmes, então sim, estou com ciúmes.

Owen abriu a boca para falar, mas se interrompeu quando o carro parou.

— Chegamos! — exclamou finalmente.

Ele alcançou a maçaneta da porta do veículo e a abriu. Suspirando, fiz o mesmo. Fiquei extasiada com o cenário ao meu redor. O lugar era majestoso, cheio de cores e vida.

Pisquei rapidamente quando percebi Owen conversando com Farrell. O ruivo era tão discreto que eu nem tinha notado sua presença a bordo do avião. Desviei o olhar dos dois e voltei a me concentrar na beleza do ambiente ao nosso redor. As pessoas estavam elegantemente vestidas, algumas com sorrisos, outras menos animadas.

— Bom dia! — exclamei quando um casal passou por mim. Eles pareciam estar muito apaixonados.

— Bom dia! — responderam com um sorriso.

Afastei-me um pouco, apreciando os detalhes elegantes com um toque de natureza. Continuei cumprimentando as pessoas que se aproximavam, mantendo um sorriso no rosto.

De repente, senti um toque na minha cintura. A forma possessiva do toque deixou claro de quem se tratava, mesmo sem precisar olhar.

— Não se afaste de mim — avisou Owen com uma expressão tensa. — E pare de conversar com estranhos, Jasmine. É perigoso.

Permiti que ele me guiasse, pois sabia que não tinha escolha.

— Eu estava apenas explorando o lugar — expliquei suspirando. — Além disso, não vejo como um simples "bom dia" possa causar problemas. Por que seria perigoso sorrir para alguém?

— Dependendo de quem você sorri, algo muito ruim pode acontecer — afirmou.

Franzi a testa, confusa.

— Como assim?

Owen me encarou intensamente, emanando aquela aura sombria que me desequilibrava e, ao mesmo tempo, me atraía.

— Se você sorrir para outro homem, farei questão de cegá-lo para que ele nunca mais possa contemplar seu sorriso — declarou, sem pestanejar.

Fiquei chocada e atônita com suas palavras, incapaz de articular qualquer resposta coerente.

Finalmente adentramos o ambiente elegante. Owen entrelaçou nossos dedos, como se quisesse assegurar que eu não me afastaria dele. Enquanto ele conversava com outras pessoas sobre o quarto em que ficaríamos, eu continuava a apreciar os detalhes ao meu redor, extasiada com tudo aquilo. Nunca estive em um ambiente assim antes, e sentia todo o meu corpo vibrar de excitação.

Quando Owen me puxou em direção a uma espécie de caixa, meus pés congelaram instantaneamente.

— O que é isso? — perguntei, apontando para a tal caixa de metal. — Eu não quero entrar lá dentro, Owen, por favor, não me force. — Agarrei-me ao seu paletó.

— É um elevador, Jasmine, e é completamente seguro — assegurou ele, parecendo se divertir.

Meu coração batia rápido de medo. Como meus pés permaneciam firmes no lugar, Owen me pegou no colo, impaciente, e entrou comigo no elevador. Assustada, escondi meu rosto na curva de seu pescoço, buscando me acalmar enquanto inalava seu aroma amadeirado.

— Você está tremendo — observou ele.

— Porque estou com medo — respondi, percebendo sua pele se arrepiar diante da minha voz próxima ao seu ouvido. Ao notar isso, deslizei meus dedos por seus pelos eriçados, apreciando a sensação. Por um momento, esqueci completamente do meu medo. — Sua pele está arrepiada...

Um arquejo escapou de sua garganta com um som estrangulado. De repente, Owen me soltou e me pressionou contra a parede fria do elevador. A última coisa que consegui pensar foi em respirar fundo antes que seus lábios esmagassem os meus, deixando claro seu domínio. Todos os meus pensamentos e preocupações se dissiparam naquele momento, pois tudo em que conseguia me concentrar era nos lábios carnudos que me devoravam, nas mãos possessivas que exploravam meu corpo trêmulo, na forma como sua barba marcava minha pele e nos dentes que machucavam meus lábios.

Quando as portas se abriram, ele interrompeu o beijo e me encarou, seus olhos carregados com uma intensidade que me fazia desejar me submeter a ele de joelhos. Senti quando Owen passou o dedo sobre meu lábio inferior e o trouxe diante de seus olhos. Havia sangue ali. Minha respiração se tornou ainda mais difícil quando ele simplesmente sugou o líquido vermelho como se fosse uma iguaria.

— É melhor parar de me atentar, porque estou lutando para não te comer a todo momento, sabendo que você ainda está dolorida — sussurrou ele, fazendo todos os meus pelos se arrepiarem. — Mas não vou conseguir me controlar se você continuar me provocando, *naomh*.

Me puxou pela mão, mal me dando tempo para processar a situação.

— Mas... eu não entendo do que você está falando, Owen — resmunguei, confusa. — O que você quer dizer com "me provocar"?

Ele não respondeu. Em vez disso, deslizou um cartão na porta e digitou alguns códigos antes de entrarmos. O quarto era espaçoso, com móveis tão elegantes quanto os da mansão deles.

Passei por ele, deixando meus sapatos pelo caminho, pois desejava sentir a suavidade do tapete sob meus pés. A primeira coisa que fiz foi caminhar até a sacada, hipnotizada pela beleza do mar. Meus olhos se encheram de lágrimas instantaneamente.

Nunca havia presenciado algo tão magnífico em toda a minha vida.

— Preciso descer para fazer algumas ligações e... — Owen ficou em silêncio quando percebeu meus soluços — O que aconteceu? Qual é o problema? — Seus olhos percorreram meu corpo. — Você está com dor?

Soltei uma risadinha, achando engraçada sua insistente preocupação em relação ao meu desconforto lá embaixo. É claro que minha primeira vez foi desconfortável, mas sempre que minha mente revivia as memórias daquele momento único, meu corpo só expressava prazer e desejo por mais... muito mais.

— Estou chorando de emoção — murmurei, fungando e passando as mãos no rosto molhado. — Eu nunca tinha visto o mar.

Owen se aproximou de mim em silêncio. Em seguida, deslizou os dedos pelos meus cabelos, arrastando-os pela minha nuca. Seus olhos estudavam cada detalhe do meu rosto, brincando com meus lábios entreabertos.

— Você me deixa tão confuso, sabia? — questionou, embora parecesse mais uma afirmação. — Eu queria tanto poder acreditar em você... — meu coração disparou no peito.

Pensei em responder, mas ele não me deu a oportunidade, pois se afastou, informando que precisava descer para resolver algumas coisas antes da chegada de seus irmãos. Antes de sair, deixou claro que eu não poderia sair do quarto.



Eu havia acabado de me deitar na cama quando a porta foi abruptamente aberta. Fiquei surpresa ao ver o rosto de uma garota aparecer. Eu me lembrava dela.

— Sophie? — exclamei, me levantando da cama. Meus olhos não se desviaram dela nem por um momento. — Eu não sabia que você também estava vindo.

O sorriso que ela me ofereceu era enorme e contagiante.

— Digamos que nem o Owen esperava que eu viesse — ela disse, rindo. — Mas considerando a complexidade das coisas, os irmãos dele decidiram que eu, Dexter e Michael deveríamos vir como apoio extra. — Michael era seu irmão.

Fiquei feliz de saber que Dexter também estava presente.

Meus olhos piscaram rapidamente, enquanto minha mente se esforçava para processar o que ela acabou de dizer.

— A complexidade das coisas? — repeti. — Não entendi nada. — Fiquei irritada por sentir meu rosto corar.

Sophie fez uma careta fofa e deu de ombros, se aproximando de mim e me ajudando a sair da cama.

— Esqueça o que eu disse — pediu, me girando para encará-la. Acabei rindo um pouco porque fiquei tonta. — Vim te convidar para nadar na piscina do hotel. O que acha? — Ela mexeu na bolsa pequena que estava em seu ombro. — Trouxe até um par de biquínis aqui que tenho certeza de que vai ficar lindo em você. — Me mostrou a peça.

Meus olhos brilharam de empolgação.

— Uau! É lindo! — Peguei a peça nas mãos, admirando-a. Era um biquíni vermelho com alguns detalhes em branco.

— E vai ficar ainda mais lindo em você — garantiu, começando a tirar suas roupas. Na verdade, ela estava usando um vestido azul. Sophie era uma garota muito bonita, com cabelos loiros e lisos. Seus olhos verdes eram bem expressivos.

— Será que o Owen vai ficar chateado se eu sair do quarto? — questionei, enquanto tirava minhas roupas para colocar o biquíni. — Ele me disse para ficar aqui até que ele voltasse.

Sophie me encarou, demonstrando curiosidade. Percebi que ela tinha muitas perguntas a fazer, mas talvez estivesse sem coragem.

— Owen está ocupado agora — explicou, sorrindo. — Tenho certeza de que ele entenderá quando te vir se divertindo na piscina. Não é justo que você fique presa neste quarto o dia todo, concorda? — Ela inclinou a cabeça de lado enquanto me encarava. — Aliás, você já viu aquele sol maravilhoso lá fora?

Imediatamente, um sorriso animado se formou nos meus lábios.

— Você está certa! — exclamei. — Vamos lá.



Era impossível ignorar as reações de deslumbramento a cada passo que eu dava naquele lugar, que parecia um verdadeiro paraíso de cores e energia. O sol acariciava minha pele, me dando as boas-vindas.

— Venha, Jasmine, vamos nos sentar ali. — Sophie apontou para um local mais adiante. Havia algumas cadeiras e um objeto para nos proteger do sol.

Coloquei minha toalha sobre a mesa e segui o exemplo de Sophie, que retirou sua canga. Foi assim que ela chamou aquela peça. Logo, meu corpo foi envolvido pelo calor do sol. O biquíni ficou muito bonito em mim, realçando minhas curvas. Ainda no quarto, Sophie e eu aplicamos um produto na pele que ela explicou ser para nos proteger dos efeitos do sol.

— Owen vai enlouquecer quando te vir aqui, usando apenas esse pedaço de tecido, Jasmine — insinuou Sophie, fazendo meu coração acelerar.

— Mas você disse que ele não ficaria chateado — contrapus.

Ela riu, se aproximando de mim e segurando minhas mãos.

— Estou me referindo à reação dele, como ele certamente sentirá ciúmes de você, querida. Só isso. — Ela riu, soltando minha mão e se inclinando para mexer em sua bolsa no chão, debaixo da mesa. Não pude deixar de notar a arma que estava ali dentro. — Vou ali pegar algumas bebidas para nós duas — avisou, apontando.

Apenas assenti, sorrindo.

Cheia de animação, me aproximei da piscina, agachando-me na borda e mergulhando meus pés na água refrescante. Não resisti ao desejo de submergir e comecei a nadar de um lado para o outro, entregando-me à sensação de liberdade que percorria meu corpo. Cheguei à outra extremidade da piscina e depois voltei.

Sophie já estava me esperando com duas taças de bebida nas mãos.

— Vai dizer que não foi uma ótima ideia tirar você daquele quarto? — perguntou, me encarando com diversão.

Eu me ergui para sentar-me ao lado dela na beira da piscina.

— Sim, estou maravilhada com tudo isso — respondi honestamente. — Nunca experimentei algo assim antes.

Ela me estendeu uma das taças. Meus olhos brilharam ao ver a variedade de frutas dentro dela, dando a impressão de que a bebida era colorida.

— Você está falando da piscina? — perguntou.

Neguei com a cabeça.

— Estou falando dessa sensação de independência — respondi, pensativa. — Um lugar como este, nunca imaginei nem mesmo em meus sonhos, Sophie. Existem alimentos que são novos para mim, tecnologias que ao mesmo tempo me encantam e me amedrontam, como, por exemplo, o elevador... fiquei apavorada.

— Sério? — Ela riu, incrédula.

Experimentei a bebida, saboreando o doce em minha língua, seguido por um amargor peculiar. Era gostoso.

— Eu não fui criada em sociedade — contei. — Imagino que todos vocês já saibam disso. — Tomei mais um gole, apreciando o sabor.

— Ei, vá devagar, garota... — Sophie segurou meu copo, rindo. — Não queremos que você fique bêbada, senão Owen vai chutar minha bunda. — Deu risada.

— Por que ele chutaria sua bunda? — perguntei com o cenho franzido.

— Porque você é responsabilidade dele — respondeu como se fosse o óbvio. — E pelo que entendi, todas as decisões que te envolvem são exclusivamente dele.



Pisquei os olhos, absorvendo suas palavras. Voltei a beber o líquido doce e viciante.

— Mais cedo, ele me disse que gostaria muito de acreditar em mim — sussurrei, lembrando de suas palavras. — Owen deixou claro algumas vezes que não confia em mim. Sei que isso está relacionado ao fato de meu pai ter traído ele e seus irmãos. — Mesmo sabendo que Aidan não era meu pai biológico, meu amor por ele permanecia o mesmo. — Mas isso é tão injusto para mim, sabe? Não acho certo ser culpada pelos erros dos outros. — Limpei uma única lágrima que escorreu pela minha bochecha.

Sophie colocou sua mão sobre a minha, olhando para mim com um olhar reconfortante.

— Não sei se minhas palavras irão aliviar sua dor, mas quero que saiba que eu acredito em você — afirmou com tanta convicção que confiei nela. — Desde a primeira vez que te vi, senti sinceridade, Jasmine. Tudo o que desejo é que você seja feliz e possa superar todos os obstáculos e dores que ainda surgirão em seu caminho.

Permaneci em silêncio, sentindo meu peito apertar com o final de sua frase.



Eu estava rindo sem parar, sentindo uma leveza tomar conta de cada célula do meu corpo. Era como se todos os problemas e preocupações tivessem desaparecido. Sophie estava ao meu lado, compartilhando a mesma diversão, e não me deixava sozinha nem por um momento.

— Posso te oferecer outra bebida, linda? — perguntou um homem. Sophie e eu estávamos sentadas nas cadeiras. Olhei para o desconhecido ao meu lado. Ele era moreno e musculoso, como pude notar pelo fato de estar usando apenas uma sunga. — Vejo que seu copo está vazio. — Indicou minha mão.

Meu sorriso se alargou.

— Adoraria! — gritei animada, estendendo meu copo para ele.

O problema foi que Sophie interveio rapidamente:

— Não, ela não aceita! — afirmou, com uma expressão desagradável. — Por favor, nós duas não estamos interessadas em sua companhia.

Uma expressão de espanto tomou conta do meu rosto.

— Meu Deus, Sophie! Que falta de educação. — Minhas palavras pareceram emboladas aos meus ouvidos.

— Eu posso conversar com você sozinha, moça bonita — ofereceu o homem, chamando minha atenção novamente. — Poderíamos ir até o bar ali perto.

Sophie se levantou abruptamente.

— Eu já disse que ela não vai a lugar algum com você! — declarou, irritada. Seu corpo tenso de raiva.

Nervosa, eu também me levantei, mas quase caí devido à tontura. Por sorte, braços fortes me seguraram antes de eu me desmontar no chão.

— O que diabos está acontecendo aqui? — questionou Owen, com uma expressão de surpresa e irritação.

Meu sorriso se alargou enquanto me virava para ele, que me segurava firmemente.

— Owen! — exclamei, olhando para o seu rosto furioso. Fiz uma careta. — Você... está bravo, não é? Sempre bravo comigo. — Belisquei seu nariz, achando graça de sua careta.

Ele segurou meu rosto e aproximou o nariz para sentir o cheiro da minha respiração.

— Você está embriagada! — declarou, entortando os lábios em desagrado.

Neguei com a cabeça, tentando empurrá-lo, mas era como tentar mover uma rocha.

— Eu estava cuidando dela — afirmou Sophie, em sua defesa. Nesse momento, meu olhar encontrou o dela e percebi que o desconhecido já não estava mais presente.

Em seu lugar, estavam os trigêmeos, Michael e Dexter, igualmente incomodados com a situação. Perguntei-me se eles haviam afugentado o homem simpático.

— Cuidando? — repetiu Owen, com desdém. — Oferecendo bebida para ela? — Ficou claro que ele estava realmente irritado.

— Por que está... brigando com ela, *huh*? Pare de ser tão... mandão e... — meus olhos se voltaram para os trigêmeos, tentando me concentrar para enxergá-los com clareza — qual era mesmo aquele xingamento que vocês me ensinaram?

— Foram vários, querida — zombou Sean, rindo.

— Cuzão? — respondeu Carter, com os braços cruzados.

Sorri.

— Exatamente! — Apontei o dedo indicador para ele antes de me voltar para Owen, quase tropeçando em meus próprios pés. — Cuzão. Eu estava me divertindo — gritei, jogando a cabeça para trás, rindo.

— Vou levá-la de volta para o quarto — ouvi Owen dizer. — Jasmine não está em condições de continuar aqui.

— Ainda precisamos conversar sobre vocês ficarem sozinhos no mesmo quarto — comentou Dexter, enquanto Owen me pegava no colo como se eu não pesasse nada.

— Tente tirá-la de lá — foi a resposta do meu próprio *monstro particular*.

Minha única reação foi rir. Nunca me senti tão leve como naquele momento; era como se pudesse flutuar.

Após longos minutos, finalmente chegamos ao quarto, e Owen me soltou, jogando-me na cama.

— Ei?! — reclamei.

— Não posso acreditar que você saiu deste quarto quando eu te disse para ficar — revelou, balançando a cabeça de um lado para o outro, com as mãos na cintura. Em seguida, seus olhos percorreram o meu corpo, seu maxilar se contraindo. — E ainda por cima, usando apenas esse... maldito pedaço de pano que mal cobre sua boceta, Jasmine.

Pisquei, processando sua declaração, e me levantei, examinando a mim mesma.

— Claro que cobre — pressionei minha calcinha para enfatizar. — Você está exagerando... — comecei a andar pelo quarto, tropeçando um pouco. — Aliás, eu me diverti muito. Por que está zangado com isso? Gosta de me ver triste?

Ele soltou um suspiro baixo, esfregando o rosto repetidamente como se estivesse lutando para se controlar.

— Óbvio que não! — exclamou, escandalizado. — Só não gosto de saber que outros homens te viram assim... — gesticulou em minha direção. — Você pode se divertir desse jeito, mas quero que seja comigo.

De repente, senti um calor intenso percorrer todo o meu corpo, me deixando tonta. Determinada, diminuí a distância entre nós enquanto arrancava a parte de cima do biquíni. Agarrei Owen e afundei meus lábios nos seus, pressionando meus seios contra seu peito. Ele até correspondeu ao beijo, mas depois parou, respirando com dificuldade.

— Não — sussurrou, segurando meus braços para me afastar.

— Você está me rejeitando? — perguntei, com lágrimas nos olhos.

— Porque você está embriagada, Jasmine — explicou, me levando até o banheiro. Soltei as amarras da calcinha e fiquei completamente nua. — Puta que pariu! — soltou um palavrão quando seus olhos se fixaram na minha intimidade.

— Independentemente de estar bêbada ou não, eu quero estar com você — soprei, voltando a agarrá-lo pelo pescoço. — Quero sentir você dentro de mim novamente, Owen; quero me sentir completa outra vez.

Nesse momento, sua mão segurou meu rosto, apertando minhas bochechas com força. Sua boca colidiu com a minha com urgência, em uma mistura frenética de possessividade e

agressividade que me deixava enlouquecida.

— Embora tudo dentro e ao meu redor esteja implorando para que eu te foda agora, não farei isso — decretou ele, me empurrando em direção ao box. — Gosto de foder quando as mulheres estão conscientes do que está acontecendo. Quero que elas saibam que é o meu pau preenchendo a boceta delas.

Gritei de susto quando a água fria atingiu minha pele.

— Está... fria — minha voz saiu trêmula.

— É bom para aliviar a ressaca — explicou, ensaboando meu corpo. Sua roupa social já estava completamente molhada.

Permaneci com as mãos apoiadas em seus ombros enquanto estudava seu rosto.

— Você...

— Não, Jasmine — interrompeu minha fala, olhando-me de lado.

Pisquei.

— Mas você nem ouviu minha pergunta.

Ele soltou um sorrisinho.

— Nem precisei — explicou, dando de ombros. — Eu sabia que você me perguntaria sobre outras mulheres na minha vida — disse, fixando os olhos nos meus. — E a resposta é não. Você é a única que atormenta meus pensamentos e sentidos. Apenas você.

Apesar dos meus sentidos estarem confusos devido ao álcool no meu sangue, consegui perceber o acelerar do meu coração e um sorriso que se instalou nos meus lábios e se recusou a desaparecer.

— Você também é o único a me tocar, Owen.

Mais uma vez, ouvi sua risada.

— E continuarei sendo — afirmou, com arrogância. — Porque quem ousar profanar meu templo, *naomh*, sofrerá as consequências.

— Profanar seu templo? — balbuciei, confusa. — Você me confunde muito.

— Aquele que se atrever a sequer tocar um fio do seu cabelo sentirá toda a minha fúria. Tudo em você me pertence, e só eu tenho o direito de estar entre suas pernas deliciosas.

Arfei, sentindo o impacto das suas palavras.

— Você é tão... mandão. — Fiz um bico, mesmo sendo afetada por sua declaração.

— Só não gosto de compartilhar o que é meu.

Não disse nada. Na verdade, minha mente estava lutando para assimilar algo coerente, exceto pelo fato de ele ter admitido que eu era a única mulher com espaço em sua vida.



## Owen

Afastei uma mecha de cabelo do rosto adormecido de Jasmine, incapaz de desviar o olhar de seus traços suaves e perfeitos.

Ainda era difícil acreditar que ela tinha saído do quarto e se embriagado na piscina do hotel. E para piorar, tinha ousado usar aquele maldito biquíni minúsculo. Era estranho, pois, pela primeira vez, minha irritação não se limitava apenas ao ciúme doentio que dominava minha mente sempre que imaginava outras mãos a tocar seu corpo ou outros olhos a observando. Agora, também sentia medo por sua vulnerabilidade ao estar embriagada. Considerando sua inocência mesmo quando sóbria, pensar no que poderia acontecer se percebessem seu estado alcoolizado me deixava sem fôlego.

Suspirando, deslizei minha mão pelo seu rosto, pescoço, braço... quando cheguei em sua mão, entrelacei nossos dedos e não consegui resistir ao desejo de beijá-los.

— Não faço ideia do que você está fazendo comigo, garota — murmurei, sentindo uma mistura de irritação e frustração. — Tudo o que sei é que você está prestes a me enlouquecer de vez, e ainda nem cheguei aos quarenta anos.

Me afastei da cama e verifiquei as horas. Tinha certeza de que meus irmãos e os outros idiotas estavam curiosos para saber o que aconteceu, já que havia passado pouco mais de uma hora desde que voltei com Jasmine para o quarto. Não foi difícil fazê-la dormir, uma vez que provavelmente era a primeira vez que ela bebia álcool. Bastou sair do banho, vestir uma roupa e pronto!

Peguei meu paletó e me dirigi para fora do quarto. Farrell estava do outro lado do corredor, em vigília.

— Fique aqui! — ordenei, fechando a porta. — E não deixe ninguém entrar ou Jasmine sair.

— Entendido, senhor!

Caminhei pelo corredor, ajustando meu paletó. Desde que chegamos, me preocupei em explorar o local e identificar possíveis membros da Igreja nos arredores. Não tínhamos ideia se apenas convidados participariam do leilão ou se membros desse grupo maldito também estariam presentes.

— Como ela está? — perguntou Kael assim que nos encontramos novamente. Estávamos em uma área aberta do hotel.

— Ela está dormindo — respondi, me sentando em um dos sofás. Aceitei a bebida que Carter me ofereceu. — Não posso acreditar que você a tirou do quarto, Sophie — desabafei minha indignação. — E se estivéssemos cercados de inimigos, *caralho*?

— Suavize o tom ao falar com minha irmã, Owen — rosnou Michael, me encarando com os olhos semicerrados. Ele não costumava falar muito, mas sempre agia quando necessário. — Tenho certeza de que ela pensou que estaria fazendo algo divertido para a “*garota santa*”.

— Você queria mantê-la presa naquele quarto, como se fosse um pássaro numa gaiola — repreendeu ela, demonstrando sua irritação. — Isso não é justo. Jasmine é uma boa garota e merece mais do que estão oferecendo a ela.

— O que está insinuando, afinal? — retruquei, claramente incomodado com suas palavras; pareceram facas no meu peito. — Acha que não estou agindo corretamente? Quer me ensinar a governar, Sophie?

Percebi uma leve hesitação nela, mas ela não se intimidou comigo. Sophie sempre foi ousada e corajosa.

— Com quem estou falando aqui? — questionou, apontando na minha direção. — Porque, se for com meu primo Owen, posso dizer que você está agindo como um idiota, sendo estúpido ao pensar que Jasmine é seu animal de estimação. Nunca conheci uma garota tão inocente e doce como ela, e aposto que se você demorar a perceber isso, poderá ser tarde demais. — Suas palavras me afetaram mais do que eu gostaria. — No entanto, se estou diante do chefe dos Sullivan, minha única resposta é esta: desculpe-me por ter influenciado aquela pobre garota a quebrar suas regras importantes. — Ela se levantou. — Prometo que nunca mais farei isso.

Então, sem esperar por minha resposta, ela simplesmente saiu, pisando duro. Sua raiva era palpável a quilômetros de distância.

Um maldito silêncio reinou por alguns instantes.

— Ela é temperamental, não é? — provocou Dexter, com um sorriso de deboche evidente.

— Você não viu nada ainda — complementou Michael, rolando os olhos, embora um sorriso suave pairasse em seus lábios.

Revirei os olhos, impaciente.

— Foda-se o que aconteceu! — murmurei, passando as mãos no rosto. — Precisamos seguir com o plano, porque o tempo está se esgotando. — Verifiquei o horário novamente.

— Primeiro, todos nós chegamos a um acordo aqui, Owen — declarou Carter, com o maxilar tenso. Franzi a testa, sabendo que algo não estava certo.

— O que diabos está acontecendo agora? — exasperei.

— Você e Jasmine estão juntos — afirmou Sean, entre dentes. Abri a boca para responder, mas ele me impediu: — Não é uma pergunta. Acha que não percebemos todas as marcas que deixa visíveis no corpo dela?

— Agressão não faz sentido, já que ela mesma teria contado — concluiu Dexter, com um sorriso irônico.

— Vocês realmente acham que eu teria coragem de agredi-la? — Fiquei chocado. — Eu nunca agredi uma mulher na minha vida.

— Nós sabemos disso, irmão — argumentou Carter, respirando fundo. — É por isso que a única conclusão plausível é... — ele parou, parecendo ter dificuldade em expressar o raciocínio — que vocês dois estejam transando.

Tanto ele quanto os outros soltaram palavrões, demonstrando um certo nojo. Michael foi o único que permaneceu neutro na situação.

Joguei-me para trás no sofá, dobrando uma perna no joelho. Fiquei em silêncio, encarando aqueles idiotas.

— Não sabemos o que se passa na sua cabeça em relação a isso, mas queremos deixar claro que nós não vamos...

— O quê? — interrompi Kael. — O que vocês não vão permitir?

— Não vamos permitir que você a use — rosnou Carter, tão ameaçador quanto eu. — Jasmine pode ser inocente, mas nós não somos. Ela pode pensar que não tem ninguém para defendê-la, mas estamos aqui, Owen.

— É melhor você levar isso a sério, ou melhor, levar os sentimentos dela a sério, se não quiser enfrentar problemas — complementou Dexter, com os olhos nos meus.

Apertei os dentes com tanta força que pude ouvi-los ranger.

— Jasmine é minha.

Por que ninguém entendia isso, inferno!?

— Apenas não se esqueça de que ela não é um mero objeto, irmão — explicou Sean. — Aquela garota tem sentimentos e sonhos, e recentemente descobriu que o homem que ela achava



ser seu pai não é seu pai biológico. Jasmine está perdida em um mundo que ela mal conhece, porque nosso maldito tio a escondeu dessa realidade.

— Não a magoe, Owen — avisou Carter, me encarando com aqueles olhos sombrios. — Caso contrário, você terá que lidar conosco.

Engoli em seco. Não era medo, mas pura surpresa, pois não tinha ideia de que meus irmãos se importavam tanto com Jasmine.

Pigarreei, me remexendo no sofá, desconfortável com o assunto. No fundo, eu ainda não entendia completamente meus sentimentos em relação a Jasmine, embora soubesse que eles haviam mudado drasticamente nas últimas semanas. Ainda tinha ressalvas em relação a ela, mas o desejo de estar ao seu lado superava todo medo e desconfiança.

— Agora, podemos discutir o plano? — bradei, quase em um rugido.



— Meu Deus, Owen! É enorme! — exclamou Jasmine, maravilhada, enquanto caminhávamos pela passarela em direção ao mega iate. — Mesmo você me dizendo que seria uma embarcação grande, eu não imaginava que seria tão impressionante.

Olhei para ela, encantado com o brilho em seus olhos. Parecia uma criança descobrindo um novo mundo.

— Quantas pessoas cabem aqui? — perguntou, olhando ao redor.

— Tem capacidade para mais de cem pessoas — respondi, colocando minha mão em suas costas e guiando-a pelo local. — No entanto, existem diferentes tipos de embarcações, tudo depende das preferências e objetivos.

O sol brilhava intensamente no céu azul, refletindo-se nas águas cristalinas que cercavam o iate. Ele era imponente e elegante, com um design moderno e acabamentos impecáveis. Pelas nossas investigações, tudo pertencia ao sheik, que certamente ganharia uma pequena fortuna ao final de tudo.

Só que, no meu plano, todos estariam abraçando o próprio diabo ao final desta noite.

Ao adentrarmos, fomos recebidos por uma tripulação atenciosa que nos conduziu ao convés principal. O ambiente exalava luxo e sofisticação, com móveis elegantes e detalhes em tons de marfim e madeira escura. As grandes janelas de vidro proporcionavam vistas panorâmicas do oceano, enquanto uma brisa suave acariciava nossos rostos.

— Owen! — exclamou Jasmine, impressionada com tudo o que via. Por um momento, me peguei sorrindo, contagiado por sua alegria. — A propósito, você ainda não me explicou sobre o evento para o qual estamos indo.

Perdi o sorriso na hora, me sentindo desconfortável com o assunto. Claro que eu não poderia revelar nada a ela.

— É um evento de negócios — respondi vagamente, sem entrar em detalhes. — Não quero que você fique nervosa com nada.

Naquele momento, nossos olhares se encontraram. Jasmine estava usando um elegante vestido azul de mangas curtas, com botões até o pescoço. A barra, porém, terminava no meio de suas coxas torneadas, deixando espaço para a imaginação. Nos pés, ela optou por um sapato de salto baixo em tom vermelho.

— A única coisa que estou sentindo agora é euforia, Owen — declarou, ampliando seu sorriso, fazendo meu coração acelerar de forma tola.

Ela se afastou de mim quase saltitando, ansiosa para explorar o vasto espaço. Pensei em contê-la, mas as palavras de Sophie ecoaram em minha mente, dizendo que eu estava tentando manter Jasmine como um pássaro preso em uma gaiola... não gostei do amargo sabor que essa verdade me trouxe.

Era difícil aceitar quando certas verdades eram jogadas em nossa cara.

Enquanto seguia Jasmine de perto, ajustei discretamente a lapela do meu paletó, certificando-me de que as microcâmeras estavam firmes e operacionais. Obviamente que, meus irmãos, além de Michael, Dexter, Sophie e Farrell não poderiam embarcar, uma vez que não faziam parte do seleto grupo de convidados ao leilão. Por isso, com a ajuda de Michael — que era um hacker excepcional —, decidimos que eu entraria com as microcâmeras, enquanto eles seguiriam em outra embarcação, de forma discreta, é claro, para evitar suspeitas.

A cada passo que eu dava, meus olhos escaneavam o ambiente, observando cada rosto daqueles indivíduos desprezíveis ao meu redor, prontos para participar de um leilão cruel de mulheres inocentes, tratadas como meros objetos. Eu precisava exercer todo meu autocontrole para evitar eliminar cada um deles antes da hora.

Finalmente, Jasmine e eu alcançamos o convés superior, onde nos deparamos com um lounge equipado com espreguiçadeiras almofadadas e uma jacuzzi convidativa. A vista deslumbrante do oceano se estendia até onde a visão alcançava, criando uma sensação de liberdade e serenidade.

Jasmine correu em direção ao parapeito, acelerando meu coração quando parecia prestes a subir na grade de ferro.

— Não faça isso! — exclamei, preocupado, segurando-a pelo braço. — É perigoso.

Ela fez um bico contrariado, embora o sorriso continuasse em seus lábios carnudos e convidativos. Eu não conseguia desviar o olhar. Não fazia muito tempo desde que ela acordou,

um pouco desconfortável devido à ressaca, mas isso não a impediu de se deixar levar pela euforia da aventura. Para ela, era exatamente isso que estávamos vivendo: uma aventura.

Será que realmente existia uma pessoa tão pura e inocente como ela?

— Precisamos cumprir a tradição do batismo — disse ela de repente, parecendo ainda mais entusiasmada.

Se afastou de mim apressadamente, mas eu a obriguei a parar.

— Como assim? Do que você está falando? — questionei, confuso.

— Temos que realizar o batismo da embarcação para garantir nossa segurança — explicou ela, mas minha confusão só aumentou. — Essa é uma tradição tão antiga quanto os próprios navios, Owen.

Quase soltei uma risada diante de sua expressão séria. Jasmine cruzou os braços, indignada com meu semblante divertido.

— Não me culpe por achar isso engraçado, porque sinceramente, eu não faço ideia do que você está falando — falei em minha defesa.

Ela piscou os olhos, incrédula.

— Você nunca leu livros sobre piratas?

Franzi a testa.

— Na verdade, nunca li nenhum livro, *naomh*. Essa nunca foi minha função.

Ela pareceu ponderar minhas palavras com calma.

— E qual era a sua função? — questionou, aguardando minha resposta.

Desta vez, fui eu quem absorveu suas palavras.

Era estranho refletir sobre meu passado, especialmente sobre minha infância e adolescência, sem que mágoas e traumas me sufocassem. Momentos de paz e leveza foram escassos na minha vida, pois o objetivo de um homem em uma família mafiosa era se tornar uma máquina de matar. No meu caso, além de ser uma máquina de matar, também fui destinado a aprender a governar. Assumir ao comando do posto ocupado pelo meu falecido pai foi incrivelmente desafiador e intimidante.

— Ser mau — respondi de imediato. — Essa sempre foi minha função, *naomh*... — enlacei sua cintura de forma possessiva, apreciando o pequeno grito de surpresa que ela soltou. — Eu sempre fui forçado a ser mau.

Deslizei suavemente uma mecha de cabelo solto atrás de sua orelha, desfrutando da forma como ela arfava ao meu toque.

— *E-e...* — pausou, engolindo em seco devido ao nervosismo — você gosta de ser assim?

Um sorriso malicioso se formou em meus lábios.

— Com o tempo, aprendi a apreciar isso. — Inclinei a cabeça, inspirando o aroma perfumado de seu pescoço. Observei os pelos de seu corpo se arrepiando gradualmente e seu tremor sob meu toque. — Causar medo é prazeroso, sabia? É quase como uma sensação de êxtase...

— Owen... — gemeu, agarrando meu paletó.

Foi nesse momento que me lembrei de que meus irmãos provavelmente estariam ouvindo tudo. Fiz uma careta, desconfortável em compartilhar nossa intimidade com eles.

Levei uma das mãos até as duas câmeras e desliguei ambas.

— Afinal, como funciona essa tal tradição do batismo que você mencionou? — Deslizei meus dedos pelo seu rosto, traçando suavemente seus lábios entreabertos. Jasmine parecia estar sob a influência de algo, mas não era álcool desta vez.

Ela engoliu com dificuldade, desviando o olhar e focando-se em minha boca. Era evidente o seu estado de excitação.

— Bem... — pigarreou para limpar a voz — eles costumavam derramar um líquido simbólico na proa da embarcação durante o batismo, que poderia ser qualquer substância com algum significado especial, não se limitando apenas ao tradicional champanhe e vinho.

Envolvi sua nuca com minhas mãos, pressionando minha ereção contra seu abdômen.

— Tenho uma ideia muito melhor — sussurrei em sua boca, segurando seu lábio inferior entre meus dentes. — E o único líquido que será derramado é o seu gozo na minha língua e a minha porra na sua boceta.

Não permiti que ela pensasse e a conduzi pelo local, conhecendo o caminho com precisão. Ao chegar à porta da nossa suíte, ergui Jasmine em meus braços, com as pernas ao redor da minha cintura. Não prestei atenção aos detalhes do quarto, mas sabia que rivalizava com um hotel cinco estrelas.

Com urgência, joguei Jasmine na cama, enquanto rapidamente removia meu paletó, ao mesmo tempo em que ela retirava sua calcinha. Logo, me deparei com sua boceta rosada e brilhante de excitação. Sem perder tempo, mergulhei meu rosto ali, saboreando tudo o que ela tinha a oferecer.

— *Hmm...* — se contorceu toda, abrindo as pernas o máximo possível, quase pressionando meu rosto contra sua boceta suculenta.

Dediquei alguns momentos ao prazer dela, estimulando seu clitóris com sucção e mordidas, desfrutando dos gemidos desesperados que ecoavam, ora altos, ora mais suaves.

No segundo orgasmo dela, me afastei, desabotoando meu cinto e abrindo minha braguilha. Meu pau estava tão duro que eu mal conseguia conter meu tesão.

Segurei Jasmine pelos quadris e a coloquei de quatro, com sua boceta aberta para me receber. Antes de penetrá-la, dei uma última lambida generosa, posicionando uma das minhas pernas no colchão e mantendo a outra no chão. A penetração foi lenta, pois sabia que ainda poderia causar desconforto a ela. Em êxtase, joguei a cabeça para trás assim que a preenchi por completo, perdendo-me em seu calor e na pressão de suas paredes internas.

— Viciante, porra! — rosnei, perdido em prazer. — Viciante e minha!

Jasmine estava apoiada nos cotovelos, mas pressionei suas costas e a empurrei um pouco mais, exigindo que ela arqueasse seu traseiro ao máximo para receber meu pau. Seus gemidos aumentaram, criando uma melodia tão deliciosa quanto sua boceta.

Sem interromper meus movimentos dentro dela, inclinei-me, mantendo uma mão em seu pescoço esguio. Envolvi meus dedos em seus cabelos, aproximando minha boca de sua orelha, onde lambi e mordi.

Sempre que minha mente me lembrava de que eu era o primeiro e o único a explorar Jasmine dessa maneira, quase perdia o controle.

— Você vai gozar no meu pau? — perguntei, ofegante. — Porque quero que você atinja o clímax do jeito que gosta, gemendo, sendo sufocada. É isso que você deseja, não é?

Continuei a envolvê-la com estocadas firmes e implacáveis, e seus gemidos se transformaram em uma mistura confusa de palavras ininteligíveis.

Agarrei seus cabelos com firmeza, enrolando-os em uma das minhas mãos e puxando com intensidade suficiente para causar dor. A resposta que obtive foi a que eu já conhecia; Jasmine tinha uma inclinação masoquista, ela apreciava a sensação de dor.

Ajustei minha posição para usar seus cabelos como apoio, pressionando suas costas para que seu corpo se chocasse contra o colchão e continuando com minhas estocadas vigorosas. Nossos gemidos se misturaram e, quando senti que estava perto do clímax, soltei seus cabelos e a virei de frente para mim. Não lhe dei tempo para recuperar o fôlego, pois logo retomei a penetração. Dirigi minha atenção ao seu pescoço, restringindo sua respiração com o aperto da minha mão. A luxúria brilhava em seus olhos, o que foi minha maldita ruína.

Assim que sua boceta começou a contrair ao redor do meu pau, indicando que ela estava chegando ao orgasmo, finalmente me concentrei em minha própria liberação. Gozei em sua barriga, sujando seu vestido, que ela ainda não havia retirado.

Minha respiração ainda estava ofegante quando ouvi seu resmungo:

— Você sempre faz isso — comentou, apoiando-se nos cotovelos. — Por quê? Você sujou todo o meu vestido, Owen. Por que não goza dentro de mim?

Fiquei quase engasgado com minha própria saliva.

— Você realmente não sabe a resposta para essa pergunta? — Eu estava incrédulo, limpando o suor que escorria da minha testa.

Jasmine pareceu ficar zangada.

— Se eu soubesse, não estaria perguntando, não é? Odeio quando você me olha como se eu fosse burra ou uma mentirosa.

Abri a boca para falar, mas hesitei, sem saber o que dizer. Ver Jasmine zangada me deixava excitado, mas naquele momento, ela parecia genuinamente magoada com minha reação.

— Não acho você burra.

Me encarou, aguardando que eu concluísse meu raciocínio. Em seguida, desviou o olhar e soltou um suspiro baixo. Levantou-se da cama.

— Você não acha que sou burra, mas acredita que sou uma mentirosa.

Meu coração galopou no peito.

— Jasmine, eu...

Ela se retraiu quando segurei seu braço, então a soltei imediatamente.

— Se não se importa, prefiro tomar um banho sozinha.

Apenas assenti quando ela me olhou, esperando por uma resposta. Odiava essa situação.

Odiava ainda mais saber que a culpa era toda minha.



Após aproximadamente quarenta minutos, Jasmine e eu deixamos a suíte para irmos jantar. A atmosfera carregada de chateação ainda pairava no ar, e eu me sentia perdido sobre como agir com Jasmine. Ela estava linda, usando um vestido vermelho.

Durante o trajeto até o restaurante, um silêncio desconfortável dominava, sendo interrompido apenas pelo som dos saltos de Jasmine ecoando pelo ambiente.

Ao chegarmos ao restaurante, fomos conduzidos à nossa mesa. O local era agradável e convidativo, porém a tensão entre nós dois continuava palpável. Jasmine olhava para todos os lados, menos para mim, enquanto eu me sentia inquieto, sem saber por onde começar para resolver a situação.

Aquilo era completamente novo para mim.

Quando eu estava prestes a dizer algo, meu coração quase pulou pela boca ao notar uma mira laser apontada para a testa de Jasmine. Meus reflexos agiram de forma instantânea e, antes que o disparo pudesse atingi-la, me joguei sobre ela, protegendo-a com meu corpo.

Imediatamente, meu instinto de proteção assumiu o controle. Segurei o braço de Jasmine e a puxei para baixo da mesa, enquanto os tiros ecoavam pelo restaurante. O caos se instalou ao nosso redor, com pessoas gritando e correndo em todas as direções.

Navegando por entre a confusão, guiei Jasmine em busca de uma rota segura para deixar o restaurante. Apesar do meu próprio medo, mantive minha voz firme, transmitindo uma sensação de segurança a ela:

— Jasmine, fique perto e siga meu ritmo. Vamos sair daqui o mais rápido possível.

Ela assentiu, soluçando de medo, enquanto avançávamos em meio ao tumulto. Os tiros continuavam a ecoar, mas me concentrei em encontrar uma saída segura. A adrenalina corria em minhas veias, impulsionando-me a proteger Jasmine a todo custo.

Após um tempo, finalmente encontramos uma saída lateral que nos levou para fora do restaurante. O ar fresco e a sensação de liberdade foram um alívio imenso. Mantive Jasmine próxima a mim, assegurando que estivesse segura enquanto nos distanciávamos do local. O problema foi que nosso alívio foi interrompido abruptamente quando alguém nos encontrou. Deduzi que fosse a pessoa responsável pelo tiroteio.

Agindo rapidamente, consegui chutar a mão do sujeito, fazendo sua arma voar para longe. Percebi que o alvo não era eu, mas sim Jasmine.

*Minha Jasmine.*

— SUBA NO BOTE! — gritei para ela, enquanto ela estava paralisada, chorando e tremendo, sem saber o que fazer.

Infelizmente, minha falta de atenção resultou em um golpe violento no meu rosto, que me derrubou no chão.

— Não adianta lutar comigo, maldito irlandês — sibilou ele, com um forte sotaque americano. — Porque eu nunca vou desistir de matar essa vadia. Nunca!

Uma onda de fúria me percorreu ao ouvi-lo se referir a Jasmine daquela maneira. Sem pensar duas vezes, desferi um soco poderoso em seu rosto, impulsionando seu corpo para trás e o atingindo no peito com um chute.

Nesse momento, um disparo quase nos acertou, nos fazendo parar de lutar abruptamente, tomados pelo susto. Jasmine segurava uma arma em suas mãos — deduzi que fosse a do próprio idiota que derrubei, minutos antes —, apontando para nós dois. Foi difícil determinar de imediato quem era o alvo dela.

Com as mãos erguidas, me afastei do desgraçado do Arnold. Tornou-se evidente para mim que ele era o maldito ex-membro da Igreja o qual estávamos procurando.

— Não faça isso, Jasmine — declarei, sentindo uma mistura de emoções me dominar.

Quando me afastei do bastardo filho da puta, percebi que, apesar de estar tremendo, Jasmine estava mirando nele. Era ele o alvo dela, não eu. Essa constatação fez meu peito pulsar de uma maneira estranha.

Só que antes que ela pudesse disparar novamente, Arnold saltou no mar. Eu corri para tentar avistá-lo na água. Semicerrei os olhos, focando na vastidão do oceano. A escuridão da noite dificultava a visão.

Mas, quando eu estava prestes a me afastar da beirada, testemunhei algo que me deixou apavorado... o desgraçado não estava sozinho, ele tinha cúmplices.

Corri até Jasmine, que permanecia paralisada no mesmo lugar, com a arma em suas mãos trêmulas. Retirei o objeto dela e o coloquei em minha cintura, nas costas. Segurei seu rosto e exigi que ela me encarasse. Ver seu medo e vulnerabilidade estava me dilacerando por dentro.

— Escute atentamente — sussurrei. — Eu sei que você está assustada, mas é crucial que confie em mim, entende? Preciso que se concentre e siga minhas instruções. Você consegue fazer isso?

Eu estava apavorado. Essa era a minha condição atual.

— *Vocês precisam encontrar uma maneira de nos localizar, seus imbecis* — resmunguei aos meus irmãos, ciente de que estavam ouvindo tudo através das câmeras no meu paletó.

Coloquei Jasmine no bote e, em seguida, subi rapidamente, soltando-o das amarras. O grito de Jasmine quando atingimos a água só não foi mais aterrorizante do que a sensação que tive quando meus olhos captaram um brilho ao longe, vindo da pequena embarcação onde o maldito Arnold estava. Uma bazuca.

Era uma maldita bazuca!

Tudo o que pude fazer foi me jogar sobre Jasmine, tentando protegê-la da explosão do iate. Com o impacto, o bote em que estávamos foi lançado para longe.

Caí na água quando o bote virou de cabeça para baixo.

Desesperado, submergi, procurando freneticamente por Jasmine. Primeiro, arranquei meu paletó para facilitar o nado. Depois, virei o bote e, em seguida, mergulhei na água gélida, olhando em todas as direções em um completo desespero por não conseguir encontrá-la em lugar algum.

Ao longe, o som da explosão ecoava. O iate havia sido completamente destruído, reduzido a destroços. Continuei mergulhando cada vez mais fundo, sentindo meu coração afundar junto com o temor de perdê-la. Afastar-me um pouco do bote já não importava, desde que pudesse encontrá-la.

— Onde está você, garota? Onde está?



Pânico. Medo. Impotência. Meus pulmões queimavam, mas eu não podia desistir. Jamais.

Em outro mergulho, um pouco mais profundo, vislumbrei um lampejo do vestido vermelho. Era ela.

*Era minha Jasmine.*

Enlacei sua cintura com meu braço e nos impulsionei em direção à superfície.

— Porra! — praguejei, enchendo meus pulmões de ar assim que emergimos.

Tive que nadar um pouco mais até alcançar o bote, que estava afastado.

Com dificuldade, consegui colocá-la no bote. Ao subir com ela, comecei as manobras de ressuscitação. Seus lábios estavam arroxeados, e eu tentei ignorar a mancha de sangue em seu vestido.

Eu mal conseguia respirar, mal conseguia pensar. Tudo o que eu sabia era que precisava ouvir sua voz outra vez, ver seu peito subir e descer, indicando que ela estava respirando.

— Respire! — Pressionei seu peito antes de cobrir seu nariz e soprar ar em sua boca. — Respire, droga! — Continuei pressionando seu peito. — Respire! Respire!

Foram minutos angustiantes até que ela finalmente tossisse bastante água.

Um alívio encheu meu peito. Eu estava exausto.

Segurei-a em meus braços, sentindo como se ela fosse tudo para mim, como se fosse a única coisa que eu tinha, que me completava.

— Abra seus belos olhos para mim, Jasmine — implorei, tocando nossos lábios.

Ela abriu não apenas os olhos, mas também um sorriso fraco.

— Meu... *monstro* — balbuciou antes de desmaiar novamente.

Pisquei, confuso com sua declaração.

Foi então que percebi o ferimento que estava causando todo aquele sangue em seu vestido. Uma rápida inspeção revelou que ela havia sido atingida na barriga por um estilhaço da explosão.

— *Putá que pariu!* — rugi, olhando ao nosso redor.

Eu precisava encontrar ajuda imediatamente, caso contrário, perderia Jasmine para sempre.





## Owen

Cansado e incerto do tempo que se passou, avistei uma pequena vila de pescadores com alívio enquanto remava em direção à costa. Com cuidado, desembarquei na água, arrastando o bote para a praia.

Desde o incidente no iate, meus instintos estavam em alerta máximo. Eu sabia que não poderia perder tempo, arriscando a chance de perder Jasmine. Ansioso, levantei-a nos braços cansados, tensos com as horas passadas no mar, e me dirigi a um grupo de pescadores a poucos metros de distância.

Ao me perceberem, o medo atravessou seus rostos. Eram três homens.

— Por favor, preciso de ajuda — implorei, incapaz de esconder meu desespero. — A embarcação em que eu e minha esposa estávamos foi atacada por piratas. Conseguimos fugir, mas minha esposa está ferida.

Eles se aproximaram, igualmente preocupados. Era evidente que eram sujeitos humildes.

— Malditos piratas! — resmungou um deles, aproximando-se para avaliar o estado de Jasmine.

— Podemos chamar o médico — ofereceu outro. — Você tem sorte, ele voltou para a nossa aldeia há dois dias.

Eu simplesmente assenti.

— Ele é um médico de verdade? — perguntei, com medo, segurando Jasmine firmemente

contra meu corpo.

— Sim, — respondeu o mais velho dos três, liderando o caminho. — Venha, eu vou te levar até ele.

Meu coração acelerou tão rápido quanto meus pés naquele chão áspero, ansioso e desesperado para conseguir ajuda para Jasmine. O simples pensamento de perdê-la me deixava enjoado.

Embora minha mente não estivesse totalmente clara naquele momento, meus sentidos estavam alertas, observando tudo ao meu redor. As casas eram simples, desprovidas de qualquer luxo. Apesar da escuridão, contei menos de dez ao longo do caminho.

— Por aqui — sussurrou o pescador, chamando minha atenção para si. Ficamos em frente a uma casa grande, mas igualmente modesta. — Doutor? — chamou, batendo à porta. — Doutor?

— Owen... — Jasmine murmurou, contorcendo-se em meus braços; ela estava queimando de febre.

Beije sua testa.

— Estou aqui, *naomh* — soprei em seu ouvido. — Estou aqui.

— Qual é o problema, Jonh? — resmungou alguém do outro lado da porta. — Espero que isso seja grave por você ter perturbado meu sono.

Quando a porta se abriu, a expressão de mal humor do homem rapidamente se transformou em espanto ao me notar ali, com Jasmine nos braços.

— Por favor, minha esposa precisa de ajuda — consegui dizer antes que ele ficasse inquieto e abrisse a porta completamente.

— Bem, você veio ao lugar certo! Entre depressa, porque não temos tempo a perder.

O médico rapidamente me levou para dentro e me ajudou a deitar Jasmine em uma cama de solteiro. Na luz fraca das lâmpadas, notei vários equipamentos médicos e livros forrando as paredes.

Quando o homem tentou se aproximar de Jasmine, instintivamente o parei, colocando minha mão em seu peito. Minha consciência me dizia para deixá-lo examiná-la, mas meu medo e desconfiança continuaram a obscurecer meu julgamento.

— Ainda não sei seu nome — falei, quase assobiando de irritação.

— Eu sou o Dr. Anthony — respondeu, pressionando a mão no meu ombro como se tentasse me consolar. Ele e todos os outros ali eram de pele escura. — Eu sei que é difícil, mas podem confiar em mim... — fez uma pausa, percebendo que não sabia meu nome.

— Owen! — finalmente respondi. — E o nome da minha esposa é Jasmine.

*Esposa.*

— Então, Owen — ele continuou a dizer, limpando a garganta e olhando por cima do meu ombro, para Jasmine, — você pode confiar em mim porque, aparentemente, eu sou o único capaz de salvar sua esposa.

Meu corpo tremeu consideravelmente naquele momento. Medo. Desamparo. Dúvida. Desconfiança. Raiva.

Tudo combinado, à beira do colapso.

— Tudo bem — suspirei de uma só vez, abrindo espaço para que ele se aproximasse da cama.

Anthony imediatamente começou a trabalhar, examinando habilmente as feridas e a febre de Jasmine com os dedos, enquanto eu permanecia vigilante ao seu lado, observando tudo.

— O que aconteceu, afinal? — perguntou enquanto moía ervas em um pequeno pilão de madeira.

Instantaneamente, meus pensamentos me levaram de volta ao iate, esmagado pela maldita impotência. Nem eu nem meus irmãos antecipamos essa merda porque nosso foco estava no maldito leilão organizado pelo sheik.

Respirando fundo, contei a mesma mentira que havia contado aos pescadores minutos antes, sobre ter sido atacado por piratas. Adicionei detalhes sobre Jasmine e eu sermos recém-casados, todas aquelas bobagens destinadas a atrair simpatia. Quando terminei, o médico assentiu.

— A febre é resultado da infecção desse ferimento. Devemos tratá-lo rapidamente, ou... — ele se afastou significativamente, e meu estômago se revirou.

— Você aí — gritou o médico para um dos pescadores que me ajudaram. Foi só então que percebi que os três estavam lá. — Ferva água e me traga panos limpos. E você — ele se virou para mim, — fique ao lado dela e a conforte. Temos uma longa noite pela frente se sua esposa quiser sobreviver.

Ansioso, peguei a mão de Jasmine na minha, meu coração na garganta. Ajoelhei-me no chão, ao lado da cama, aproximando meu rosto do de Jasmine, febril. Fazia um tempo que eu não me permitia sentir aquele medo surreal sufocando meu peito.

— Eu sei que você é forte, *naomh* — sussurrei perto de seu ouvido. — Você sempre me desafiou desde que entrou na minha vida. Faça isso agora. Encare essa infecção de frente e volte para mim.

De repente, fui surpreendido por um suave toque no meu ombro. Era uma mulher mais velha.

— Sua roupa está molhada, senhor — afirmou ela, com um olhar gentil. — Eu posso ajudá-lo com isso, se quiser. Você precisa ser aquecido e se fortalecer para quando sua esposa

acordar.

Olhei para Jasmine naquele momento, notando o médico cortando seu vestido. Fiquei tenso imediatamente com sua nudez. No entanto, os outros pescadores não estavam mais no cômodo.

Com o queixo cerrado de raiva e ciúmes, consegui dizer, quase rangendo os dentes:

— Prefiro ficar aqui, ao lado da minha esposa.

Ela não disse nada, apenas assentiu com a cabeça e se afastou.

O médico me deu um breve olhar, sorrindo levemente.

— Devo me preocupar que você use meu bisturi contra mim enquanto eu cuido de sua esposa? — perguntou, ironizando.

*Sim.*

— Não — ofereci a resposta mais sensata, — porque confio que você escolherá o caminho certo e manterá seus olhos longe do que não deve e se concentrará apenas em salvar a vida de minha mulher.

Ele riu, mas optou por não fazer nenhum comentário.

Por sua vez, também optei pelo silêncio, pois, caso contrário, não conseguiria controlar as maldições que estavam prestes a escapar da minha boca.



Uma forte tempestade caía do lado de fora enquanto minha preocupação permanecia focada na pequena criatura dormindo naquela cama simples. Anthony fez o que pôde com os recursos limitados disponíveis, garantindo-me que, se Jasmine fosse forte, ela se recuperaria.

A mulher que falou comigo mais cedo se chamava Abby, e ela nos forneceu roupas limpas e secas, bem como um caldo quente para que eu pudesse me aquecer. O único problema era que eu não conseguia comer nada; não com toda a angústia e preocupação me corroendo. No fundo, eu não tinha certeza se aquele lugar era realmente seguro para nós dois, especialmente depois de avistar aquele bastardo do Arnold em um barco, claramente não sozinho. E se ele ainda estivesse à espreita?

— Porra! — exclamei, esfregando o rosto repetidamente, incapaz de acalmar minha mente.

— Você deveria descansar um pouco — sugeriu Anthony, me fazendo encontrá-lo na porta do quarto onde Jasmine e eu fomos recepcionados em sua casa. Abby, sua esposa, estava ao seu lado. — Ainda faltam algumas horas para o amanhecer, meu amigo. Você precisa restaurar sua energia também. Tem certeza de que não quer que eu o examine?

Eram boas pessoas.

Sorri fracamente.

— Estou bem — respondi, pelo menos fisicamente falando, porque por dentro, eu estava uma bagunça. — Por acaso, você tem um celular ou um telefone que eu poderia usar para entrar em contato com minha família?

Ele balançou a cabeça.

— Há uma estação de rádio na aldeia que você pode tentar usar — explicou. — Infelizmente, não temos sinal de telefone aqui.

— Porra! — xinguei.

— Outra opção é esperar o nosso comprador de peixe chegar, ele vem todas as manhãs se o tempo permitir — continuou, e nesse momento, meus olhos se fixaram na vidraça onde eu podia ver a tempestade do lado de fora. — Bem... ele provavelmente não virá amanhã — lamentou.

Suspirei baixo e me levantei da cadeira em que estava sentado.

— Eu realmente aprecio o que você e sua esposa fizeram e estão fazendo por mim e minha esposa, mesmo sem nos conhecer — estendi minha mão para ele. — Nunca esquecerei essa hospitalidade.

Seu sorriso era genuíno.

— Já tem tanta maldade no mundo, não é? Gosto de pensar que estou fazendo a minha parte para melhorar um pouco — respirou fundo, se afastando da porta. — Bem, vou deixar vocês dois em paz. Boa noite.

— Boa noite.

Assim que fechei a porta, pressionei minha testa contra a superfície de madeira por um momento, respirando fundo.

Lentamente, me afastei e caminhei em direção à cama. O alívio preenchia meu ser toda vez que olhava para Jasmine e percebia o sobe e desce de seu peito, indicando sua respiração. Viva. Minha Jasmine estava viva.

*Minha Jasmine.*

Aninhei-me ao lado dela no colchão, puxando-a para meu abraço protetor. Jasmine soltou um gemido baixo, mas se aconchegou mais perto do meu calor, como se mesmo em seu estado

inconsciente, ela soubesse que era eu.

Eu a segurei, resistindo à vontade de exercer força, porque eu não queria machucá-la. Sua pele ainda parecia ligeiramente febril, mas eu sabia que ela estava melhorando.

Embora esta casa, estes móveis, ou esta cama... não fossem luxuosos, eu me sentia tão bem como em muito tempo. Ali, eu não era um mafioso ou líder de uma organização.

Eu era apenas um homem, ou melhor, um marido preocupado com sua esposa ferida.

Com isso em mente, me permiti fechar os olhos, sentindo a exaustão gradualmente tomando conta dos meus sentidos. Mesmo que minha teimosia lutasse contra a ideia de dormir e deixar Jasmine sozinha, meu cansaço prevaleceu.

Logo, fui levado pela inconsciência.



Acordei, piscando os olhos devagar, enquanto forçava minha mente a acordar e entender meu entorno. A forte claridade machucou meus olhos, me fazendo fechá-los outra vez. Desloquei-me no colchão, jogando meu braço para o outro lado da cama, mas congelei quando percebi que estava vazio.

Como um banho frio, minha mente foi atingida por uma enxurrada de lembranças do que havia acontecido nas últimas horas.

*Jasmine.*

Rapidamente acordei, sentando-me na cama e examinando o quarto escassamente mobiliado.

— Jasmine... — gemi, sentindo uma onda de pavor tomar conta do meu peito, pois não conseguia vê-la em lugar nenhum.

Pulei da cama, alcançando debaixo do colchão e recuperando a arma que eu havia escondido ali na noite anterior. Enfiei no cóis da calça, atrás das costas, escondendo com a camisa. As roupas estavam um pouco soltas em mim, pois Anthony era um homem mais alto. E eu tinha certeza de que as roupas pertenciam a ele.

Quando abri a porta do quarto, alimentado pela adrenalina, meus instintos mafiosos entraram em ação, prontos para eliminar qualquer um que ousasse me atrapalhar. O nome de Jasmine estava na ponta da língua, mas eu não me atrevia a gritar, porque não tinha ideia do que



estava acontecendo e não queria piorar a situação perdendo o elemento surpresa.

De repente, com os sentidos aguçados, comecei a ouvir vozes vindas da outra sala, mas eu não conseguia entender a conversa. Com a mão na arma no cócs da calça, me aproximei cautelosamente, mantendo meu corpo pressionado contra a parede.

Quando eu estava prestes a surpreender quem estava lá, fui eu que fiquei surpreso ao ficar cara a cara com Anthony e sua esposa dançando, rodopiando na cozinha. Os dois pareciam perdidos em sua própria bolha de amor, completamente alheios a minha presença.

Por um momento, fiquei ali, observando-os. Não era uma visão comum para mim. Pelo contrário, eu vivia em uma bolha de turbulência, raiva e preocupação. Fui sufocando aos poucos ao longo dos anos, e foi só nesse momento que percebi.

— Ah, Owen — pisquei, ouvindo a voz da Sra. Abby —, você está acordado! — Ela sorriu. Tirei a mão da arma, tentando escondê-la com a camiseta. — Quer um café da manhã? Imagino que você deva estar faminto. — Começou a vasculhar a mesa cheia de comida. O marido disse algo que a fez rir, corando. — Pare com isso, homem! Temos um visitante.

Desta vez, foi ele quem riu, virando-se para me encarar. Com a luz do dia, pude finalmente ver melhor a casa. Móveis modestos e espaço limitado. Eu tinha certeza de que um dos cômodos da minha mansão era maior que esse casebre.

— Infelizmente, você perdeu a chegada do comprador de peixe, Owen — comentou Anthony, chamando minha atenção para ele. — Mas amanhã você terá outra chance.

Balancei a cabeça, assentindo, mas incapaz de pensar direito.

— Onde está minha esposa? — perguntei, tentando não soar ríspido, mas, sem dúvida, falhando.

Dona Abby sorriu, compreensiva.

— Ela acordou cedo, um pouco assustada — explicou. — Pediu para dar uma volta, embora Anthony tenha avisado que ela deveria descansar.

Meu coração estava falhando, eu podia sentir isso.

— Onde ela está? — repeti.

— Lá atrás — pontuou Anthony.

Antes mesmo de ele terminar de responder, meus pés já estavam se movendo na direção que indicou, ansiosos demais para controlar a vontade de vê-la. Eu precisava vê-la.

Assim que saí, fui atingido pela brisa do mar e alguns tímidos raios de sol. O céu ainda tinha algumas nuvens pesadas. Meu coração batia tão rápido que eu podia senti-lo em minhas costelas.

Jasmine estava de costas para mim, seu vestido balançando na brisa fresca, assim como

seu cabelo.

— Jasmine?

Sua cabeça virou instantaneamente na minha direção, e o sorriso que se espalhou por seu rosto só aumentou meu estado emocional. Tudo em mim parecia se encaixar como um quebra-cabeça sendo resolvido.

*Minha Jasmine.*

— Owen! — exclamou ela, caminhando em minha direção com passos lentos. — Olha o que eu encontrei — ela se aproximou, forçando-me a desviar meu olhar de seu rosto lindo e corado para suas mãos, onde ela segurava um pássaro. — Acho que ele se perdeu da mãe dele.

Ela chegou mais perto, enquanto meus pés permaneciam enraizados no chão.

— Como você está? — perguntei, sentindo minha voz rouca, enquanto minha mente lutava para pensar claramente. Não resisti à vontade de enrolar meus braços em volta de sua cintura, como se precisasse disso para ter certeza de que ela estava realmente ali comigo.

Jasmine sorriu, olhando do pássaro para mim.

— Estou me recuperando — respondeu ela, soltando um suspiro baixo. — Mas... não me lembro muito do que aconteceu. — Franziu a testa. — Pode explicar? Na verdade, não faço ideia de onde estamos. — Olhou em volta.

Passei a mão em suas costas até a nuca, saboreando a textura de seus cabelos entre meus dedos. Meus olhos nunca saíram do rosto dela.

*Minha Jasmine.*

— Não, não quero explicar nada — respondi, odiando o turbilhão de emoções que me tirava o fôlego.

Ela piscou, incrédula.

— Por quê? Você precisa parar de ser tão estúpido comigo, Owen.

Sorri.

— E você precisa me obedecer, só isso — retruquei, finalmente pressionando nossos lábios em um beijo.

*Putá merda!* Que diabos estava acontecendo dentro de mim? Não, eu não podia estar apaixonado por ela... Eu não poderia estar apaixonado pela filha do meu maior inimigo.

— Aquele casal se referiu a você como meu marido — sussurrou contra meus lábios, me trazendo de volta de meus pensamentos tumultuados. Afastei-me, notando o rubor em suas bochechas. — Pode pelo menos me dar uma explicação para isso? — Franziu a testa, confusa e curiosa ao mesmo tempo.

— Você é minha de qualquer jeito, Jasmine — declarei sem pestanejar. — Você não precisa de um rótulo para isso.

Será que ela estava escutando meus batimentos cardíacos acelerados?

— Rótulo? — repetiu, testando a palavra na língua. De repente, suas pernas cederam e ela teve que se segurar em mim para não cair.

Meu peito se afundou de preocupação.

— Chega de ficar aqui fora! Você ainda não está totalmente recuperada — decretei, pegando-a em meus braços com a intenção de levá-la de volta para a cama.

Com isso, ela rapidamente soltou o pássaro de suas mãos, que voou para longe.

Fiquei encantado com seu olhar emocionado ao ver o pássaro voar. Algo simples, mas que parecia ter um significado especial para ela.

— Espero que ele reencontre sua família — disse, referindo-se ao pássaro. — É muito triste se perder.

Não gostei de suas palavras, pois senti que estava falando de si mesma.

Eu queria dizer que ela não estava sozinha, que ela tinha a mim e a minha família. Eu também queria fazê-la sentir o conforto e a proteção dos meus braços, garantindo que eu estava lá e que nunca iria embora, mas... não consegui falar merda nenhuma.

Minha reação foi simplesmente beijar sua testa, sem dizer nada.

Porém, no fundo, eu esperava que ela interpretasse o gesto como algo que, bem... até eu não tinha certeza.



## *Jasmine*

Meus pensamentos estavam emaranhados, mesmo eu me esforçando para lembrar de tudo o que aconteceu nas últimas horas. Apenas pequenos fragmentos de memórias surgiam.

— Lembro da nossa discussão — soltei de repente, observando Owen enquanto ele aplicava um tipo de creme no corte feio em minha barriga. Ele fez uma careta adorável.

Owen era um homem lindo, especialmente com aquela barba. Era estranho vê-lo vestido de forma tão simples, sem o luxo de suas roupas costumeiras.

— Eu não discuti, foi você quem brigou sozinha — ele se defendeu, me deixando chocada.

— Você me chamou de mentirosa, Owen!

Ele ergueu os olhos para me encarar.

— Isso não é verdade — disse, terminando os cuidados. — Agora você está colocando palavras na minha boca.

— Então você não acha que sou uma mentirosa? — perguntei, ansiando por sua atenção.

Se levantou, guardando suas coisas no pequeno armário do quarto. Notei suas costas tensas, como se minha pergunta estivesse o machucando. Eu não queria magoá-lo.

— Por que você quer saber? — soltou a pergunta em um sibilar irritado.

Meu rosto se contraiu.

— Porque isso é importante para mim — respondi. — *Você* é importante para mim.

Ele continuou me olhando, parecendo querer dizer muitas coisas, mas preferiu o silêncio. De repente, virou as costas e se dirigiu para a porta.

— Aonde vai? — perguntei, com o coração acelerado.

— Vou ajudar Anthony — respondeu, sem se virar para mim. — Além disso, ele mencionou uma estação de rádio na aldeia. Posso tentar entrar em contato com meus irmãos. Não tenho a intenção de ficar aqui mais tempo do que o necessário.

— Mas...

Seus olhos encontraram os meus, com aquele olhar dominante.

— Não saia deste quarto! — decretou. — Fique aqui até eu voltar, Jasmine. — Foi uma ordem.

Abri a boca para protestar, mas quem eu estava tentando enganar? Droga! Parecia que cada parte do meu corpo queria se curvar a ele em obediência.

Apenas soltei um suspiro resignado, tentando não me frustrar nem me desanimar com sua dificuldade em se comunicar comigo, em me entender.

Por que ele não conseguia perceber que eu era uma garota sincera com meus sentimentos?



Dois dias se passaram naquela humilde casa com pessoas amáveis desde que Owen me trouxe. Eu não podia negar que não sentia falta do pessoal e que não estava assustada com o quase incidente mortal no iate, porque estaria mentindo. Lembrava-me de alguns detalhes, inclusive do medo quando um desconhecido tentou machucar Owen na minha frente. Nunca tinha segurado uma arma na vida, mas não permitiria que alguém ferisse o homem que preenchia todos os vazios dentro de mim.

Com cuidado, saí da cama, evitando movimentos bruscos para não o acordar. Percebi que Owen estava conseguindo dormir melhor e desejava que ele descansasse um pouco mais naquela manhã. O incômodo no ferimento da minha barriga ainda estava presente como uma lembrança de tudo o que aconteceu, mas não deixaria isso me abater. Se eu estava ali, de pé e respirando, era porque Owen não desistiu de mim e encontrou pessoas bondosas para nos ajudar.

Caminhei devagar pela casa modesta até chegar à cozinha. A senhora Abby estava de

costas, preparando algo para o café da manhã.

— Bom dia! — ela me cumprimentou sem olhar para trás, mas pude sentir o sorriso em sua voz. — Você deveria permanecer deitada para se recuperar mais rápido, minha querida.

Fiz uma careta.

— Estou cansada de ficar na cama.

Além disso, Owen me obrigou a ficar na cama durante todo o dia anterior, alegando que eu precisava me recuperar para irmos embora logo. Mas, no fundo, eu sabia que ele estava realmente preocupado comigo.

— Entendo como se sente, menina. Eu também não sei ser uma paciente obediente — ela disse, divertida. — Prefiro estar em pé, trabalhando, dançando, correndo... — sorriu.

Era a primeira vez que eu estava em contato com pessoas de pele escura, e me sentia encantada com essa nuance de tons. Nessas horas, questionava por que meu pai me manteve isolada do mundo. Entendia o medo de me expor aos perigos, mas com isso, ele também me privou das coisas boas.

— Vou dar uma volta lá fora — avisei, desviando o olhar para a janela e contemplando o belo sol. — Estou ansiosa para ver a praia de perto.

— Assim que seu marido acordar, aviso que você foi caminhar na praia.

*Marido.* Isso soava... estranhamente agradável aos meus ouvidos.

Sorri para ela, agradecida.

Deixei a casa lentamente, sentindo os raios do sol acariciarem minha pele pálida. Parei por um momento, observando ao redor. A natureza exuberante a minha volta tornava o cenário ainda mais maravilhoso e acolhedor.

O som do mar chamou minha atenção, as ondas quebrando na praia. Desde que acordei naquela aldeia, vi a praia apenas de longe. Ansiava por chegar mais perto, sentir a água em meus pés.

Continuei meu caminho, cumprimentando algumas pessoas e me sentindo parte daquele lugar. Ao chegar na areia, decidi tirar minhas sandálias, desejando sentir a textura da areia nos meus pés. Suspirei ao sentir o calor.

A beleza do mar à minha frente me encheu de energia para seguir adiante, hipnotizada pela sua imponência. Aos poucos, a areia úmida e fria começou a tocar meus pés, criando um contraste delicioso. Sorri sozinha, sem saber por onde começar a explorar ou como lidar com tanta emoção.

— Jasmine! — Fui assustada pela chegada repentina de Owen, que segurou minhas mãos possessivamente. — Quantas vezes preciso te dizer para não fugir assim? — Seu rosto estava cheio de preocupação. — O que houve? — Ele olhou ao redor. — Por que está chorando?

— De emoção — respondi, inclinando minha cabeça para trás e fechando os olhos. Respirei fundo. — É a primeira vez que vejo a praia assim, tão de perto. — Tentei me soltar de seu agarre, mas ele insistiu em me manter nos seus braços. — Nunca imaginei que seria tão deslumbrante.

— Por isso está chorando?

Funguei, voltando meu olhar para ele, que parecia genuinamente confuso.

— É emocionante testemunhar as criações de Deus. — Ele não disse nada, apenas continuou franzindo a testa. — Minhas lágrimas são de pura felicidade.

Envolveu seu braço em minha cintura com cuidado, o gesto me comoveu.

— Venha... — começou a caminhar comigo. — Vou levá-la até a água para senti-la em seus pés.

Ansiosa e com um sorriso cheio de expectativa, me deixei guiar por ele. Havia outras pessoas ali, mas senti como se estivéssemos em uma bolha única. Só nossa.

— Oh! — Soltei um gritinho de surpresa quando a água atingiu meus pés com força. — Está gelada, Owen!

Ele riu tão espontâneo que o ambiente pareceu congelar por um momento. Era como estar presenciando algo mágico.

— Gelada e salgada — explicou, ainda rindo. Em seguida, ele se abaixou e molhou uma das mãos. Trouxe o dedo até minha boca para eu experimentar o sabor. — Sente?

Fiz uma careta instantaneamente, arrancando mais uma risada dele. Eu poderia me acostumar com aquele som.

— Adoro o seu sorriso — confessei, incapaz de resistir. Acariciei seu rosto, sentindo a aspereza da barba em minha palma. — E o som da sua risada é a coisa mais bela do mundo. Mais bonita até do que o som do mar ao nosso redor — acrescentei, voltando a apreciar a paisagem a nossa volta.

Foi nesse momento que pude vislumbrar, próximo à margem da água, algo emergindo na espuma da onda que se dissipava.

— Owen, olhe — apontei, curiosa. — O que é aquilo? — perguntei baixinho.

Ele seguiu meu olhar.

— Ah, veja só, uma estrela-do-mar encalhada na areia — comentou.

Empolgada, eu estava prestes a me abaixar cuidadosamente para pegá-la, mas Owen me deteve:

— Não se preocupe, *naomh* — disse ele com um sorriso gentil.

Assim, fiquei observando enquanto ele delicadamente escavava a estrela-do-mar da areia e, em seguida, a erguia para me mostrar.

Meus olhos se arregalaram de admiração ao segurar aquela preciosidade.

— É realmente maravilhosa! — exclamei, incapaz de desviar meu olhar da estrela-do-mar.

Owen segurou minha mão e me conduziu pela praia.

— Venha, quero que veja algo.

Mesmo caminhando devagar, eu estava ansiosa e curiosa para saber o que ele queria me mostrar.

Ao chegarmos a uma área mais elevada e rochosa, a areia deu lugar a piscinas naturais cheias de vida. Owen olhou para uma delas e parecia ter encontrado exatamente o que procurava.

Eu permaneci parada, observando e aguardando, enquanto ele se abaixava para pegar outra criatura marinha.

— O que é isso?

— É uma concha — respondeu ele, trazendo a criatura diante dos meus olhos. — Observe como suas espirais internas brilham com as cores do arco-íris. — Apontou, mantendo uma expressão serena.

Ele suavemente tomou a estrela-do-mar de minhas mãos e a devolveu ao mar. Em seguida, levantou a concha em direção à minha orelha.

— Ouça... — pediu. Com um sorriso radiante, pressionou a outra extremidade da concha contra meu ouvido.

O prazer daquele som iluminou meu rosto pálido enquanto eu escutava, e meu coração se encheu de alegria.

— Meu Deus, Owen! É o som do mar que está aprisionado aqui dentro?! — exclamei, misturando espanto e incredulidade.

Ele riu.

— Sim, *naomh*. É exatamente isso.

Permaneci pressionando a concha em meu ouvido, desfrutando da sensação de paz que ela proporcionava.

De repente, algo no horizonte capturou minha atenção.

— Olha só... — apontei — Parece ser um pequeno barco se aproximando. — Owen protegeu os olhos do sol para observar. Um olhar ponderado tomou conta do rosto dele. — Será que é o barco que usaremos para partir daqui? — indaguei, com curiosidade. — Aliás, você ainda não me contou se conseguiu entrar em contato com seus irmãos ontem.



Owen hesitou antes de responder:

— Infelizmente, não consegui falar com eles — suspirou. — A estação de rádio não está funcionando corretamente.

Respirei fundo, entregando a concha a ele.

— Então suponho que nossa saída esteja a caminho — aponte para o barco. — Imagino que você queira voltar para sua família o mais rápido possível. Afinal de contas, você é o líder, não é? Posso não entender tudo completamente e me sentir confusa na maioria das vezes, mas sei que sua função é crucial, Owen. Você é quem comanda tudo, quem dá as ordens e resolve os problemas.

Nossos olhares se encontraram nesse momento. Ele permaneceu em silêncio, absorvendo minhas palavras.

— Na noite em que cheguei a esta ilha, quando você estava delirando em meus braços devido à febre, você me chamou de... *monstro* — mencionou, no final, parecendo um tanto incerto e desconcertado.

Senti meu rosto corar. Embora não me lembrasse do momento ao qual ele se referia, eu entendia o significado.

— Suponho que essa tenha sido sua intenção ao entrar em meu quarto quase todas as noites, usando uma máscara assustadora, não é? — Inclinei a cabeça, mantendo meus olhos fixos nele. — Você queria ser o meu monstro.

Owen ficou pálido e desviou o olhar.

— Como...?

Dei um sorriso, percebendo que ele queria saber como descobri sua identidade.

— Seu cheiro é inconfundível, Owen — respondi.

Ele pressionou as mãos em sua cintura, olhando para mim com uma expressão perdida.

— Por que você nunca disse nada?

— Porque você gostava de me visitar durante a madrugada, mas não queria que eu soubesse — expliquei, dando de ombros. — Então achei melhor deixá-lo acreditar que estava no controle da situação.

Ficou tão surpreso com minha resposta que começou a rir, balançando a cabeça e cobrindo o rosto com a mão.

— Você realmente me surpreende a cada dia, garota — declarou, entre risos. — Agora estou com medo de você e de tudo o que você sabe.

— Mas o que eu sei pode ser pouco para você.

Owen se aproximou, invadindo meu espaço pessoal. Suas mãos deslizaram pelo meu rosto, parando em minha nuca. Soltei um suspiro ao sentir os arrepios percorrerem minha pele.

— Tem sido o suficiente, *Naomh*, tem sido o suficiente.

Fechando os olhos, senti seus lábios tocarem os meus, transportando-me para aquele lugar para onde ele sempre me levava... um lugar de paz e contentamento.

Completa. Única. Dele.

Sim, eu era dele.



Três dias. Três dias imersa naquela comunidade acolhedora, onde eu me sentia tentada a permanecer para sempre. E, no fundo, eu suspeitava que Owen também compartilhava desse mesmo sentimento, já que ele ignorou as oportunidades de deixar a ilha, mesmo quando elas surgiram duas vezes diante de nós.

Foi então que a voz da senhora Abby me despertou de meus devaneios, enquanto observávamos os pescadores retirando uma enorme rede do mar, repleta de peixes.

— Seu marido nunca foi pescador, não é mesmo? — sua pergunta me pegou de surpresa, enquanto ela permanecia ao meu lado na praia. — Na verdade, vocês dois não parecem familiarizados com esse tipo de trabalho árduo.

Meu rosto corou de constrangimento.

— Não, ele nunca pescou mesmo — respondi, embora eu não tivesse certeza, era apenas uma dedução. — Os negócios dele são diferentes.

— E o que ele faz? — indagou, despertando um nervosismo em mim. Eu não poderia revelar que Owen estava envolvido em assuntos obscuros, nem tampouco mencionar que eu mesma me sentia prisioneira dele, já que ele se recusava a me deixar partir.

*Não que eu tivesse algum desejo real de partir, é claro.*

— Peço desculpas, senhora, mas não tenho uma resposta para essa pergunta, pois não compreendo muito bem — respondi, me sentindo sufocada. — Na verdade, sempre evitei me envolver com os negócios dos homens, pois me canso muito fácil. — Forcei um sorriso.

— Ah, entendo perfeitamente, minha querida — disse ela, alisando o avental que usava. —

Quando meu marido decidiu estudar medicina, ele tentava me explicar tudo o que aprendia, mas eu não entendia nada. — Ela riu, um pouco constrangida. — A única coisa que eu compreendia era a alegria de vê-lo feliz. Eu estava orgulhosa do meu homem.

Naquele momento, olhei para ela, percebendo o brilho em seus olhos enquanto falava sobre seu marido.

— Como a senhora percebeu que não conseguia mais viver sem ele? — acabei perguntando, deixando meu ímpeto me levar. — Quero dizer... — fiz uma pausa, tentando escolher as palavras certas.

— Você quer saber como descobri que amava Anthony? Que ele era o homem da minha vida? — Sorri, concordando. — Ah, querida, o amor pode se manifestar de várias formas diferentes, não há uma maneira específica de descobri-lo. No meu caso, comecei a perceber certos sinais em mim mesma, sabe? Na forma como eu agia e pensava.

— Como assim? — perguntei, interessada.

— Ah, eu percebi que não conseguia mais imaginar minha vida sem Anthony, além de passar o tempo todo pensando nele. E quando pensava no futuro, o imaginava ao lado dele — explicou, me fazendo refletir sobre suas palavras. De repente, sua mão tocou a minha. — Mas você e seu marido são recém-casados, Jasmine, você não deveria ter dúvidas sobre seus sentimentos.

Nesse momento, meus olhos se voltaram para Owen, envolvido na pesca junto aos outros homens. Como se soubesse que eu o observava, ele sorriu e acenou. Estava sem camisa, com as barras da calça dobradas até os joelhos.

Ele parecia diferente, genuinamente feliz. E sua felicidade se refletia em meu coração.

— Mas eu não tenho mais dúvidas, senhora Abby — respondi, sentindo o impacto dessa descoberta. — Eu o amo. Amo meu marido. — Meus olhos ficaram marejados enquanto voltava minha atenção para ela.

Ela sorriu para mim e, em seguida, me abraçou. Controlei o impulso de chorar, embora ela tivesse percebido, pois afagou meu rosto com carinho.

— Você ficará bem? — quis saber. — Preciso preparar o almoço agora.

— Posso ajudar e...

— Não, não — ela me interrompeu. — Quero que descanse.

Lutei contra a vontade de revirar os olhos, mas acabei concordando com a cabeça. Logo em seguida, ela se afastou, conversando com algumas pessoas pelo caminho.

O peso da minha descoberta ainda ecoava em cada fibra do meu ser, enquanto meu olhar se voltava para onde Owen estava. Todas as lembranças e imagens de nós dois juntos, desde o momento em que nos vimos pela primeira vez em sua mansão até agora. Era como se tivesse sido amor à primeira vista, uma conexão perfeita. Todas as vezes em que ele me afastou, quando

tudo o que eu mais queria era estar perto e agradá-lo. A única opinião que realmente importava para mim sempre foi a dele.

Fiquei sem ar, tonta. Assustada.

Com o coração acelerado, saí dali, caminhando o mais rápido que minhas pernas permitiam. Não demorou muito para eu voltar para a casa do casal Anthony e Abby.

— Algum problema, querida? — ela quis saber. — Está chorando?

Neguei com a cabeça, evitando olhar para ela.

— Estou bem, Abby, não se preocupe comigo.

Consegui me afastar dela e de suas perguntas curiosas, me trancando no quarto e encostando a testa na porta. Mas não tive muito tempo de sossego e silêncio, pois a porta foi rompida por nada menos que o objeto de meu tormento.

Owen estava ali, misturando suor e água do mar. Mas a preocupação brilhava em seus olhos.

— Por que está chorando? — ele perguntou. — Quem a magoou? Está com dor? — Se aproximou, seus olhos deslizando para minha barriga. — Deixe-me ver e...

— Não. — Ergui as mãos, impedindo-o de chegar mais perto. Minha recusa o deixou desconfiado, contrariado até.

— Qual é o problema, Jasmine? — Seu tom de voz mudou, assim como sua postura, agora rígida. — Por que não posso me aproximar de você?

Meu rosto se contorceu com novas lágrimas.

— Porque... estou sufocada, Owen, é por isso — respondi, pressionando as mãos contra o peito, subindo até o pescoço. — Eu não estou lidando bem com tudo isso, e... preciso de espaço.

Solucei, caminhando pelo cômodo, ciente de sua imponente presença no ambiente.

— Não entendo — disse, confuso. — O que exatamente você não está conseguindo lidar?

Fixei meus olhos nele outra vez.

— Você me ensinou a explorar o corpo de um homem — falei, com a mente a mil —, mostrou-me como é ser tocada por um homem, despertou desejos e sensações que eu nunca imaginei serem possíveis.

Seu rosto ficou pálido e seu corpo tenso.

— Jasmine... — começou a se aproximar.

— Por que não me ensinou a compreender meus sentimentos por você? — indaguei, angustiada, pressionando meu peito sufocado. — Por que não me ensinou a entender o amor

entre um homem e uma mulher, Owen?

Ele estava se aproximando de mim, mas minhas palavras o fizeram parar. Seus pés pareciam presos no chão, como se tivessem sido petrificados.

— O-o que você disse? — perguntou, incrédulo.

Limpei as lágrimas persistentes, fungando e passando as mãos no rosto.

— Eu disse que estou apaixonada por você — respondi, entre soluços. — E é terrível amar alguém que não confia em mim, sabia? Estou extremamente frustrada comigo mesma agora. Como posso arrancar esse sentimento do meu peito? Você tem a obrigação de me ensinar, porque eu não sei como fazer isso.

Ele piscou várias vezes, mantendo seus olhos fixos em mim o tempo todo, como se estivesse me estudando.

— Owen? Diga alguma coisa — implorei, sentindo o medo e a irritação se misturarem. Caminhei em sua direção, encurtando a distância que nos separava. Peguei sua mão e pressionei contra meu peito acelerado. — Como posso acabar com isso?

Notei que ele engoliu em seco.

— Você não quer me amar?

Dessa vez, fui eu quem o observei com atenção. Owen parecia genuinamente confuso, perdido em seu próprio mundo, mantendo-me do lado de fora.

— Eu não quero amar alguém que não me ama — respondi, sentindo uma dor desesperadora. — Não quero amar alguém que não confia em mim. Você não confia em mim e ainda quer me usar como uma arma contra meu pai.

Ele franziu a testa.

— Eu não quero usá-la como uma arma — defendeu-se.

— Então qual é o propósito dessa viagem? — questionei, exasperada. — Você não me tirou da mansão apenas para me exhibir, Owen. Por favor, sou mais esperta do que isso.

Tentei me afastar, mas ele segurou minha cintura, mantendo-me perto dele.

— Não quero te perder — decretou, sua voz soando aflita, antes de unir nossos lábios em um beijo. — Essa sensação me aterroriza, e não quero senti-la nunca mais.

Retribuí o beijo, incapaz de ignorar o desejo do meu corpo e coração.

— E o que você quer? — perguntei quando nossos lábios se separaram, ofegante. — O que quer de mim?

Afastou um pouco o rosto e seus dedos acariciaram meu rosto.

— Quero que me ame — declarou com intensidade, me deixando sem fôlego. — Eu quero que me ame, *naomh*.

Minha resposta foi abraçá-lo e beijá-lo novamente, atordoada. A partir daquele momento, nossos beijos teriam um significado diferente para o meu coração tolo.



## Owen

*“Não quero amar alguém que não confia em mim.”*

Eu ainda estava atordoado com isso. Não esperava por essa declaração de Jasmine, especialmente quando eu mesmo me sentia afetado por ela e por tudo o que passamos nas últimas horas.

Desde que chegamos a essa humilde aldeia de pescadores, percebi detalhes que antes passavam despercebidos aos meus olhos. Detalhes que agora ganhavam significado, pois finalmente comecei a enxergar. E mais do que isso, passei a desejar vivenciar essa simplicidade pelo resto da minha vida.

Na Irlanda, eu carregava o peso de liderar uma organização e cuidar da minha própria família. Estava cansado de estar sempre à frente de tudo, quando, na maior parte do tempo, eu só desejava descansar e sorrir... puta que pariu! Eu queria sorrir e gargalhar novamente. Por que parei de fazer isso ao longo da minha vida?

Foi por isso que decidi não partir com o barco que vinha todas as manhãs para comprar peixes dos pescadores locais. Sentia-me confortável ali com a Jasmine. Sentia-me leve como há muito tempo não me sentia. Além do mais, eu sabia que era apenas uma questão de tempo até meus irmãos nos encontrarem.

Até lá, planejava aproveitar esse tempo com a Jasmine. Mesmo que, no momento, estivesse me sentindo um idiota por fazê-la chorar e odiar a si mesma pelos próprios sentimentos. Eu não queria que ela se culpasse por me amar.

— No que está pensando? — sua voz encheu meus ouvidos, fazendo-me sair dos meus

pensamentos contraditórios.

Já era noite e estávamos deitados na cama. A partir do momento que ela me confessou seus sentimentos, horas atrás, não consegui parar de pensar nisso nem por um segundo.

Ajeitei-me na cama, apoiando a cabeça na minha mão, enquanto encarava seus olhos lindos e curiosos. Aliviava-me saber que ela estava se recuperando bem.

— Estou pensando no que você me disse sobre estar apaixonada por mim — respondi, observando seu rosto em busca de suas reações. Fiquei chocado quando ela disse isso. Não era algo que eu esperava ouvir. — No fundo, não consigo entender por que você me ama, Jasmine. Não sou bom para você.

Ela pareceu absorver minhas palavras com calma.

— O amor é algo gratuito, Owen — respondeu. — Não precisamos de motivos para amar alguém. — Sua mão subiu em direção ao meu rosto, brincando com minha barba por fazer. Fazia dias que não a aparava. — Mas eu entendo sua dificuldade em aceitar, ou até mesmo em me amar de volta.

— Por quê?

Seu rosto se contorceu de leve.

— Ah, imagino que você não tenha sido criado para ser bom, mas sim, para liderar — explicou, um pouco pensativa. — Acredito que os sentimentos foram deixados de lado para que não lhe causassem fraqueza.

Sacudi a cabeça.

— Não foi isso que perguntei — murmurei, com a voz grave. — Por que você acredita que eu não posso amá-la de volta?

Observei atentamente o momento em que suas bochechas, pescoço e até mesmo as orelhas ficaram coradas. Jasmine estava se tornando um livro aberto para mim. Talvez ela sempre tenha sido, mas eu estava cego demais pela raiva para perceber.

— Eu não sei — resmungou no final. — Essa é uma resposta que você deveria me dar, não eu. — Suspirou. — Tudo o que estou vivendo com você desde que nos conhecemos é algo que jamais imaginei viver. E não me arrependo de nada. Gosto de me sentir pertencendo a você, mesmo sem ter certeza se você também pertence a mim.

Segurei seu rosto e o aproximei do meu. Toquei nossos lábios com carinho, de forma lenta e sem pressa.

— O que seu pai fez comigo... — comecei a dizer, mas me calei, odiando a nuvem negra que obscurecia minha mente. Respirei fundo para me recuperar. — Jurei a mim mesmo que nunca mais confiaria em outra pessoa, Jasmine. E você...

— Sou filha dele — concluiu, sem desviar os olhos dos meus. — Você não consegue



separar os sentimentos.

Inspirei fundo e me joguei para trás, no travesseiro, olhando para o teto.

— Talvez eu também esteja apaixonado por você, mas ainda não saiba, *naomh* — admiti, após alguns instantes. — É difícil lidar com tudo o que está aqui dentro — pressionei meu peito — porque o único sentimento que brilha mais forte é o meu ódio pelo Aidan. Então, é provável que eu ainda a machuque — voltei a olhá-la, enquanto ela me encarava atentamente. — É provável que minha raiva pelo meu tio continue obscurecendo meu julgamento e meus próprios sentimentos verdadeiros. Mas... acredite em mim quando digo que não quero perdê-la. Porque isso — gesticulei entre nós dois — não tem mais a ver com minha briga com seu pai.

Ela continuou me olhando, pensativa. Até que um sorriso lindo iluminou seu rosto, acelerando meu coração idiota.

— Isso significa que não sou mais sua prisioneira?

Fiz uma careta.

— Você quer ir embora?

Balançou a cabeça.

— Não quero, mas preciso começar a pensar na minha vida como se fosse minha, Owen — explicou. — Além disso, quero me reconectar com meu pai e entender nossa história. Quero saber quem ele realmente é.

O terror encheu meus sentidos.

— Uma coisa de cada vez, *naomh*.

— Você vai me contar sobre ele?

— Não.

— Vai parar de me chamar de 'santa'?

Um sorriso tocou meus lábios enquanto eu me inclinava sobre ela, com cuidado para não pressionar sua ferida recente.

— Não, *naomh* — respondi, enterrando meu rosto em seu pescoço perfumado. Minha língua logo se aventurou a sentir a textura e o sabor de sua pele, provocando gemidos nela que foram direto ao meu pau.

— Owen...

— Você está machucada — sussurrei, arrastando beijos pelo seu peito, chupando seu seio por cima do tecido desgastado de seu vestido. — Eu não posso te devorar do jeito que gosto.

Suas mãos me apertavam, expressando sua vontade de mais de mim, da minha fome e meu toque.

— Estou bem — tentou me convencer, contorcendo-se e abrindo as pernas como um convite à minha exploração. — Minha ferida está cicatrizando. — Suas mãos se entrelaçaram em volta do meu pescoço.

Desci pelo corpo dela, tocando-a onde eu sabia que não a machucaria e a deixaria louca de tesão. Quando cheguei a sua boceta, massageei seu clitóris molhado sobre sua calcinha.

— Você vai ter que ficar quieta — ordenei, mordendo-a apenas para testemunhar sua perda de controle. — E tente não se contorcer muito. Você pode fazer isso, *naomh*?

Empurrei sua calcinha para o lado sem dar tempo de ela pensar, e levei seu clitóris inchado e carente à minha boca. Suas mãos se enroscaram nos meus cabelos, puxando com força enquanto minha língua e meus dedos começavam a estimulá-la.

— Não posso... não posso gritar? — questionou em meio ao delírio induzido pelo prazer. — Mas... é tudo o que eu quero fazer agora, Owen.

Eu ri, me divertindo com sua vulnerabilidade. Deslizei dois dedos dentro dela, apreciando o som de sua umidade e o aperto de suas paredes internas. Ela estava incrivelmente molhada.

— Owen... — gemeu, puxando minha mão em direção ao seu pescoço.

— Eu não posso te sufocar — declarei, chupando sua boca. — Você precisa estar totalmente recuperada para isso. Tenho medo de te machucar, *naomh*.

— Mas... eu gosto tanto — confidenciou, com o rosto ruborizado.

Voltei a rir, abaixando meu short e liberando meu pau.

— Eu sei que você gosta — soprei. — Descobri esse seu lado quando eu ainda era seu monstro, lembra?

Sorriu, passando as mãos pelos meus cabelos e pela minha nuca.

— Mas você ainda é, Owen. Você ainda é.

Mordi seu queixo, passando a língua pela curva de seu pescoço.

— Vamos tentar ir devagar — avisei, me ajustando e auxiliando-a a se posicionar de costas para mim. — Não será a selvageria habitual.

— Eu não me importo com o jeito que faremos, desde que seja você comigo.

Suas palavras me afetaram mais do que eu esperava. Segurar sua confiança na palma da minha mão era tocante, especialmente considerando minha própria luta interna em entregar a minha para ela

No fundo, eu estava com medo. Sabia que era isso.

Medo. A porra do medo.

Devagar, me acomodei contra suas costas, guiando meu pau até sua entrada. Entrei nela aos poucos, focando em suas reações. Deslizei uma das mãos até seus seios, apertando-os com firmeza e beliscando seus mamilos. Meus beijos continuaram a castigar seu pescoço, nuca e ombros, perdendo-me no som de seus gemidos baixos e tímidos.

Os impulsos começaram a ganhar ritmo, embora não com muita força. Eu não tinha pressa para degustá-la.

Jasmine jogou a cabeça para trás, aparentemente implorando para que eu a beijasse, e foi exatamente o que eu fiz. Engoli todos os seus gemidos, restringindo a vontade de agarrá-la, sufocá-la, mordê-la...

Quando seu corpo começou a me dar sinais de seu orgasmo iminente, eu me preparei para o meu. Segurei até o último segundo, depois me retirei do calor de suas paredes pélvicas e continuei movimentando meu pau com meu punho. Minha mão ficou coberta do meu gozo.

— Owen...

Minha respiração estava descompassada.

— Eu sempre saio porque se eu gozar dentro de você, corremos riscos — expliquei, sabendo que ela perguntaria isso de novo. — E se um dia tivermos um filho, quero que seja quando minha mente e meu coração estiverem completamente livres para você, sem qualquer traço de raiva ou suspeita.

Ela não disse nada, apenas se virou para me encarar enquanto eu me deitava, levantando o braço para ela se aninhar no calor do meu peito. Beije a cabeça dela.

— Boa noite, Jasmine.

— Boa noite, Owen.



Despertei com uma batida na porta, minha mente imediatamente se voltou para a proteção. Instintivamente, alcancei minha arma debaixo do travesseiro. Jasmine estava deitada no meu peito, com nossas pernas entrelaçadas.

Com cuidado, consegui me libertar do seu abraço enquanto ouvia outra batida na porta.

— Owen? — Era a voz do Anthony. — Só vim te avisar que tem algumas pessoas aqui na ilha, acredito que sejam sua família.

Meu coração acelerou no peito.

Rapidamente, levantei da cama e peguei minha bermuda no chão, vestindo-a sem me preocupar com cueca. Deixei a arma presa no cós da bermuda, na parte das costas. Caminhei até a porta e a abri.

Anthony me cumprimentou com um sorriso.

— Bom dia! — Eu o saudei. — Por que você acredita que pode ser minha família?

Fez uma careta.

— Porque são pessoas bem-vestidas e com o mesmo sotaque irlandês — respondeu, sorrindo. Balancei a cabeça, concordando. — Quer que eu avise que vocês estão na minha casa?

Neguei.

— Preciso ver primeiro, se não se importa, Anthony — respondi, olhando para Jasmine na cama, dormindo serenamente. — Agradeço por me avisar.

Ele sorriu.

— Não por isso, meu amigo. Você e sua esposa são bem-vindos.

Dito isso, ele se afastou e eu retornei ao quarto. Meus olhos percorreram o ambiente, gravando cada detalhe em minha mente. Jamais imaginei que viveria dias tão agradáveis naquele lugar.

Respirei forte, pegando minha camiseta do chão. No fundo, eu não me sentia pronto para enfrentar meus irmãos. Ou melhor, não me sentia preparado para deixar aquele lugar e voltar à minha rotina.

Aproximei-me da cama e me inclinei sobre Jasmine, beijando sua testa repetidas vezes até que ela acordasse, espreguiçando-se e envolvendo os braços ao redor do meu pescoço, tentando me puxar de volta para a cama.

Dei risada de sua preguiça.

— Não, eu não posso voltar para a cama, Jasmine — afirmei, entre risos.

— *Hmm...* por quê? — reclamou, manhosa. — O soninho está tão bom.

Segurei seu rosto, sentindo uma onda de êxtase cada vez que me lembrava do seu amor por mim.

— Porque ao que tudo indica, meus irmãos nos encontraram — avisei, e isso foi suficiente para que seus olhos se abrissem rapidamente. — Está na hora de voltarmos para casa.

Beijei seus lábios antes de me erguer, enchendo meus pulmões de ar.

— Você os viu? — perguntou, curiosa.

Caminhei até a janela, observando o cenário lá fora.

— Não, porque foi Anthony quem veio me avisar — respondi. — Mas pretendo ir atrás deles agora — expliquei. — Enquanto isso, preciso que fique aqui até eu voltar. Preciso ter certeza de que é minha família que está lá fora e não meus inimigos.

— Você acha que pode ser... o meu pai? — Ela fez uma careta tão fofa que tive vontade de beijá-la.

Soltei uma risadinha.

— Seu pai não é o único inimigo que tenho, *naomh*. — Rumei em direção à porta. — Mas fique aqui. Não saia.

— Mas e se...

Abri a porta.

— Se algo acontecer, saiba que eu vou encontrá-la, Jasmine — decretei, girando a cabeça na direção dela. — Eu sempre vou atrás de você, sempre.

Ela apenas assentiu, com um misto de sentimentos em seu rosto lindo e assustado.



Minutos depois, bastou eu pisar na areia da praia para que meus olhos avistassem a silhueta de Carter, de costas. Ele estava conversando com um dos pescadores, ao lado de Kael.

Sem controle das minhas emoções, me peguei sorrindo involuntariamente. Não tinha me dado conta da saudade que sentia desses idiotas.

Caminhei até eles.

— Isso. Provavelmente, ele chegou aqui com uma garota, também de pele branca e...

— Vocês demoraram bastante para me encontrar, seus imbecis! — exclamei, de braços cruzados, chamando a atenção deles dois.

Eles abriram um sorriso imenso.

— PORRA, OWEN! — exclamaram juntos, se jogando contra mim com tanta força que fomos parar no chão.

Não vi quando aconteceu, mas logo os outros também se aproximaram, me sufocando com abraços e perguntas pelos próximos minutos.

— Jasmine está bem — respondi a uma pergunta feita por Liam. Me sentei na areia ao lado de Carter e Kael. — Ela acabou sendo atingida por estilhaços da explosão do iate, mas por sorte existe um médico aqui na aldeia que cuidou dela. Inclusive, estamos na casa dele e da esposa.

— Por que não nos contatou nesse tempo todo? Quase cinco dias, Owen! — rosnou Sean, de pé, ao lado de Liam, Michael, Dexter e Sophie.

— Talvez porque ele não quisesse ser encontrado — argumentou Dexter com um sorrisinho.

— Já repararam nas roupas dele? — insinuou Liam, apontando em deboche. — Nosso irmão agora é um pescador.

Balancei a cabeça, achando graça das piadas deles.

— Seus idiotas! — Me levantei. — Como nos encontraram, afinal? — questionei. — E como vamos sair daqui?

— Temos um helicóptero — respondeu Carter. — E há um navio nos esperando não muito longe daqui.

Assenti, respirando fundo.

— Vou buscar a Jasmine.

— Vamos juntos.

Olhei feio para Dexter, mas o desgraçado não se importou com meu semblante ameaçador, pelo contrário, desdenhou.

Revirei os olhos, girando nos calcanhares e comecei a seguir na direção da casa de Anthony e sua esposa. No caminho, expliquei, sem muitos detalhes, que a explosão do iate foi causada por Arnold, que tentou matar Jasmine.

— Que filho da mãe! — rosnou Sophie. — Agora tudo faz sentido.

— Como assim? — perguntou Liam. — Faz sentido para quem? Eu ainda estou confuso.

— Arnold está buscando vingança, Liam — explicou ela. — Aidan matou sua esposa, então...

— Ele quer tirar alguém que Aidan ama — concluiu Carter, com um ranger de dentes. — Ou seja, Jasmine.

Apertei o maxilar, odiando essa merda.

— Você chegou a vê-lo? — perguntou Dexter.

— Não só o vi, como também me envolvi em uma luta corporal com ele — respondi. — E o desgraçado jurou que não descansaria até matá-la.

Um coro de xingamentos se seguiu.

Interrompemos a conversa quando parei em frente à casa do casal.

— Fiquem aqui.

Entrei sozinho. A senhora Abby estava na cozinha, preparando algo para o café da manhã, o aroma delicioso enchendo o ambiente.

— Oh, bom dia, meu querido! — Me cumprimentou com alegria. — Anthony me disse que sua família estava te procurando. Eram eles mesmo?

— Sim, são eles — respondi, sorrindo. — Vou chamar minha esposa.

— Claro, vá em frente. — Gesticulou.

Jasmine estava sentada na cama quando abri a porta do quarto. Ela parecia ansiosa.

— Então, o que aconteceu? Eram eles? — perguntou ela, e eu apenas assenti com a cabeça. — Você demorou um pouco.

Aproximei-me dela, enrolando meus braços em sua cintura. Por um momento, toquei seu rosto com as duas mãos. Jasmine colocou a dela no meu peito.

— Seu coração está acelerado.

— Porque estou com medo — admiti.

Ela franziu a testa.

— Medo?

— Estou com medo de voltar a ser o velho Owen na Irlanda. — Respirei fundo. — Não sei se você vai continuar me amando, Jasmine. E eu não quero perder o seu amor.

Ela sorriu, pressionando nossos lábios juntos.

— O amor é eterno, Owen — respondeu, me abraçando. — Independentemente dos erros da pessoa que amamos.

Continuei a olhar para ela por um longo tempo.

— Bem... — provoquei, com os lábios levemente afastados — é hora de ir. Meus irmãos estão do lado de fora, junto com Sophie, Michael e... — franzi os lábios com raiva — *Dexter*.

Ela riu.

— Pare de implicar com ele. Dexter é um bom amigo.

Jasmine foi em direção à porta, muito animada para se conter. Eu a segui.

Todos estavam reunidos na pequena cozinha, tornando o espaço ainda menor. Eu peguei o momento em que Liam ofereceu uma quantia significativa de dinheiro para Anthony, que recusou.

— Por favor, aceite — pedi, fazendo todos eles notarem nossa presença. Anthony olhou para mim. — Eu sei que você não nos ajudou por uma recompensa, mas eu realmente gostaria de retribuir sua gentileza de alguma forma.

— Você e sua esposa são boas pessoas, Owen — afirmou a Sra. Abby, emocionada.

Naquele momento, meus irmãos e os outros murmuraram algo baixinho. Eu sabia que tinha a ver com o detalhe de "esposa".

— Oi, anjinho! — Carter puxou Jasmine para seus braços, mas eu intervi, tenso.

— Ela tem uma ferida recente na barriga — comentei, com a mandíbula apertada. — Então... — pigarreei —, não aperte tanto.

Liam, Sophie, Kael e Sean também se aproximaram dela, querendo abraçá-la. Michael apenas beliscou seu narizinho, mostrando sua alegria em vê-la bem. Quanto a Dexter, fiz questão de pressionar minha mão contra seu peito, impedindo-o de se aproximar mais do que o necessário.

— Sem tocar — sibilei, entre dentes. — Você pode mostrar que está feliz em vê-la sem colocar as mãos nela. Não.coloque.suas.mãos.na.minha.mulher.

A tensão encheu o ambiente, só quebrada pela voz da Sra. Abby, convidando-nos para um café antes da nossa partida.

Agradei a ela pela interrupção, pois meu ciúme começava a turvar minha visão e minha razão. Porra! Eu precisava aprender a lidar com essa merda.

Ou acabaria fazendo uma bagunça nas coisas.



## *Um tempo depois*

— Contem-me tudo. — Fiz gestos para eles quando me sentei no sofá do salão do navio.



Essa embarcação, por sua vez, pertencia à nossa família. — O que descobriram na minha ausência? — Acendi um cigarro, ansioso demais para sentir a nicotina no meu sangue, acalmando meus nervos. — Chegaram a ir ao maldito leilão, afinal?

— Michael, Sophie e eu fomos — respondeu Dexter. — E não, Aidan não estava lá. Apenas os malditos estupradores e canalhas.

Apertei meu maxilar.

— O que fizeram?

— Explodimos tudo! — rosnou a resposta, igualmente indignado. — As garotas foram salvas e entregues nas mãos dos policiais certos para que elas fossem devolvidas às suas famílias. Algumas nem sabiam falar inglês.

— Sim, — murmurou Liam em revolta — Esses desgraçados sequestram mulheres e crianças de todos os lugares do mundo.

— Até que ponto no iate vocês conseguiram ver e ouvir, através das câmeras em meu paletó? — perguntei, tragando meu cigarro. Ao longe, eu podia observar Jasmine na companhia de Sophie.

— Logo após o início do tiroteio no restaurante, o sinal começou a falhar — explicou Carter. — Foi nesse momento que entramos em desespero, e piorou quando testemunhamos a explosão da embarcação.

— Não houve sobreviventes — concluiu Sean. — E por um momento, nós pensamos que... — ele não terminou a frase, aflito demais para isso.

Desviei o olhar, odiando reviver o desespero que senti quando não encontrei Jasmine em lugar nenhum na imensidão do oceano depois da explosão do iate.

— Só que não paramos de procurar — complementou Kael. — Nunca desistiríamos de vocês.

Meu coração se encheu de gratidão ao ouvir isso. Sempre soube que poderia contar com eles, que nunca me abandonariam.

— E o Farrell? — perguntei.

— O deixamos na mansão, liderando a segurança da Amy, Madison e da Aurora — respondeu Liam.

Conversamos mais um pouco pelos próximos minutos, mas como se fosse algo mais forte do que eu, meus olhos voltaram a procurar pela criatura que dominava cada pensamento meu. Lá estava ela... sorrindo e exalando beleza por todos os poros.

— Temos uma informação importante para você — anunciou Sean, capturando minha atenção. Terminei de fumar o cigarro e apaguei a ponta no cinzeiro. — Encontramos duas fitas no quarto do nosso tio. Estavam escondidas em um compartimento secreto na gaveta da cômoda.

Meu coração começou a acelerar.

— Fitas? — repeti, intrigado.

— Sim, — confirmou Liam. — São gravações em vídeo.

— E o que elas contêm? — perguntei, ansioso.

Liam balançou a cabeça.

— Ainda não assistimos — respondeu. — Estávamos esperando para ver com você. — Assenti, compreendendo. — Mas algo me diz que o conteúdo será revelador, senão nosso tio não as teria escondido.

— E conhecendo aquele desgraçado, podemos esperar qualquer coisa, Owen — argumentou Sean.

— Sim, — murmurei, esfregando o rosto com minhas mãos trêmulas. — Sim.

*Maldição!*



## Owen

O retorno a Irlanda foi tão emocionante quanto a nossa partida. Não podia culpá-los por se assustarem com aquele maldito incidente no Iate.

— Fiquei com tanto medo — confidenciou Amy, suas mãos tocando meu rosto enquanto verificava se eu estava ferido. — Rezei sem parar, querido. — Seus olhos se fixaram em Jasmine, abraçada por Madison. — Os rapazes disseram que ela se machucou...

Uma onda de lembranças dolorosas passou pelo meu rosto.

— Ela está se recuperando — consegui dizer apenas isso.

Em seguida, Madison se jogou em meus braços, me abraçando com toda a sua força.

— Eu te odiaria se algo tivesse acontecido com você — sussurrou em meu ouvido, o que me arrancou uma risada involuntária. — Você não tem o direito de me deixar.

Afastei meu rosto para olhar em seus olhos marejados. Entendi que aquela era sua maneira de expressar o medo de me perder. Beijeí sua testa.

— Me perdoe se te assustei, querida — murmurei. — Eu nunca te abandonaria, nunca.

De repente, Farrell se aproximou e me cumprimentou com um abraço rápido.

— Eu quase pulei naquele mar atrás de você, senhor — revelou, frustrado consigo mesmo. — Sinto como se tivesse falhado.

Coloquei minha mão em seu ombro, sorrindo de forma sutil.

— Você é um bom soldado, Farrell — decretei. — Não se culpe por algo que estava além do seu controle.

Ele apenas assentiu com a cabeça, mas percebi que ainda não estava convencido disso.

Continuamos a caminhar em direção à entrada da mansão, todos rindo e conversando animadamente. Só então percebi o quanto senti falta da minha família.

— Como está o caçador? — perguntei a Amy.

— Ele está melhorando a cada dia — respondeu. — Christopher é um rapaz forte e corajoso.

Entramos na casa.

Meus olhos se fixaram em Jasmine, cercada por Aurora, Madison e meus irmãos, além do cachorro endiabrado de minha cunhada.

— Parece que o cachorro é o único que não está feliz em te ver novamente, Owen — provocou Dexter, com um sorriso zombeteiro.

Minha reação foi mostrar meu dedo do meio para ele. *Babaca!*

— Vou tomar um banho primeiro, mas depois quero assistir às tais fitas — avisei a meus irmãos, que pararam de conversar e me encararam. — Preparem tudo.

— Que fitas são essas? — perguntou Amy.

Balancei a cabeça negativamente.

— Assuntos de negócios, Amy, assuntos de negócios — desconversei, puxando-a para beijar sua testa.

Me afastei deles e subi as escadas rapidamente, observando os detalhes da casa para voltar a me habituar.

Ao entrar no meu quarto, desabotoei a camisa com alívio. Por sorte, consegui uma peça de roupa emprestada de um dos meus irmãos durante a viagem de navio para a Irlanda. Sem perder tempo, dirigi-me diretamente ao banheiro, tirando sapatos, meias, calça e cueca.

No box, abri o registro do chuveiro, ansioso para sentir o calor reconfortante da água contra meu corpo. Apoiei as mãos na parede de azulejos frios, respirei fundo e me concentrei no momento presente.

Eu estava de volta. E, porra, o peso do meu cargo retornou com toda a força sobre meus ombros.

Desde a infância, quando meu pai me levou a um bar e me forçou a matar pela primeira vez, entendi que aquele seria meu destino. Eu tinha apenas onze anos, mas percebi que me alimentaria do medo das pessoas, pois todos respeitavam o líder. Com o tempo, me acostumei a

ser temido. Acostumei-me a dominar. O problema era que estar acima de todos significava governar e lidar com problemas.

Suspirei, inclinando a cabeça para trás e permitindo que a água molhasse meu rosto. Eu tinha aproveitado para tomar banho no navio e até fazer a barba. Estava cansado da irritação na minha pele.

Minutos se arrastaram antes de eu decidir encerrar o banho. Fechei o registro do chuveiro e saí do box. Peguei uma toalha e enxuguei o rosto e a cabeça antes de envolvê-la em torno da minha cintura.

Franzi a testa quando abri a porta do banheiro e me deparei com Jasmine sentada na minha cama.

— O que foi? — perguntei, circulando pelo quarto.

Seus olhos encontraram os meus.

— *E-eu* estou confusa, Owen — ela disse, visivelmente nervosa. — Agora que voltamos, nós... — pigarreou para limpar a garganta — nós vamos dividir o mesmo quarto?

Embora estivesse corando de vergonha, ela não desviou o olhar do meu.

Dirigi-me ao closet, deixando a toalha cair no chão, ficando nu.

— É isso que você quer? — perguntei de costas para ela, enquanto escolhia uma camisa para vestir.

— Você não quer?

*Inteligente.* Ela já tinha a resposta na mente, mas queria ouvir de mim.

Peguei a camisa e a vesti, voltando-me para Jasmine, que não resistiu a olhar para o meu pau.

— Durmo melhor quando estamos juntos — admiti, porque não fazia sentido continuar me enganando. — Além disso, a ideia de poder tocar você o tempo todo me excita, *naomh*.

Seu rubor ficou ainda mais intenso.

— Você é tão... tão... *cuzão*? — Pareceu em dúvida.

Soltei uma gargalhada alta, me divertindo com sua inocência. Terminei de vestir minha cueca e me aproximei dela, que continuava sentada na cama.

— O que você está tentando dizer é que sou um safado, não *cuzão* — expliquei, me inclinando sobre ela e tocando nossos lábios. — Embora eu realmente seja um *cuzão* na maioria das vezes, tenho que admitir meus erros. — Dessa vez, foi ela quem riu.

Aprofundei nosso beijo, envolvendo-me nos seus gemidos doces. Prestes a deitá-la na cama, alguém bateu à porta. Só que não tive tempo de responder, porque Sean se achou no

direito de invadir meu quarto, ignorando minha privacidade.

A primeira coisa que notei foi a expressão de surpresa no rosto de Jasmine quando Carter e Kael também entraram no quarto sem cerimônia. Eu estava apenas de cueca e com a camisa aberta, ainda inclinado sobre ela.

— O que diabos está acontecendo aqui? — rosnou Sean, seus olhos percorrendo meu corpo seminu.

— Que porra é essa, Owen? — explodiu Carter.

— Eu pensei que já tivéssemos sido claros com você sobre a Jasmine, *caralho!* — reagiu Kael, igualmente tenso.

— Por que estão discutindo? — perguntou Jasmine, confusa.

— Não se preocupe, anjinho, nós só...

Avancei na direção de Carter quando ele se aproximou demais de Jasmine na cama.

— Nós estamos juntos! — declarei, firme. Os três me encararam, sérios, esperando que eu explicasse. Apesar da tensão, continuei: — E não, não pretendo usá-la e nem brincar com os sentimentos dela, como vocês, idiotas, pensam que eu sou capaz. Eu realmente gosto da Jasmine.

— Tem certeza? — questionou Kael.

— Não tenho que prestar contas a vocês sobre isso — retruquei.

— No que diz respeito à Jasmine, sim, porque não queremos vê-la machucada — afirmou Carter, sem recuar. — Mas se é isso que ela quer, então estamos de acordo.

Eles olharam para Jasmine, que permanecia em silêncio, seu rosto vermelho de vergonha.

— Eu quero estar com ele — afirmou ela, simplesmente. — Owen é o homem que eu amo.

Os três ficaram espantados com essa declaração. A certeza do amor dela por mim ainda me deixava perplexo.

Kael levantou as mãos, parecendo desnorteadado.

— Você tem certeza de que nosso irmão não te influenciou, anjinho? — insistiu Carter.

— Owen pode ser muito persuasivo quando quer, meu bem — argumentou Sean.

Jasmine fechou o semblante.

— Qual é o problema de vocês, afinal? — indignou-se. — Por que estão tentando me convencer de que Owen não é uma boa pessoa? Deveriam se envergonhar disso, porque ele é da família de vocês. E como família, deveriam apoiá-lo e não lutar contra ele.

Levantei uma sobrancelha, chocado com suas palavras em minha defesa.

Tanto Carter quanto Sean abaixaram a cabeça, envergonhados, enquanto Kael ria baixinho.

— Bem, parece que vocês não são mais necessários aqui — concluí, pegando uma calça para vestir. — Afinal, o que querem?

Ambos tossiram, ainda um pouco desorientados com as palavras de Jasmine.

— Viemos avisar que estamos prontos para assistir às fitas — respondeu Carter, com a voz rouca.

— No escritório? — questionei. — Como não sabemos o conteúdo, não quero que ninguém além de nós cinco veja.

— Sim, — respondeu Sean. — Esperaremos por você lá então.

Ele se dirigiu à porta, seguido pelos outros dois. Assim que saíram, eu soltei uma risada.

— Por que está rindo? Não teve nada engraçado, Owen.

Comecei a fechar os botões da minha camisa.

— Presenciar você brigando com aqueles grandalhões foi extremamente divertido — confessei, me aproximando dela novamente. — Além de muito excitante. — Sua respiração se tornou audível. — Você me defendendo dos meus irmãos foi a coisa mais encantadora que eu poderia presenciar, *naomh*. — Sorri.

Toquei nossos lábios em um beijo, mas não pude me aprofundar. Caso contrário, não resistiria ao desejo de fodê-la ali mesmo, nos meus lençóis.

— Procure Amy e avise que, a partir de hoje, você vai dormir comigo — avisei, ajustando o cinto. — Seu quarto será o meu, assim como tudo em você, é claro.

— Promete conversar comigo quando estiver pronto? — perguntou de repente, sem desviar os olhos dos meus.

Franzi o cenho.

— Sobre o quê?

Respirou fundo.

— Sobre o meu pai — respondeu. — Quero entender o que ele fez de tão grave a vocês. Já percebi que ele não é a pessoa que se mostrava ser para mim na Escócia; como prova disso, temos o que aconteceu com Amy e Christopher, mas... eu quero entender as coisas. Tenho o direito de saber.

Continuei olhando para ela por alguns segundos, estudando seu rosto e seus olhos para ter certeza de que ela estava sendo sincera comigo. Apesar disso, decidi mudar de assunto:

— Obrigado por ter tentado me salvar no iate — declarei. — Não sei se você se lembra, mas agradeço a tentativa. E espero que você nunca mais coloque sua delicada mão em uma arma

novamente. É um objeto muito sujo.

— Sujo? — questionou.

Suspirei.

— Não é visível, mas o sangue está lá, Jasmine... — murmurei, me aproximando dela outra vez. Toquei sua testa com meus lábios. — Preciso ir agora, meus irmãos estão me esperando.

— Tudo bem — ela disse baixinho.

Segui em direção à porta.

— Você não prometeu.

Parei com a mão na maçaneta. Percebi que ela estava se referindo à tal conversa que desejava ter sobre Aidan.

— Não posso prometer algo que não pretendo cumprir — respondi simplesmente, sem me dignar a olhar para ela.



Minutos depois, fiz meu caminho até chegar ao escritório. Meus irmãos pararam de conversar quando entrei, fechando a porta atrás de mim.

— Por que o Michael está aqui? — perguntei, com os olhos fixos nele.

— Obrigado pelo carinho tocante, Owen — resmungou Michael, em deboche, sem tirar os olhos do equipamento que mexia. — Estou aqui apenas para facilitar a sessão de cinema de vocês, idiotas.

Fiz uma careta, sem entender nada.

— Michael está empenhado em recuperar o conteúdo das fitas, além de convertê-las para um formato alternativo — explicou Liam, frustrado. — Essas fitas foram armazenadas por muito tempo e, infelizmente, acabaram se deteriorando, o que impossibilitou a reprodução no aparelho VHS que conseguimos encontrar.

Tirei meu paletó.

— Falta muito tempo para terminar? — perguntei, ansioso.



— Estou quase lá — respondeu Michael, concentrado na sua tarefa.

Fui até o armário das bebidas e me servi de uma dose de uísque. Tomei um gole generoso antes de me servir de mais um.

— Você está bem? — perguntou Liam, se colocando ao meu lado, servindo-se de uísque também. — Parece cansado.

*E eu estou, pensei em dizer.*

— Estou bem, irmão — respondi no fim, sorrindo para ele e tocando seu rosto com minha mão. Sentia-me satisfeito em ver que o caçula dos Sullivan estava feliz com sua própria família.

— Está pronto! — exclamou Michael, se levantando do sofá em que estava sentado. Ele segurava o tal aparelho antigo de fita VHS, além de outros acessórios. — Vou deixá-los a sós agora.

Com o coração acelerado, fui para o sofá junto com meus irmãos, cheio de expectativa. Ambos fixaram os olhos na tela do notebook, onde mostravam dois vídeos numerados em ordem.

Olhei para meus irmãos, cuja ansiedade refletia a minha própria. Sentindo minhas mãos suadas, pressionei o botão de reprodução no primeiro vídeo. Apesar dos esforços de Michael, as imagens ainda estavam de qualidade bastante precária, porém, ainda era possível discernir o que estava acontecendo.

— Espera aí... aquele é o Aidan? — questionou Liam, apontando para a tela.

Na imagem, Aidan estava envolvido em uma situação comprometedor com outro homem.

— E aquele homem junto com ele é Ronan, o pai da Jasmine — informou Kael. — Que nojo! Estão transando...

— Isso está acontecendo no nosso escritório — comentei, percebendo os detalhes. — Este aqui, exatamente onde estamos. — Gesticulei ao redor.

Franzi o cenho, me mantendo fixado na cena. Em determinado momento, uma terceira pessoa aparece no vídeo.

— É a nossa mãe — balbuciou Carter, tão absorvido pelo vídeo quanto todos nós.

— Por que não há som? Não conseguimos ouvir o que estão conversando — lamentou Sean, frustrado com esse detalhe.

Senti meus punhos se cerrarem enquanto assistia à cena se desenrolar diante dos meus olhos. Aparentemente, no vídeo, nossa mãe se desculpava por interromper o momento entre Aidan e seu amante, tentando escapar, mas Aidan não permitiu, bloqueando a única saída que ela tinha.

— O que esse monstro pretende fazer com ela, *caralho?! —* rosnou Carter, tão inquieto que não conseguia ficar sentado.

Mamãe foi coagida pelos dois, tentando se defender dos golpes em seu rosto, além dos puxões de cabelo. Meu maxilar estava tenso, mas eu não conseguia desviar o olhar.

Quando Aidan segurou os braços da minha mãe e a forçou a se deitar sobre a mesa para que seu amante pudesse abusar dela, fechei os olhos e me levantei do sofá, sem forças para continuar assistindo.

Foi demais para suportar.

A náusea veio sem que eu pudesse evitá-la. Inclinei-me, apoiando uma das mãos na parede enquanto vomitava no chão.

Carter começou a quebrar a mesa, completamente descontrolado. Sean estava parado diante das vidraças da janela onde mostrava a noite, tão escura quanto a minha mente naquele momento. Kael e Liam eram os únicos que continuavam sentados diante do laptop.

— Por que ela nunca disse nada? — a voz cavernosa de Sean ecoou.

— Talvez por vergonha ou medo de ser julgada — complementou Carter, ofegante. — Inferno! Se eu estivesse cara a cara com esse maldito agora... — rangeu os dentes, socando a mesa, a parede, tudo o que encontrava pela frente.

— Ela... — Liam se engasgou com a própria saliva, chamando nossa atenção — nossa mãe engravidou.

Meu coração acelerado deu um solavanco imediato. Mesmo com as pernas pesadas, consegui voltar para a frente do laptop que exibia as imagens do segundo vídeo.

Nesse vídeo, apenas nossa mãe e Aidan estavam presentes; nosso tio a agredindo com puxões de cabelo enquanto ela mostrava um papel para ele. De repente, ele saiu do escritório, deixando-a sozinha, chorando e abraçando seu próprio ventre.

— Grávida — sussurrei, meus ouvidos zunindo com o peso da realidade. — Pela data do vídeo, a gravidez só pode ter sido dos trigêmeos.

— Isso significa que somos fruto de uma maldita violência? — questionou Kael, com o rosto pálido. Ali mesmo, ele virou a cabeça de lado e vomitou.

Carter não aguentou mais e saiu do escritório, perdido.

Sean se afastou da janela, olhando para mim com os olhos cheios de lágrimas. Abriu a boca para falar, mas nada saiu.

Não tive forças para impedi-lo quando ele passou por mim, também saindo do escritório.

Liam me chamou com a voz embargada:

— Owen? O que faremos agora? — perguntou, lutando para se manter firme, mas prestes a desmoronar. — Essa revelação implica em algo ainda maior. — Como eu não respondi, ele continuou: — Jasmine pode ser irmã dos trigêmeos.

Minha mente se tornou um caos.

Saí do escritório, sem controle sobre meus movimentos, apenas continuei andando e ignorando quem cruzava meu caminho.

Minutos depois, quando cheguei ao local desejado, meus olhos percorreram o ambiente elegante. Os móveis, os quadros, a decoração. Tudo.

Fui até o closet e, por um momento, observei as roupas. Num impulso, comecei a tirar todas agressivamente e jogar tudo na cama.

— Owen, meu querido, o que aconteceu? — Era a voz de Amy. A preocupação era evidente em cada palavra. — Por que você está aqui, no quarto de Aidan?

Andei de um lado para o outro, sem desviar os olhos das coisas que pertenciam a ele.

— Você sabia que esse porco ajudou o amante dele a violentar minha mãe? — rosnei, sentindo minha garganta se fechar. — E tudo isso porque ela os flagrou juntos. — Soltei uma risada amarga, cheia de ira. — Você tem noção do absurdo, Amy? VOCÊ TEM NOÇÃO DISSO?! AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAHH!

Descontroladamente, desferi socos nos móveis, chutei e quebrei tudo à minha frente, sem me preocupar com os ferimentos que pudesse causar a mim mesmo. Por dentro, minha angústia era ainda mais avassaladora, sentia-me sufocado, como se estivesse me afogando.

— Ela acabou engravidando — contei, preso nas imagens daqueles malditos vídeos. — Minha mãe sofreu em silêncio, sem escolha alguma. — Caí de joelhos, cobrindo o rosto com as mãos na tentativa de conter minha fúria. — AAAAAAAAAAAAAHH!

Gritei mais. Pela mágoa. Pela impotência. Pela tristeza. Pela raiva e frustração.

— Owen...

*Ela, sempre ela.*

— Não se aproxime, Jasmine — interrompi sua tentativa de chegar perto de mim. Olhei para ela, parada ao lado de Amy, que chorava compulsivamente.

— Você está descontrolado... — comentou Jasmine, aflita por não poder chegar mais perto de mim.

Levantei-me do chão, tirando o isqueiro do meu bolso.

— O-o que você pretende fazer, Owen? — preocupou-se Amy, entre um soluço e outro. — Pelo amor de Deus, não faça isso, meu querido. É loucura!

Despejei o conteúdo de um dos perfumes caríssimos do bastardo sobre suas roupas na cama e, em seguida, acendi o isqueiro sobre elas.

As chamas dançantes brilhavam diante dos meus olhos, enquanto eu ria, sentindo uma

estranha mistura de prazer e desespero.

Amy tentou me arrancar dali, mas eu me mantive firme no lugar, preso entre a beira da loucura e a tênue linha da razão. Apesar de fixar meu olhar nas chamas ardentes, minha mente me levava de volta à minha infância ao lado da minha mãe. Lembrando-me de seu amor por mim e meus irmãos, de seus cuidados. Era como se eu pudesse ouvir o som suave de sua voz e sua risada. Não, ela não merecia isso.

De repente, senti uma onda de náusea me atingir, tossindo um pouco devido à fumaça que invadia o local. Com os olhos ardendo, percebi Kael carregando Jasmine, que havia desmaiado.

Eu podia ouvir Amy falando, mas suas palavras não penetravam minha mente.

— Owen, pare com isso — bradou Liam, me segurando pelo braço, me forçando a vê-lo.

— NÃO ME TOCA, PORRA! — gritei, empurrando-o. Meu rosto devia mostrar uma expressão assustadora, uma mistura de revolta e fúria. — ELE PRECISA MORRER, LIAM, COMEÇANDO POR SEUS PERTENCES. — Apontei para as chamas que se espalhavam rapidamente.

— VOCÊ VAI INCENDIAR A PORRA DA MANSÃO INTEIRA!

Como eu não estava disposto a facilitar as coisas, Liam se viu obrigado a me socar. Começamos a lutar ferozmente no meio do caos em chamas. Mas só parei de lutar quando alguém injetou um tranquilizante em minhas veias.

A escuridão me envolveu instantaneamente.



Acordei meio sonolento, piscando algumas vezes para me acostumar com a luz intensa do ambiente. Logo reconheci uma das salas da enfermaria. Tentei me levantar da maca, mas acabei caindo. Felizmente, alguém me ajudou a ficar de pé.

— Não é aconselhável se levantar agora, senhor — disse Farrell. — Você precisa descansar.

— Não... não quero descansar porra nenhuma — resmunguei, sentindo minha língua pesada.

Ignorei seus conselhos e saí da sala, percebendo que era de madrugada. Enquanto caminhava pelos corredores silenciosos da mansão, meus passos ecoando pelo local, minha

mente me atormentava com as recentes descobertas. Meu coração parecia diminuir de tamanho, desejando desaparecer.

Farrell ameaçou me segurar na escada, mas eu o afastei com um empurrão.

— Eu consigo subir essa maldita escada sozinho, Farrell — sibilei entre os dentes.

Ele recuou enquanto eu subia os degraus devagar, segurando-me no corrimão por causa da tontura. Meus movimentos estavam lentos e pesados.

Após longos minutos, encontrei-me abrindo a porta do meu quarto, suspirando ao avistar a silhueta de Jasmine em minha cama. Forçando minhas pernas, cheguei até lá, sentindo meu coração bater forte no peito. Lembranças vagas do momento em que incendiei o quarto de Aidan invadiram minha mente.

Permiti-me cair no chão, pressionando as costas na cama. Dobrei as pernas, apoiando os braços nos joelhos. O choro irrompeu sem controle, sem qualquer barreira. Uma dor avassaladora consumiu meu peito, tirando-me o fôlego, enquanto eu chorava como um menino perdido, sem mãe e sem pai.

Meu corpo inteiro passou a tremer com os soluços, apesar de me esforçar para contê-los.

— Owen? — balbuciou Jasmine, remexendo-se na cama. Não tive coragem de olhar para ela, mas percebi quando se aproximou e se sentou ao meu lado, no chão. — Você está chorando...

Levei uma mão ao rosto, tentando conter as lágrimas.

— *E-eu...* estou cansado, Jasmine — soprei, soluçando. — Cansado de ter que ser forte o tempo todo.

Ela segurou minha mão na dela. Eu permiti.

— Você não precisa ser — murmurou, com os olhos marejados. — Pelo menos não comigo.

Olhei para ela por um momento. Em seguida, estiquei as pernas, convidando-a para se aninhar em meu colo.

— Isso é bom, porque no momento, tudo o que posso te oferecer é um homem quebrado — declarei, acariciando seus braços e cabelos, abraçando-a com força.

Senti seus beijos em meu peito e ombro.

— Eu te ajudarei a juntar os pedaços — prometeu. — Basta você permitir.

— E se eu não tiver conserto? — questionei, sufocado pela devastação que sentia. — E se essa maldita casca se tornar vazia, Jasmine? — Bati contra meu peito.

— Não vai acontecer — garantiu, segurando meu rosto com as duas mãos. — Eu confio

em você.

— Não deveria.

— Mas eu confio, e isso é o suficiente!

Encontrei-me sorrindo entre as lágrimas.

— Atrevida.

Ela respondeu beijando meu peito e me abraçando mais forte, como se quisesse me consolar de todas as formas possíveis.

O que ela não entendia era que apenas a sua presença já era capaz de aliviar o caos que crescia dentro de mim.



## *Jasmine*

Acordei de repente, um tanto assustada. Para minha surpresa, Owen estava ali, dormindo de modo profundo, parecendo completamente exausto após as últimas horas tumultuadas. Imaginei que o cansaço fosse o motivo.

Meu coração se apertou ao recordar tudo o que havia acontecido, desde o ataque no quarto do meu pai até o desabafo emocional de Owen na madrugada. Ver um homem forte como ele tão perdido e vulnerável foi bem angustiante para mim.

Minha mente estava cheia de perguntas, ainda mais agora, após esse surto emocional dele. Sentia-me atordoada e confusa com todos os eventos recentes.

Nossa partida da aldeia dos pescadores foi tranquila, e o carinho da família de Owen me tocou profundamente. Sentir-me amada por eles trouxe um calor ao meu coração que nunca havia experimentado antes, exceto com meu pai.

Levantei-me com cautela da cama, tentando não o acordar. Sentei-me na beirada, observando-o em seu sono tranquilo. Seu rosto parecia sereno, bem diferente do seu habitual ar irritado quando estava acordado.

Ainda ecoavam em minha mente as palavras intensas que ele havia expressado sobre seus sentimentos por mim. Eu compreendia que nem todos eram habilidosos em expressar seus sentimentos, afinal, o amor é um sentimento complexo. Mas sentia gratidão por sua sinceridade.

Dirigi-me ao banheiro, lavei o rosto e arrumei meu cabelo. Ao retornar ao quarto, que ainda estava na penumbra do amanhecer, olhei para Owen mais uma vez antes de sair. Não sabia se alguém mais estava acordado, mas segui em direção ao andar de baixo.

Cheguei à cozinha com a intenção de aquecer um pouco de leite para Owen. Meu pai costumava fazer isso por mim quando eu estava triste ou aborrecida com algo.

Enquanto eu me concentrava em acender o fogão, fui surpreendida pela chegada repentina de alguém.

— Jasmine? — chamou Carter.

Olhei para a entrada da cozinha e vi Carter. Seus olhos estavam cansados e um pouco vermelhos, como se tivesse passado horas chorando.

— Carter! — exclamei, me aproximando rapidamente dele. — Percebo que você também está triste, assim como Owen — observei. — Venha... — segurei sua mão gentilmente. — Vou preparar um leite quente para você.

— Leite? — questionou ele.

— Sim, — murmurei, conduzindo-o até uma das banquetas. — Tenho certeza de que vai ajudar a se sentir melhor.

— Você acha?

Olhei para ele, oferecendo um sorriso encorajador.

— Conversar também é importante — comentei, acendendo o fogão e despejando um pouco de leite em uma vasilha. — Embora eu saiba que os homens geralmente não discutem muito sobre sentimentos, não é mesmo? É um assunto proibido.

Ele acabou rindo. Foi reconfortante ouvir sua risada.

— Não é que seja proibido, querida, mas é realmente complicado — explicou, com um olhar suave, embora a tristeza ainda estivesse presente. — É por isso que vocês, mulheres, são tão incríveis em tudo, sabia? Vocês suportam coisas que nós, homens, mal conseguimos imaginar.

Baixou os olhos, como se suas próprias palavras o machucassem de alguma forma.

— Não gosto de te ver assim — sussurrei, servindo um copo de leite morno para ele. — Fico triste, porque você e seus irmãos sempre estão rindo e brincando uns com os outros...

Ele aceitou o copo de leite.

— O problema é que nossos corações estão partidos, querida — confessou, com a voz embargada. — E parece que não há nada que possamos fazer para amenizar essa dor.

— Será que tem mais leite aí? — perguntou alguém.

Carter e eu olhamos para a porta a tempo de ver Kael e Sean parados, sorrindo para nós. Um sorriso triste, mas sincero.

Eu queria entender o que tinha acontecido com eles.



— Claro que tem! — exclamei, rapidamente pegando mais dois copos. — Vocês parecem exaustos. Por acaso dormiram?

Ambos negaram com a cabeça. Kael sentou-se ao lado de Carter, passando a mão em seus ombros. Sean permaneceu de pé, apoiado na bancada.

— É difícil dormir quando a mente não para, Jasmine — argumentou Kael, aceitando o copo de leite. — Principalmente quando só pensamentos ruins invadem nossa cabeça.

— Owen ainda está dormindo? — quis saber Sean, levando o copo que lhe entreguei aos lábios.

Assenti.

— Eu estava pensando em levar um pouco de leite morno para ele — expliquei. — Meu pai costumava fazer isso por mim quando eu me sentia mal.

Só de mencionar meu pai, os três rosnaram automaticamente. Fiquei constrangida.

— Me desculpem — murmurei, aflita com a tensão que se instalou. — Não quis deixá-los chateados.

— Não se preocupe, querida — disse Kael, forçando um sorriso. — Você não tem culpa de nada.

— Não tem culpa pelo monstro que seu pai é — acrescentou Sean, com os lábios tortos.

— Querem conversar comigo sobre isso? — perguntei, embora soubesse qual seria a resposta. Eles nunca falavam sobre o assunto.

Sempre me deixavam no escuro.

— Não — respondeu Carter, terminando seu leite e limpando a boca com as costas da mão.

Balancei a cabeça, tentando não demonstrar minha frustração, porque eles estavam tristes; era evidente.

— Então, a única coisa que posso oferecer é um abraço — Inclinei a cabeça, olhando para os três. — Querem?

Eles abriram um sorriso lindo.

Sean contornou a bancada e se juntou a Carter, enquanto eu era puxada por eles, me escondendo entre seus braços grandes e fortes. Percebi quão protegida me sentia naquele abraço.



Owen ainda estava em um sono profundo quando retornei ao quarto. Com cuidado, coloquei o copo de leite sobre o armário da cabeceira e me sentei na beirada da cama, observando seu rosto barbudo. Fiquei imaginando como seria se ele decidisse se livrar da barba.

Inclinando-se mais para perto, nossos lábios se encontraram em um beijo terno. Instantaneamente, suas mãos percorreram minhas costas, me puxando para seu corpo quente e explorando minha boca com sua língua.

— Owen... — suspirei, tentando ignorar a excitação que tomava conta de mim, mas falhando miseravelmente. — Calma, eu trouxe leite.

Me afastei um pouco para pegar o copo do armário.

— Mas eu tenho leite de sobra para você, *naomh*.

Pisquei, tentando entender suas palavras.

— Hum? Não entendi.

Ele sacudiu a cabeça, rindo, e se sentou apoiado na cabeceira da cama.

— Esquece. Por que fez isso? — perguntou, aceitando o copo de leite. — Acordou cedo.

— Porque você estava tão triste ontem que eu quis fazer algo para amenizar a situação.

— Com leite morno? — Levantou uma sobrancelha.

Dei de ombros.

— Eu poderia ajudar melhor se você me contasse o que está acontecendo, mas você insiste em me manter no escuro. — Suspirei de maneira pesada. — O caos de ontem ainda está fresco em minha mente, Owen... ver você destruindo todas as coisas do meu pai foi realmente assustador.

Olhou fixamente para o copo de leite, pensando se deveria beber ou não.

— Meus irmãos e eu descobrimos algo que nos abalou de uma maneira indescritível, Jasmine — afirmou. — E sim, tem a ver com seu pai biológico e com meu tio. — Respirou fundo. — As revelações nos deixaram completamente desorientados.

Meu coração começou a bater mais rápido.

— Você vai me dizer o que é? — perguntei esperançosa. — Imagino que, se tem a ver com meu pai biológico, também tem a ver comigo.

Owen levantou o olhar, focando no meu rosto.

— O que Aidan costumava dizer sobre a vida dele quando estava longe da Escócia?

Franzi a testa, tentando assimilar sua pergunta.

— Ele não falava muito — respondi, me lembrando. — Nossas conversas eram centradas principalmente nos livros que ele me trazia. Mas eu entendia que ele tinha um trabalho importante e perigoso, porque eu vivia cercada por pessoas armadas, assim como aqui... em sua casa.

— Você convivia com outras mulheres?

Balancei a cabeça negativamente.

— Não com frequência — respondi. — Eram raras as vezes que meu pai trazia alguém para me conhecer. Ele sempre foi desconfiado e preocupado com minha segurança.

— Quem te ensinou a ler e escrever?

— Foi ele — respondi, sorrindo. — Depois, eu sempre aproveitava para tirar algumas dúvidas com um dos seguranças dele sobre certos assuntos. Claro que nem sempre respondiam, com medo do meu pai, mas eu nunca desistia. Minha mente tem uma sede insaciável por conhecimento, Owen.

Ele colocou o copo de leite de volta no armário, sem ter dado um único gole.

— Você nunca se perguntou por que Aidan te mantinha presa? Nunca teve vontade de fugir?

Baixei os olhos para minhas mãos unidas no colo. Não podia ser hipócrita e dizer que não, porque estaria mentindo.

— Eu não tinha para onde fugir, Owen.

— Mas você chegou a pensar em fugir?

Olhei para ele novamente, encontrando seu olhar questionador.

— Sim, — respondi. — Eu sempre pedia para ir embora com meu pai quando ele avisava que estava partindo.

— Você já leu o conto da Rapunzel? — Pisquei, processando sua pergunta. — Parece com a sua própria história, Jasmine. Você é como a princesa trancada em uma torre, incapaz de viver no mundo real com as outras pessoas.

— Não sabia que você conhecia essa história — comentei, inclinando a cabeça. — Você disse que não tinha tempo para livros.

— É verdade, mas eu costumava ler para minha irmã antes de dormir — explicou, sorrindo com nostalgia. — Era a história favorita da Madison.

Respirei fundo, refletindo sobre suas palavras.

— Não gosto de pensar na minha vida como uma prisão — murmurei, aflita com essa realidade. — Você fala do meu pai, mas está fazendo a mesma coisa comigo, Owen. Se eu quiser partir, você não vai permitir.

— E você quer partir?

Revirei os olhos.

— Não foi isso que eu perguntei — exasperei. — Você ainda me considera sua propriedade?

Ele continuou me olhando por alguns segundos.

— Vem aqui... — bateu em seu colo.

Como se meu corpo tivesse vontade própria, obedeci sem hesitar. Envolvi minhas pernas em sua cintura, enquanto minhas mãos se firmaram em seus ombros.

— Se eu perder uma propriedade, não me importo, porque posso comprar mais e mais... — disse, acariciando meu rosto com uma mão. — Mas não posso fazer o mesmo se te perder. Compreende?

— Então você me mantém aqui por medo?

— Meus inimigos estão lá fora, ansiosos para colocar as mãos em você. E eu não posso permitir isso, não posso permitir que te machuquem.

— Porque você me ama.

Seu rosto foi tomado por uma emoção que não consegui identificar.

— Não tenho certeza.

Segurei seu rosto entre minhas mãos, tocando nossos lábios em um beijo.

— Eu não perguntei — declarei contra sua boca. — Eu sei que você está apaixonado por mim, sinto seu amor em cada fibra do meu ser.

Sua única resposta foi me beijar de volta, envolvendo os dedos em meus cabelos enquanto segurava meu traseiro, pressionando-se contra mim. Gemi, desejando mais dele e de seus toques. Vestindo apenas uma camisola, pude sentir a umidade em minha calcinha.

— É assim que eu quero — soprei, me movendo lentamente, roçando-me em sua ereção.

— Posso te comer de qualquer maneira, *naomh* — rosnou, liberando seu membro. Inclinei meu quadril ligeiramente, permitindo que Owen afastasse minha calcinha para o lado e me

ajudasse a descer devagar, até me acostumar com a invasão. — Sua boceta é deliciosa *pra caralho*! E é minha — sua mão se enrolou no meu cabelo, forçando minha cabeça para o lado. A ardência em meu couro cabeludo adicionava um elemento que me deixava completamente perdida, ansiando por mais. — Somente minha.

Owen posicionou suas mãos ao lado do meu quadril, impulsionando meu corpo para cima e para baixo.

— Owen... — suspirei, sentindo meu corpo ser tomado por espasmos descontrolados.

Os movimentos se tornaram frenéticos e intensos. Como se soubesse o que eu precisava, suas mãos deslizaram pela minha frente, beliscando meus mamilos antes que uma delas se envolvesse ao redor do meu pescoço. Meu ar foi restringido aos poucos, deixando-me presa entre a fantasia e a realidade. Saber que Owen era o dono do meu corpo, do meu prazer e até mesmo da minha respiração, me levava a um êxtase que eu nunca pensei ser possível.

Quando meu orgasmo chegou, eu estava completamente absorta, com os olhos revirados. Owen afastou a mão do meu pescoço, com os olhos fechados e concentrado em seu próprio prazer.

— *E-eu...* vou precisar que você saia do meu colo, Jasmine — balbuciou entre respirações falhas. Continuei movendo meus quadris para cima e para baixo, ansiando por sentir sua libertação dentro de mim. — Jasmine... — ele tentou me afastar, mas eu continuei rebolando. — Droga, Jasmine!

Observei enquanto ele jogava a cabeça para trás, apertando minha cintura e me puxando mais para si, como se quisesse se fundir a mim de alguma forma. Foi uma das cenas mais intensas e excitantes que já testemunhei.

O problema surgiu quando Owen abriu os olhos e encontrou os meus.

— Eu te disse para sair — rosnou, sem fôlego. — Por que você não me ouviu?

Seu tom rude me magoou, então saí do seu colo e fiquei de pé, fora da cama. Rapidamente, meus olhos desceram para o meio das minhas pernas, percebendo um líquido branco e espesso escorrendo de dentro de mim.

— Porque eu queria sentir você dentro de mim, até o fim — respondi. Então, olhei para ele.

Owen parecia desorientado, uma mistura de incredulidade e irritação.

— Droga, Jasmine! Não posso acreditar que você me fez gozar dentro de você, garota. — Saiu da cama também, indignado. — Você não entende o que isso implica?

Meus olhos ficaram úmidos com algumas lágrimas.

— Por que está tão zangado? — perguntei, com a voz embargada. — Não gosto quando você grita comigo, Owen. Principalmente por algo que não fiz de propósito; só queria sentir você se perder em mim. Por que isso é errado?

— Porque você pode engravidar, é por isso — respondeu, exasperado. — Eu já tinha te esclarecido sobre isso.

— Você não me deu nenhuma explicação, apenas mencionou que era arriscado gozar dentro de mim.

Vendo minha confusão, ele perguntou:

— Você, por acaso, tem ideia de como os bebês são feitos?

— Papai costumava dizer que vinham das cegonhas.

Owen praguejou, cobrindo o rosto com as mãos, enquanto se virava de costas para mim, me permitindo admirar seu traseiro.

— Não acredito que tenho que explicar isso, droga! — resmungou ele, parecendo falar consigo mesmo. Então, ao se virar para mim, respirou fundo. — Os bebês são concebidos quando o homem ejacula dentro da mulher. Por isso eu não queria fazer isso, porque você é muito jovem para engravidar. Além de todos os problemas que estamos enfrentando.

— *Hmm...* agora entendi — soprei, voltando a olhar para minhas pernas lambuzadas. — Mas eu gostei tanto da sensação... — passei meus dedos pelo líquido.

Owen fez um som rouco na garganta, cujo motivo não entendi completamente. Mas quando o encarei, notei seu olhar intenso quase me queimando.

— Não faça isso, porque apenas ver meu gozo escorrendo de você me deixa louco, porra!

Ele se aproximou de mim num rompante, cercando minha cintura com seu braço possessivo. Aceitei quando ele me beijou.

— Prometo que da próxima vez que te fizer chorar, será de prazer, *naomh*.

Sorri em seus lábios.

— Essa é sua maneira de se desculpar? — perguntei, afastando o rosto para poder encará-lo. — Porque você foi um idiota comigo.

Ele fez uma careta.

— Você está ficando muito malcriada ultimamente.

Minha risada aumentou.

— A culpa é dos trigêmeos — confidenciei. — Seus irmãos têm um vasto vocabulário de palavras.

Algo nas minhas palavras o desestabilizou, pois seu semblante mudou um pouco. Prestes a perguntar o motivo, Owen foi mais rápido e me convidou para um banho.

Apenas assenti com a cabeça.



## *Alguns dias depois*

— Vocês estão se comportando de maneira estranha — comentei, desconfiada ao entrar no escritório onde Owen e seus irmãos me aguardavam. — Quando Amy me disse que vocês queriam conversar comigo, admito que fiquei assustada. — Me sentei no sofá.

Percebi que o escritório passou por uma reforma recente. Tudo foi renovado, desde a mobília até a decoração das paredes.

— Por que você trouxe esse cachorro irritante com você? — Owen apontou para o "insolentezão", que estava confortavelmente ao meu lado.

Fiz uma careta de indignação.

— Não seja cruel com ele — repreendi, acariciando o pelo do cachorro. — Ele não é culpado por não gostar de você, Owen.

— Concordo com ela, irmão — disse Kael, com um sorriso nos lábios.

Notei que todos eles perderam um pouco da alegria. O brilho nos olhos havia desaparecido.

— Esse cachorro tem a mesma energia da dona dele. — Liam comentou, rindo. — Aurora é tão diabólica quanto esse cão.

Sacudi a cabeça, chocada com suas palavras.

— Bem, *anjinho*... — Carter estava ao meu lado, segurando minha mão. — Chamamos você aqui por um motivo sério.

— Precisamos conversar sobre algo importante — acrescentou Sean, visivelmente nervoso.

Ambos pareciam ansiosos.

— É algo que afeta nossas vidas, querida — informou Kael.

Pisquei, sem entender nada. Olhei para Owen, que estava sentado atrás de sua mesa.

— Você se lembra da conversa que tivemos sobre as revelações que eu e meus irmãos

descobrimos recentemente, que inclusive resultou na destruição do quarto do Aidan? — perguntou Owen.

Assenti, sem coragem de dizer nada.

— Descobrimos que eu, Sean e Kael somos filhos biológicos do Ronan — revelou Carter de uma vez, sem fazer rodeios. — Isso significa que nós três somos seus irmãos, Jasmine.

— Aqui está a prova — Kael estendeu um papel na minha direção, que peguei com a mão trêmula — é o resultado do exame que fizemos. Coletamos uma amostra do seu DNA para comparar com o nosso.

— Você é nossa irmã, Jasmine — declarou Sean, emocionado.

Fiquei sem palavras. Na verdade, sentia como se meu peito estivesse prestes a explodir.

Era um turbilhão de emoções.

— Jasmine? — Owen chamou, preocupado. — Você está bem?

— Anjinho? — Carter tentou me tocar, mas me afastei.

— Não... — soprei, com a respiração pesada. — Eu preciso de um momento sozinha.

Levantei-me rapidamente, saindo do escritório a passos apressados, ignorando os chamados deles.

Meu coração estava sufocado, assim como minha mente, atormentada por tantas dúvidas sobre minha própria vida. O que mais me foi escondido? O que mais fui privada de vivenciar?

Não tive a chance de conviver com minha mãe nem com meus irmãos, sobre os quais nunca soube da existência. Aparentemente, eu sequer entendia o básico da vida. Por quê? Por que meu pai faria isso comigo? E, além disso, não conseguia compreender o motivo de ele nunca ter me contado que não era meu pai biológico.

Chorando, comecei a correr pela mansão, procurando um lugar para me esconder, embora fosse impossível com todos aqueles seguranças ao meu redor.

Após alguns minutos, encontrei um momento de distração e acabei me enfiando em um dos carros estacionados na garagem. Havia várias coisas na parte de trás do veículo, o que facilitou para que eu me escondesse e chorasse.

Chorei pela frustração de ter sido enganada durante toda a minha vida. Chorei pela dor de não ter tido a oportunidade de conhecer meus irmãos. Chorei pela tristeza de descobrir que toda a minha vida foi uma mentira.

Eu precisava absorver tudo isso.

Apenas tentar entender o que estava acontecendo nessa nova realidade que se apresentava para mim. Uma realidade em que meu pai me enganou e descobri que tinha três irmãos.





## Owen

— Deixem-na em paz! — ordenei quando Carter, Sean e Kael ameaçaram sair do escritório atrás de Jasmine. — Ela precisa de um momento para pensar.

— Mas ela deve estar confusa, Owen — argumentou Kael, preocupado.

— Jasmine precisa nos ouvir — afirmou Sean.

Carter olhou para suas próprias mãos.

— Ela me rejeitou — murmurou para si mesmo, com dor na voz.

Meu coração apertou.

Os últimos dias estavam sendo extremamente difíceis para todos na família, pois a sombra das revelações ainda pairava entre nós, mesmo que tentássemos ignorar. A cada vez que a certeza de que nossa mãe foi violentada e que os três eram fruto desse abuso vinha à tona, o clima se tornava pesado. Claro que tanto eu quanto os outros, incluindo Amy e Madison, estávamos constantemente reafirmando que os três eram amados, independentemente das circunstâncias de sua concepção. Nossa mãe os amou com todo o seu coração.

— Carter, Jasmine não te rejeitou, pare com isso, irmão. — Liam se aproximou dele, colocando a mão em seu ombro. Carter o encarou, com um olhar perdido. — Ela simplesmente não estava preparada para receber essa notícia.

— Eu disse que não era certo revelar tudo de uma vez — afirmou Sean, voltando para o sofá. — Deveríamos tê-la preparado antes. A pobre ficou assustada.

— Ela deve estar pensando que mentimos para ela, assim como o traidor do Aidan — sussurrou Kael, com raiva. Ele se afundou no sofá e esfregou o rosto repetidamente. — É óbvio que ela não iria nos aceitar. Nenhum de nós é bom o suficiente para alguém tão especial como ela.

— Chega! — exclamei, irritado. Levantei-me da minha cadeira e contornei a mesa. — Não vou mais permitir que vocês três se menosprezem assim, porque não é justo. — Apontei o dedo. — Nossa mãe sofreu, sim, mas ela escolheu ter vocês. Melhor ainda, ela escolheu amá-los, assim como todos nós.

— Owen está certo! — exclamou Liam, ainda ao lado de Carter. — Foi uma tragédia a forma como tudo aconteceu, mas isso não apaga todos os anos de amor e união que compartilhamos. Vocês são nossa família. Vocês são nossos gigantes.

Carter olhou para ele nesse momento, com os olhos vermelhos, mas sem derramar lágrimas. Em resposta, abraçou Liam.

— Precisamos esperar até que Jasmine assimile essa revelação — murmurei, chamando a atenção de todos novamente. — E então podemos contar a verdade para ela.

— O que você quer dizer com isso? — Carter me olhou, com os olhos arregalados.

— Você quer dizer que devemos contar a ela que nosso pai biológico violentou nossa mãe? — perguntou Sean, pálido.

— Isso vai traumatizá-la ainda mais, Owen — argumentou Kael. — Não queremos isso.

Apertei a mandíbula.

— É a história dela — decretei. — Não é justo privá-la de conhecer suas origens. Ela precisa saber quem foi seu pai biológico, precisa entender a gravidade do que ele fez com nossa mãe. E não se enganem, Jasmine é mais forte do que imaginamos.

Carter e Liam voltaram ao sofá, ainda chocados.

— Você acha que ela nos aceitará depois de descobrir tudo? — Carter parecia tão vulnerável que precisei desviar o olhar. Odiava ver meus irmãos assim, tão perdidos em suas próprias emoções. — E se ela nos rejeitar, Owen?

— Ela não os rejeitará! — afirmei, ciente do coração imenso da minha garota. Sim, minha. — Jasmine compreenderá tudo. Basta darmos a ela o tempo necessário.

Peguei o maço de cigarros no meu bolso e acendi um. Estava muito nervoso e precisava me acalmar um pouco.

— Quanto tempo? — questionou Sean.

— O tempo que ela precisar, irmão — respondi, dando uma tragada no cigarro. — O tempo que ela precisar.



## *Algumas horas depois*

Mal desliguei o telefone quando a porta do escritório se abriu abruptamente. Mesmo com as reformas que fizemos no local, era difícil permanecer ali por muito tempo, as lembranças dos vídeos que assistimos traziam de volta a raiva e impotência diante do que nossa mãe havia passado.

— Jasmine desapareceu! — exclamou Kael com urgência.

Meu coração disparou no peito.

— O que diabos você está dizendo? — perguntei, sem desviar o olhar dele. Levantei-me, sentindo meu corpo tenso diante dessa afirmação. — É impossível ela ter saído desta casa. Onde está Farrell?

— Procuramos por toda parte e não encontramos nenhum sinal dela — respondeu ele, tão angustiado quanto eu. — Farrell está falando com os seguranças, mas aparentemente ninguém a viu nas últimas horas.

Um sentimento de pânico tomou conta de mim.

— Merda! — xinguei, saindo apressado do escritório, com Kael me seguindo. — Não posso acreditar nisso! Quando teremos paz nessa droga?

Liam, Michael, Sophie, Carter, Dexter, Sean e Amy estavam na sala, discutindo algo que eu não conseguia compreender, meus pensamentos estavam confusos.

— Acabei de voltar do jardim onde ela costuma ficar, mas não há sinal dela lá também — informou Madison, entrando na sala, também preocupada. — Onde será que ela foi parar? Aconteceu alguma coisa?

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Aurora, descendo as escadas com a pequena Dara nos braços. Liam foi até ela e pegou a filha. — Fiquei assustada com o barulho de vozes de vocês.

— Não encontramos Jasmine em lugar nenhum — explicou Liam, tenso. — Ela desapareceu.

— Como assim, desapareceu? Vasculharam cada canto dessa enorme mansão? —

perguntou ela, nervosa. — O que vocês fizeram?

— Ninguém fez nada — repreendeu Amy, suspirando. — O problema é que Jasmine descobriu que os trigêmeos são seus irmãos de sangue e decidiu se esconder. Ela deve ter se sentido péssima ao descobrir que sua vida foi uma mentira.

— É muita informação para ela assimilar de uma vez só — mencionou Sophie. — Até ontem, ela acreditava que só tinha o pai ao seu lado, mas agora descobre que o pai que ela conhece não é seu verdadeiro pai, e ainda tem três irmãos que ela nunca imaginou ter. Não é surpresa que ela tenha reagido dessa forma. Eu mesma estaria surtando.

— Há quanto tempo ela está desaparecida? — perguntou Michael.

— Não temos como saber — respondeu Carter. — Começamos a procurá-la apenas alguns minutos atrás.

— Onde está Farrell? — perguntei novamente, olhando ao redor.

— Estou aqui, senhor — respondeu ele, entrando na sala. — Acabei de me reunir com os seguranças. Todos confirmaram que Jasmine não saiu da mansão, inclusive verifiquei as filmagens da portaria. Não há como ela ter saído.

— Mas isso não faz sentido algum — murmurou Carter, pensativo. — Onde ela pode estar?

— Acho que devemos dar uma volta de carro pelos arredores apenas para garantir — sugeriu Dexter, cerrando o maxilar. — É melhor sermos excessivamente cuidadosos do que enfrentar as consequências de algo pior depois.

— Eu também vou — ofereceu-se Kael. — Cada um de nós pega um dos carros — acrescentou para Dexter. — Se Jasmine conseguiu sair, não pode ter ido muito longe.

A simples possibilidade disso já me deixava sem fôlego.

— Certo! — concordei, balançando a cabeça, lutando para não ser dominado pelo medo. — Enquanto isso, faremos outra busca na mansão — indiquei com um gesto. — Temos que procurar em todos os cantos.

— Os seguranças já estão procurando do lado de fora da propriedade — informou Farrell.

— Então vamos nos separar e começar a procurar aqui dentro — decretei. — Uma pessoa tão pequena como ela não pode ser mais esperta do que todos nós juntos. Não vou permitir isso.

— Pelo jeito que falou, parece até que Jasmine está nos enganando, Owen — comentou Madison, tensa.

— É apenas o medo dele falando, querida — declarou Amy. — É apenas o medo falando.

Cerrei os punhos angustiado.

— Vamos nos dispersar e vasculhar cada cômodo — repeti com a voz tensa. — Vocês dois — apontei para Dexter e Kael — nos avisem se houver qualquer novidade.

Ambos assentiram, saindo rapidamente. Não tínhamos tempo a perder.

A mansão era espaçosa, mas o grupo presente logo seria capaz de cobrir todas as áreas.

Nos minutos seguintes, percorri os quartos da ala leste incansavelmente, abrindo todas as portas e espiando sob as camas, armários e móveis grandes.

— Jasmine! — gritei repetidamente, esperando ouvir sua voz doce.

Enquanto continuava procurando, minha mente se enchia de pensamentos sobre o que havia acontecido. Era compreensível a reação de Jasmine diante da notícia que recebeu. A garota passou toda a vida sob o controle de Aidan, sendo manipulada para ser extremamente ingênua. Ela nunca teve a chance de conhecer sua mãe, seus irmãos, ou até mesmo descobrir a identidade de seu pai biológico. Tudo o que ela viveu foi uma farsa. Além disso, aos poucos, vinha descobrindo que o homem que ela tanto amava era, na verdade, um monstro.

Suspirando baixinho, revistei os quartos mais uma vez e depois desci para o primeiro andar. Foi quando Liam apareceu agitado nas escadas.

— Dexter a encontrou! — avisou ofegante, apontando para o próprio telefone. — Estou com ele na linha.

Corri e peguei o aparelho de suas mãos.

— Onde ela está? — perguntei, com o coração acelerado, enquanto pressionava o telefone contra o ouvido.

— *Ela está comigo* — veio a resposta do outro lado da linha. — *Na verdade, Jasmine me disse que se escondeu no carro e acabou adormecendo depois de chorar muito* — explicou.

Comecei a andar de um lado para o outro, sentindo a tensão me sufocar. Carter e Sean logo se aproximaram, igualmente ansiosos por notícias da irmã deles.

— Deixe-me falar com ela — pedi, embora tenha soado como uma ordem.

Em instantes, ouvi a voz de Jasmine do outro lado da linha:

— *Owen...*

— Jasmine! Caramba, *naomh!* — murmurei, aliviado. — Você nos assustou.

— *Eu sei, me desculpe* — disse ela, com a voz trêmula. — *Adormeci e não percebi que causaria tamanho caos.*

— Passe o telefone para Dexter — pedi, ansioso.

— *Tudo bem* — murmurou. — *Você está bravo comigo?*

Fechei os olhos, absorvendo sua pergunta. Como ela poderia pensar que eu ficaria bravo quando tudo o que eu sentia era medo de perdê-la?

— Não, Jasmine, não estou bravo — respondi. — Fiquei assustado quando não consegui encontrá-la em lugar nenhum. — Ouvi seu arquejo agudo do outro lado da linha. — Agora, passe para o Dexter, quero saber onde vocês dois estão.

— *Já estou voltando para a mansão com ela, Owen* — afirmou Dexter poucos instantes depois. — *Porra! Quase pulei de susto quando ela apareceu de repente no banco de trás do carro.* — Ele riu.

Passei a mão no rosto, tentando acalmar os sentidos, apesar da dificuldade. Eu só me sentiria tranquilo quando a visse com meus próprios olhos.

— Você está perto? — perguntei, observando Michael e meus irmãos tentando rastrear os carros que foram levados.

— Dexter pegou meu carro, tenho certeza disso — ouvi Sean dizer enquanto saía da mansão.

— *Sim,* — respondeu Dexter. De repente, ele amaldiçoou: — *Porra!*

— O que foi? — perguntei, agora ainda mais nervoso. Comecei a caminhar em direção ao meu carro, determinado a não ficar ali de mãos atadas.

— *Tem um carro me seguindo* — respondeu ele, com a voz cheia de ansiedade.

— Tem certeza de que estão te seguindo?

— *Quer uma resposta honesta? Vá se foder, porra!*

Eu xinguei, irritado.

— Estou indo para aí agora mesmo — avisei, entrando no meu carro e acelerando rapidamente, sem esperar por ninguém. — Quantos são?

— *Porra! Eles me bloquearam com dois carros na frente* — ele informou, enquanto os gritos de Jasmine ecoavam pela ligação, intensificando meu desespero.

Meu coração ameaçou pular do meu peito.

— Estou a caminho — declarei, tremendo dos pés à cabeça.

Meu coração disparou com os gritos de Jasmine ao fundo. Eu precisava alcançá-los o mais rápido possível.

— Dexter, force a passagem. Não deixe que eles te intimidem — falei, tentando transmitir uma calma que eu não sentia.

Para aumentar minha angústia, a ligação foi interrompida.

— Maldição! — xinguei, batendo forte no volante.

Eu dirigia sem me importar com os limites de velocidade, cada segundo era crucial. Liguei para o Kael:

— Localizei Dexter pelo GPS. Há três carros o seguindo, um na frente e dois bloqueando a saída. Chegarei em cinco minutos.

— *Sean acabou de me ligar e me informar dessa porra* — respondeu ele. — *Também estou perto.*

Acelerei pelas curvas com velocidade. O alívio tomou conta de mim ao avistar o carro de Dexter à frente, até que percebi os outros bloqueando seu caminho. Ele não podia avançar nem retroceder.

Parei bruscamente atrás dos dois carros que estavam bloqueando e colidi contra a traseira de um deles. Reverti a marcha e repeti o movimento.

Dois indivíduos começaram a atirar em minha direção. Não tive escolha a não ser revidar, mirando nos pneus dos carros bloqueadores para abrir uma brecha para Dexter escapar.

Tiros ecoaram por todos os lados. Os malditos ameaçaram ir atrás de Dexter, mas bloqueei o caminho deles enquanto mirava para neutralizá-los.

Derrubei um carro disparando contra o motor, fazendo-o capotar violentamente. O outro carro fugiu sem rumo. Nesse instante, ouvi a buzina desesperada do carro de Dexter. Voltei meu olhar e o vi perdendo o controle e batendo na mureta alguns metros à frente.

Freei meu carro bruscamente e desci correndo, sem me importar com nada nem ninguém. Na verdade, nem minha própria vida importava naquele momento.

— JASMINE! — gritei, minha mente invadida por visões terríveis em que ela estava ferida ao lado de Dexter.

Não, eu não podia perdê-la.

Não podia.

Foi então que um carro preto se aproximou devagar vindo da pista contrária, me obrigando a parar de correr e apontar minha arma na direção, sem ter certeza de quem estava dentro, já que os vidros escuros não me permitiam ver nada.

Meu coração disparou quando o vidro de trás do veículo desceu um pouco, e a cena que meus olhos viram me deixou sem fôlego, imóvel.

*Era Aidan.*

Ele abriu um sorriso para mim, acenando de forma zombeteira, me desafiando a ir atrás dele. Fiquei parado, encarando enquanto o veículo se afastava devagar. Todo o meu corpo tremia, uma mistura de sentimentos e emoções. Eu estava diante do meu maior inimigo, alguém

que foi responsável por todas as desgraças que aconteceram em minha família nos últimos anos.

E ali estava ele, a poucos metros de mim e de toda a minha fúria.

Eu poderia voltar para o meu próprio carro e perseguir Aidan, especialmente porque meus irmãos estavam por perto para me dar cobertura. Mas isso significaria deixar Jasmine à mercê do destino.

Era ela ou Aidan.

Ela ou minha vingança.

Olhei novamente para o carro mais à frente, percebendo a fumaça saindo do motor, já que a colisão foi de frente. Não tinha ideia do estado de saúde dos dois.

No final, fiz a escolha mais sensata naquele momento. A escolha que meu coração exigia.





## *Jasmine*

Eu me encontrava em um estado de transe, incapaz de compreender o caos que me cercava. Meu corpo tremia incontrolavelmente e meu coração parecia prestes a saltar pela boca.

Há alguns minutos, despertei com o carro em movimento, assustando Dexter, que dirigia sem ter conhecimento da minha presença. Nunca deveria ter me escondido ali, pois isso resultou em consequências inimagináveis e possivelmente irreversíveis.

Lágrimas brotaram dos meus olhos ao encarar o corpo imóvel e ensanguentado de Dexter, inclinado sobre o volante. Foi um disparo.

Subitamente, alguém abriu a porta do carro, me fazendo dar um salto de susto.

— Owen... — sussurrei, chorando, quando meus olhos encontraram os dele.

— Jasmine! — exclamou, aparentando alívio ao me ver. Ele examinou meu corpo, da cabeça aos pés. — Você está ferida? Sente alguma dor?

Balancei a cabeça negativamente, voltando meu olhar para Dexter.

— *E-eu* acho que... será que Dexter morreu? — indaguei, em meio a soluços.

Owen colocou um braço sob minhas pernas e o outro em minhas costas, me levantando no colo.

— Não se preocupe com isso agora — disse ele, me afastando do carro batido, e pressionando minha cabeça contra seu peito.

— Está tudo bem com ela? — Ouvi alguém perguntar. Reconheci a voz de Kael.

— Aparentemente sim, — respondeu Owen, parando comigo. — Verifique o Dexter. Os outros estão a caminho?

— Sim, — respondeu Kael.

— Vou levá-la para casa — anunciou Owen, continuando a caminhar comigo.

Em questão de momentos, chegamos ao seu carro. Owen me acomodou no banco da frente e ajustou o cinto em mim. Percebi que ele também tremia.

— Você... acha que Dexter morreu? — insisti, incapaz de apagar a imagem dele da minha mente. — Ele levou um tiro, Owen, eu vi. E tudo por minha culpa. — Cobri o rosto com as mãos, tentando conter o choro.

Owen segurou minhas mãos e beijou minhas palmas.

— Você não tem culpa de nada — afirmou, sem disfarçar a tensão. — Foi um acidente causado por pessoas mal-intencionadas. Agora, pare de pensar no Dexter, ele vai ficar bem.

Esperei pacientemente enquanto Owen contornava o carro e se sentava no banco do motorista.

— Você não pode me dar essa garantia — falei.

Ele respirou fundo enquanto ligava o carro e nos afastava do local. Ao longe, pude ver os outros rapazes verificando o estado de Dexter no carro à frente.

— Não, eu não posso — respondeu Owen. — Posso parecer egoísta, mas a única coisa que me importa no momento é garantir que você esteja bem, segura e comigo, *naomh*.

Meus lábios se curvaram em um leve bico de choro. Não disse nada. Na verdade, estava sem palavras para expressar tudo o que vinha sentindo nas últimas horas.



Assim que chegamos à mansão, Amy, Madison, Sophie e Aurora vieram nos receber com entusiasmo. Fiquei sem fôlego com tantos abraços e perguntas.

— Owen, ela está ferida em algum outro lugar? — Ouvi Amy perguntar, enquanto ela examinava minha testa, que eu sentia estar sangrando.

— Acredito que não, mas espero que o médico já esteja aqui para examiná-la — respondeu Owen, me segurando no colo novamente.

— E o Dexter? — perguntou Sophie, com uma expressão de preocupação.

Meu coração afundou no peito.

— Ele deve estar a caminho também — respondeu Owen. — Parece que foi atingido por um disparo.

Enquanto ele falava, continuamos avançando pela mansão sem parar. Era como se eu não pesasse nada. Houve um momento em que não soube dizer se os tremores vinham dele ou de mim.

Finalmente, chegamos à enfermaria, onde Owen me colocou sentada na maca. Percebi a presença de um médico idoso e duas enfermeiras, todas vestidas com roupas brancas.

— Quero que a examine e se certifique de que ela está bem — ordenou Owen, sem interromper o fluxo de suas palavras. Ele se afastou um pouco, colocando uma mão na cintura, apontando para mim. — Verifique se não há nenhum osso quebrado, fraturado ou qualquer coisa do tipo. Não aceitarei falhas, George. Jasmine é extremamente importante para mim e não quero que ela sinta nenhuma dor.

*Extremamente importante* — repeti sua declaração em minha mente.

Eu estava sem palavras, apenas sentada, tremendo de cabeça aos pés. O médico logo começou a me examinar enquanto Owen supervisionava, andando de um lado para o outro, parecendo à beira do colapso.

Em um momento de aflição com seu nervosismo, estendi a mão em sua direção, convidando-o silenciosamente a se aproximar de mim. Ele aceitou sem hesitar, entrelaçando os dedos nos meus, permanecendo ao meu lado.

— Felizmente, ela sofreu apenas algumas escoriações, senhor — declarou o médico minutos depois. — Fora isso, foi apenas o susto.

— Mas por que ela está tremendo tanto? — questionou ele, nervoso.

— Você também está tremendo, Owen — argumentei.

— *Shh...* — ele murmurou perto do meu ouvido. — Você é a única que importa, *naomh*.

Ele estava errado.

— Acredito que isso esteja relacionado ao nervosismo — explicou o médico. — Ela está assustada com o acidente, em estado de choque. Se preferir, posso administrar um sedativo para ajudá-la a relaxar.

— Sedativo? — repeti, olhando para Owen, tentando compreender o significado disso.

— Seria algo para você dormir um pouco — explicou ele, acariciando meus cabelos.

— Mas... eu não quero dormir, Owen — sussurrei, angustiada. — Não agora, não depois de tudo o que aconteceu.

— Será melhor, *naomh* — insistiu, inclinando-se para beijar minha testa. — Prometo que conversaremos depois.

Lágrimas encheram meus olhos.

— Owen...

Seus lábios tocaram suavemente os meus.

— Estou aqui — afirmou contra minha boca. — Estou aqui.

Gemi um pouco ao sentir a picada da agulha em meu braço. Em instantes, fui levada à inconsciência.



Abri os olhos devagar, permitindo que a luz invasiva penetrasse minha visão. Me deparei com o teto branco da enfermaria. Uma sensação de repuxamento na pele me fez franzir a testa. Quando levei a mão para investigar, fui interrompida por uma voz familiar:

— É um curativo. — Virei a cabeça para o lado e encontrei Owen, trajando as mesmas roupas, visivelmente exausto. — Como você está se sentindo?

Pisquei algumas vezes, processando sua pergunta, enquanto meu cérebro lutava para assimilar tudo o que havia acontecido recentemente.

— Um pouco dolorida — respondi. — Quanto tempo eu dormi?

— Algumas horas.

Assenti.

— Onde... onde está Dexter? — Direcionei meu olhar para a porta. — Por favor, me diga que ele está bem. — Segurei as lágrimas.

Owen suspirou, passando as mãos pelo rosto cansado.

— Ele teve que ser levado para um hospital — explicou. — Se o trouxessem para cá, com

a quantidade de sangue que perdeu, talvez não sobrevivesse.

Meus lábios tremeram.

— Então, isso significa que... — não tive coragem de completar meu pensamento, temendo a resposta.

Owen sacudiu a cabeça.

— Sim, ele vai se recuperar — afirmou, aliviando meu coração. — Esse desgraçado é forte demais para ir para o inferno tão cedo.

— Por favor, Owen, não fale assim. É pecado! — Ouvi uma risada escapar de seus lábios, mesmo que fraca.

— Cometo tantos pecados, *naomh*, que até o próprio diabo tem medo de mim.

Levantei-me, deslizando minhas pernas para fora da maca. Owen permaneceu sentado em sua poltrona, com os olhos fixos em mim.

— Você parece cansado — observei, me sentindo culpada. — Sinto muito por isso.

— Por que você decidiu se esconder naquele carro? — perguntou, enquanto eu esfregava as mãos ansiosamente.

Refleti sobre sua pergunta, recordando tudo o que havia acontecido, enquanto uma onda avassaladora de emoções me atingia novamente.

— Porque eu fiquei com medo — confessei, com a voz trêmula. — E com raiva também.

— Raiva? — Owen inclinou a cabeça, demonstrando curiosidade.

— Meu pai escondeu toda a verdade sobre mim. Minha vida foi construída em cima de mentiras. — Respirei fundo para me acalmar. — Descobrir que os trigêmeos são meus irmãos de sangue me deixou desesperada, não consegui controlar minhas emoções. Foi uma avalanche de sentimentos. — Lágrimas ameaçaram escapar, mas me forcei a contê-las. — Tudo está tão confuso.

— O que exatamente você acha confuso?

— Toda essa situação — desabafei, gesticulando com as mãos. — O que essa revelação implica para nós dois, afinal? — Fiz uma pausa, buscando clareza. — Porque sei que eu e você não temos nenhum parentesco de sangue.

— Eu, Liam e os trigêmeos compartilhamos a mesma mãe, mas apenas Liam, Madison e eu temos o mesmo pai.

— Então, os trigêmeos e eu só compartilhamos o mesmo pai?

— Isso mesmo — confirmou. — Ainda estamos investigando quem é sua mãe biológica.

Assimilei sua resposta, continuando a esfregar minhas mãos de maneira nervosa.

— Eles estão decepcionados comigo? — perguntei, com aflição. — Porque sei que não reagi da forma como eles esperavam.

Owen balançou a cabeça, sorrindo de forma reconfortante.

— Ambos estão ansiosos para conversar com você — assegurou. — Apenas não permiti ainda, pois primeiro precisamos que você entenda algumas coisas. Ou melhor, que você saiba de certas coisas.

— O quê exatamente?

Ele se levantou, diminuindo a distância entre nós. Sua presença dominante fez meu coração acelerar involuntariamente. Em seguida, sua mão veio ao meu rosto, brincando com algumas mechas do meu cabelo.

— Você gosta quando eu toco você assim? — questionou, em um sussurro sedutor.

— Sim, eu gosto — admiti, me sentindo afetada por sua proximidade.

— Gosta quando eu te tomo com força, fazendo você se contorcer sob minhas mãos?

Cada palavra que ele disse enviou uma onda de excitação pelo meu corpo.

— *Si-sim* — consegui balbuciar.

Owen deslizou os dedos pelo meu rosto, seguindo seus movimentos com sensibilidade.

— Você gosta disso porque você quer, Jasmine. Você deseja estar comigo. E se você não quisesse, eu respeitaria sua decisão — murmurou, sua voz carregada de tensão. — Mas infelizmente, existem homens que não respeitam essa escolha e simplesmente invadem o espaço das mulheres sem consentimento.

Pisquei, assimilando suas palavras.

— Você está se referindo ao ato sexual?

Ele assentiu. Aurora e Madison já tinham conversado comigo sobre isso.

— Isso é chamado de estupro — explicou com calma. — Violência sexual. Foi isso que Ronan fez com minha mãe. — Meus olhos se arregalaram, chocada demais para assimilar. — Ele a violentou e, como resultado, ela engravidou dos trigêmeos.

As lágrimas que eu estava segurando finalmente caíram, sem controle.

— Meu Deus, Owen! — Cobri meu rosto com as mãos. — Isso é horrível.

— Sim, é — concordou com um suspiro. — Foi por isso que eu destruí o quarto de Aidan — explicou, sem desviar os olhos dos meus. — Aidan estava presente durante essa violência, Jasmine. Ele contribuiu para que o abuso acontecesse.

Comecei a balançar a cabeça, incapaz de acreditar e aceitar toda essa loucura.

— Não, não, não...

— Nenhum dos três queria que eu lhe contasse isso, com medo de lhe causar mais dor e traumas, mas eu acredito que é necessário — continuou ele. — Todos nós temos o direito de conhecer nossa própria história, independentemente de ser boa ou ruim. E essa é a sua.

Soluçando, pressionei meu rosto no peito dele, lutando para controlar minhas emoções desgovernadas. Entre todas as possibilidades que imaginei, nunca pensei que algo tão sórdido e assustador como aquilo pudesse ser verdade. Saber que era filha de um homem tão terrível me deixava enjoada.

— Onde... — fiz uma pausa, respirando fundo — Onde eles estão?

— Quem? — perguntou, passando as mãos pelo meu rosto molhado.

Fiz um pequeno bico de choro.

— Meus irmãos.

Owen me olhou por alguns instantes e, em seguida, sorriu. Ele envolveu minha cintura e me puxou para fora da maca. Fiquei em pé diante dele.

— Vou levá-la até os grandalhões.

Então, saímos da sala da enfermaria e caminhamos pela mansão. Eu estava ansiosa para revê-los, me sentindo culpada pela má impressão que causei quando me contaram sobre nosso parentesco.

Meu peito ainda doía diante de toda a brutalidade que descobri sobre nossa história, mas, ao mesmo tempo, me sentia feliz por ter a sorte de ganhar três irmãos.

— Eles estão lá dentro — Owen afirmou, assim que paramos em frente a uma porta. — Estarei logo atrás de você. — Ele se afastou, gesticulando para que eu tomasse a iniciativa.

Respirei fundo, me preparando. Com a mão trêmula, girei a maçaneta e abri a porta.

Os três estavam conversando, mas pararam imediatamente quando entrei. Eles se levantaram, mantendo os olhos fixos em mim.

Dei alguns passos à frente, incapaz de conter minha emoção. Nunca fui de esconder o que sentia. Lentamente, me aproximei deles, que permaneciam em silêncio, apenas esperando.

Percebi que estavam se segurando.

Chorando, olhei para trás, para Owen.

— *E-eu* sei de tudo agora — balbuciei, me voltando para os três. — Mas... não quero ficar presa nos aspectos negativos da nossa história. — Funguei, passando as mãos no rosto na tentativa de me acalmar. — Prefiro focar apenas no presente que o destino me deu, que são vocês

três. — Sorri entre as lágrimas.

Os três me abraçaram, envolvendo-me em um abraço apertado que só eles eram capazes de dar.

— Pensamos que você nos rejeitaria — confessou Carter, beijando minha cabeça repetidamente. — Eu estava com muito medo disso.

Olhei para ele, acariciando seu rosto emocionado com ternura.

— Por que eu faria uma loucura dessas?

— Talvez por não acreditar que somos dignos o suficiente para você, querida — argumentou Sean, desviando o olhar.

— Nós compreenderíamos, anjinho — complementou Kael, tão vulnerável quanto os outros dois.

Passei minhas mãos no rosto de cada um deles, sorrindo entre as lágrimas.

— Eu não poderia estar mais feliz por ter encontrado os irmãos que nunca imaginei ter. E melhor ainda, irmãos que mais parecem ursos gigantes. — Belisquei o nariz deles, brincalhona.

— Ursos gigantes? — Carter franziu a testa e olhou para os irmãos.

— Acho que ela pode nos chamar assim — disse Sean, tentando conter o riso.

— Sim, ela pode — acrescentou Kael.

Comecei a rir quando os três formaram um círculo com os braços e me levantaram, girando comigo. Owen assistia a cena toda, visivelmente feliz e satisfeito.

Era um alívio, afinal.

Uma pausa em meio a todo o caos que nos cercava.





Owen

## *Três semanas depois*

— Você e sua mania de entrar no meu quarto sem ser convidada, não é mesmo? — resmunguei, assim que Jasmine adentrou e fechou a porta. Eu estava ocupado ajustando minha gravata.

— Bem, eu pensei que este quarto também fosse meu — respondeu a atrevida, arrancando um sorriso de mim.

As últimas semanas estavam sendo agradáveis, apesar dos acontecimentos recentes. Eu não tive coragem de contar aos meus irmãos que encontrei Aidan cara a cara. Sentia-me tão frustrado com essa situação inusitada que decidi guardar esse incômodo apenas para mim e meus demônios. Não me arrependia de ter escolhido Jasmine, no entanto, mas isso não impedia que a ansiedade de acabar com meu tio me sufocasse dia após dia.

— É curioso, na verdade...

— O que é curioso? — perguntou, parando em minha frente e fixando os olhos nos meus. Ela pegou a gravata das minhas mãos, mesmo sem saber como fazer o nó.

Um sorriso continuava estampado em meus lábios enquanto eu observava sua expressão concentrada.

— Você realmente acreditar que tem algum controle aqui, quando, na verdade, é exatamente o contrário — soprei, enrolando meus dedos em seus cabelos e inclinando sua cabeça

para o lado, para que eu pudesse sussurrar em seu ouvido: — Porque ambos sabemos que você adora ficar de joelhos e me obedecer, não é mesmo, *naomh*? Você adora me tomar em sua boca e engolir cada gota da minha porra!

Ela arfou audível, incapaz de conter suas reações.

— Owen... — gemeu enquanto eu a envolvia com meu braço livre, pressionando nossos corpos. — Por que você faz isso?

Ofereci a ela um sorriso provocador, empurrando seu corpo para o chão e a deixando de joelhos à minha frente. Seus olhos logo se fixaram em minhas mãos, que abriam a braguilha.

— Porque eu adoro ver você se contorcer — respondi com malícia, colocando meu pau para fora. — E o que é ainda melhor é saber que sou o responsável por isso. Gosto de saber que sou o seu monstro, *naomh*...

Sua mão quente e suave se ergueu, apertando meu pau. Seus lábios delicados me envolveram sem hesitação, completamente dominada pelo meu aperto em seus cabelos soltos.

Ela estava envolta em um vestido rosa, cujos babados se amontoavam de maneira convidativa ao seu redor. Seus cabelos negros, contrastando de forma arrebatadora, criavam um cenário de puro erotismo enquanto ela me chupava, mantendo seus olhos fixos nos meus. O desejo de me agradecer estava nítido em seu olhar, tornando a cena ainda mais excitante.

Rangendo os dentes, envolvi seus cabelos sedosos com firmeza, segurando sua cabeça enquanto começava a impulsionar meus quadris em um ritmo de vai e vem constante.

— Relaxa a garganta — ordenei, sem interromper os movimentos que ditava, confiante de que Jasmine suportaria tudo. — Cuidado com os dentes... oh, porra!

Um arrepio percorreu minha espinha quando joguei a cabeça para trás, entregue ao prazer que apenas aquela garota era capaz de me proporcionar. Isso não era apenas mais um boquete, algo que eu já havia experimentado com várias mulheres. Tinha a ver com a criatura aos meus pés. Era ela.

Era o que Jasmine havia se tornado para mim.

Apertei um pouco mais meu punho em seus cabelos, intensificando a sensação de ardência que ela apreciava. Seu gemido, longe de ser de dor, expressava seu prazer diante da minha agressividade. À medida que eu me aproximava do orgasmo, acelerei os movimentos, sentindo meu pau deslizar fundo em sua garganta. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas ela não protestou em momento algum; pelo contrário.

Quando finalmente alcancei o ápice, Jasmine engoliu cada gota da minha porra, percorrendo com sua língua desde a base até a cabeça, deixando meu pau impecavelmente limpo.

Em um frenesi insaciável, puxei-a para cima pelos cabelos, avançando em sua boca com voracidade, praticamente a devorando. Mordi e suguei seus lábios, desci até seu queixo e pescoço, me entregando a uma urgência descontrolada.

Ao jogá-la sobre a cama, abri suas pernas e afundei meu rosto ali, mordiscando por cima de sua calcinha encharcada. A excitação que emanava dela ao me proporcionar prazer era um deleite para meus sentidos.

— Owen... — gemeu, seus dedos se entrelaçando em meus cabelos, se abrindo toda para mim como uma flor — estão nos esperando.

Afastei sua calcinha para o lado.

— Quem? Quem está nos esperando? — Avancei minha boca em sua boceta molhada e rosada.

Jasmine começou a responder, mas se engasgou com minhas carícias:

— O-os pais do Christopher — respondeu, entre uma respiração e outra. — E seria bem rude... *hmm...* se nós os deixássemos esperando. Será um almoço de despedida, já que vieram levar o filho deles de volta para casa.

Soltei uma risada, agravando seu estado de tremor enquanto eu segurava suas pernas abertas.

— Acredito que entenderão que eu preferi degustar algo mais saboroso, não acha? — Soprei sobre seu clitóris, me deleitando com seu descontrole. Não queria que ela se contivesse; desejava vê-la como eu, totalmente perdida.

Porque era assim que eu me sentia com ela, totalmente entregue, mesmo que tentasse negar.

A quem eu queria enganar? Jasmine estava sob minha pele, em meu âmago. Eu a amava, e não podia mais ignorar essa verdade.

Afundei dois dedos nela, cativado pelo som envolvente da sucção de seus fluidos. Mantive pressão em seu clitóris, movimentando os dedos com precisão. A outra mão deslizou pelo seu corpo trêmulo e febril, provocando seus mamilos por cima do vestido antes de envolver seu pescoço esguio e irresistível. Esforçá-la se tornou um dos meus prazeres favoritos, começando lentamente, controlando seu fôlego ao meu bel prazer.

Quando eu percebia que ela estava prestes a desmaiar, afrouxava o aperto, permitindo que respirasse, misturando-se aos gemidos. Seus fluidos aumentavam ainda mais, e eu os absorvia, exigindo tudo o que ela tinha para me oferecer. No instante em que alcançou o ápice, me afastei abruptamente e a virei de bruços, mantendo seu traseiro elevado. A penetração foi profunda com uma única estocada.

— Oh, porra de boceta deliciosa e minha! — Estapeei seu traseiro com força, ouvindo seu gemido de susto. Jasmine pressionou o rosto no colchão, buscando a máxima exposição possível, tornando a invasão ainda mais profunda. Segurei sua cintura, apertando sua carne enquanto minhas estocadas se tornavam mais fortes e vigorosas. Meus dentes rangiam de prazer ao testemunhar meu pau entrando e saindo de sua boceta melada.

— Quer que eu pare, *naomh*? — rosnei a pergunta, me inclinando sobre ela e lambendo

sua orelha. — Ou quer que eu a foda com mais força? — Mordi seu pescoço. — Quer que eu deixe minhas marcas em você?

Minhas estocadas se tornaram quase violentas.

— Oh, sim, Owen... eu quero sentir mais forte — ela se calou, entregue ao delírio do prazer.

Retirei-me de sua boceta, captando o som suave de seu muxoxo. No entanto, não dei tempo para qualquer reclamação, pois a virei novamente para mim. Puxei suas pernas para a beirada da cama, elevando uma delas enquanto mantinha um joelho no colchão antes de penetrá-la com firmeza. Nossos gemidos se harmonizaram.

— Você aprecia a ideia de ser meu alimento, não é, *naomh*? — Inclinei-me, envolvendo seu mamilo por cima do vestido com meu dente. — Gosta de ser minha putinha na cama, hum? Fica excitada ao saber que é minha para eu fazer o que quiser.

Intensifiquei meus movimentos, sincronizando-os com seus gemidos desesperados. Em determinado momento, Jasmine agarrou meus cabelos, puxando com força, o que só aumentou minha insanidade. Quando senti sua boceta ordenhando meu pau, sinalizando outro orgasmo, me concentrei em meu próprio clímax. Gozei dentro dela, ciente de que ela estava protegida por contraceptivos. Com os olhos fechados, absorvi as ondas de prazer que inundaram cada célula do meu corpo suado e exausto, mas satisfeito... por enquanto.

Jasmine nunca conseguia me satisfazer completamente, pois minha fome por ela era insaciável.

Desabei na cama ao seu lado, respirando com dificuldade.

Logo, senti sua mão delicada em meu rosto, acariciando meus traços. Fixei os olhos nos dela, me perdendo no azul profundo. Comecei a tocar seu rosto também, hipnotizado.

— Você é a criatura mais bela que já tive o prazer de conhecer, sabia? — não pude conter a admissão em voz alta. — E lamento muito por ter demorado tanto para perceber que essa beleza transcende o exterior e se estende até o seu interior. — Deslizei minha mão em direção ao seu coração, sentindo suas batidas aceleradas, assim como as minhas.

Sorriu, emocionada. Sua sensibilidade era comovente.

— Que palavras maravilhosas, Owen.

Fiquei um pouco desconcertado.

— Eu sei que não sou conhecido por ser o homem mais romântico do mundo — pigarreei para clarear a voz —, na maioria das vezes, sou bruto com você, mas... — fiz uma pausa, inspirando fundo — quero que você saiba que finalmente descobri.

Ela franziu o cenho, confusa.

— Descobriu o quê? O que você quer dizer?

Segurei seu rosto, minha mão tremendo.

— Descobri que estou apaixonado por você — confessei, com meu coração quase saindo pela boca. — Não há uma única célula do meu corpo que não reconheça você como minha, Jasmine. Lutei contra isso por muito tempo, porque você estava certa quando disse que a traição é ainda mais dolorosa quando vem de alguém que amamos — peguei sua mão e a pressionei contra meu peito para que pudesse sentir meus batimentos acelerados — Saiba que meu coração é seu. E somente você tem o poder de fazê-lo bater. Minha confiança está em suas mãos. Estou à sua disposição para fazer o que desejar.

Emocionada, ela aproximou seu rosto do meu.

— Vou amá-lo com tudo o que sou, Owen — prometeu em lágrimas. — É isso que farei. Posso fazer isso?

Sorri e concordei, enxugando suas lágrimas.

Em seguida, me rendi ao beijo apaixonado, me sentindo preparado para vivenciar aquele amor sem nenhuma hesitação ou incerteza.



## *Algumas horas depois*

— Decidi encerrar nossa operação aqui neste escritório — informei aos meus irmãos. — Por mais que tenhamos investido em reformas e mobiliário novo, parece que nada mudou.

— Concordo plenamente — disse Liam, com uma expressão insatisfeita. — Nunca mais será como antes.

— Porque sabemos o que aconteceu aqui — acrescentou Carter, não conseguindo esconder a raiva em seu rosto devido as recordações dolorosas envolvendo nossa mãe.

Felizmente, tanto ele quanto seus gêmeos estavam se recuperando da descoberta com a ajuda da Jasmine.

Lembrar dela fazia meu coração vibrar no peito, pois o momento que compartilhamos mais cedo ainda ecoava em cada fibra do meu ser, tão profundo era o significado. Não foi uma tarefa fácil para mim admitir que a amava e confiava nela, mesmo depois de tanto tempo me recusando a aceitar o óbvio. No entanto, finalmente percebi que não adiantava mais me enganar, pois Jasmine havia se tornado a única dona do meu coração, apesar de toda a resistência que eu

ofereci.

Traguei meu cigarro, deixando a fumaça escapar por entre meu nariz e boca, enquanto meu olhar se fixava em Michael.

— Espero que não tenha planos de partir em breve — comentei com ele. — Tenho algo em mente para você.

Ele sorriu, ajeitando-se no sofá onde estava sentado. Michael costumava vestir jeans e camisetas escuras. Combinava com sua personalidade, aliás. Silencioso e sombrio.

— O que você está planejando? — perguntou, curioso.

— Quero que você faça parte da minha equipe em tempo integral — decretei, dando mais uma tragada no meu cigarro. — Você é um hacker excepcional e, como todos sabem, não sou muito bom em confiar nas pessoas. Mas confio em você.

— Fico lisonjeado, mas antes de tomar qualquer decisão, preciso voltar e conversar com minha família — respondeu, calmo. — Mudar-me para a Irlanda nunca foi algo que passou pela minha mente.

— Deixarei a tarefa de equipar nossa nova sala de reuniões nas suas mãos — mencionei, tentando provocá-lo. — Você terá total liberdade para equipá-la com todas as parafernálias que os hackers adoram. — Gesticulei, vendo os olhos dele brilharem.

— Agora você está exagerando, Owen — provocou Sean, rindo.

— É como oferecer um doce para uma criança e esperar que ela recuse — brincou Kael, também rindo.

Dei de ombros, rindo junto com eles.

— Estou utilizando as armas que tenho — falei, apagando a ponta do meu cigarro no cinzeiro. — Em último caso, sequestro e mantenho como prisioneiro.

Michael gargalhou.

— Nesse caso, todo o ESQUADRÃO DANGER vem em peso para o resgate — afirmou, ainda rindo.

— Mas sabemos que nem seria necessário, porque a irmã dele faria o trabalho todo sozinha — insinuou Carter, fingindo um arrepio. — Sophie é uma garota maluca.

Todos rimos em uníssono.

Nesse momento, meu telefone começou a tocar. Atendi após reconhecer o número no visor:

— Espero que finalmente tenha algo para mim, Samuel — falei, me deixando cair no encosto da poltrona. — Dei a você meses de prazo para me entregar o Aidan.

Ouvi um suspiro resignado do outro lado da linha.

— *Você fala como se fosse algo simples, Sullivan* — resmungou com irritação. — *Essas coisas precisam ser calculadas com cuidado, senão corremos o risco de morrer. Eu, pelo menos, valorizo minha vida, caralho!*

Revirei os olhos, impaciente com suas lamentações. Tipicamente covarde.

— Se valorizasse, não teria traído seu próprio cliente e colocado a culpa no irmão dele — retruquei, lembrando-o da carta na manga que eu tinha contra ele caso se recusasse a cooperar comigo. — Sabemos muito bem que tipo de pessoa traiçoeira você é, Granger.

— *Não precisa continuar me ameaçando, porque já tenho o que você quer* — declarou ele, com raiva e nervosismo evidentes. Era óbvio que ele adoraria me dar um tiro na cabeça se tivesse a chance. — *Estarei no clube de golfe em alguns minutos para conversarmos melhor.*

Um sorriso frio se formou em meus lábios.

— Espero que não esteja me atraindo para uma armadilha, porque você não viverá para ver a luz do dia amanhã.

Encerrei a ligação e me levantei.

— O que foi? — perguntou Liam, ansioso como os outros.

— Era o Samuel — respondi, pegando meu celular e minhas chaves. — Ele garantiu que entregará Aidan para nós. Vou encontrá-lo no clube de golfe agora para discutirmos os detalhes.

— Vou com você — afirmou Liam, eufórico.

— Também vou! — avisou Carter, se levantando também.

Olhei para os dois, impaciente.

— Não me lembro de ter convidado ninguém para ir comigo — resmunguei, embora os idiotas não tenham dado ouvidos.



— Detesto essas pessoas — resmungou Carter, enquanto caminhávamos pelo clube de golfe.

— Mentiroso! — murmurou Liam, rindo. — Você vive aqui, participando de algumas

orgias, eu sei.

Carter riu, dando de ombros.

— Odiar e se envolver são coisas diferentes. Posso perfeitamente foder com alguém que odeio. O sabor é incrivelmente melhor.

Dessa vez quem riu foi eu. Embora seu pensamento fosse questionável, ele descrevia bem o meu relacionamento com Jasmine. Talvez eu a tenha odiado tanto no início que agora não conseguia imaginar minha vida sem ela.

— Pensei que a entrada de mulheres fosse proibida aqui — mencionei, diminuindo o riso. Encarei o grandalhão. — Você anda quebrando as regras, irmão? — provoquei, observando seus lábios se curvarem em um sorriso malicioso.

— Falando como se fosse um santo — murmurou, arrancando risadas de nós três. — Não pense que eu, Sean e Kael não estamos de olho no seu relacionamento com a Jasmine. É melhor começar a pensar em casamento logo, não queremos nossa irmã sendo enganada.

Fiz uma careta.

— Não a estou enganando — me defendi.

Ele estreitou os olhos.

— É bom mesmo!

Sacudi a cabeça, mostrando o dedo do meio para ele, contendo o desejo de mandá-lo para o inferno.

— Já eram insuportáveis antes de saber do parentesco com ela, agora se tornaram completos imbecis — resmunguei, entre dentes.

— É o preço do amor, irmão — insinuou Liam, zombando. — O preço do amor.

Olhei para ele, sorrindo levemente.

Continuamos a percorrer o clube espaçoso e luxuoso, cumprimentando alguns empresários pelo caminho. Não demorou muito para chegarmos a uma das salas de saunas.

Eu e meus irmãos fomos até o vestiário e nos trocamos. Apenas de sunga, e com uma toalha nos ombros, segui para uma das cabines. Samuel Granger já estava lá, suando como um porco.

Seus olhos se arregalaram quando percebeu que dois dos meus irmãos estavam comigo.

— Não imaginei que viria com seguranças — ironizou, tentando ser engraçado, mas pude sentir o medo em suas palavras.

Soltei uma risada.



— Ah, por favor, Granger... — dei de ombros, relaxado — se eu quisesse acabar com você, faria isso sozinho e de olhos fechados. — Abri um sorriso frio. — Estou acostumado a lidar com insetos.

Ele engoliu em seco, passando a toalha no rosto, que escorria suor. Liam e Carter permaneceram em silêncio. Ambos sabiam que, em negociações, eu era quem controlava a conversa.

— Tudo bem! — pigarreou, nervoso. — Quero garantias de que você não vai usar as evidências que tem contra mim se eu ajudar a capturar seu tio.

Dei risada.

— Minha palavra será a sua única garantia — declarei, sem hesitar. — Você não está em posição de fazer exigências, Granger. Agora, fala logo! Onde meu tio está?

Ele respirou fundo, olhando de mim para meus irmãos. Sua luta interna era visível.

— Na próxima semana, Aidan estará em Liverpool, Inglaterra, em um clube exclusivo para cavalheiros — revelou, fazendo meu sangue ferver nas veias. — Combinamos de nos encontrar para discutir negócios. Ele tem alguns investimentos e...

— Não estamos interessados nos investimentos daquele sujeito — rosnou Carter, incapaz de se conter.

— Conte-me tudo o que sabe — sibilei, mantendo meus olhos fixos nele. — Quero todos os detalhes desse encontro.

O covarde pareceu engolir algumas palavras ofensivas, mas sabia que negar cooperação não adiantaria. Ele conhecia minha reputação o suficiente para saber que eu mesmo o enviaria para o inferno.



— E então, o que acha? — questionou Liam, enquanto eu secava os cabelos com a toalha. Passaram alguns minutos desde que encerramos a conversa com Granger, e agora nos encontrávamos de volta ao vestiário, após desfrutarmos de um banho revigorante. — Será que não é uma armadilha?

Balancei a cabeça.

— Armadilha ou não, não podemos deixar passar essa oportunidade — respondi em um

sussurro, quase espumando com o desejo de colocar as mãos no nosso tio. — E honestamente? Samuel é covarde demais para tentar nos enganar.

— Mas ele pode ter mais medo do Aidan — contra-argumentou Liam, ajustando o paletó. — Não sei, irmão, não confio nesse velho barrigudo.

Dei uma risada do jeito como se referiu ao Samuel Granger.

— Teremos tempo para organizar uma operação grande o suficiente para que o bastardo do Aidan não tenha nem a chance de fugir — declarei. — Estaremos com a vantagem do elemento surpresa. A situação está a nosso favor!

— Concorde com o Owen — apoiou Carter, caminhando à nossa frente, nu.

Liam lançou suas roupas na direção do grandalhão.

— Puta que pariu, vá se vestir! Ninguém quer ficar vendo essa sua *piroquinha* aí...

— Nenhuma mulher nunca reclamou do tamanho, seu idiota! — retrucou Carter, balançando o próprio pau apenas para provocar Liam.

Deixei escapar uma risada enquanto me erguia para fechar os botões da minha camisa, com minha mente ainda presa à conversa que tivemos com Samuel. Embora eu e meus irmãos estivéssemos desfrutando de um clima descontraído, eu não conseguia ignorar o ardente desejo de subjugar Aidan aos meus pés.

Mal podia esperar para ver aquele porco sofrer.



## *Jasmine*

### *Dois dias depois*

— O que está acontecendo? — Owen perguntou, chamando minha atenção enquanto dirigia o carro. — Estou te sentindo inquieta.

Estávamos rodeados de carros com seguranças, tanto na frente quanto atrás, além dos meus irmãos. Obviamente que nenhum deles ficou muito feliz com a ideia de sairmos da mansão, mas eu precisava ver o Dexter antes de ele voltar para os Estados Unidos.

A família do Christopher veio para a Irlanda para levá-lo de volta para casa, e ele avisou que levaria o melhor amigo junto, já que Dexter recebeu alta do hospital onde estava sendo tratado. Eu me sentiria terrível se não pudesse me despedir dele, nem que fosse por alguns minutos.

— Eu quero ver o meu pai — respondi, notando que Owen ficou tenso automaticamente. — Sei que você tem o contato dele, ou talvez saiba onde encontrá-lo.

Owen apertou o maxilar, mantendo o foco na estrada à nossa frente. Ele preferiu o silêncio.

Soltei um suspiro baixo.

— Owen... — toquei seu ombro, mas afastei a mão quando percebi que ele se encolheu um pouco. — Me desculpe.

Dessa vez, foi ele quem suspirou, pegando minha mão e a levando aos seus lábios.

— Eu e seu pai não temos mais nenhum tipo de relação, Jasmine — explicou com a voz grave. — E não faço ideia de onde ele possa estar no momento.

— Mas ele está me procurando, não está? — insisti. Owen respondeu com um aceno de cabeça. — Você poderia permitir que ele se aproximasse.

Nesse momento, seus olhos encontraram os meus, com horror estampado em seu rosto.

— Por que eu faria isso? — inquiriu. — Seu pai não pensaria duas vezes em tirar você de mim, *naomh*.

Meus olhos se encheram de lágrimas não derramadas.

— Mas... ele me ama, Owen — sussurrei. — Tenho certeza de que se eu conversar com ele e...

— Não! — exclamou, um pouco impaciente. Seu tom alterado e abrupto me fez saltar de susto.

Percebendo minha reação, ele esticou a mão para me tocar, mas me encolhi, não querendo seu toque. Isso o fez voltar a suspirar, parecendo frustrado consigo mesmo.

— Droga! — praguejou. — Você não entende.

— Não entendo, porque você não explica nada — acusei, cansada. — Você prefere me manter no escuro e completamente ignorante sobre as coisas que têm a ver com minha própria vida. Não adianta você se dizer apaixonado por mim, mas não me respeitar, Owen.

Ele arregalou os olhos, espantado com minhas palavras.

— Mas eu respeito você! — defendeu-se.

— Se me respeitasse, não continuaria me tratando como seu brinquedinho na cama, enquanto fora dela age como se eu fosse uma boneca de porcelana sem direito a vontades ou opiniões.

— Jasmine...

— Não quero mais conversar! — cortei suas palavras. — Estou zangada demais com você agora. Por favor, me deixe quieta.

Escutei quando ele praguejou baixinho, mas respeitou meu desejo. No entanto, sua tensão e contrariedade eram evidentes.

O silêncio reinou intenso nos próximos minutos, até que percebi Owen entrando em um lugar amplo. Deduzi que fosse o hospital. Os outros carros logo nos cercaram. Decidi sair antes que Owen tivesse tempo de abrir a porta para mim.

Carter foi o primeiro a se aproximar, visivelmente tenso e atento a tudo e todos ao nosso

redor. O medo deles em relação ao que poderia acontecer era notório. E eu não entendia o motivo de toda essa violência que nos envolvia.

Por mais que eu me esforçasse, não conseguia compreender por que aquele tiroteio havia acontecido quando eu estava com Dexter, dias atrás. Não fazia sentido para mim que meu pai tivesse ordenado aquilo. Ele nunca me machucaria.

— O que houve? — perguntou Carter, tocando meu queixo para me observar. Fez uma careta. — Parece triste.

Forcei um sorriso.

— Não é nada — menti, mesmo que isso me custasse. Belisquei seu nariz. — Na verdade, estou ansiosa para rever meu amigo.

Ouvi Owen dando ordens aos seus homens e, em seguida, ele se aproximou de mim. Mesmo eu tentando evitar, sua mão pressionou o meio das minhas costas, mantendo-me próxima, colada a ele. Tremores percorreram meu corpo.

Ao nosso redor, meus irmãos conversavam entre si, discutindo sobre nossa segurança, mas nada disso entrava em minha mente além da mão de Owen em meu corpo traidor.

Por que ele tinha tanto controle sobre mim?

Esforcei-me para me concentrar nos detalhes e nas pessoas que nos cercavam enquanto avançávamos pelo lugar amplo e repleto de salas.

— Todos aqui estão doentes? — perguntei a Sean, que estava mais perto de mim. Na verdade, eu queria me concentrar em algo além do calor da mão de Owen em minhas costas.

— Nem todos, querida — respondeu meu irmão. — Algumas mulheres vêm aqui para dar à luz. Além disso, também tem os funcionários, como médicos e enfermeiros.

Ele continuou explicando, gesticulando discretamente enquanto caminhávamos pelos amplos corredores.

— Aqui está! — exclamou Owen, interrompendo minha conversa com Sean. Eu me afastei para que ele pudesse abrir a porta.

Rapidamente, os outros se aproximaram, incluindo Christopher, que foi o primeiro a entrar no quarto. Com os olhos marejados, observei Dexter se levantar da maca em que estava sentado e abraçar o amigo. Notei que ele já estava vestido com suas roupas habituais.

— Aposto que você estava pronto para fugir, não é mesmo? — provocou Christopher, dando um soco de leve no ombro do amigo, entre risos.

— Você me conhece bem, odeio hospitais — confessou Dexter, fazendo uma careta. Em seguida, olhou para o amigo. — E como você está? Parece bem recuperado.

Christopher resmungou algo que não consegui entender.

— Recuperado ou não, estou cansado de ficar preso na cama — argumentou momentos depois.

Dexter abriu a boca para dizer algo, mas seus olhos finalmente me encontraram ali. Espanto brilhou em seu rosto.

— Jasmine?

Meu rosto já estava contorcido pelas lágrimas de pura emoção.

Não resisti à vontade e corri até ele, abraçando-o apertado. Percebi que ele gemeu um pouco, então me afastei, preocupada em estar machucando-o de alguma forma. Na verdade, fui afastada por mãos grandes e fortes. Nem precisei olhar para saber que pertenciam a Owen, mantendo-me a uma distância considerável de Dexter.

Engoli a vontade de revirar os olhos diante de seu ciúme.

— Ela insistiu muito para vê-lo — explicou a Dexter, mas senti sua dificuldade em ser sociável com meu amigo. — Ainda mais quando soube que você voltaria para os Estados Unidos com Christopher.

Dexter olhou de Owen para mim.

— Eu não partiria sem me despedir de você, *Pequena* — assegurou ele, pegando minha mão. Owen praguejou, visivelmente incomodado. — Droga, cara! Não se preocupe, não vou roubá-la de você.

Owen se aproximou dele de forma ameaçadora.

— Você não seria capaz disso, mesmo se quisesse muito — rosnou para Dexter, que apenas revirou os olhos, parecendo entediado.

Toquei as costas de Owen, chamando sua atenção.

— Por favor, só quero me despedir do meu amigo — pedi. — Ele quase morreu por minha causa. Acredito que você deveria agradecê-lo por ter me salvado, em vez de ficar com ciúmes infundados.

Meus irmãos murmuraram algo, mas não entendi, pois estava focada em Owen, que simplesmente assentiu com a cabeça, contrariado, se afastando um pouco para me dar mais espaço para conversar com Dexter.

Respirei fundo, me sentindo exausta.

Dexter segurou uma das minhas mãos novamente.

— Em primeiro lugar, não quero que se culpe pelo que aconteceu, porque a culpa não é sua — afirmou ele, apertando minha mão entre as suas. — Foi uma fatalidade, Jasmine. Lembre-se de que a violência ocorre o tempo todo e em todos os lugares, mesmo que tentemos evitá-la.

Fiz um bico, prestes a chorar.

— Mas isso é tão injusto — sussurrei, magoada. — O amor deveria ser a resposta para tudo, deveria ser a cura.

Ele sorriu, acariciando meu rosto com as costas da mão, como se estivesse enxugando minhas lágrimas incessantes.

— É uma pena que nem todos tenham a sua sensibilidade, querida — murmurou com um sorriso. — O mundo seria um lugar mais gentil, tenho certeza disso.

Ignorando o rosnado de Owen, Dexter me puxou novamente para seus braços, beijando minha cabeça.

— Vou sentir sua falta — soprei, entre lágrimas. — Promete que vai me visitar sempre que puder?

— Eu prometo — afirmou, afastando a cabeça. — Sou seu amigo, lembra?

Sem sutileza, Owen me puxou para mais perto dele, deixando claro que sua paciência estava se esgotando.

— Onde você se machucou? — perguntei, curiosa, enquanto meus olhos percorriam seu corpo.

Dexter ergueu a camiseta, revelando a faixa em volta de sua cintura.

— Foi aqui — apontou para a lateral de seu corpo.

Nos minutos seguintes, continuamos conversando, enquanto ele me explicava os detalhes do que aconteceu. Christopher e meus irmãos se juntaram à conversa, me fazendo rir em alguns momentos, já que eles sempre faziam palhaçadas um com o outro.

Owen foi o único que permaneceu neutro, embora não se afastasse de mim.

Em determinado momento, senti a necessidade de me afastar um pouco e caminhar pelo corredor. Todas as emoções estavam me sufocando.

E, é claro, me sentia aflita com meu desentendimento com o Owen. Odiava entrar em conflito com ele, mas sua teimosia era irritante demais, até para a minha paciência. Por que ele não conseguia entender o meu ponto de vista?

— Você não me parece bem — ouvi o comentário de Christopher, em voz baixa. — Estou te sentindo triste e um pouco perdida.

Olhei para ele, tentando conter a emoção que ameaçava me dominar.

— Estou tão feliz em vê-lo recuperado, sabe? — comentei, com sinceridade, fugindo do assunto do seu comentário. — Você e Dexter foram meus primeiros amigos. As primeiras pessoas com quem conversei fora da bolha em que fui criada. Se não fosse por vocês dois,

certamente ainda estaria na Escócia, completamente alheia ao mundo e toda a sua beleza.

Christopher sorriu, estendendo a mão para tocar suavemente meu rosto.

— Você é uma boa garota — afirmou. — E fico feliz em saber que, de alguma forma, participei de todas as mudanças em sua vida, assim como na vida dos trigêmeos. Nunca imaginei que algo tão grandioso estivesse prestes a acontecer. Saiba que não me arrependo de nada. Faria tudo de novo, apenas para ver esse seu sorriso. — Apontou para o meu rosto, arrancando um sorriso automático de mim.

O problema foi que, em questão de instantes, o rosto dele se transformou em horror e, antes que eu pudesse reagir, Christopher me empurrou para o lado, fazendo meu corpo bater na parede. Não demorou nem meio segundo para que Owen e os outros aparecessem no corredor também, assustados, tentando entender o que estava acontecendo. Farrell e Christopher estavam lutando contra um homem todo vestido de branco.

— Jasmine?! — Owen veio em meu socorro, com os olhos arregalados. Seus braços me ergueram em seu colo. — Você se machucou? — Ele me levou para dentro do quarto onde Dexter estava. — Está ferida? — repetiu, tocando meu rosto.

Meu corpo todo tremia.

— Não, eu...

Fui interrompida quando meus irmãos surgiram, quase empurrando Owen do caminho deles.

— Você está ferida? — perguntou Carter, tocando meu rosto. — Christopher nos disse que ele te empurrou contra a parede para te proteger de um ataque iminente.

Passei a mão pelo meu braço dolorido.

— O braço dela... — apontou Kael, tenso. — Está roxo.

Imediatamente, Owen se aproximou para verificar. Ele praguejou entre dentes.

Então, Farrell e Christopher entraram no quarto com o homem de branco. Fiquei assustada com a cena. Farrell estava pressionando uma arma contra a cabeça do desconhecido, totalmente imobilizado.

— Mas... ele não é médico? — balbuciei, tentando entender.

— É apenas um disfarce, querida — explicou Carter num rosnado.

Owen rosnou audível, afastando-se de mim, embora eu sentisse medo de que algo ruim acontecesse.

— Arnold Clark — pronunciou Owen, se aproximando do homem, que tentava se soltar do agarre de Farrell. — Você é corajoso. Tentar atacar minha garota em plena luz do dia e diante dos nossos olhos? — Balançou a cabeça. — *Tsc... tsc... tsc...* pensei que você fosse mais esperto



que isso.

— Isso estava na mão dele. — Christopher mostrou uma faca. — A lâmina está embebida em cianeto.

— Filho da mãe! — rosnou Owen, mas não foi o único. Em seguida, ele olhou para os trigêmeos. — Levem-no para a mansão — ordenou. — Mas não façam nada com ele até eu chegar. Vou cuidar da irmã de vocês agora.

Deixei-me ser envolvida por seus braços quando ele voltou para perto de mim e me ergueu. Meu corpo tremia e, buscando conforto, escondi meu rosto em seu peito, aspirando seu aroma, desejando encontrar algum alívio em meio a todo o terror que me cercava.



É claro que Amy tentou descobrir o que aconteceu quando Owen e eu chegamos à mansão, mas ele preferiu não entrar em muitos detalhes, dizendo que sua prioridade no momento era cuidar de mim. Owen fez questão de me carregar nos braços até o nosso quarto.

— Vou descer rapidamente para pegar uma bolsa de gelo para o seu braço — avisou, assim que me colocou sentada na cama. — Já volto!

Segurei sua mão antes que ele pudesse se afastar completamente.

— Por favor, não vá — implorei, com lágrimas nos olhos. — Estou com medo, Owen, muito medo.

Assustado com minha reação, talvez sem saber como agir, ele ficou paralisado por alguns instantes. Então, como se algo tivesse clicado em sua mente, ele voltou para a cama e me abraçou com força e conforto. Às vezes, eu esquecia que Owen tinha dificuldade em expressar afeto ou consolar alguém.

— Estou ao seu lado — assegurou ele, acariciando minhas costas e cabelos. Eu estava deitada de lado em seu colo, enquanto ele se apoiava na cabeceira da cama. — Prometo que aquele homem vai pagar por ter tentado te machucar.

— Foi o mesmo que tentou me machucar no iate — comentei, lembrando. — Demorei um pouco, mas me lembro dele agora.

— Sim, é o mesmo.

Respirei fundo.

— Por que você acha que ele quer me machucar? — perguntei, com a voz embargada. — Eu nem o conheço. Nunca fiz mal a ninguém. Que pecado eu cometi para merecer a morte?

Preocupado, Owen afastou minha cabeça, segurando meu rosto com suas mãos quentes. Sua expressão refletia sua angústia interna.

— Você não fez nada de errado — garantiu. — O problema está na maldade das pessoas ao seu redor, Jasmine. Infelizmente, nenhum de nós é digno de tê-la em nossas vidas. Você é boa demais para pessoas como nós.

— Por que você diz isso? — perguntei. — Sua família tem sido boa para mim. Você tem sido bom para mim, Owen.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Não, eu não sou — afirmou, suspirando baixo e frustrado. — Sou egoísta. Você está certa quando diz que eu continuo mantendo você afastada da verdade sobre seu pai.

— E por quê?

Deu de ombros, se concentrando em seus dedos emaranhados em meus cabelos.

— Meu coração me diz que tem a ver com meu instinto de proteção — respondeu, franzindo a testa. — Acredito que eu queira evitar que você sofra ao descobrir tudo o que seu pai fez conosco e com tantas outras pessoas. Aliás, ele ainda continua fazendo.

Fiquei chocada com suas palavras, meus olhos se arregalaram.

— Tantas outras pessoas? — repeti.

— Mas então, minha própria razão entra em jogo... — ele disse, ignorando minha pergunta —, e ela me diz que faço isso apenas por vingança.

Inalei audivelmente, processando sua declaração.

— Vingança?

Continuou me encarando por alguns momentos.

— Contra seu pai.

— Se isso acontecer, o que restará entre você e eu? — perguntei, com os lábios tremendo. — Porque não tenho certeza se terei amor suficiente para perdoá-lo. Por favor, não me force a escolher entre vocês dois... por favor, por favor, por favor...

— *Shh...* — segurou meu rosto novamente, colando nossos lábios em um beijo casto. — Não chore. — Beijou-me novamente. — Não chore, *naomh*. — Reforçou seu abraço ao redor de mim, enchendo minha cabeça de beijos. — Prometo que vou cuidar de você. Prometo que dedicarei meus dias para te fazer feliz.

— Então prometa que não fará mal ao meu pai.

Infelizmente, ele não respondeu.

E seu silêncio foi mais doloroso do que a realidade por trás dele.



## Owen

Só consegui me distanciar de Jasmine quando ela finalmente adormeceu. Foi doloroso ignorar seus soluços angustiados e o olhar magoado que ela me deu, tanto no carro a caminho do hospital quanto no quarto, logo após nossa conversa sobre o passado sombrio de seu pai.

Eu me via profundamente apaixonado por ela, mais do que nunca estive por qualquer outra mulher. Jasmine estava entranhada na minha pele, mente e coração. O problema é que eu não sabia se teria forças para desistir da minha vingança. Especialmente quando eu estava tão perto de colocar as mãos naquele bastardo.

Meu pai dizia que nossos problemas deveriam ser resolvidos cara a cara, não importava quem fosse. Mas quando se tratava de traição, não havia espaço para conversas.

Aidan nos traiu desde o início porque, aparentemente, ele nunca se considerou um Sullivan. O fato de meu avô ter escolhido meu pai como líder em vez dele foi certamente o gatilho para sua rebelião, levando-o a buscar uma vingança lenta e impiedosamente. Primeiro, ele abusou da nossa mãe; em seguida, causou o suspeito acidente de carro que resultou na morte dela e quase tirou a vida de Liam também; depois, sequestrou Madison, que felizmente escapou de um destino trágico. Sem falar nas inúmeras tentativas de assassinato contra Liam, logo após seu casamento.

Não, eu não poderia ignorar tudo isso. A dor estava lá, pulsando constantemente, e eu não tinha o poder de apagá-la.

Não era algo que eu pudesse simplesmente esquecer.

Parando no corredor que me levaria à masmorra, fechei os olhos, forçando minha mente a

se concentrar. Em instantes, finalmente entrei na sala mal iluminada.

Os trigêmeos estavam presentes, assim como Liam, Dexter e Christopher. Arnold Clark foi acorrentado a uma parede, com os braços e os pés presos.

Fiquei na porta, colocando a mão no bolso do paletó e recuperando meu maço de cigarros. Rapidamente, tirei um e o acendi.

— Essa cena é decepcionante para mim — comentei, gesticulando para o americano. Apesar das rugas no rosto, ele não era tão velho assim. — Por um momento, pensei que poderíamos trabalhar juntos, Clark.

O idiota riu, me encarando.

— Por que eu trabalharia com um maldito Sullivan? — perguntou, com um sorriso torto, mas recebeu um soco de Carter em resposta.

— Mostre algum respeito, porra! — exclamou meu irmão, revoltado.

Caminhei até Arnold, cara a cara, enquanto ele cuspi sangue.

— Vou responder a sua pergunta — falei, tirando um leve trago do meu cigarro. A fumaça logo envolveu meu rosto. — Todos aqui têm algo em comum: ódio por Aidan Sullivan, também conhecido como Grão-Mestre. Achou que estávamos do lado daquele porco?

— Eu sempre soube que você não estava com ele — respondeu, rindo. — Eu só não estava interessado em fazer parceria porque uma vez sangue ruim, sempre sangue ruim. Sua linhagem está podre desde a época de seu avô.

Carter o agarrou pelo pescoço, apertando com tanta força que pude ver os olhos do desgraçado revirando em suas órbitas.

— Chega! — exclamei, fazendo Carter libertá-lo.

Arnold começou a tossir desesperadamente, ofegante por ar.

— Por que você estava atrás de Jasmine? — perguntei, caminhando em direção à mesa com instrumentos de tortura. — É intrigante porque as informações limitadas que reunimos sobre você não responderam a todas as nossas perguntas. Tudo o que temos são suposições a seu respeito. — Escolhi meu punhal favorito. — Você decidiu parar de adorar Aidan como seu deus e simplesmente se voltar contra ele? É isso?

Instantaneamente, seu rosto se contorceu em fúria.

— Cala a boca, porra! — rosnou. — Irlandês, filho da puta!

Eu ri.

— Qual é o problema? Bati em uma ferida, não é? — Inclinei a cabeça zombando. — Imagino que deve ser bem constrangedor para você, hein? Sabendo que você serviu a alguém

que matou, violou e abusou de tantas mulheres e crianças... — parei, quando minha raiva começou a me consumir. — Doeu, Clark? — Aproximei-me. — Doeu quando Aidan assassinou sua esposa?

— AAAAAAAAAAAAAAAAAAH! — gritou.

Fiquei ali, simplesmente observando enquanto ele tentava se libertar das correntes, forçando seus braços e pernas. Seus olhos, cheios de raiva, permaneceram trancados nos meus o tempo todo.

Nenhum dos meus irmãos ou dos caçadores ousou falar ou fazer nada. Eu era o líder ali.

— Você é igual a ele, não é? — assobiou depois de alguns minutos. — Vejo o prazer em seus olhos ao me ver aqui, à sua mercê.

Abanei a cabeça.

— Não posso negar que me satisfaz vê-lo assim, mas não pelas razões que pensa — respondi. — Meu prazer vem do fato de que finalmente posso me vingar de você por ter tentado prejudicar minha garota.

— A "garota santa"? — questionou, rindo. — Essa puta foi criada por ele, seu idiota. Ela deve ser tão ruim, se não pior, do que aquele diabo.

Em uma explosão de raiva, eu me aproximei dele e segurei sua cabeça. Pressionei minha lâmina contra seu rosto, fazendo um corte de sua orelha até perto de seu olho, saboreando seus gritos ensurdecedores.

— Chame minha mulher de puta de novo, e o próximo toque da minha lâmina será no seu maldito olho — ameacei, apertando suas bochechas com força. O sangue corria, manchando sua pele e minha mão. — Você não a conhece. Você não sabe nada sobre ela, muito menos sobre nós.

— O que... — ele ofegou — o que descobri sobre Aidan já é suficiente.

— Aidan nunca foi um Sullivan — Liam falou, roubando a atenção de Arnold. — Ele sempre foi um covarde e uma cobra traiçoeira. Esse bastardo não pode ser usado como exemplo para nos moldar.

— Qual era o seu plano, afinal? — perguntei, curioso.

— Uma vida por outra — respondeu, tossindo. Seu rosto coberto de sangue do corte que fiz. — Eu queria que aquele filho da puta sentisse minha dor porque sei que a filha dele é importante para ele; caso contrário, ele não a teria mantido escondida por tantos anos.

— O que aconteceu que o fez decidir deixar a organização? — perguntou Christopher.

Depois, nosso prisioneiro passou os minutos seguintes explicando. Arnold se tornou membro da Igreja aos dezenove anos de idade, acreditando que estava realmente servindo a uma seita religiosa. Ele permaneceu ignorante por pouco mais de vinte anos até que começou a

testemunhar situações que antes achava normais, mas percebeu que eram tudo menos isso. Dinheiro sendo desviado. Meninas e mulheres aparecendo e desaparecendo misteriosa e desconfiadamente. Conventos e igrejas cheios de situações atípicas e abusivas.

— Que tipo de cruz você tinha? — perguntei. — Porque sabemos que as tatuagens possuem significados, indicando hierarquia dentro da organização.

— Eu estava abaixo do Grão-Mestre — respondeu. — Usei a Cruz Alçada.

— Usou? — perguntou Kael, levantando uma sobrancelha.

— Rasguei com uma lâmina — explicou, com um sorriso retorcido. — Assim que descobri que tinha sido enganado, que não estava servindo a um propósito religioso, me senti a pior pessoa do mundo. Porque, de alguma forma, eu tinha ajudado a cometer todos esses crimes.

— E sua esposa? — perguntei.

Ele desabou em lágrimas.

— Atearam fogo na minha casa, com ela dentro — murmurou, soluçando. — Não tive tempo de salvá-la.

Abaixei o olhar, respirando fundo.

— Como eu disse quando cheguei aqui há poucos minutos, você deveria ter sido um aliado na nossa luta contra aquele bastardo do Aidan — assobieei com os dentes rangendo. — Mas você optou por ameaçar minha mulher. — Aproximei-me dele novamente. — Não posso deixar você viver depois do que quase fez com ela.

— Em sua luta contra essa imundície, Clark, você acabou se perdendo — comentou Sean. — Você não se tornou tão diferente do seu inimigo, afinal.

Cheguei mais perto.

— Posso dar-lhe tudo o que sei — murmurou rapidamente, ciente de que sua morte era iminente. — Estou investigando há quase vinte anos, então reuni muitas informações sobre a Igreja. Conheço vários locais, fachadas de conventos e igrejas.

Parei, estreitando os olhos.

— Vá em frente... — gesticulei.

Arnold lutou para respirar enquanto olhava de mim para os outros presentes.

— Mas eu tenho uma condição...

As risadas dos meus irmãos foram unânimes, e eu não pude deixar de soltar um sorriso também.

— Não sei se você percebeu, mas sou eu que estou no controle aqui — apontei para mim mesmo. — Eu dito as regras.

— Tenho uma menina — declarou, pegando todos nós desprevenidos. — Por favor, vou lhe dar todas as informações que reuni ao longo dos anos, desde que você prometa salvá-la e cuidar dela — implorou. — Ela é inocente e, quando eu for embora, ficará à mercê de todos os perigos que existem. — Como eu não respondi, ele insistiu: — Você me disse que não é como seu tio. Por favor, me dê sua palavra de que você vai cuidar da minha filha. Eu já aceitei o meu destino porque busquei isso com minhas próprias mãos. Mas minha filhinha não tem culpa de nada. Ela nem entende por que sua mãe morreu. — Fiquei calado, aumentando seu desespero. — Por favor... por favor... — continuou implorando — por favor, seu filho da puta do *caralho*!

Carter ameaçou atacá-lo, mas levantei a mão para impedi-lo.

— Você vai morrer pelas minhas mãos, mas prometo que sua filha nunca vai saber disso. Porque se ela souber, vai descobrir o motivo pelo qual eu o matei — falei, pegando um cigarro novo. — Conte-me tudo o que sabe, Clark. Dou-lhe a minha palavra de que a sua menina terá a minha proteção enquanto eu viver. — Acendi o cigarro, exalando a fumaça lentamente. — Estou ouvindo...



## *Dias depois*

— Ainda não compreendi por que estamos parados nesta estrada, Owen — reclamou Kael, impaciente. — Nós sabemos onde Aidan está, então por que não vamos diretamente até ele?

— E como você planeja entrar lá sem um maldito convite, seu idiota? — Olhei para ele, ao lado de Sean. — Nós não somos membros desse clube de cavalheiros, e qualquer confusão que causarmos na entrada pode assustar nosso tio. É isso que você quer? Que ele fuja?

— Claro que não!

— Então, cale a boca e aguarde o momento certo! — rosnei.

O riso dos outros ecoou ao nosso redor.

Estávamos em um grupo grande ali, além de ter mais capangas em pontos da estrada. Eu poderia ter conseguido permissão para entrar no clube com minha influência e dinheiro. O problema era que isso alertaria Aidan; se ele descobrisse, certamente escaparia, e essa perseguição sem fim continuaria.

E eu estava exausto.



— Desarmem-se! — ordenei assim que avistei a aproximação da VAN. O local onde estávamos: eu, meus irmãos, Sophie e Michael era isolado, sem nenhuma residência por perto. — Não queremos atrair atenção desnecessária.

Sinalizei para meus homens bloquearem o caminho, forçando o motorista da VAN a parar. Com base em minhas pesquisas, uma equipe de funcionários era trazida todas as manhãs, dada a dificuldade de locomoção.

Assim que a porta da VAN se abriu, adentrei com a arma em punho. O medo estava visível em seus olhares. Cerca de trinta homens ali.

— Não precisam temer, pois ninguém aqui irá feri-los — avisei com seriedade. — Apenas desejamos a VAN e os uniformes de cada um de vocês. Colaborem conosco e ninguém será prejudicado.

Deixei a VAN, permitindo que os trigêmeos assumissem a operação. O plano era fazer todos os funcionários descerem e, após pegarmos suas roupas, deixá-los algemados dentro de outra VAN próxima. Nenhum deles era nosso inimigo, portanto, jamais lhes causaríamos mal.

— Você está se sentindo bem? — perguntou Liam, se aproximando de mim.

Naquele momento, a imagem de Jasmine invadiu meus pensamentos, juntamente com suas palavras sobre o medo que ela sentia pelo pai e seu desejo de resolver nossos problemas. No fundo, meu coração apertava diante de sua inocência. O bastardo do Dexter estava certo quando disse que o mundo seria um lugar melhor se todos tivessem a sensibilidade de Jasmine em suas vidas.

— Não estou bem — respondi a Liam —, mas garanto que vou me sentir muito melhor quando colocarmos as mãos naquele desgraçado.

Um sorriso animado iluminou seu rosto.

— Concordo, irmão.

Após longos minutos, partimos em direção ao clube de cavalheiros. Além de meus irmãos e primos, tínhamos uma boa quantidade de capangas nos acompanhando, incluindo atiradores de elite para situações necessárias.

Ao chegarmos à portaria, o guarda nos fez sinal para parar. Abaixei a janela, agindo como se fosse um dos funcionários:

— Boa tarde, viemos para trabalhar — cumprimentei cordialmente.

— Não me lembro de nenhum de vocês... — ele pareceu desconfiado, enquanto espiava para dentro da VAN.

Pensei rapidamente:

— Houve um acidente com os outros funcionários, e nosso chefe nos enviou como substitutos temporários.

O homem coçou a cabeça, ainda cético. Nesse momento, Liam desceu.

— Como dizem, é melhor prevenir do que remediar. Não queremos deixar os estimados membros desamparados. — Sorriu tranquilamente.

Após alguns segundos de hesitação, o guarda falou:

— Está bem, mas vocês serão supervisionados de perto até que possamos confirmar a história.

— Como preferir, só queremos trabalhar — concordei, forçando um sorriso.

Ele abriu o portão. Entramos com calma, analisando o terreno. Carter falou em voz baixa:

— Precisamos ficar de olho nele, ou nossa operação pode dar errado antes mesmo de começarmos.

Continuamos nosso caminho. Ao chegarmos ao prédio, nos apresentamos ao gerente, repetindo a história. Ele nos informou que seríamos vigiados.

— Sem problemas, vamos fazer nosso trabalho — concordei com uma simpatia fingida.

O plano estava sendo seguido à risca. Agora, era hora de localizar Aidan sem levantar suspeitas.



## *Um tempo depois*

Enquanto atendia o grupo de homens com drinques, eu permanecia atento aos comunicadores. De repente, ouvi a voz sussurrada de Carter:

— Encontrei Aidan na sala de poker.

Tive que controlar minha animação. Limitei-me a murmurar de volta:

— Ótimo, mantenha-o sob vigilância. Posicione um atirador de elite na sala, apenas como precaução.

Ouvi sua confirmação do outro lado da linha.

Continuei desempenhando meu papel no bar, sem demonstrar nada fora do comum, apesar

da adrenalina pulsando em minhas veias. Apenas Liam, ao meu lado, percebia minha agitação. Ele sorriu de canto, mostrando estar tão ansioso quanto eu.

— Estamos quase lá, irmão — sussurrou discretamente.

Nos minutos seguintes, recebi sinais de que todos estavam prontos para a abordagem. Só faltava a minha chegada para completar o cerco.

Após servir mais uma rodada, me desculpei educadamente:

— Com licença, senhores. Vou verificar os estoques, já volto!

Movi-me em direção à sala de jogos, me infiltrando atrás de Carter.

— Onde ele está? — perguntei, vasculhando o local com os olhos. Havia poucos jogadores nas mesas.

— Ali — apontou Carter, com a mão tremendo. — Granger está com ele, além de mais dois homens. O desgraçado não mentiu para nós.

Dei uma risada amarga.

Samuel havia informado que aquela reunião seria marcada por uma negociação entre Aidan e um empresário que planejava investir no tráfico de pessoas. Malditos!

Sean e Kael chegaram logo em seguida, igualmente ansiosos para capturar o canalha.

— Precisamos nos aproximar com cautela — informei, sentindo a tensão percorrer meus músculos. — Qualquer sinal de suspeita, ele pode tentar fugir.

— Isso não vai acontecer — rosnou Sean, os dentes batendo um contra o outro.

Todos se dispersaram de forma discreta, avançando devagar. Estávamos cercando nosso alvo.

Quando o momento certo chegou, ergui a mão e fiz um sinal. Todos sacaram suas armas simultaneamente e avançaram determinados.

— Mãos para cima, seu desgraçado! — gritei, apontando minha pistola para Aidan.

Meus irmãos fizeram o mesmo com seus cúmplices, mantendo os outros jogadores afastados.

Aidan engoliu em seco ao perceber que havia caído em nossa emboscada. Levantou suas mãos devagar, mas seus olhos brilhavam com um olhar assassino.

— Que bom te ver de novo, moleque. Vai me matar na frente de todos? — desafiou com sarcasmo.

Mostrei um sorriso frio.

— Claro que não. Você vai nos acompanhar para uma festinha particular.

— Melhor não pensar nisso, seu filho da puta — Sean sibilou a um dos homens presentes na mesa, que deduzi estar pensando em fazer algo estúpido. — Caso ainda não tenha percebido, você está enfeitado com algumas luzes vermelhas.

— Parece que o Natal chegou. — Kael argumentou, rindo.

O gerente do clube chegou com reforços de homens armados.

— Vocês não são bem-vindos aqui! — informou o gerente. — E não vou tolerar ameaças aos meus convidados.

— Interessante, porque não estamos ameaçando apenas seus convidados — argumentei, cínico. — Daqui, consigo ver uma mira apontada para sua testa. — Sorri, notando uma leve hesitação nele e na sua coragem. — Aconselho a não se colocar no nosso caminho, pois a única pessoa que desejo está bem aqui. — Continuei mirando em Aidan, que não desviava os olhos dos meus, com um misto de raiva e zombaria.

Com as mãos erguidas, o homem deixou claro que não tentaria nos impedir.

Então, Aidan baixou a cabeça, rindo enquanto se levantava à força. O problema foi que não previmos seu próximo movimento; foi tão rápido que só vimos Granger com as mãos em seu pescoço ensanguentado, depois de Aidan ter usado uma caneta para perfurá-lo na jugular.

— Nos encontraremos no inferno em breve, seu traidor maldito! — rosnou em seu ouvido, antes de Carter e Sean o puxarem pelas mãos e algemá-lo.

Samuel Granger caiu sobre a mesa, sem vida.

Coloquei-me diante do Aidan, sentindo uma mistura de emoções me sufocar. Passado e presente se chocando em minha mente.

Estremeci por completo, dos pés à cabeça, devido as minhas emoções afloradas.

— Demorou um pouco, mas finalmente chegou a hora de acertarmos nossas contas... *tio* — torci os lábios ao finalizar a frase.

Num impulso, bati minha cabeça contra a dele com tanta força que ele acabou desmaiando.

— O show acabou, pessoal — avisei aos outros. Limpando o sangue que espirrou do meu nariz. — Fiquem onde estão até sairmos, e garanto que ninguém além desse homem precisará ser ferido. — Gesticulei para os atiradores de elite ao redor. Olhei para Liam: — Dê o sinal para Sophie e Michael libertarem os funcionários com a VAN. Quero que cada um deles receba uma generosa quantia em dinheiro como compensação pelo inconveniente.

Carter jogou Aidan sobre seus ombros como se fosse um saco de lixo. E, de fato, era exatamente o que ele era.

Um lixo.

Uma sombra que, finalmente, estávamos prestes a apagar de nossas vidas de uma vez por todas.



## Owen

O sol ainda não havia lançado seus primeiros raios no céu quando finalmente chegamos à Irlanda, após uma viagem de pouco mais de uma hora desde Liverpool. Deixei meus irmãos responsáveis por levar Aidan para a "sala dos prazeres", enquanto seguia meu próprio caminho em direção ao meu quarto. Era como se meus pés tivessem ganhado vida própria.

— Senhor! — Farrell me cumprimentou, encontrando-me no corredor. Ele estava ali para garantir a segurança de Jasmine.

— Pode se retirar agora — pedi, soltando um suspiro áspero. — Vá até a masmorra e veja se meus irmãos precisam de ajuda com o novo visitante.

— Sim, senhor — respondeu, assentindo e se afastando.

Respirei fundo e finalmente abri a porta do quarto. Ao pousar meus olhos na cama, me deparei com Jasmine adormecida. Suas pernas estavam descobertas, enroscadas nos lençóis. Aproximei-me, retirando meu paletó e me desfazendo dos sapatos, meias e cinto.

Levantei os lençóis e me deitei ao seu lado, puxando seu corpo para perto do meu, enchendo sua cabeça e rosto com beijos.

— *Hmm...* — ela gemeu preguiçosamente, me abraçando enquanto minha boca acariciava seu pescoço perfumado. — Já amanheceu?

Sua voz soou sonolenta.

— Ainda não — respondi suavemente, brincando com seus cabelos desarrumados.

Ela se mexeu, pressionando as mãos em meu peito e arrastando-as em direção ao meu rosto, onde beijei suas palmas.

— Você acabou de chegar? — perguntou. — Senti sua falta.

Meu coração parecia apertado no peito, um turbilhão de emoções me abatia enquanto a realidade se materializava em minha mente. Finalmente, eu tinha nas mãos o bastardo do meu tio.

O dilema era que a ideia de causar dor a ele, como eu tanto almejava, entrava em conflito com o fato de que isso machucaria Jasmine. Ela não me perdoaria.

E perdê-la não estava nos meus planos.

— Você está bem? — Pisquei, surpreso com sua pergunta carregada de preocupação. — Parece aflito com algo. O que aconteceu? Houve algum problema durante a viagem? Com meus irmãos?

Sacudi a cabeça, segurando seu rosto entre minhas mãos.

— Não é nada — menti, sem saber exatamente o que dizer. — São apenas preocupações tolas.

Tentei calar a culpa que me consumia ao envolver nossos lábios em um beijo. Minha consciência me alertava para me afastar, ou talvez revelar a verdade para ela, mas, no final, eu continuava sendo o egoísta de sempre.

Com cuidado, deslizei minha perna entre as dela, afastando-as suavemente. Não precisei pedir, pois Jasmine envolveu minha cintura, pressionando sua boceta contra meu pau duro e ansioso para se perder em seu calor.

Abri minha braguilha rapidamente, sem interromper nossos beijos, e então afastei sua calcinha para o lado, penetrando-a devagar, saboreando a delícia de estar dentro dela.

As investidas se tornaram intensas à medida que Jasmine soltava gemidos de prazer.

— Você é minha! — sibilei, entre dentes, me movendo dentro de sua boceta. — Minha. Exclusivamente minha. — Deslizei minha boca pelo seu queixo, pescoço e orelha. — Prometa que nunca irá me deixar, *naomh*... prometa.

Seus braços me envolveram, como se a simples ideia de me perder lhe causasse dor e medo.

— Eu prometo! — declarou, sem fôlego. — Não consigo me imaginar sem você, Owen. Você é a outra metade que eu precisava para me sentir completa.

Aumentei a intensidade dos meus movimentos, desejando que ela me sentisse ainda mais fundo. No fundo, eu ansiava por deixar minha marca nela de todas as maneiras possíveis, mesmo sabendo que isso era uma loucura. Mas o medo e a culpa continuavam a ecoar dentro de mim.

Eu sabia que, quando ela descobrisse que tínhamos Aidan na masmorra, não me perdoaria. E se ela decidisse partir, o que eu faria?

Sacudi a cabeça, tentando me concentrar nos gemidos que escapavam de seus lábios, nas reações do seu corpo, nos sinais de que ela estava prestes a alcançar o orgasmo.

Assim que percebi que Jasmine atingiu o clímax, parei e me deixei cair ao seu lado no colchão. Apoiei um braço no rosto, lutando para recuperar o fôlego.

— Você... — falou com a voz trêmula —, você não chegou ao orgasmo. — Como não respondi, ela insistiu: — Owen?

Levantei-me, deslizando minhas pernas para fora da cama e me sentando na beirada do colchão.

— Não consegui. — A cama se mexeu quando Jasmine se moveu, e em breve senti suas mãos delicadas tocando minhas costas.

— Podemos tentar de novo.

Inquieto, me ergui e fiquei de pé.

— Não vai adiantar. — Suspirei, me sentindo exasperado. — Minha mente está muito perturbada no momento. — Esfreguei repetidamente o rosto. — Na verdade, estou me sentindo culpado, Jasmine. E essa culpa maldita está me assustando.

Olhei fixamente para ela, desejando que pudesse ver o tormento refletido em meu rosto.

— Assustando? — questionou, confusa.

Guardei meu pau semiereto na cueca, fechando minha braguilha e zíper da calça. Em seguida, voltei a me sentar na cama.

— Você sempre me pede para explicar os segredos que envolvem a história do seu pai na minha família — murmurei, com meu coração aos pulos. — Estou disposto a revelar algumas coisas. — Respirei fundo. — Só que isso me preocupa quanto ao caminho que essas revelações, nos levará, Jasmine.

— A verdade não pode ser a causa dos problemas, Owen — ela disse. — São as mentiras e omissões que podem causar danos.

Ela se aproximou mais da beirada da cama, ficando perto de onde eu estava sentado. Em seguida, segurou minhas mãos entre as suas, pequenas e quentes.

Por um momento, fiquei em silêncio, apenas observando-a, gravando sua beleza na minha mente.

— Aidan era como um pai para mim — revelei, sentindo o peso disso em cada fibra do meu ser. — Cresci sob a influência dele e do meu pai, mas, no íntimo, sempre tive uma preferência pelo meu tio. Ele era alguém que nos incentivava a seguir em frente, mesmo quando



tudo parecia perdido. Seus ensinamentos eram estratégicos, mas implacáveis. Aidan era o tipo de homem que evitava o confronto direto, mas não hesitava em armar uma armadilha para derrotar qualquer pessoa.

— Meu Deus! — exclamou, surpresa. — Nunca imaginei que meu pai fosse capaz de cometer atrocidades. Ainda me arrepio toda vez que lembro do que ele fez com a Amy. Por que ele sempre escondeu esse lado de mim?

— Porque sabia que se você visse o monstro que ele realmente é, você não o perdoaria — respondi, sem pestanejar. — Aidan sempre gostou de se apresentar de forma vaidosa e envolvente, mas nunca conseguiu controlar seu narcisismo. — Suspirei baixo, mergulhando em lembranças. — Você conheceu apenas o lado religioso dele. Mas meu tio nunca lhe mostrou o assassino, o sociopata. Aquele que teve coragem de segurar minha mãe enquanto seu amante a abusava.

Jasmine cobriu o rosto com as mãos em horror, tentando conter as lágrimas remanescentes.

— Aidan nunca foi aceito pela família devido à sua orientação sexual — expliquei. — Meu avô não aceitava que meu tio fosse gay, pois isso trazia vergonha para os Sullivan. Portanto, mesmo sendo o herdeiro legítimo e o filho mais velho, ele não pôde assumir a liderança de nossa organização, a nossa máfia.

— Seu pai assumiu o controle em seu lugar — concluiu, e eu assenti com a cabeça.

— Claro que naquela época, Aidan não deu nenhum sinal, mas agora, após descobrirmos sua traição, percebo que tudo o que aconteceu foi o estopim para uma vingança terrível contra nós.

Jasmine fungou e enxugou as lágrimas com as costas da mão trêmula.

— Há alguns anos, Madison foi sequestrada — contei, sentindo um aperto no coração. Jasmine arregalou os olhos, chocada. — E a organização responsável pelo sequestro dela trabalha exclusivamente com tráfico de mulheres e crianças.

— O quê? Como assim? — perguntou, incrédula.

— Eles sequestram crianças e mulheres de suas famílias para vendê-las a pessoas cruéis, Jasmine. E essas pessoas cruéis as abusam da maneira que desejam.

— Abusam? — repetiu, atônita. — Crianças? Mulheres? — Assenti, com a mandíbula cerrada. — Meu Deus, Owen! Será que fizeram isso com a Madison?

— Não tenho certeza, pois ela nunca nos disse nada — respondi, sentindo a culpa me sufocar novamente. — Mas sinto que algo aconteceu. Naquela época, estávamos todos desesperados, sem saber onde ela estava ou onde procurar. E seu pai estava conosco, fingindo compartilhar nossa dor.

— Fingindo?

— A organização responsável pelo sequestro da minha irmã é dele — revelei, com um nó

na garganta. — Aidan é o líder da máfia conhecida como "A Igreja", uma organização que usa a fé das pessoas para cometer roubos, abusos, traições e assassinatos. Ele está por trás de vários conventos que criam jovens inocentes para depois vendê-las como se fossem mercadorias.

Jasmine se levantou, agitada demais para permanecer sentada.

— Quando Liam era apenas uma criança, ele quase morreu no acidente de carro que resultou na morte da nossa mãe. Quem você acha que foi o responsável por esse acidente?

Ela me encarou, os olhos cheios de lágrimas.

— Meu pai?

Assenti com tristeza, angustiado ao ver sua dor. Eu tinha consciência de que aquilo poderia ser difícil para ela ouvir e compreender, mas já era hora de ela descobrir a verdadeira essência de Aidan.

— Antes de eu enviar Christopher e Dexter atrás de você, nós não tínhamos ideia de que o líder dessa terrível organização fosse Aidan. Durante esse tempo, ele tentou assassinar Liam várias vezes, porque meu irmão estava começando a ter lembranças de sua infância. E essas lembranças poderiam nos levar a descobrir que o verdadeiro culpado por todos os problemas em nossas vidas esteve o tempo todo do nosso lado.

— Esse... Aidan que você está me descrevendo, não é o mesmo que me criou — balbuciou, soluçando. — *E-eu* me sinto horrível, porque meu coração ainda o ama, Owen, mesmo sabendo que não deveria continuar amando alguém que causou tanto mal a vocês.

Ao ver sua angústia, me aproximei e a envolvi em meus braços, apertando-a contra meu peito e beijando sua cabeça.

— Não se culpe por amá-lo, *naomh* — sussurrei, acariciando suas costas. — A forma como você enxerga o mundo e as pessoas é o que a torna tão maravilhosa. Você acredita no melhor de tudo e de todos. É algo perigoso, pois pode ser usado contra você, mas ao mesmo tempo, é lindo.

— Você mencionou que a máfia dele tem ligações com a religião...

— Sim, — concordei. — Aidan é conhecido como Grão-mestre, uma espécie de líder religioso. Seus seguidores acreditam que ele é um enviado divino.

— É por isso que, como filha, sou chamada de "garota santa". — Ela se afastou dos meus braços, atordoada. — Owen! Aquele homem que tentou me matar no iate e no hospital, ele...

— Jasmine...

— Ele tinha algum tipo de desavença com meu pai e queria me usar como arma contra ele — concluiu, com a voz trêmula. — Assim como você me trouxe da Escócia e me manteve aqui esse tempo todo.

Neguei com a cabeça, recusando essa ideia.

— Eu não estou te usando — apressei-me em dizer, puxando-a novamente para meus braços, mesmo que ela tentasse se afastar. — Eu te amo, Jasmine. — Seu choro dolorido partiu meu coração. — Eu te amo.

— Owen... — gemeu, permitindo-se ser envolvida pelo meu abraço protetor. — *E-eu não...* por que ele me enganou assim?

— *Shh...* — a segurei no colo, enrolando suas pernas ao redor de mim. Em seguida, me sentei na cama, mantendo-a em meu colo. — Talvez você tenha conhecido a melhor versão dele.

Ela ficou em silêncio por um tempo, apenas chorando baixinho contra meu peito.

— Agora... eu entendo por que você não consegue perdoá-lo. Eu entendo, Owen.

Pressionei meus lábios em sua testa, mantendo meus olhos fechados. Abri a boca para revelar que Aidan estava na mansão, mas hesitei.

Naquele momento, me senti um maldito covarde.



Tive que administrar um sedativo para Jasmine antes de sair do quarto. No caminho para a masmorra, encontrei Amy. Seu rosto estava pálido.

— É verdade? — perguntou, cheia de angústia. Abanei a cabeça, sabendo que ela estava se referindo a Aidan. Amy colocou a mão no meu peito. — O que você pretende fazer com ele, Owen? Já pensou nas consequências da sua decisão final? Aidan é o pai dela, querido. Jasmine nunca vai perdoar você.

Com a mandíbula cerrada, segurei sua mão contra meu peito e a levei aos meus lábios, beijando-a suavemente. Sem dizer uma única palavra, me inclinei e beijei sua testa.

Então, dei um passo para trás e continuei meu caminho.

Apesar da minha mente atormentada, eu precisava encerrar esse ciclo amaldiçoado. Era preciso acabar com esse sentimento insuportável de impotência.

Respirando fundo, adentrei a masmorra, observando o ambiente até me deter na cena em que Aidan estava nu, pendurado pelos braços. Havia vestígios de sangue em seu rosto, mas nada muito grave. A ordem era não começar a tortura dele sem a minha presença.

Apenas Liam e os trigêmeos estavam presentes. Embora o Grão-Mestre fosse inimigo de

muitos, inclusive de meus aliados como os Fratelli, essa vingança era nossa. Aidan era nossa família.

— Olha quem está aqui — murmurou Aidan, rindo com cinismo. — O moleque que gosta de fingir ser líder. Mas nós dois sabemos que você não passa de um chorão, não é, Owen?!

Fixei meu olhar furioso nele, sentindo a raiva pulsando dentro de mim. Só que não sucumbiria às suas provocações.

— Tente não mostrar tanto medo assim, *tio* — provoqueei. — Ou os inimigos podem usá-lo contra você. — Sorri abertamente, lembrando-o de seus próprios ensinamentos.

Minhas palavras o afetaram, porque ele rangeu os dentes. Virei-me para Liam:

— Dê-me um momento a sós com ele.

Ele assentiu, saindo com os outros.

Respirei fundo antes de encarar Aidan outra vez. Apesar do ódio pulsar em minhas veias, mantive a calma.

— Você perdeu! — declarei. — Não adianta lutar ou tentar me provocar para morrer mais rápido, porque isso não vai acontecer. Seu tempo comigo apenas começou.

O infeliz sorriu.

— Você terá coragem de me matar, mesmo estando com ela? — insinuou. — Tem certeza de que matar o pai da mulher que ama é a melhor decisão?

Cerrei os dentes, odiando que suas palavras estivessem me envenenando.

— Não se atreva a falar de Jasmine.

Sua risada ecoou.

— Ela é minha filha, seu idiota, goste ou não. Serei sempre o pai dela, vivo ou morto — rosnou.

— Jasmine é minha agora. E em breve, você não será nada além de uma memória amarga e dolorosa que apagarei o mais rápido possível — assobieei com os dentes cerrados. — Você não merece o amor de alguém tão puro e bom quanto ela.

Nesse momento, ele tentou se soltar das correntes para me atacar, mas acabou machucando os próprios pulsos.

Eu ri enquanto tirava um cigarro do bolso e o acendia.

— Você está pronto para responder a algumas perguntas? — desafiei, nunca desviando meu olhar dele. — Porque sua traição deixou algumas pontas soltas, “querido tio”.

O bastardo riu de novo.

— Vejo que minhas ações partiram o coração de alguém — provocou ele, rindo. — Quer chorar no meu ombro?

Trinquei os dentes, tragando meu cigarro para me acalmar.

— O que partiu meu coração foi você ter tirado minha mãe de mim. Foi você ter sequestrado minha irmã. Por que fez isso, seu bastardo de merda? Por que nos traiu de forma tão vil?

— Esqueça. Não vou contar nada — ele cuspiu.

— Tem certeza? — Apontei para a mesa de instrumentos. — Prefere sentir dor ou cooperar pacificamente? A escolha é sua.

— Vai precisar de mais do que esses brinquedinhos para me quebrar, garoto.

Um sorriso gélido se formou em meus lábios.

— Você está enganado, tio. Sou capaz de coisas que nem imagina... — murmurei, me sentindo envolvido por aquele estado em que a consciência me abandona por completo. — Fui treinado para estar nesta posição e você não faz ideia do estrago que sua traição causou em mim. Estou fervendo de raiva por dentro.

Meu corpo estremecia com uma mistura avassaladora de emoções. Raiva, dor, ódio e sede de vingança fervilhavam dentro do meu peito, clamando por uma válvula de escape.

Mas eu não poderia me render a esses sentimentos. Era crucial manter a mente fria para obter as respostas que tanto buscava. Encarei Aidan nos olhos e, entre dentes, proferi:

— Vou lhe fazer a pergunta novamente: por que nos traiu? Responda, ou as coisas ficarão bastante desagradáveis.

Ele soltou um riso rouco.

— Por poder, moleque. Sempre foi pelo poder! Vocês eram fracos demais, enquanto eu almejava dominar tudo.

Insisti, tentando manter a calma:

— Dominar para quê?

— Por que não? Adoro ver as pessoas se arrastando aos meus pés! — debochou.

Aquilo foi a gota d'água. Desferi um soco com toda a minha força em seu rosto.

— Responda direito, seu desgraçado! — berrei.

Decidi dar-lhe um pouco do seu próprio veneno. Peguei uma faca e tracei um leve corte em seu braço, sem perfurá-lo. Ele rangeu os dentes.

— Última chance — avisei, com um tom sinistro. — Por que você matou nossa mãe? O

que ela realmente fez? Já descobrimos a verdade sobre o estupro e o vínculo sanguíneo de Jasmine com os trigêmeos.

Ele se debatia, cuspiendo sangue. Finalmente, entre gemidos de dor, ele conseguiu dizer:

— Eu queria o poder para mim... Ela estava tentando me deter... Tive que me livrar dela!  
— Fechei os olhos, pesaroso. Agora, finalmente, conhecia a verdade. — Aquela mulher estava sempre no meu caminho, sempre me importunando sobre o que aconteceu entre ela, Ronan e eu, além de ficar constantemente espiando atrás das portas. A vadia ouviu quando eu planejava matar o pai de vocês.

Meus olhos se abriram em surpresa.

— Você matou meu pai? Seu próprio irmão? — perguntei, piscando com incredulidade. Dei uma nova tragada no cigarro. — Que tipo de monstro você é, afinal? Como essas mãos tão sujas puderam criar uma criatura tão pura como a Jasmine?

— Quem é você para me julgar, hein? — perguntou, com arrogância. — Você e eu temos o mesmo sangue, somos da mesma laia, moleque.

Cedi à minha fúria e desferi socos em seu rosto ensanguentado. Quando me acalmei, disse:

— Não me compare a você e sua sujeira — sibilei, sentindo nojo. — Você não respeita nada e nem ninguém. Tudo o que sempre importou para você foi dinheiro e poder — cuspi as palavras. — Você se revoltou pelo que meu avô fez, não é? Não aceitou quando ele passou a liderança para o meu pai.

Riu, exibindo seus dentes sujos de sangue.

— Por que eu me contentaria com essa insignificância de máfia irlandesa, quando criei um verdadeiro império? — rebateu, tossindo. — Nunca precisei de vocês para nada.

— Desde quando nos enganava? — indaguei, terminando meu cigarro e apagando a ponta na pele dele, que praguejou. — Por que sequestrou minha prima Ciara, além da Madison?

— Ciara pagou pelo erro de seu pai, que assassinou o amor da minha vida — respondeu, sem esconder a fúria. — O maldito Gallagher matou Ronan, a única pessoa que amei verdadeiramente nesta vida.

Ciara, mãe de Sophie e Michael, foi criada em um convento desde seu nascimento e era conhecida como Adalynn. Ela tinha dezenove anos quando foi resgatada pelo Shadow prestes a ser leiloada.

— E minha irmã?

— Não vou contar — respondeu, rindo.

Peguei minha faca e fiz alguns cortes adicionais em sua pele.

— Desde quando você lidera essa maldita máfia?

— Eu tinha vinte e um anos quando comecei — respondeu, cuspiendo sangue. — Você sabe que sou persuasivo com as palavras, não é? — Riu, apesar de estar com dor. — Conseguir seguidores leais foi fácil para mim.

— Você é doente!

Afastei-me, ficando de costas.

— Doente ou não, você não pode negar que fiz história, Owen — declarou, arrogante. — Meu pai não me aceitou como líder porque sou homossexual, mas essa rejeição moldou o que sou hoje.

— Um monstro? — Torci os lábios, com asco.

Negou com a cabeça.

— Um deus.

Regressei à mesa dos instrumentos, inspirando fundo na tentativa de conter a raiva que fervilhava nas minhas veias.

Girei lentamente para encará-lo outra vez. Meu tio, que antes era um exemplo a ser seguido, agora era apenas um ser desprezível.

— Um deus, é? — repeti com desprezo. — Deuses não conhecem o medo, a dor ou o remorso. Você está longe de ser um deles.

Cruzei os braços, fixando o olhar nos instrumentos de tortura. Escolhi um chicote com três correntes pontiagudas.

— Vamos ver se você realmente é um deus, Aidan. Ou se é apenas mais um humano fraco que se esconde atrás de máscaras.

Com uma frieza calculada, desferi os primeiros golpes no corpo nu, arrancando gemidos roucos de dor. Mas não iria parar até ouvir o que mais desejava.

— Então... conte-me o motivo pelo qual sequestrou minha irmã. Por que fez aquilo com ela?

Aidan umedeceu os lábios, mas teimou em permanecer em silêncio. Outra chibatada o fez gemer.

— Fala, seu desgraçado! — exclamei, entregando mais chicotadas. Eu não me importava onde eles pousavam.

— Eu não gostava dela — finalmente admitiu, sem qualquer remorso.

Parei, lutando para recuperar o fôlego. Meus ombros subiam e desciam.

— O quê? — questionei, sem conseguir acreditar no que acabara de ouvir.

Aidan tossiu, gemendo de dor. O sangue escorria de seu corpo.

— Isso mesmo, você ouviu corretamente — repetiu, fraco. — Nunca gostei daquela menina. E ela teria trazido bons lucros para a minha organização.

A fúria saltou em minhas veias naquele momento, e eu continuei a soltar chicotadas descontroladas. No rosto, braços, pernas e estômago. Só parei quando um dos meus irmãos me conteve.

Era Liam.

— Você vai matá-lo assim! — declarou, tenso.

Olhei para Aidan, que agora mal se agarrava à vida. Seu corpo estava coberto de cortes e vergões. O sangue escorria.

— O que ele disse sobre nossa mãe? — Carter perguntou em tom baixo e macabro.

Minha respiração estava áspera.

— Ele admitiu que causou a morte dela porque ela descobriu que ele planejava assassinar nosso pai.

Ouvi o arquejo deles.

Aproximei-me de Aidan, dando um tapa em seu rosto porque ele estava prestes a desmaiar.

— Quem é a mãe de Jasmine? — perguntei, resfolegante. — Onde podemos encontrá-la? Se você tem algum amor por ela, dê isso à sua filha.

Seu riso ecoou, ainda que fracamente.

— Isso... sempre foi seu problema, Owen — alegou em um murmúrio. — Você é... fraco. A família não deve ser o alicerce. Porque quando isso acontece, os inimigos facilmente nos derrubam.

— É por isso que você não tem nada — rosnou Kael. — Você nos traiu à toa.

— Não tenho nada? — repetiu, rindo. — Eu sou o Grão-Mestre, seus tolos. Temido e amado por muitos.

— Para nós, você não passa de um rato, um pedaço de lixo — murmurou Liam.

Aidan o encarou como se fosse um inseto.

— Já falei o quanto me arrependo de ter te deixado vivo, não é, moleque chorão? — Liam o silenciou com um soco, fazendo com que ainda mais sangue se misturasse com sua risada. — A propósito, sua criança é tão lamuriosa quanto você?

Kael se esforçou para conter Liam, pois não havia dúvida de que ele colocaria tudo em risco matando Aidan prematuramente.



— Feche sua maldita boca! — Carter rosnou para Aidan.

— Mas pensei que vocês desejavam me ouvir falar — provocou com cinismo. — Meus sobrinhos já estão cansados? Lembro-me de meus ensinamentos serem melhores do que isso.

— O que seu maldito amante fez com a mãe de Jasmine? — insisti, recuperando sua atenção.

— Ela não sabe que estou aqui, não é? — retrucou com um largo sorriso. — O que você acha que vai acontecer quando minha garotinha me encontrar assim, todo espancado?

— Não se atreva a falar de nossa irmã — rosnou Sean, segurando o rosto machucado de Aidan com força antes de soltá-lo. — Ao contrário de você, conversamos com ela. Explicamos algumas coisas para que Jasmine entenda como tudo funciona.

— Matar o pai dela é uma coisa que não tem explicação, seu idiota! — disse, zombando dele.

Cansado. Eu estava tão cansado.

Virei as costas.

— Para onde você vai, Owen? — perguntou Liam.

— Preciso de algum tempo — resmunguei em resposta. — Podem continuar. Só não matem o bastardo.

Saí, abafando os gritos de Aidan. O problema foi que suas malditas palavras continuavam ecoando em minha mente, me fazendo perceber que, por mais que ele morresse, as consequências de sua destruição sempre permaneceriam presentes em mim, em meu coração e em minha história.



## *Jasmine*

Minha mente estava tão confusa quanto meu coração após as revelações de Owen sobre meu pai e todos os segredos que o cercavam. Nunca imaginei que o homem que me criou, meu maior exemplo, fosse capaz de cometer atos tão terríveis. Claro, o que aconteceu com Amy e a mãe dos trigêmeos já havia me chocado o suficiente. Mas talvez eu não quisesse acreditar. Talvez meu coração estivesse tentando rejeitar essa realidade.

Deixei o quarto e encontrei Farrell parado no corredor. Já era tarde e várias horas haviam se passado desde que vi Owen pela última vez.

— Oi, Farrell — cumprimentei. — Você poderia me dizer onde está seu chefe?

— Me desculpe, mas não posso revelar — respondeu ele, e eu contive o impulso de revirar os olhos.

— E meus irmãos?

— Provavelmente estão com o senhor Owen.

Percebi que seria inútil tentar convencê-lo a me contar algo mais, pois sabia que seria em vão. Farrell era leal demais a seu chefe e às ordens dele.

Em vez de descer para o andar de baixo, decidi ir para o quarto de Aurora. Bati duas vezes na porta e só entrei quando fui autorizada.

— Estava prestes a procurar por você — comentou Madison, segurando a pequena Dara nos braços. — Aurora e eu estávamos falando sobre o seu sumiço.

Tentei não mostrar o turbilhão de emoções que estava sentindo, embora fosse impossível.

— Estou com uma leve dor de cabeça — expliquei, e isso nem era mentira. Sentei-me na cama. — Owen me revelou algumas coisas que... — pigarreei para clarear a voz — me deixaram extremamente perturbada.

— Que coisas? — perguntou Aurora, prendendo o cabelo no alto da cabeça. — Notei que seu rosto está um pouco inchado. Andou chorando?

Olhei para ela e depois para Madison.

— Ele... — fiz uma pausa, engolindo em seco — ele me contou sobre o verdadeiro Aidan. O Aidan que eu nunca conheci, mas que causou tanto mal a todos vocês. — Fixei o olhar em Madison, que ficou tensa com o assunto. — Sinto muito pelo que você passou, eu... nunca imaginei que algo assim pudesse existir. Se eu pudesse impedir, se tivesse o poder, eu...

Aurora segurou minha mão.

— Você não tem culpa de nada, Jasmine — afirmou com convicção. — Não pode ser responsabilizada pelos erros daquele homem.

Funguei o nariz, com a mente a mil.

Madison entregou a pequena Dara para os braços de Aurora e veio se sentar ao meu lado. Suas mãos buscaram as minhas.

— Nada do que aconteceu comigo é culpa sua — afirmou com a voz embargada, talvez pelas memórias ruins. — Quando fui sequestrada, tudo o que eu queria era voltar para casa. Eu só queria me sentir segura, entende? — Ela passou a mão no rosto para enxugar as lágrimas remanescentes. — Todos me acolheram quando, por sorte, fui encontrada. Seu pai, inclusive, me acolheu como se realmente me amasse e estivesse feliz pelo meu retorno. — Apertou os lábios. — Mas eu nunca consegui perdoá-lo, Jasmine. Só eu sei o que passei e por culpa dele. — Arrepios percorreram meu corpo involuntariamente. — As coisas que vi, mesmo após anos, nunca serão apagadas da minha memória. São traumas que ficarão para sempre.

— Eu... não sei nem o que dizer para te confortar — murmurei, me sentindo angustiada. — Na verdade, estou completamente arrasada por dentro diante de toda essa horrorosa revelação. Agora consigo compreender todo o ódio e mágoa que vocês sentem por ele.

— Confesso que adoraria ser uma mosquinha só para ver o que estão fazendo com esse maldito na masmorra — resmungou Aurora, entre dentes.

Meus olhos se arregalaram ao assimilar suas palavras.

— O-o que você disse? — gaguejei a pergunta. — Meu pai está aqui na mansão? — Meu coração disparou no peito. Levantei-me imediatamente.

— Droga! — exclamou ela, com o rosto pálido. — Você não sabia disso, caramba!

— Owen vai te matar, Aurora — comentou Madison, igualmente aflita. Ela olhou para

mim. — Jasmine, é melhor você se sentar.

— Eu não quero me sentar, Madison, eu quero saber o que está acontecendo.

Desviei-me do toque dela quando tentou me tocar.

Ambas, Madison e Aurora, suspiraram.

— Sim, Aidan está na mansão — confirmou Madison, embora a contragosto — especificamente, na masmorra.

— Masmorra?

— O lugar usado para torturas e interrogatórios — explicou Aurora.

Senti vontade de vomitar, mas contive o impulso.

— *O-onde* fica esse lugar? — perguntei, com dificuldade até para respirar. — Eu quero vê-lo.

— Não, você não pode — afirmou Madison, nervosa. — Owen não vai permitir. Na verdade, nenhum deles permitirá.

Olhei para Aurora, permitindo que ela visse a angústia em meu olhar. Suspirando, ela saiu da cama, segurando sua filha nos braços.

— Sim, ela pode. Jasmine precisa disso — decretou. — Assim como eles estão tendo seu acerto de contas, ela também precisa. É direito dela como filha.

Passei a mão no rosto, sentindo meu corpo inteiro tremer, da cabeça aos pés.

— Aurora...

— Vou sair e distrair o Farrell, tenho certeza de que ele está no corredor — interrompeu a Madison. — Em seguida, mostre a Jasmine onde fica a masmorra.

Madison parecia desnorteada.

Aurora nem deu a Madison a oportunidade de recusar, porque simplesmente saiu do quarto. Ouvimos um murmúrio fingido no corredor, onde Aurora pediu ajuda a Farrell, alegando que havia algo errado com sua filha. Foi então que Madison correu para espiar no corredor.

Após alguns instantes, ela me encarou, parada no meio do quarto.

— Tem certeza de que é isso o que você quer? — perguntou, ainda incerta. — Eu não faço ideia de como você vai encontrar seu pai naquela masmorra, Jasmine, mas posso garantir que ele não estará em boas condições.

Meu coração quase parou, assim como minha respiração. Apenas balancei a cabeça, incapaz de encontrar forças para falar.

Respirando fundo, Madison abriu a porta e me chamou. Forcei minhas pernas a se moverem. Minutos depois, estávamos percorrendo os corredores da mansão, despistando quem surgisse em nosso caminho.

De repente, ela parou e apontou para uma porta peculiar, cheia de detalhes estranhos na madeira.

— Este é o lugar — alertou, com aflição. — Espero que você saiba o que está fazendo. — Ela me abraçou antes de se afastar e me deixar sozinha.

Com as mãos trêmulas, segurei a maçaneta e girei devagar, apreensiva com o que meus olhos encontrariam ali dentro. No início, tive que piscar algumas vezes para me acostumar com a pouca iluminação e o odor desagradável. Meus olhos percorreram o ambiente úmido e sujo, assustada com cada detalhe macabro.

— *Fi-filha?*

Um gemido fraco fez meu corpo estremecer. Quando meus olhos seguiram o som, a cena que presenciei me deixou sem palavras. Caí de joelhos, minhas pernas cedendo. A náusea que eu estava segurando com firmeza, finalmente se manifestou e eu vomitei ali mesmo.

Meu coração se apertou ao ver meu pai nu, suspenso por correntes. Seu rosto e corpo estavam cobertos de cortes escorrendo sangue, queimaduras e hematomas. Eu mal conseguia entender como ele ainda estava respirando.

Chorando, me forcei a ficar de pé, mesmo que cada parte do meu ser doesse ao encarar aquela cena horrível à minha frente. Meus passos vacilantes me levaram até ele, tremendo da cabeça aos pés.

— Pai... — minha voz saiu como um sussurro.

Ele tossiu, fraco e vulnerável.

— Filha... minha querida — gemeu, lutando para falar e me enxergar com seus olhos quase fechados. — Por favor... me ajude. Tire-me daqui antes que aqueles monstros voltem. — Pisquei, lutando para entender suas palavras. — Eles te machucaram? Você está ferida?

Neguei com a cabeça, meio atordoada.

— Ótimo! — exclamou, parecendo aliviado. — Agora pegue aquelas chaves e venha até aqui, querida. — Ele apontou com a cabeça para a mesa, onde havia diversos instrumentos estranhos. — Preciso que você me ajude para que possamos escapar deste lugar.

Segui suas instruções, ainda em estado de choque, incapaz de pensar com clareza.

— Mas... — engoli em seco —, eu descobri tudo, pai — confessei. — Descobri sua crueldade contra sua própria família. Descobri sobre a sua organização horrível. Sinto muito, mas... o senhor não é uma pessoa boa.

— Eles te enganaram, mentiram para você — rosnou, impaciente. — Não posso acreditar

que você prefere confiar neles em vez de mim, que te criei com tanto amor. É assim que você me recompensa? Sendo uma ingrata?

Meu rosto se contorceu em lágrimas renovadas.

— *E-eu...*

— Venha me libertar, Jasmine — insistiu. — Porque se você não fizer isso, eles vão me matar. É isso que você deseja? Acredita que seu pai merece morrer?

Neguei com a cabeça, sentindo meu coração sangrar com todas as emoções conflitantes.

Sem controle algum sobre meus próprios passos, me aproximei dele. Minhas mãos tremiam enquanto tentava abrir o cadeado. Meus soluços sacudiam todo o meu corpo, revelando meu nervosismo.

Uma vez libertado, meu pai caiu no chão, demasiado enfraquecido para se manter de pé. Quando me inclinei para ajudá-lo, ele apontou para um canto.

— Pegue minhas roupas.

Fiz o que ele pediu e entreguei a ele.

— É verdade tudo o que me disseram? — insisti, desejando ouvir a confirmação diretamente dele.

Ele terminou de colocar a calça com dificuldade.

— Eu poderia fazer a mesma pergunta — rebateu, me encarando de forma fria. — Abriu as pernas para o Owen? — Meu rosto ficou vermelho. — Porque eu não te criei para permitir que você fosse tocada por ninguém, Jasmine, especialmente pelo meu inimigo.

Abraçando a mim mesma, me senti vulnerável.

— Não, pai. O senhor me criou para viver isolada de tudo e todos, inclusive de meus irmãos de sangue que eu nem sabia que existiam. O senhor foi egoísta comigo.

— **NÃO SEJA INGRATA COM O SEU PAI!** — bradou, enlouquecido. Estremeci, pois essa era a primeira vez que ele gritava comigo. — Eu te dei uma vida, um lar, te dei amor, algo que só dei a uma única pessoa nesta maldita vida. E foi por causa de Ronan, seu verdadeiro pai, que eu te criei, Jasmine. Prometi a ele que não te deixaria à mercê do destino.

— Isso não parece amor — sussurrei, sentindo meu peito sufocado. — Quem ama não machuca, não engana, não usa. O senhor acusa seus sobrinhos de serem monstros, mas suas próprias ações ao longo dos anos também o mostram como tal. Eu posso amá-lo, pai, mas não vou apoiar seus erros.

Balançou a cabeça, passando as mãos pelo rosto ferido, gemendo de dor. Subitamente, começou a chorar.

— Você não entende, filha — murmurou, dando passos vacilantes, enquanto eu permanecia parada, trêmula. — Tudo o que fiz foi por amor.

Meus soluços se intensificaram.

— No entanto, não foi por amor a mim, pai, mas sim ao Ronan. E está tudo bem, porque o senhor foi bom para mim de certa forma.

Ele abriu a boca para responder, mas hesitou com a chegada de alguém.

— Jasmine! — Era Owen.

Logo em seguida, Farrell, Liam e os trigêmeos também apareceram atrás dele.

— Como isso aconteceu... — a voz de Carter se perdeu quando percebeu que fui eu mesma quem libertou meu pai.

Para minha maior surpresa, meu pai me pressionou contra seu corpo, colocando a lâmina de uma faca em meu pescoço.

— É melhor se afastarem, ou não vou hesitar em cortar a garganta dela — sibilou ele, tomado pela loucura. Não me movi, estava assustada demais. — Eu poderia ameaçar com o cianeto que injetei no pingente dela, mas sei que vocês o removeram.

— Por favor, pare com isso e solte sua filha, Aidan — pediu Owen, mantendo a calma, embora eu soubesse que ele estava à beira da loucura. — Jasmine é inocente em tudo isso.

— Inocente, talvez, mas você não hesitou nem por um segundo em usá-la em sua busca pelo Grão-mestre, não é mesmo? — retrucou ele. — Tê-la em sua cama também fazia parte do plano para me atingir?

— CALE ESSA MALDITA BOCA! — explodiu. — Jasmine é a mulher da minha vida — declarou Owen, trêmulo. — Solte-a.

— Você não precisa machucar sua filha, tio — argumentou Carter, tão apreensivo quanto os demais.

— Não sou o maldito tio de vocês! — rosnou meu pai. — Agora, saiam da minha frente, ou juro que o sangue dela vai espirrar a qualquer momento.

Entre lágrimas, permiti que ele me guiasse enquanto Owen e meus irmãos abriam caminho.

— *Pe-peço* perdão... — murmurei ao passar por eles. Ver o terror estampado em seus rostos me fez sentir como a pessoa mais tola do mundo por ter libertado meu pai.

Nos minutos seguintes, o caos tomou conta da mansão, pois Owen instruiu seus homens a não fazerem nenhum movimento, com receio de que meu pai me machucasse. Eu desejava poder garantir que meu pai jamais teria coragem de me ferir, mas já não tinha mais essa certeza. Aquele homem, me ameaçando com uma faca, não era o pai que eu conhecia.

Farrell se posicionou à nossa frente.

— NÃO FAÇA NADA, FARRELL! — gritou Owen, desesperado. — DEIXE-OS IR.

Meu pai continuou me arrastando até chegarmos ao jardim da mansão, onde alguns carros estavam estacionados. Apesar de sua dificuldade em se locomover devido aos ferimentos, ele abriu a porta do passageiro e me obrigou a entrar.

No momento que estava contornando o veículo, Owen se colocou em sua frente, apontando a arma para ele. Meu pai ergueu as mãos, parecendo completamente debilitado. Ele estava sem camisa, revelando os hematomas visíveis. A ação ocorreu tão rápido que Owen e eu apenas tivemos tempo de trocar um olhar.

Só que Owen não conseguiu puxar o gatilho.

Ele não teve coragem de matar meu pai na minha frente.

Carter tentou me tirar do carro, mas meu pai acelerou abruptamente, quase atropelando Owen, que se jogou para o lado.

Eu tremia intensamente, incapaz de parar de chorar.

— Pai...

— Cale a boca, Jasmine! — interrompeu, ofegante. — É melhor você ficar calada e deixar que eu cuide de tudo. Prometo que as coisas voltarão ao normal. Só nós dois.

Ele estava fora de controle. Completamente desequilibrado.

Por sorte, os portões da propriedade estavam abertos, evitando que meu pai colidisse com o carro.

Observando pelo retrovisor, vi Owen e meus irmãos nos seguindo, enquanto meu pai alternava entre xingamentos e risadas.

— Você viu? Ele estava prestes a me matar — declarou, chamando minha atenção. — Eu sei que você deve estar confusa com o que acabei de fazer, te ameaçando desse jeito, mas saiba que eu estava apenas tentando nos proteger, querida — tentou tocar meu rosto, porém, me esquivei de seu toque. Minha recusa o fez rosnar impaciente. — É melhor você começar a aceitar, porque nunca vou desistir de você. Fiz uma promessa ao seu verdadeiro pai de que cuidaria de você, e farei isso até o fim dos meus dias.

— Cuidar não é ameaçar. Não é me manter presa como o senhor fez comigo e está fazendo agora.

Gritei quando ele desviou de um carro à nossa frente, quase causando uma colisão.

— Maldito bastardo! — exclamou, olhando para Owen pelo retrovisor. Reconheci o carro dele.



Trêmula, observei quando meu pai abriu o porta-luvas do carro em busca de algo. Fiquei chocada ao vê-lo encontrar uma arma.

— Você pode não ter tido coragem de me matar, mas farei isso com o maior prazer, seu moleque! — Parecia estar falando consigo mesmo, diminuindo a velocidade e esperando o carro de Owen se aproximar.

Angustuada com a cena que estava prestes a se desenrolar diante de mim, tomei a decisão de proteger o homem da minha vida das loucuras do meu pai. Joguei-me sobre ele, virando o volante na direção oposta.

— O QUE ESTÁ FAZENDO, GAROTA?! QUER NOS MATAR? — Ele girou o volante na outra direção, enquanto eu insistia em pará-lo.

— Só quero que o senhor pare! — exclamei desesperadamente.

Durante nossa luta dentro do carro, infelizmente, meu pai perdeu o controle do veículo, que capotou após colidir com a mureta da pista.

Instantes depois, ainda sentindo a adrenalina correndo em minhas veias, abri os olhos e olhei para o lado, preocupada com meu pai. Podia ouvir vozes ao nosso redor, mas meus olhos continuaram fixos nele enquanto soltava o meu cinto de segurança. Por sorte o carro não ficou de cabeça para baixo.

— *Pa-pai?* — gaguejei, esperando que ele abrisse os olhos.

A porta ao meu lado foi abruptamente aberta por Owen.

— Venha, querida — disse ele, me levantando nos braços, enquanto meus olhos permaneciam fixos em meu pai, que sorria para mim.

*"Eu te amo, filha"* — li em seus lábios antes que Owen me retirasse dali.

— Está vazando muita gasolina — ouvi alguém dizer. Reconheci a voz como sendo a de Carter. — Temos que tirá-lo de lá antes que tudo vá pelos ares.

Owen me entregou nos braços de Kael e correu para tentar salvar meu pai dos destroços.

— Não teremos tempo, droga! — exclamou Kael, e pude sentir o desespero em sua voz. Ele me colocou no chão, segurando meu rosto. — Por favor, fique aqui.

Então, assisti enquanto tanto ele quanto os outros ameaçavam correr atrás de Owen, mas Farrell simplesmente acelerou o carro e se colocou à frente deles.

A explosão foi ensurdecedora. Gritei em desespero e agonia, incapaz de ver ou ouvir qualquer coisa, pois meus ouvidos estavam zumbindo.

Apesar das dificuldades, pois minhas pernas foram feridas no acidente, consegui me levantar e seguir em direção à fumaça. Meus olhos ardiam.

Owen apareceu em meu campo de visão, cambaleando junto com meus irmãos. Estavam feridos, mas pareciam estar bem, pelo menos fisicamente.

Antes que minhas pernas cedessem, Owen me segurou.

— Estou aqui — declarou, me segurando em seus braços. — Estou aqui, *naomh*...

Ele me levou até um dos carros intactos. Meu coração estava apertado.

— Meu pai e o Farrell, eles... — dirigi meus olhos para os destroços à frente.

Tanto Owen quanto meus irmãos abaixaram a cabeça, balançando-a em sinal de tristeza.

Meu coração afundou no peito com a constatação da tragédia. Sentia culpa, impotência e arrependimento.

— Eu sinto muito... — gemi entre lágrimas. — Sinto muito...

Owen me puxou para seus braços, beijando repetidamente minha cabeça. Ele não disse nada, mas seu abraço transmitiu todo o conforto que eu precisava no momento.



## Owen

Eu me sentia atordoado, quase em transe.

Jasmine ter descido até a masmorra foi algo completamente inesperado, assim como ela ter soltado seu pai. Nas últimas horas, fui consumido pela culpa e pela raiva, descontando minha frustração naquele homem que um dia considerei um tio e amei como um pai.

Presenciar ele ameaçando Jasmine me desestabilizou de uma forma que eu nunca imaginei ser possível. Naquele momento, percebi que seria capaz de fazer qualquer coisa para mantê-la segura. Porque sem ela na minha vida, nada mais teria sentido para mim.

Apesar da frustração ao ver aquele porco livre, não pude julgá-la por tê-lo libertado. Jasmine estava enfrentando um dilema entre a razão e o coração. Mesmo diante de tudo o que descobriu sobre o pai, ela teve uma experiência positiva com ele. Aidan foi um pai para ela, embora de uma maneira distorcida.

Portanto, não havia como Jasmine ter agido de forma diferente.

— Quais são os próximos passos, Owen? — Liam perguntou. Ele tinha chegado com Sophie e Michael há alguns minutos. — A polícia está a caminho.

Atordoado, levantei os olhos para ele. Os trigêmeos também estavam presentes, tão desorientados quanto eu.

Aidan estava morto.

Mas o que mais me machucava era a certeza de que Farrell também estava. Meu amigo.

Meu leal companheiro.

— Não consigo acreditar que aquele idiota se sacrificou dessa forma — rosnou Kael, demonstrando incredulidade. — Por que ele jogou o carro na nossa frente, droga?!

— Ele fez isso para amortecer o impacto da explosão, já que o carro em que Aidan estava ia explodir a qualquer momento — respondi, com a voz frágil. — Talvez Farrell tenha pensado que seríamos atingidos.

— E ele estava certo, afinal — argumentou Sean, com uma expressão abatida. — Todos nós teríamos morrido.

Jasmine estava nos meus braços, soluçando baixinho com o rosto encostado no meu peito. Podia sentir os tremores dela.

— Chamem o delegado — avisei, finalmente respondendo à pergunta de Liam. — Quero que os corpos dos dois sejam entregues a nós. Não permitam que a maldita perícia os leve. Eles são nossos. — Levantei-me, suspirando. Jasmine se ajeitou no meu colo, parecendo uma garotinha perdida. — Onde está o Michael?

— Estou aqui. — Ele surgiu no meu campo de visão. Havia caos ao nosso redor.

— Preciso que você tente rastrear câmeras num raio de cem quilômetros — gesticulei. — Você tem seu equipamento aí? — Assentiu com a cabeça. — Consegue apagar nossas pegadas?

Ele sorriu.

— Com os olhos fechados.

Assenti.

— Vou para casa agora — avisei, exausto. — Carter? Você dirige? Não quero soltar Jasmine.

Kael abriu a porta traseira do carro, e eu entrei, segurando Jasmine em meus braços. Beijei sua testa e sua bochecha manchada de lágrimas.

— Vai ficar tudo bem, *naomh* — sussurrei próximo ao seu ouvido. — Vou cuidar de você.

— Ninguém está zangado com você, querida — afirmou Carter, tocando seu ombro. — Nós entendemos que você agiu com o coração. E sabemos que seu coração é enorme.

Jasmine soluçou ainda mais.

— *Ma-mas...* eles morreram — balbuciou, fazendo um biquinho de choro. — A culpa é minha. Se... s-se eu não tivesse soltado meu pai, nada... nada disso teria acontecido.

Carter e eu trocamos olhares. Sinalizei para que ele ligasse o carro e nos tirasse dali o mais rápido possível. Ajeitei Jasmine um pouco melhor no meu colo, enchendo sua cabeça de beijos.

Meu coração estava despedaçado, mas o fato de ter Jasmine em meus braços, respirando,

já aliviava a dor que me consumia pouco a pouco.

Ela era minha cura. Sempre seria ela.



Nossa chegada à mansão causou comoção, como de costume. As garotas estavam ansiosas por notícias depois dos últimos eventos. O problema era que meu foco estava totalmente voltado para Jasmine naquele momento.

— Carter irá explicar tudo — avisei, segurando Jasmine em meus braços. — Agora, preciso cuidar dela.

Subi as escadas sem esperar por uma resposta. Ao chegar no quarto, coloquei Jasmine no chão do banheiro e liguei o chuveiro, enchendo a banheira com água morna. Ela parecia em estado de choque, sem reação. Quando retirei seu vestido, pude ver seus ferimentos — nada grave —, e senti uma raiva profunda ao vê-la assim.

— Suas pernas estão machucadas — comentei com tristeza. Ela não merecia sentir dor.

— Não dói tanto assim — respondeu com voz fraca.

Despi minhas próprias roupas, revelando os tremores que eu tentava disfarçar em vão. Meu coração se partia ao ver Jasmine naquele estado, enquanto ela me observava em silêncio, a dor visível em seus belos olhos.

Determinado a cuidar dela da melhor maneira possível, peguei-a em meus braços e a conduzi para a banheira, onde a água quente traria o alívio tão necessário naquele momento.

Posicionei Jasmine de costas para mim, apoiada em meu peito. Era importante sentir a presença do seu corpo junto ao meu, pois isso me garantiria que ela estava ali.

Respirando.

— Eu sei que você se sente culpada, e nada do que eu disser vai mudar essa sensação — soprei, quebrando o silêncio. — Mas quero que saiba que eu também me sinto assim. Tudo o que meus irmãos e eu fizemos com seu pai foi uma tentativa de amenizar a dor da traição dele, Jasmine. Ainda dói. E agora eu entendo o porquê — Ela permaneceu em silêncio, talvez esperando que eu completasse o pensamento. — Eu também o amava — admiti em voz alta, sem parar de acariciar seus braços, cabelos e pernas. A água fresca trazendo alívio. — Mesmo que aquele desgraçado não merecesse, eu o amava.

— É por isso que você não conseguiu atirar nele quando teve a chance? — perguntou de repente, com a voz fraca.

Naquele momento, minha mente foi inundada pelas lembranças da fuga dele da mansão. Momentos desesperadores que eu esperava nunca mais reviver.

— Foi um dos motivos, sim — respondi honestamente. — Mas o principal foi para evitar machucar você. No fundo, eu sempre soube que teria que fazer uma escolha. Buscar vingança contra seu pai teria consequências para você de alguma forma, e eu não consigo suportar a ideia de te magoar. — Respirei fundo. — Sinto muito que, no final das contas, tenha sido exatamente isso que aconteceu. Me sinto responsável por ser a causa da sua maior dor.

— Eu entendo que tudo o que você e meus irmãos fizeram foi uma reação às ações do meu pai — ela disse, após um tempo. — Ele não era uma pessoa boa, Owen, agora eu percebo isso. O problema é que... — se calou, voltando a chorar —, me sinto mal por tudo o que aconteceu. Talvez se eu não tivesse o libertado, as coisas poderiam ter tomado outro rumo. E o Farrell, ele... meu Deus! Farrell está morto, Owen.

Com suavidade, virei seu corpo em meus braços para que pudéssemos nos encarar. Seus olhos azuis, tão belos, encontraram os meus, agora cheios de angústia e dor.

Com ternura, acariciei seu rosto, enxugando suas lágrimas.

— Você não tem culpa pelo que ele era — sussurrei. — Ninguém merece ser feliz mais do que você, *naomh*. Eu sei que a dor é intensa, mas ela vai cicatrizar. Estarei ao seu lado em cada passo.

Mordeu o lábio, balançando a cabeça.

— Eu o amava... mesmo sabendo de tudo, eu ainda o amava. Como posso seguir em frente assim? Como posso seguir em frente sabendo que, por causa de uma escolha impensada minha, uma pessoa inocente morreu?

Meu coração se apertou. Passei meus dedos pelos seus cabelos, em busca das palavras certas a dizer:

— O amor por um pai não desaparece do dia para a noite — murmurei de maneira gentil. — É normal sentir saudade, raiva, culpa... tudo ao mesmo tempo. Mas lembre-se de que você é pura — assegurei, beijando sua testa. — E merece ser feliz. — Respirei fundo. — Quanto ao Farrell, ele se sacrificou por nós. Tenho certeza de que não gostaria que ficássemos nos lamentando, Jasmine. Desde o início da minha jornada com ele, Farrell garantiu que sua vida seria minha. Nós estamos vivos. A morte dele não foi em vão. Meu fiel escudeiro cumpriu seu dever com honra, e eu não deixarei sua família desamparada. Prometo isso.

Jasmine se aconchegou em meu peito mais uma vez. Ficamos assim, em um silêncio reconfortante, por longos minutos. Quando sua respiração se acalmou, perguntei:

— Como posso ajudar para aliviar sua dor, *naomh*? Diga-me e eu farei qualquer coisa.

Suspirou, levantando seus olhos úmidos para mim.

— Apenas... fique comigo. Me abrace forte e me faça sentir protegida.

Aconcheguei-a em meus braços com carinho.

— Estarei aqui pelo tempo que precisar — garanti. — Não irei a lugar nenhum.



As últimas horas foram intensas e exaustivas para todos, sem exceção. Nenhum de nós esperava que essa tragédia ocorresse, mas eu sabia que não podíamos mudar o que já havia acontecido. A tristeza pela traição de Aidan persistiria, mas esperava que com o tempo se dissipasse.

Quanto à morte de Farrell, eu e meus irmãos decidimos prestar-lhe uma homenagem digna. Seu sacrifício não seria esquecido. Estávamos vivos por causa dele. Portanto, optamos por realizar um funeral viking — cultura antiga de seus antepassados —, como um verdadeiro guerreiro. Preparamos uma pira funerária em uma clareira próxima da mansão e colocamos seu corpo sobre ela, coberto por suas armas e alguns pertences.

— Isso é realmente belo! — exclamou Jasmine, com a voz emocionada. — Tenho certeza de que ele ficaria feliz com essa homenagem. — Me encarou, sorrindo de leve.

Ela estava usando um elegante vestido preto, com os cabelos presos em um coque. Não pude ver seus lindos olhos, pois estava usando óculos escuros. Mas eu sabia que provavelmente estavam úmidos devido às lágrimas. Jasmine chorou muito nas últimas horas.

— Farrell era parte da família — declarei, respirando fundo. — Prestar uma homenagem a ele em sua morte é o mínimo que podemos fazer.

A mãe de Farrell se aproximou, visivelmente abatida, acompanhada pela irmã mais nova de meu leal escudeiro. Por mais que eu lutasse, não conseguia evitar que a culpa me sufocasse até os ossos. Era impossível não me questionar sobre a decisão de tê-lo contratado no passado. Talvez... apenas talvez, se ele não tivesse se envolvido com minha família, poderia estar vivo.

— Não se culpe, meu querido — comentou a mãe dele, olhando para mim como se lesse meus pensamentos. — Meu filho se foi enquanto fazia o que mais amava, que era servir à família Sullivan. Farrell morreu como um herói.

Observei quando Jasmine se aproximou da mulher e a abraçou com força. Em seguida, fez o mesmo gesto com a garota, que aparentava ter cerca de doze anos.

Meus irmãos aguardavam ao meu redor, prontos para iniciar a cerimônia assim que eu

desse o sinal. Essa não era uma tradição comum em nossa família, ao contrário da de Farrell. Por isso decidimos homenageá-lo dessa maneira.

Minutos depois, pronunciamos palavras de honra em gaélico, destacando a lealdade e bravura de Farrell. Em seguida, acendemos a pira para que suas cinzas fossem levadas pelo vento, seguindo a tradição nórdica.

Permanecemos lá até o fim, testemunhando o corpo de Farrell ser consumido pelas chamas. Sua morte não seria em vão. Ele merecia aquele tributo por tudo o que fez por nós ao longo dos anos.

Apesar da tristeza que permeava a cerimônia, pude perceber que Jasmine e a família de Farrell encontravam algum conforto na homenagem.

Após as chamas finais se extinguírem, nos recolhemos em silêncio. Jasmine ainda chorava, e seu estado emocional me preocupava. Eu sabia que nos próximos dias precisaria oferecer todo o meu apoio a ela.

De volta à mansão, solicitei que preparassem um chá calmante para minha garota. Enquanto isso, me aproximei da mãe e da irmã de Farrell.

— Por favor, peço que se sintam parte de nossa família — declarei com afeto. — Farrell fez tanto por nós, é justo que cuidemos dos seus entes queridos. Saibam que podem contar conosco para qualquer coisa que precisarem.

Elas expressaram seu agradecimento com emoção. Pouco depois, Jasmine voltou ao meu lado e a conduzi para o nosso quarto. Passamos o restante do dia lá, desfrutando de um silêncio reconfortante. Eu sabia que esse momento era crucial para superar a dor.

— Quero que saiba que estou aqui para você — soprei, beijando sua testa. — Pode chorar o quanto precisar, *naomh*. Seu sofrimento é o meu também.

Jasmine se aconchegou em meu peito, me abraçando com força. Somente o tempo seria capaz de curar as feridas em nossos corações.



## *Dias depois*

Dizer que eu ansiava por estar ali seria uma mentira. No entanto, estava disposto a fazer qualquer coisa para trazer felicidade a Jasmine, mesmo que aquele não fosse um momento alegre



para ela.

Enterrar seu pai estava causando uma dor imensa nela, eu podia sentir isso. Aidan podia ter sido um canalha conosco, mas para ela, ele mostrou seu outro lado.

— Deveríamos ter simplesmente jogado o corpo dele em uma vala — resmungou Carter em voz baixa, para que Jasmine não escutasse. — Esse sujeito não merecia nem um pouco de atenção, muito menos o nosso precioso tempo.

Estávamos na Escócia, no lugar onde Jasmine havia passado grande parte de sua vida. Antes de irmos, fizemos uma busca completa por vestígios dos seguidores de Aidan que ainda restavam ali. Não podíamos ser hipócritas ao pensar que a organização acabaria com a morte dele.

Um morre, dois nascem em seu lugar.

— Evite falar assim perto dela — sussurrei, indicando discretamente Jasmine, que estava alguns metros à frente, ajoelhada junto à sepultura que havíamos preparado para Aidan. — Jasmine ainda está sofrendo por causa do pai.

— Talvez, ela seja a única coisa boa que veio dele — argumentou Sean, com os braços cruzados. — No meio de toda a sujeira do nosso passado, encontrar Jasmine foi o que nos impediu de sucumbir ao ódio.

Olhei para ele.

— Ela se tornou nossa luz — afirmou Kael, com um sorriso, enquanto encarava a irmã.

A viagem foi feita apenas entre nós, os trigêmeos, Jasmine e eu. Não era algo para prolongar, apenas para permitir que Jasmine se despedisse do pai.

— É difícil acreditar que ela passou boa parte da vida aqui neste lugar remoto e esquecido no mapa — comentei, olhando ao redor. Não havia nada além de floresta. — Mas farei questão de mostrar a ela todas as maravilhas do mundo, se depender de mim.

— Seria melhor nos aproximarmos — avisou Carter, chamando nossa atenção. — Parece que ela está terminando. — Ele apontou discretamente, enquanto Jasmine se erguia.

Pigarreando, nós quatro nos aproximamos. Jasmine encontrou nossos olhares com o seu, emocionada.

Concentrei-me na lápide, observando o nome descrito ali. Contive a vontade de franzir os lábios ao ler o sobrenome da nossa família. A família que ele quase destruiu com sua traição.

— Ainda não entendo por que você quis enterrá-lo aqui, Jasmine — murmurou Carter, com os olhos fixos na lápide também.

Ao nosso redor, havia uma boa quantidade de seguranças, garantindo a nossa proteção. Todo cuidado era pouco.

Ouvi o suspiro dela.

— Porque foi aqui que ele me deixou vivendo durante anos — respondeu ela. — Nada mais justo do que deixá-lo passar o resto da eternidade no lugar em que ele me manteve aprisionada.

Fiquei surpreso com suas palavras. Era uma forma de vingança, afinal.

Aproximei-me da minha garota, envolvendo sua cintura com meu braço e beijando sua cabeça, inspirando o aroma que tanto me fascinava.

— Agora você está livre — declarei.

— Livre para viver sua vida com as pessoas que te amam, com sua família — complementou Carter, sorrindo para ela. — Espero que um dia você possa nos perdoar pelo que fizemos... a *ele* — apertou o maxilar, apontando para a lápide.

— Eu admito que não me arrependo de todo mal que causei a ele, nem por um momento, mas sinto muito pela dor que isso trouxe a você, anjinho, ao seu coração — confidenciou Kael.

— Nós nunca contamos nada sobre ele para você, porque não queríamos que você sofresse — afirmou Sean. — Só queríamos te proteger, querida. Às vezes, a verdade pode ser muito dolorosa.

Jasmine sorriu entre lágrimas. Ela se afastou de mim, e eu permiti, pois percebi que desejava abraçar seus irmãos.

— Vocês fizeram o necessário — disse, abraçando os três. — E eu agradeço por saber que, de alguma forma, tentaram me proteger. Por mais doloroso que seja admitir isso, sinto que meu pai buscou esse fim por conta própria. Ele merece estar enterrado aqui. — Respirou fundo, voltando sua atenção para a lápide. — Vou amá-lo para sempre, apesar disso.

Retirei algo do bolso do meu paletó. Era um relicário.

— Uau, que lindo! — exclamou Jasmine quando entreguei a ela. Observei suas mãos ansiosas abrirem o pingente em formato de coração. Ela piscou, confusa. — Quem é essa mulher bonita?

Toquei seu rosto, brincando com algumas mechas de seu cabelo.

— É sua mãe — respondi, observando seu rosto perder a cor.

Então, expliquei que antes de falecer, seu pai revelou alguns detalhes que nos levaram a investigar suas origens. Contrariamente às informações descritas nas cartas que encontramos semanas atrás no quarto de Aidan, a mãe de Jasmine não adoeceu. Amelia, foi uma das inúmeras vítimas da Igreja. A garota foi vendida por seus próprios pais e usada como uma barriga de aluguel para Ronan. É claro que evitei os detalhes sórdidos ao contar isso para Jasmine. Não havia necessidade de sobrecarregá-la com detalhes que só trariam mais tristeza, sofrimento e culpa.

— Gostou? — perguntei, com as mãos em sua cintura.

Seus belos olhos se encontraram com os meus. Estavam cheios de emoção.

— Eu amei! — exclamou. — Obrigada, Owen.

Com um sorriso, peguei o colar de suas mãos e o coloquei em seu pescoço.

— Pronto! — Alisei a joia.

Jasmine me abraçou, selando seus lábios nos meus.

O problema foi que aqueles três idiotas começaram a pigarrear, claramente desconfortáveis com nossa demonstração de afeto na frente deles.

— O tempo está se esgotando, Owen — informou Carter, gesticulando com os olhos semicerrados. — Onde está o pedido?

— Que pedido? — Jasmine perguntou, confusa, sem fazer ideia de que mencionavam o pedido de casamento.

Entrelacei nossos dedos, beijando sua mão.

— Não é nada — respondi, ansioso para nos afastar daqueles idiotas. — Esses três só querem chamar a atenção.

— O que você quer dizer com "chamar a atenção"? — ela insistiu, ainda mais confusa.

Quase ri de sua inocência, mas me contive.

Peguei-a em meus braços e comecei a correr com ela, o que a fez gargalhar, já que os trigêmeos nos seguiam de perto.

Continuamos assim, brincando, cada vez mais determinados a arrancar dela sorrisos e risadas.

Porque a partir daquele momento, nossa missão seria fazê-la feliz pelo resto de nossas vidas.



## *Jasmine*

### *Um tempo depois*

— Você não vai mesmo me revelar nosso destino? — indaguei, observando Owen ao volante, com uma aparência atraente.

— Se eu contar, perderá toda a graça da surpresa — respondeu, oferecendo-me um sorriso discreto.

Fiz uma careta em resposta.

— Mas a surpresa não tem a intenção de ser engraçada — retruquei, arrancando uma risada dele.

— Não, Jasmine, não tem — afirmou, segurando minha mão na sua. — Especialmente a surpresa que estou preparando para você.

A forma como ele me olhou enviou arrepios por todo o meu corpo trêmulo, ansioso e febril. Desde que tudo aconteceu, não tivemos mais um tempo só para nós dois, um momento de intimidade. Eu sentia que Owen estava me evitando.

Talvez fosse apenas coisa da minha cabeça, mas essa era a impressão que ele passava.

— Eu adoro a ideia de nós sairmos juntos — falei, olhando pela janela. A noite estava deslumbrante. — Sinto falta dos momentos a sós com você, Owen.

— Também sinto, *naomh* — soprou ele. — Também sinto.

Sorri abertamente, sem esconder os arrepios que seu olhar intenso me causava.

Não restavam dúvidas de que toda a tragédia que nos afetou teve um impacto em cada um de nós. Só que eu estava me sentindo mais forte, mais emocionalmente madura. Ainda acordava chorando na maioria das noites, e a culpa me sufocava sempre que lembrava da morte de Farrell e do meu pai. Mas Owen sempre estava lá por mim... sempre disposto a oferecer seu ombro para eu chorar.

Por mais que ele insistisse em dizer que não era um homem romântico, para mim, ele era perfeito.

— Chegamos! — exclamou, me tirando dos meus devaneios.

Owen estacionou o carro e saiu com um largo sorriso. Logo ele veio até a minha porta e a abriu, estendendo a mão para que eu saísse também.

— Venha, *naomh*, chegamos ao nosso destino. Espero que aproveite a surpresa.

Deixei-me ser conduzida, e meus olhos se fixaram no local a nossa frente. Era um restaurante elegante, localizado à beira-mar. Sua fachada de vidro permitia uma visão das luzes cintilantes no oceano.

— Owen, como... — fiquei sem palavras. — É tudo tão bonito!

Ele riu, beijando minha mão.

— Nada é bom demais para você, Jasmine. Vamos, reservei uma área exclusiva para nossa noite.

Entramos de mãos dadas no ambiente luxuoso. Havia uma mesa cuidadosamente arranjada em um balcão de vidro, de onde podíamos admirar o céu estrelado.

— Owen, esse lugar é perfeito! — exclamei emocionada.

— Ainda não viu nada — sussurrou em meu ouvido, fazendo meu corpo estremecer com as promessas silenciosas. — Esta noite é toda sobre celebrar o quanto sou louco por você.

Trêmula, me ajeitei na cadeira quando ele a puxou para mim. Em seguida, deu a volta na mesa para ocupar seu próprio assento. Ele estava tão charmoso naquele terno azul marinho.

Horas atrás, quando Owen mencionou que íamos sair, Amy e Madison me ajudaram a escolher um vestido elegante em um tom vermelho. Decidi prender meu cabelo com algumas mechas soltas. Madison o arrumou em cachos largos.

— Esta área do restaurante é realmente privada — observei, olhando ao redor e notando que não havia ninguém, além de nós dois. — Você já esteve aqui antes?

Sorriu, sem desviar os olhos dos meus.

— Este restaurante é meu, Jasmine — respondeu simplesmente. — Sou o dono.

Nossos olhares se encontraram, mas fomos interrompidos pelo garçom, que trouxe uma garrafa de vinho.

— Desculpem-me pela interrupção — disse com um sorriso gentil. — Espero que aproveitem. — Ele serviu as taças. — Já estão prontos para fazer os pedidos?

Olhei para Owen, nervosa.

— Eu confio plenamente no seu bom gosto — afirmei, deixando a escolha nas mãos dele.

— Por favor, traga um salmão grelhado com risoto de limão siciliano — pediu, desviando os olhos para o garçom. — Para mim, não vou querer nada.

Franzi a testa, surpresa com suas palavras.

O garçom anotou o pedido e se retirou.

— Como assim, você não vai comer nada? — questionei, confusa. — Eu pensei que jantariamos juntos.

— E nós vamos! — Sorriu, enigmático. Ergueu sua taça de vinho, me pedindo, com o olhar, para que eu fizesse o mesmo. — Um brinde à nossa eternidade junto.

— Eternidade é um longo tempo — brinquei, erguendo minha taça e esbarrando na sua de leve.

Seus olhos semicerraram um pouco.

— Por sorte, eu não tenho pressa, *naomh* — declarou, fazendo com que eu me aquecesse com o fogo em seus olhos. — E não há nada nos impedindo...

Mordi os lábios, deixando que notasse minha excitação.

Ofeguei quando Owen se levantou e veio até mim, ajoelhando-se aos meus pés. Cobri o rosto com as mãos, emocionada demais para me conter.

— Mas... — fiquei em silêncio, piscando para ter certeza de que aquilo realmente estava acontecendo — você me disse que não era romântico.

Uma risadinha escapou de sua garganta.

— De fato, eu não sou romântico — confirmou, abrindo a caixinha de veludo e revelando o belo anel de brilhantes. — Mas por você, estou disposto a me transformar de homem das cavernas à príncipe encantado. Meu objetivo final é ver você sorrindo.

— Owen... — eu lutava para não chorar, embora fosse impossível.

— Você quer se casar comigo? — perguntou, seus olhos brilhando. — Aceita se tornar minha esposa oficialmente? Porque ambos sabemos que você sempre foi minha, não é mesmo?

Desde que nos conhecemos e eu a reivindiquei. — Estremeci quando sua mão deslizou pela minha perna desnuda, parando em meu joelho, deixando claro seu poder.

— *Si-sim* — gaguejei, estendendo minha mão para que ele pudesse deslizar o anel de noivado no meu dedo. — Claro que eu aceito me tornar sua esposa oficialmente, Owen.

Ele se ergueu, inclinando-se para me beijar. Foi um beijo lento, cheio de promessas sedutoras.

Após nos separarmos, Owen secou as lágrimas de emoção dos meus olhos com beijinhos carinhosos.

— Você sabia que o "sim" era a única resposta que eu aceitaria, não é? — perguntou, acariciando meus lábios com seus dedos. — Não existe uma realidade em que você não seja completamente minha.

Fomos novamente interrompidos pelo garçom, que trouxe o meu pedido. Ele apresentou o salmão de forma impecável, despertando todos os meus sentidos. Fiquei relutante em me afastar de Owen, pois queria devorar seus lábios o tempo todo.

— Parece delicioso! — comentei, sorrindo.

Comecei a comer, soltando exclamações de prazer a cada garfada. O sabor era simplesmente incrível.

Owen me observava em silêncio. Eu mal conseguia me conter, pois o desejo entre minhas pernas começou a se intensificar tanto quanto sua forma faminta de me olhar, como se estivesse me devorando.

Entre uma garfada e outra, decidi iniciar uma conversa para desviar o foco da tensão sexual que pairava sobre nós.

Embora Owen não costumasse compartilhar muito sobre seus negócios comigo, especialmente os relacionados à luta contra os resquícios da organização de meu pai, ele havia me contado alguns detalhes. Owen explicou que as atividades da Igreja ainda estavam em curso e que seria um longo processo para erradicar essa corrupção da sociedade.

Terminei meu delicioso jantar, saboreando cada mordida. Owen gentilmente pediu um mousse de chocolate delicioso para mim, que eu degustei de forma quase provocativa sob seu olhar quente.

— Agora sim, estou satisfeita. — Sorri, longos minutos depois, admirando seu rosto perfeito.

Owen estendeu a mão, acariciando minha bochecha.

— Então é minha vez de desfrutar meu jantar — declarou com tanta intensidade que meu corpo todo estremeceu em antecipação. Pisquei, tentando entender o que ele tinha em mente. Fiquei assustada quando ele afastou sua louça para o lado, abrindo espaço na mesa. — Venha aqui, Jasmine. Traga sua boceta para que eu possa comer.

Nervosa, olhei para ele e depois para a porta.

— *Ma-mas...* qualquer pessoa pode entrar por aquela porta — avisei, gesticulando. — Você me disse que nossa privacidade não pode ser comprometida.

Ele sorriu.

— E não será, *naomh* — declarou. — Fique tranquila, pois deixei instruções claras para não sermos interrompidos logo após a sobremesa — acrescentou. — Agora chega disso e venha até aqui. Tenho certeza de que você está ansiosa por mim, não é mesmo?

Com as pernas um tanto trêmulas, me levantei e contornei a mesa, permitindo que Owen me guiasse com suas mãos firmes. Inclinei-me sobre seu corpo enquanto ele apertava meu traseiro, avançando em direção aos meus lábios sedentos. Fui colocada sentada sobre a mesa, com Owen abrindo minhas pernas, seus olhos cheios de desejo.

Joguei minha cabeça para trás quando seus dedos afastaram minha calcinha para o lado e sua boca me tomou com uma intensidade faminta, deixando-me gemendo, perdida nas sensações que seu toque provocava. Owen me saboreava como se eu fosse uma sobremesa irresistível.

— Puxe meus cabelos com a mão do anel de noivado — ordenou, mordendo e sugando meu clitóris antes de introduzir um dedo em mim.

Em um estado de frenesi, fiz exatamente o que ele mandou. Sua boca me provocou por longos minutos, até que se deu por satisfeito e parou de me estimular com a boca, mordendo levemente minhas coxas.

Ainda estava um pouco atordoada quando ele me puxou para o seu colo, avançando com intensidade e fome em um beijo ardente.

— Minha! — declarou em meio ao beijo. — Minha para amar. Minha para cuidar. Minha para foder. Minha. Minha. Minha...

Seu desespero em abrir a braguilha da calça foi compartilhado comigo, pois eu também ansiava senti-lo dentro de mim logo. Levantei-me um pouco para permitir sua penetração gradual. Gememos um para o outro, ambos extasiados com a conexão.

Owen segurou meus quadris, movendo-me para cima e para baixo enquanto continuávamos nos beijando. Sem precisar pedir, ele começou a apertar levemente meu pescoço, aumentando minha excitação a um nível quase insuportável devido à intensidade do momento. Era uma sobrecarga intensa, e tudo o que eu podia fazer era sentir... e continuar sentindo.

À beira do desmaio, a pressão em meu pescoço afrouxava apenas para retornar, contrastando com os impulsos selvagens que se agitavam dentro de mim. Suas estocadas eram intensas, sem qualquer piedade.

— Owen... — minha voz soou trêmula.

Nesse momento, sua mão deixou meu pescoço e ele me beijou com agressividade, quase machucando meus lábios. Pude saborear um leve gosto de sangue na minha língua, o que



despertou níveis inimagináveis de luxúria em cada poro meu.

Às vezes, eu me questionava sobre minha apreciação pela dor dessa maneira, com Owen. Mas então, eu entendia que esse prazer só era possível porque ele era meu parceiro. Sempre seria ele.

Quando finalmente atingi o clímax, chamando seu nome, Owen soltou um gemido delicioso, afastando o rosto e o escondendo na curva do meu pescoço. Arrepios percorriam meu corpo conforme ele aumentava a intensidade de seus movimentos, gemendo próximo ao meu ouvido.

Foi tão excitante que quase cheguei ao orgasmo mais uma vez apenas por ouvi-lo.

Exaustos, pressionamos nossas testas juntos por alguns segundos, lutando para recuperar o fôlego. Sorri, beijando seus lábios.

— Isso foi imprudente.

Ele também sorriu, chupando meu lábio inferior e o puxando suavemente com os dentes.

— Tão imprudente que acho que vou fazer de novo — declarou, sem hesitar. — Desta vez, vou te dobrar sobre a mesa. Você vai arquear o traseiro para mim, *naomh*? Vai me deixar usá-la como minha sobremesa?

Meu coração disparou de forma errática.

— Sim, — respondi, mais uma vez dominada por aquela onda de excitação que somente ele me despertava. — Sim, mil vezes sim.

Sua boca caiu sobre a minha, silenciando qualquer palavra a mais que eu pudesse proferir. Na verdade, nada que eu pudesse dizer importaria diante daqueles beijos e suas mãos vagando pelo meu corpo sensível, muito menos diante do significado daquele lindo anel brilhando no meu dedo.

Dele. Eu era completa e inteiramente dele.

***FIM***



Owen

## *Dois meses depois*

— O que diabos está acontecendo aqui? — questionei, observando meus irmãos e Aurora enquanto Amy ajustava minha gravata.

Madison soltou uma risada divertida, também observando os irmãos.

— Eles estão acertando as contas — respondeu minha irmã, entre risos.

— Que contas? — perguntei, confuso. — Não estou entendendo.

— Da aposta que fizeram, irmão — Liam respondeu com ar divertido. — Aurora e Kael apostaram cem mil que você acabaria se apaixonando por Jasmine.

Franzi o cenho.

— Não sei por que ainda me surpreendo com vocês, puta que pariu! — reclamei, fingindo estar com raiva.

Mas, na verdade, eu estava longe de sentir raiva. Afinal, era o dia do meu casamento, o dia mais feliz da minha vida, onde Jasmine receberia meu sobrenome.

Ainda me ressentia do fato de ela ter sido encontrada pelos caçadores, e Christopher ter providenciado documentos falsos para ela, além de ter acrescentado o sobrenome do Dexter. A fúria dominava minhas veias quando me lembrava desse detalhe.

Liam se aproximou, apoiando uma mão no meu ombro. Um sorriso brincava em seus lábios.

— Admito que o dia de hoje é estranho — comentou. — Sempre imaginei que você ficaria solteiro para sempre.

— Não fale besteiras, Liam! — repreendeu Amy, parecendo irritada. — Owen tem o direito de ser feliz, assim como vocês.

— Eu não disse que ele não tinha o direito de ser feliz, Amy — defendeu-se ele. — Só comentei que, com as circunstâncias atuais, a probabilidade desse casamento acontecer era baixa. — Ele deu um sorriso irônico.

Os trigêmeos também se aproximaram, Carter e Sean com expressões irritadas por terem ficado mais pobres.

— Então, quando será a próxima aposta afinal? — perguntei, ajustando a lapela do meu paletó e arrumando o lenço. Ao contrário de Liam, que no seu casamento escolheu vestir o kilt escocês, optei por usar um elegante terno feito de tecido tweed. Na Irlanda, o tweed é amplamente utilizado em trajes formais e informais, sendo frequentemente associado ao passado rural da nossa nação.

Aurora franziu o cenho diante do meu questionamento, entregando a pequena Dara para o marido.

— Como assim? — ela questionou.

Dei de ombros.

— Porque eu também quero participar — respondi, rindo. — Logo após meu casamento, Carter irá para os Estados Unidos buscar a garota que iremos proteger. Tenho a sensação de que ele não terá uma tarefa fácil. — Olhei para o grandalhão, que fez uma careta.

— Ei! Me respeite, *caralho!* — reclamou, tentando disfarçar o nervosismo. — Já fiz muitos idiotas se ajoelharem aos meus pés, implorando pela vida. O que você acha que vai acontecer quando eu estiver cara a cara com essa garota?

Amy deu um puxão forte na orelha dele, fazendo todos nós rirmos, exceto ele, é claro.

— Nem pense em machucar essa garota! — ela rosnou, fazendo Carter gemer e inclinar a cabeça para aliviar a pressão do aperto de nossa madrastra.

— Droga, Amy! — exclamou, fazendo uma careta. — Claro que eu não vou machucar ninguém.

Nas últimas semanas, durante nossas investigações sobre a família de Arnold Clark, descobrimos informações cruciais sobre o funcionamento da Igreja e o paradeiro da filha que ele mencionou, que não era mais uma garotinha, mas sim uma mulher adulta. O problema é que ela aparentemente vivia uma vida comum e não tinha ideia do perigo iminente, com base em seu passado revelado.

— Acabei de sair do quarto de Jasmine — anunciou Sophie, interrompendo nossa conversa. — Ela está deslumbrante!

Meu coração quase parou ao ouvir isso. Mal conseguia conter minha curiosidade em vê-la vestida de noiva. Imaginar seus passos em direção a mim já me tirava o fôlego.

Minha. Completamente minha.

Amy guiou os trigêmeos em direção às escadas, pois seriam eles que acompanhariam Jasmine até o altar.

Quando eu estava prestes a ir para a capela da família, onde nossos convidados mais próximos aguardavam, Madison me parou. Seus belos olhos se encheram de emoção.

— Estou tão feliz por você, irmão — declarou ela, sorrindo calorosamente. — Meu coração está cheio de alegria sabendo que você e Jasmine se tornarão um. Você e ela significam muito para mim, e estou feliz que os tempos difíceis acabaram.

Puxei-a para meus braços, plantando um beijo em seus cabelos perfumados.

— Eu te amo, querida — sussurrei, inalando seu cheiro. — Ter você comigo neste dia especial deixa tudo ainda melhor. Você sabe disso, não é? — Olhei em seus olhos, notando o brilho dentro deles.

Ela sorriu ainda mais.

— Eu sei.

E assim, finalmente fomos em direção à capela. Meu coração não conseguia esconder a expectativa de presenciar minha garota caminhando em minha direção.



## *Jasmine*

Meu corpo tremia. Era assim que me sentia ao analisar meu reflexo no espelho. Durante toda a minha vida, me imaginei como uma noiva, casando-me com o amor da minha vida. No entanto, imaginar e vivenciar eram coisas completamente distintas.

Além disso, a realidade era outra. Meu pai não estava presente. Eu não podia negar a dor

da ausência dele, mesmo após toda a tragédia que aconteceu. Era estranho amar alguém que, em vida, não foi uma pessoa boa. Não importava o quão bom ele tenha sido para mim, ele foi um monstro para os outros.

Suspirei, enchendo meus pulmões de ar e engolindo a vontade de chorar. Não podia permitir que minhas lágrimas estragassem a bela maquiagem feita por Madison.

O vestido tinha uma silhueta elegante, com um corpete ajustado e uma saia ampla e fluida. Os detalhes foram cuidadosamente trabalhados, como bordados delicados, rendas entrelaçadas. As mangas eram curtas.

Amy e Madison me explicaram que, pela tradição, a cor predominante do vestido de casamento tradicional irlandês era o branco, simbolizando pureza e inocência. Contudo, também era comum encontrar vestidos com detalhes em tons suaves de verde, que era uma cor emblemática da Irlanda.

— Uau! Ninguém nos avisou que estávamos prestes a entrar no quarto de uma princesa — comentou Carter, chamando minha atenção. — Majestade! — Ele se curvou, imitando o gesto de reverência a um rei ou rainha.

Soltei uma risada divertida.

— Não seja tolo! — exclamei, envergonhada.

Kael se aproximou, com um sorriso evidente no rosto.

— Você é a noiva mais linda que já vi. — Segurei minha mão e a beijou com ternura. — Owen nem vai saber o que o atingiu.

— Ele já foi atingido há muito tempo — brincou Sean, rindo. — Só falta ele lamber o chão por onde Jasmine passa. — Ele também pegou minha mão e a levou aos lábios.

— Mas se não fosse assim, ele não teria nossa aprovação para estar com nossa irmã — afirmou Carter, com a testa franzida. — Jasmine merece um homem que a adore.

Com um sorriso emocionado, abracei os três com força, suspirando enquanto sentia seus beijos em minha cabeça.

— Obrigada por estarem ao meu lado — sussurrei. — Meus irmãos.

Então, finalmente deixamos o quarto e seguimos em direção à capela da mansão.

Não havia dúvidas sobre meu nervosismo, especialmente porque ainda não conhecia metade dos convidados. Aos poucos, eu estava entendendo a importância dos negócios de Owen e o impacto que eu teria em sua vida. Como esposa do líder da organização, automaticamente, eu me tornaria uma vulnerabilidade, um alvo para seus inimigos. Mas eu me recusava a focar nisso. Jamais permitiria que o medo me privasse da felicidade.

Desde o momento em que meus olhos encontraram os de Owen, meses atrás, eu soube que ele seria meu.

Assim que paramos diante das portas fechadas da capela, meus irmãos se posicionaram na minha frente, cheios de expectativa.

— Pronta? — perguntaram em uníssono.

Mordi os lábios, incapaz de esconder meu nervosismo.

— Sim, — respondi finalmente.

Em seguida, as portas se abriram e meus olhos se fixaram automaticamente em Owen, parado no altar a poucos metros de distância. Ele estava lindo, vestido impecavelmente em um terno sob medida.

A música nupcial começou a tocar e, aos poucos, meus irmãos e eu começamos a caminhar pelo corredor. Carter ficou na minha frente, enquanto Kael e Sean permaneceram ao meu lado, formando uma espécie de pirâmide.

Conforme eu esperava, nenhum rosto entre os convidados me era familiar, exceto o da própria família. Meu coração se encheu de alegria quando vi Dexter e Christopher entre eles.

Ao chegarmos ao altar, Carter se afastou para o lado, me permitindo olhar para Owen.

— Isso foi a forma que encontraram para me intimidar? — questionou Owen aos meus irmãos. — Uma pirâmide, sério?

— Foi apenas um aviso mesmo — insinuou Kael, beijando minha testa.

— Apenas para garantir que você não se esqueça de que está lidando com a trindade — argumentou Sean, imitando o gesto de Kael ao beijar minha testa. — Somos os irmãos e protetores dela.

— Não se esqueçam de que também sou irmão de vocês, seus idiotas!

Eu sorri.

Carter também se aproximou e beijou minha testa. Ele não disse nada para Owen, mas seus olhos semicerrados eram um aviso silencioso antes de se afastar com os outros.

Owen sacudiu a cabeça, revirando os olhos. Quando me olhou, seu rosto se iluminou. Ele pegou minhas mãos entre as suas e as beijou delicadamente.

— Você está deslumbrante! — sussurrou naquela intensidade que me desmontava toda.

Me puxou para ficarmos frente a frente com o reverendo, que rapidamente deu início à cerimônia.

No momento dos votos, Owen me emocionou bastante:

— Você sabe que não sou bom com as palavras, mas também sabe que sou profundamente apaixonado por você — declarou, deslizando a aliança em meu dedo. — Jasmine, você me ensinou a valorizar o amor e o perdão. Me mostrou a importância dos pequenos momentos e a

aproveitar cada segundo que temos, pois cada detalhe é precioso. — Beijou a aliança no meu dedo. — O dia de hoje só reforça o que já sabíamos. Você sempre foi minha.

Sorri entre lágrimas. Sua possessividade em relação a mim me deixava sem fôlego.

— É estranho, porque sou boa com as palavras, mas hoje... — apertei os lábios para conter o choro — estou nervosa. — Soltei um sorriso embargado. — Saiba que estou realizando um sonho. Este é o melhor dia da minha vida, Owen. Você é minha outra metade, a pessoa que me completa de todas as formas. Você fala sobre eu ter te ensinado a amar e perdoar, mas saiba que também aprendi muito com você. — Seus olhos brilharam maliciosamente, me fazendo corar. — E não estou falando de coisas íntimas! — Ele riu, seguido pelos outros, exceto meus irmãos, que fizeram uma careta engraçada. — Estou falando do meu crescimento emocional. Você teve um papel importante nisso. — Deslizei a aliança em seu dedo. — A razão dos meus sorrisos mais sinceros e felizes é culpa sua. Eu te amo mais do que posso expressar.

Seus lábios encontraram os meus antes mesmo do reverendo nos declarar marido e mulher. Arfei nos seus braços fortes.

— Minha. Minha. Minha. Minha... — ri diante de sua tagarelice incessante.

O alvoroço ao nosso redor estava intenso, mas Owen e eu estávamos envoltos em nossa própria bolha.

— Jasmine Sullivan — afirmei, sentindo o peso desse sobrenome. — Oficialmente sua. Sua esposa, Owen.

Seus olhos queimavam nos meus, e suas mãos se firmavam em minha cintura, deixando clara sua possessividade.

— Para sempre! — declarou com fervor.

— Para sempre sua *naomh*.

Ele voltou a me beijar, ignorando todos ao nosso redor. Naquele momento, nada mais importava além de nós dois.

E eu estava mais do que pronta para começar nossa vida juntos, o nosso feliz para sempre.

**FIM**



## *Livro 3 da Máfia Irlandesa*

### *Carter*

#### *Filadélfia, Pensilvânia*

Eu tinha plena consciência do que Mia Clark faria a seguir, tendo em vista seu incômodo com a forma como aquele idiota estava falando com ela. Primeiro, ela bateria os pés no chão, demonstrando sua irritação, e depois ergueria o narizinho como se quisesse impor uma altura que claramente não possuía. Era evidente que ela mal chegava ao meu peito. Então, a atrevida finalmente abriria aquela bela boca e soltaria tantos palavrões que nem mesmo meu vocabulário conhecia. Eu tinha que admitir que, para uma garota criada sob princípios cristãos, Mia era bastante desbocada.

Sorrindo, mantive minha distância, como vinha fazendo nas últimas semanas, apenas observando e conhecendo melhor meu alvo antes de me aproximar. Não seria apropriado surgir do nada em sua vida, pois certamente a assustaria. E eu não tinha interesse em assustar ninguém. Já tinha demônios suficientes me atormentando.

Franzi o cenho e cerrei os punhos, repensando minha própria regra de não chegar perto, quando percebi o bastardo tentando intimidá-la. Mia era uma estudante universitária e, pelo horário, imaginei que estivesse saindo de sua última aula.

Antes que eu pudesse me aproximar, no entanto, ela simplesmente ergueu o joelho e acertou o sujeito onde mais dói. Em seguida, se afastou apressadamente, acenando para um táxi,



enquanto o imbecil gemia de dor.

Rindo, coloquei meu capacete e liguei minha moto, sabendo exatamente para onde eu estava indo.



Perdi a conta de quantas vezes estive naquele apartamento. Era um lugar simples, com poucos móveis. Claro, no primeiro dia, instalei câmeras para poder vigiá-la melhor, pois precisava entender com quem estava lidando. Apesar da ordem de Owen ser encontrar a filha de Arnold Clark e levá-la para a Irlanda, eu não faria isso sem conhecê-la antes. E essa investigação estava se prolongando por uma, duas, três, quatro semanas...

Eu não podia mentir, estava me divertindo. Não era a primeira vez que eu me envolvia nesse papel de *stalker*, mas com essa garota, ele atingiu um nível superior.

Mia Clark tinha dezoito anos, cabelos curtos e olhos castanhos claros, quase esverdeados. Sua pele era levemente bronzeada e sua voz rouca, mas de um jeito excitante. Sempre que sorria, suas covinhas encantadoras apareciam. Eu não deveria saber disso, especialmente porque ela não tinha ideia de quem eu era, mas todas as noites ela dormia abraçada a um ursinho de pelúcia. O bichinho era velho e feio, mas era evidente o amor que ela nutria por ele.

Outra peculiaridade que descobri sobre ela, embora não entendesse o motivo exato, era que ela nunca usava bermudas ou vestidos curtos, evitando mostrar suas pernas, mesmo quando estava sozinha. Eu suspeitava que não era por falta de autoestima, pois ela era uma das garotas mais atraentes que já conheci. Mal tinha energia para desviar o olhar de seus seios volumosos. Como uma doçura em tamanho mini como ela conseguia ter seios tão avantajados?

Com cuidado, me virei devagar e fechei a porta do apartamento dela com suavidade, evitando qualquer ruído desnecessário. Já eram quase três da manhã, portanto, era óbvio que ela estaria dormindo.

— AAAAAAAAAAAAAAH!

Dei um pulo assustado com o grito repentino, interrompendo meus pensamentos. Mia estava parada na minha frente, com os olhos arregalados e o rosto pálido, claramente me vendo como um gigante prestes a devorá-la.

*Não que essa ideia não tenha passado pela minha cabeça.*

Ergui as mãos, mantendo meus olhos fixos na pequena criatura, buscando minimizar o impacto da situação para ela. No entanto, eu sabia que continuaria sendo um intruso em seu

apartamento.

— Por favor, acalme-se, eu posso... — interrompi minha fala ao ser atingido com força na cabeça. Pisquei, pressionando o local atingido. — Você... me acertou com uma frigideira? — Incredulidade pairava em meu rosto e tom de voz. Quem no mundo cozinhava às três da madrugada?

Conforme eu previ, ela bateu os pés, demonstrando sua insatisfação com minha presença.

— E vou continuar batendo quantas vezes for necessário se você não sair imediatamente do meu apartamento, seu estranho!

Um sorriso se desenhou em meus lábios, sentindo uma animação que há muito tempo não sentia. Aproximei-me dela, que tentou me atingir novamente, mas facilmente arranquei a frigideira de sua mão.

Antes que ela tivesse a chance de escapar de mim, envolvi seus braços em torno de sua cintura, mesmo que ela começasse a se debater. Cobri sua boca com minha mão livre para evitar que gritasse.

Com seus braços firmes em suas costas, inclinei-a sobre um armário próximo. Era evidente o desespero que ela sentia, sem ter ideia de quem eu era ou do que eu pretendia fazer. Embora eu negasse, tinha de admitir que era excitante sentir o medo dela.

Pressionei meu corpo no seu, deixando-a sentir meu calor.

— Meu nome é Carter — sussurrei próximo ao seu ouvido. — Vim apenas para te dar um aviso sobre como as coisas serão a partir de agora. — Deslizei meus dedos pelos seus cabelos, permitindo que meu nariz roçasse sua pele no pescoço, sentindo seu cheiro doce. Notei os arrepios que isso lhe causou. — Primeiro, você agora me pertence, *miudinha*. Não irei tolerar que qualquer outro a toque ou que um mísero olhar seja direcionado a você, pois caso isso ocorra, não hesitarei em matá-lo e fazer você assistir. — Ela resmungou algo que não consegui entender, pois minha mão estava pressionada contra sua boca. — Segundo, levarei você para a Irlanda, mas concederei alguns dias para que se prepare para essa mudança. Sou compreensivo nesse aspecto. Terceiro, nada de mais agressões. Não sou seu inimigo, querida, muito pelo contrário. Serei o herói da sua história.

Mordi levemente o lóbulo da sua orelha antes de me afastar.

Ela perdeu o equilíbrio por alguns instantes, me encarando com seus belos olhos castanhos, embora estivessem úmidos de lágrimas não derramadas. O medo estava presente, mas também havia uma selvageria em seu olhar.

— Você sofre de esquizofrenia, por acaso? — perguntou, tentando disfarçar o quanto estava apavorada comigo. — Precisa de ajuda?

Permaneci olhando para ela por alguns instantes, pensando em lhe conceder algumas informações.

— Quando você tinha cinco anos, foi vendida para um sheik, mas seu pai, Arnold Clark,

conseguiu resgatá-la — contei, observando seu rosto empalidecer. — O problema é que esse homem está atrás da mercadoria dele, ou seja, de você. Querendo ou não, sou sua única saída neste momento.

As lágrimas que ela tentava conter finalmente escaparam, me deixando incomodado. Meu único desejo era fazê-la chorar de tanto gozar, não assim...

— Vou buscar ajuda na polícia — afirmou em tom afetado. — Não te conheço e nem quero conhecer. Saia do meu apartamento e me deixe em paz. — Ela foi até a porta e a abriu completamente. — Tenha certeza de que, se continuar me importunando, encontrarei uma maneira de desaparecer do seu radar.

Ajustei minha jaqueta de couro, uma vestimenta diferente do meu visual habitual de terno.

— Será divertido vê-la tentar, *miudinha* — afirmei, com um sorriso cheio de malícia. — Devo admitir que a caça se torna mais saborosa quando há um desafio.

— Não sou sua presa nem muito menos miudinha, pare com isso.

Aproximei-me dela, fazendo com que estremecesse diante da minha presença imponente. Mia ofegou, estudando cada detalhe do meu rosto. Além do medo, pude sentir sua curiosidade.

— Você é minha, Mia Clark. Quanto mais cedo aceitar isso, melhor será para nós dois.

Dito isso, me afastei dela e deixei seu apartamento. No entanto, permaneceria tão próximo quanto ela pudesse imaginar.

**EM BREVE**



DISPONÍVEIS NA AMAZON

Clique nas imagens para baixar...

## Herdeiros Fratelli



## Máfia Fratelli





## Novela Fratelli



## Conto Fratelli



## MC Lobos



## Máfia Irlandesa



## Esquadrão Danger's



## Livros Únicos



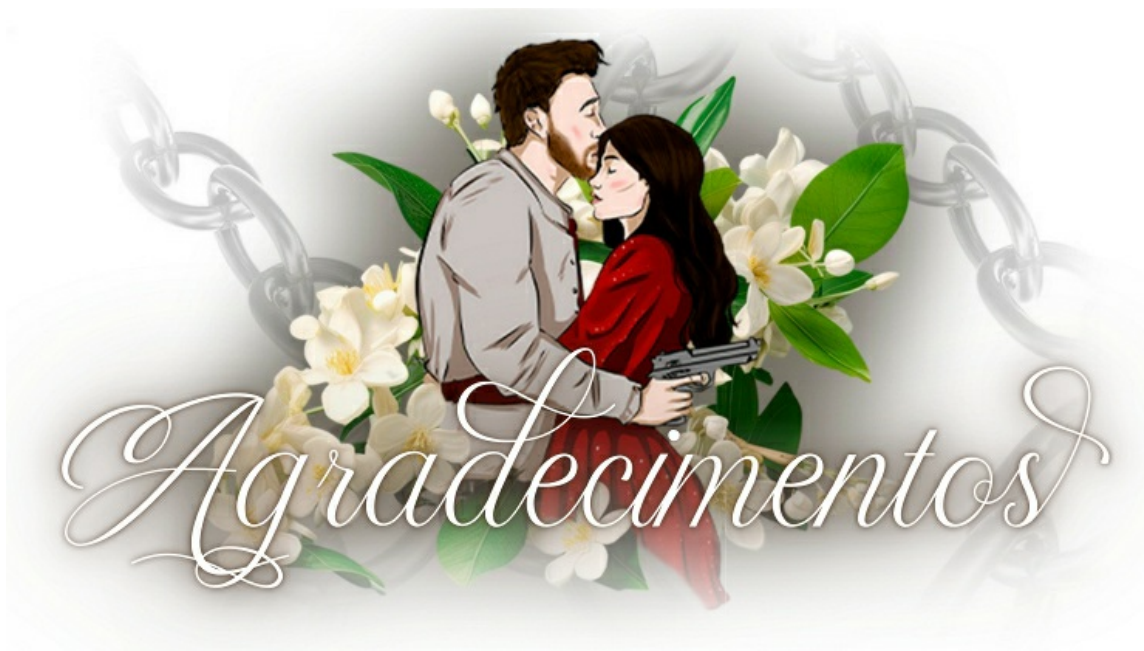
EM BREVE NA AMAZON

MÁFIA SICILIANA

MC DAMONS

HERDEIROS MC LOBOS

TRÍADE IRLANDESA



Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas que tornaram este livro possível. Sem o seu apoio, dedicação e contribuições, esta história não teria ganhado vida.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus leitores, que me acompanharam nesta jornada e em tantas outras. O apoio e entusiasmo de vocês me motivam a continuar escrevendo e compartilhando mais e mais histórias.

Um agradecimento especial ao meu marido Jonas e amigos, que me apoiaram incondicionalmente ao longo deste processo criativo. Paula, Francine e Raquel: muito obrigada, meninas!!

Meus sinceros agradecimentos a minha assessora Jaque, que acredita no meu trabalho e me motiva todos os dias. Saiba que seu profissionalismo e dedicação são fundamentais para o sucesso da nossa parceria. Obrigada!

Por fim, um agradecimento especial aos personagens de Owen e Jasmine, que ganharam vida em minha mente e coração. A jornada deles e personalidades únicas me inspiraram e ensinaram lições valiosas ao longo do processo de escrita.

Mais uma vez, meu sincero agradecimento a todos aqueles que contribuíram para o nascimento deste livro. Espero que a história de JASWEN toque suas vidas e os transporte para um mundo cheio de emoção, aventura e reflexão.

Não se esqueça de deixar sua avaliação.

Com gratidão, “Sara Ester”.

Sara Ester

AUTORA DE ROMANCES





---

<sup>[1]</sup> De acordo com a mitologia grega, Pandora foi a primeira mulher, que foi criada por Hefesto. Era dotada de todas as virtudes e tinha uma beleza inigualável. Teria sido enviada por Zeus para se casar com Epimeteu, que era irmão de Prometeu (que roubou o fogo sagrado dos deuses). Como presente de casamento, Pandora levava uma caixa que continha todos os males, doenças e desgraças. Ao abrir a caixa, Pandora espalhou no mundo todas essas coisas más.